



# FÁTIMA OLIVEIRA

Reencontros  
na Travessia:  
a tradição das  
carpideiras

APOIO:



**CASA  
SUELI  
CARNEIRO**





**Reencontros na Travessia:**  
a tradição das carpideiras

Brasil, Ano 2022





**Fátima Oliveira**

Reencontros na Travessia:  
a tradição das carpideiras

2ª edição - Brasil, ano 2022

1ª edição - Maza edições

*Copyright © 2008 by Fátima Oliveira*

*Todos os direitos reservados*

*Capa:*

Túlio Oliveira

*Diagramação:*

Anderson Luiz Souza

*Revisão:*

Ana Emília de Carvalho

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Todos os direitos reservados.*

O48r

Oliveira, Fátima.

Reencontros na travessia: a tradição das carpideiras / Fátima Oliveira. –  
Belo Horizonte : Mazza Edições, 2008.

256 p. , 21 cm.

ISBN: 978-85-7160-447-6

Ficção brasileira. I. Título.CDD: B869-3 CDU: 869.0(81)-3

MAZZA EDIÇÕES LTDA.

Rua Bragança, 101 – Pompéia 30280 410 Belo Horizonte, MG

Telefax: (31) 3481 0591

*e-mail:* [edmazza@uai.com.br](mailto:edmazza@uai.com.br)

*site:* [www.mazzaedicoes.com.br](http://www.mazzaedicoes.com.br)



*Este livro é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com histórias de vidas reais não pode ser considerada, para quaisquer fins, como relatos de tais vidas, pois os fatos nele registrados são analogias e alegorias. As personagens são fruto da imaginação da autora. É uma história narrada na primeira pessoa, mas não é um relato autobiográfico.*



*À minha neta Luana e ao meu neto Lucas, que tanto reclamam que “a vovó gosta muito de ficar no computador”... Eu lhes prometo que nunca mais me disputarão com nenhum livro, pois sinto que Reencontros na travessia: a tradição das carpideiras é o livro que sonhei escrever. É o meu legado de fragmentos da memória cultural da gente simples e do cantar dos grilos do sertão que eu desejo que um dia vocês aprendam a amar.*

*Meus agradecimentos e carinho: a Túlio Oliveira, que criou a linda capa que tanto mexeu comigo e me fez chorar; a Yone e Cidinha, pelas leituras entusiasmadas dos originais; a Erisvaldo, que leu, sugeriu e prefaciou o livro com um fervor contagiante, que passou a dimensão do “quero mais”; ao meu leitor in pectoris, que disse: “Acredite, é como se eu tivesse escrito”; e a Mazza, minha editora querida, que sabe dizer exatamente quando preciso voar e quando tenho de parar... A ela eu não só respeito, mas obedeço porque confio piamente.*

*Belo Horizonte, junho de 2008.*



# Sumário

Prefácio	12
O enterro da tia Lali	19
Um aroma de <i>Fleur de Rocaille</i>	29
O presente da tia Lali para Pablo	41
A penteadeira de perfumes da tia Lali	53
Um homem bom de “pegada”, como sempre sonhei	67
Vamos passar na casa da Socorrinha?	77
“Bendito, louvado seja...”	91
Na trilha das carpideiras e dos rituais do carpir	103
A vida de carpideira	115
Os segredos e os mistérios da arte de ser carpideira	129
A nova mãe das carpideiras	147
As primeiras cenas da Grotões dos Bezerras Filmes	161
Enfim, casados!	175
Grotões dos Bezerras: um canteiro permanente de obras de arte	189
Uma <i>incelência</i> para Pablo, em vida	205

# Prefácio

Na história dos grupos socioculturais, existem diferentes maneiras de conceber, receber e realizar a travessia que se dá com a morte. O último dos rituais de passagem continua sendo realizado e pensado como um mistério. Algo que a inteligência humana tem dificuldade em compreender e aceitar. Aquilo sobre o qual não temos certezas obtidas por demonstrações científicas, apenas especulações. Em razão disso, a morte continua sendo um grande enigma para os seres humanos. Sua aproximação é sempre temida e, dificilmente, seu acontecimento se dá sem choros e lamentações.

Sempre que nos referimos à nossa própria morte no seio de nossas famílias, logo escutamos algum tipo de enunciado que interdita o assunto, como se estivéssemos tratando de algo demasiadamente sinistro e pavoroso. Entre o povo mais simples, as expressões mais ouvidas são: “Vira essa boca pra lá!”; “Deus te livre e guarde!”; “Pare de falar bobagem!”; “Vamos mudar de assunto!”. Tais enunciados demonstram o pavor da morte. São evocados como se o fato de evitar abordar o assunto pudesse afastar o seu acontecimento.

Também para alguns grupos socioculturais, a morte é um ente que não deve ser mencionado de forma banal, mas com certa deferência e cuidado, a fim de que esta não se aproxime dos seus entes queridos. Mas nem mesmo a morte dos inimigos é algo que costuma ser sentenciado, sem uma prévia crise de consciência e medo da lei da reversibilidade. Com base no fato de que a morte tanto leva a vida do inimigo quanto a do amigo, não se deve desejá-la para ninguém e deve ser evitada com todos os meios possíveis. Em função disso, são prestigiados todos os saberes e também os rituais que contribuem para preservar a vida e garantir o bem-estar e a felicidade do grupo.

A morte é sempre concebida como fatalidade que produz uma separação mais ou menos brusca, causando muita tristeza e desolação, impactando de forma drástica a vida social. Quando morre um ente querido, a vitalidade do grupo é afetada de uma tal maneira que costuma resultar no abandono dos cuidados pessoais e comprometer até mesmo a produção de alimentos para o consumo interno. Em razão desse tipo de impacto, na maioria dos grupos socioculturais, os rituais fúnebres têm como uma de suas funções principais reforçar a vitalidade do grupo, por intermédio da mediação

de alguém investido do poder de transitar ritualmente entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Mesmo estando afetado pelo sofrimento da perda, o mestre de cerimônia tem de reunir forças para expressar o sentimento de que a vida continua.

Ao contrário dos rituais de nascimento, que são celebrados como expressão de felicidade, com cânticos alegres e de boas-vindas, a morte é sempre recebida como infelicidade, com cânticos tristes de despedida e quase sempre com prantos copiosos. Em Moçambique, onde tivemos oportunidade de morar entre os Angonis, quando alguém quer dar a notícia de morte na família, diz-se que houve uma infelicidade. Se for o marido que tiver morrido, a mulher raspará o seu cabelo em sinal de luto. Os rituais fúnebres são acompanhados por um mestre que coordena a cerimônia e um coro que rememora, por meio de cânticos, os sofrimentos da vida, aqueles que causaram a morte, e as esperanças fundamentais do grupo, a saber: a boa passagem para uma vida melhor após a morte, o consolo e a resignação para aqueles que ficam.

No Brasil, para os adeptos das religiões de matriz africanas, a morte é sempre uma devastação, pois tem o poder de despovoar a comunidade. Em virtude disso, vários rituais são realizados para manifestar, em primeiro lugar, uma insatisfação para com a divindade que retira uma pessoa do seio do grupo sociocultural; em segundo lugar, como oferendas para afastar o espectro da morte na vida da comunidade; e em terceiro lugar, para apresentar um tributo à pessoa falecida e também para todas aquelas que, tendo tido algum vínculo com a religião, estejam no mundo dos mortos. Pela realização dos rituais fúnebres, que têm denominações de Axêxê, Azirin e Mukondo, conforme a tradição de cada comunidade religiosa, dá-se o estreitamento de laços entre os vivos e os mortos. Dessa maneira, fortalecem-se os elos de solidariedade e o vínculo com a tradição religiosa. No Candomblé Ketu, no qual os rituais recebem o nome de Axexê, a morte é entendida como a separação de uma pessoa do aiyê, que significa: terra dos viventes. Ao morrer, a pessoa muda de estado, de plano de existência. Pela morte, seguida dos rituais do Axexê, a pessoa do Candomblé passa de uma existência individual no aiyê para uma existência genérica no Orun, como afirma Juana Elbein dos Santos, em *Os Nàgô e a morte*.

A importância de rituais fúnebres, como último tributo que os vivos oferecem aos mortos, pode ser também encontrada na história da filosofia grega, na Tragédia de Sófocles. O poeta trágico apresentou-nos a coragem de Antígona em desobedecer a um decreto real, cuja punição seria a morte do infrator, para cumprir uma lei não escrita, obedecendo ao mais simples dever fraterno de garantir os rituais fúnebres do seu irmão Polinices, morto em combate contra a própria pátria. Não ter os rituais fúnebres após a morte era a maior ignomínia que o homem grego poderia receber. Por isso, nem

mesmo a garantia de punição do rei impediu que Antígona chorasse e sepultasse seu irmão conforme o costume de sua família.

Se realizássemos um levantamento extenso da história dos rituais fúnebres entre as diversas comunidades socioculturais, iríamos identificar uma pluralidade muito grande de práticas. Dentre essas, encontra-se a prática ritual das carpideiras. No entanto, essa não é a tarefa que nos estamos propondo neste prefácio. Ademais, não se trata de um prefácio escrito para uma produção acadêmica de tipo etnográfico. Mesmo porque, nem sempre encontramos no ambiente acadêmico brasileiro pesquisado-res(as) interessados(as) em estudar um ritual realizado por gente simples. Portanto, nosso objetivo aqui é compreender o ritual fúnebre coordenado pelas carpideiras no contexto de outros rituais existentes. No entanto, essa compreensão não se coloca como condição de possibilidade de leitura desta obra, posto que não se trata de um trabalho acadêmico, mas de um bonito esforço literário, cuja intenção principal é a plena fruição do prazer em construir tramas amorosas com personagens de contextos culturais significativos.

Nesse sentido, *Reencontros na travessia: a tradição das carpideiras* é um romance cuja trama acontece no contexto de rituais fúnebres protagonizados por mulheres de um determinado lugar no sertão do Maranhão, cujo nome fictício é Grotões dos Bezerras. Segundo informa a própria autora, no primeiro capítulo, a etimologia da palavra carpideira é uma derivação do verbo latim *carpere*, que significa “arrancar cabelos e barbas em sinal de dor”. Não se trata de um choro falso, mas de um dom. O romance conta uma história de amor, com seus encontros, reencontros e desencontros, que começa com o enterro da matriarca das carpideiras, que é tia da Dra. Cássia Almeida de Freitas, a responsável pelas narrativas sobre a vida das carpideiras. Advogada de formação, Dra. Cássia tornou-se famosa por meio das artes plásticas. O seu retorno à terra natal, Grotões dos Bezerras, deu-se em razão da doença de sua tia Lali, mãe vitalícia das carpideiras.

Necessitando permanecer na cidade após o enterro da tia, Cássia estabelece vínculos afetivos com as carpideiras e outros moradores da cidade, que passam a chamá-la pelo seu nome de infância, Cacá. O prefeito da cidade, Pablo, aparentemente uma vítima de uma eterna birra de Lali para com ele, fato que perpassa toda a história, é um protagonista destacado no romance, numa demonstração de imbricamento de poder político com poder religioso, que se faz notar em vários episódios que contribuem para que a trama seja muito interessante. As mulheres que compõem o grupo de carpideiras de Grotões dos Bezerras são fortemente influenciadas pela liderança de Lali, que no primeiro momento é apresentada como uma “solteirona por convicção”,

pois sobre essa personagem recai o peso de já haver recusado vários pretendentes a marido. Em um segundo momento, a narrativa se desenvolve de forma a revelar algo sobre a orientação sexual da mãe das carpideiras. Construindo uma trama que vinha sendo mantida em segredo por um grupo mais restrito, a autora revela que tia Lali vivia um relacionamento amoroso com duas carpideiras. Como não são apresentadas como beatas de igreja, mas benzedeadas, parteiras, rezadeiras, costureiras, cozinheiras, doceiras, devotas da Santa Mártir Antonina, que realizam rituais fúnebres cantando “incelências”, não há nenhum espanto no fato de guardarem informações sobre a vida privada de cada uma. Tampouco um estranhamento com relação à sua orientação sexual lésbica.

Em virtude de um carisma pessoal, mãe Lali é uma espécie de soberana no meio do grupo e também na cidade. O destaque de sua posição aparece quando Cacá, relatando como foi o anúncio da nova mãe das carpideiras, diz: “Aquele choro de tantas pessoas amigas e vizinhas teve o poder de chamar a minha atenção para algo que eu nunca havia pensado. O poder religioso das carpideiras em Grotões. Dava a impressão de que as carpideiras constituíam algo como uma irmandade e o povo do lugar tinha o sentimento de pertencimento a ela”.

A posse de saberes tradicionais e a vivência de uma religiosidade popular cultivada fora dos muros da Igreja Católica fazem com que a velha carpideira seja considerada pelo padre local, que, curiosamente, veio ao mundo pelas mãos dela, como uma catimbozeira. Dra. Cássia, indignada, explica a diferença entre Catimbó, Candomblé, Umbanda e Terecô, demonstrando como o desconhecimento da diversidade cultural e religiosa resultam em atitudes preconceituosas.

Senhoras de vários saberes, as carpideiras preservam e mostram para a cidade conteúdos devocionais formado por orações, ladainhas e benzeções que possibilitam ao mesmo tempo a coesão e a solidariedade social. O levantamento do mastro, a festa de Santa Mártir Antonina, o acompanhamento dos enterros com as refeições feitas de iguarias da terra são acontecimentos que instauram um tempo do sagrado, em que os laços de solidariedade são fortalecidos. Como mãe das carpideiras, Lali foi a parteira que ajudou a trazer ao mundo uma geração de pessoas daquele município. A arte de partejar ela transmitiu às carpideiras Maria do Amparo, Cosma e Damiana. Sem sombra de dúvida, esse dado tem o poder de contribuir de forma decisiva para consolidar uma função agregadora dos valores do grupo em torno de uma experiência do sagrado, sem, contudo, estabelecer rupturas bruscas com o profano, porque as pessoas que mãe Lali partejou vieram ao mundo não somente pelas suas mãos e cuidados terapêuticos tradicionais, mas também pelas suas orações e benzeções.

A relação que o romance estabelece entre a arte de partejar e a sociabilidade do grupo pode ser identificada em vários lugarejos do Nordeste, onde a parteira é de fato uma senhora considerada por todos como detentora de poderes mágicoreligiosos. Ao acompanhar a realização de um parto natural, Cacá consegue entender por que as mulheres dizem que ter filhos com parteira é “diferente”. Em uma linguagem mais afeta ao Sistema Único de Saúde do Brasil, diríamos que se trata de um parto humanizado. A autora do romance é médica, não quis incomodar colegas de profissão que não respeitam a arte de partejar fora dos cursos de obstetrícia. No entanto, construiu a personagem de Lidiana, uma ginecologista e obstetra que afirma haver aprendido muito com as parteiras. Com essa informação, a autora contribui para a desconstrução de idéias preconceituosas com relação à arte de partejar, fora dos muros das faculdades de Medicina.

Fátima Oliveira estabelece uma relação entre dois rituais de passagens fundamentais na história da humanidade: o nascimento e a morte. Tanto no nascimento quanto na morte, o sentido da luz comparece em uma perspectiva mágicoreligiosa, como aporte necessário à boa travessia seja para o mundo dos vivos, seja para o mundo dos mortos. No primeiro ritual, as carpideiras participam dos trabalhos com as mãos; no segundo, por meio da oração. Nesse sentido, estão atuando nos dois rituais, mas não somente, pois articulam e organizam também a inserção das jovens na vida social, pelo ensino da culinária, corte e costura e do artesanato. Com as belas bonecas e os chinelos de panos que Brígida faz e ensina a fazer nas oficinas organizadas por Dra. Cássia, elas completam um círculo de saberes importantes para a vida social. Além disso, elas também são responsáveis pela realização de mais um casamento de Cássia Almeida de Freitas em alto estilo: o que não deixa de ser um outro ritual de passagem.

As diversas práticas nas quais as carpideiras de Grotões dos Bezerras estão envolvidas fazem com que elas sejam muito mais do que os olhos da cidade, como parecem para Cacá, em virtude de saberem tudo sobre a vida da cidade. Ao bem da verdade, elas participam efetivamente de tudo aquilo que está relacionado com as razões de viver e o sentido de morrer na vida das pessoas daquela cidade. Talvez seja por isso que Pablo revele seus medos de não merecer uma incelência depois de morto.

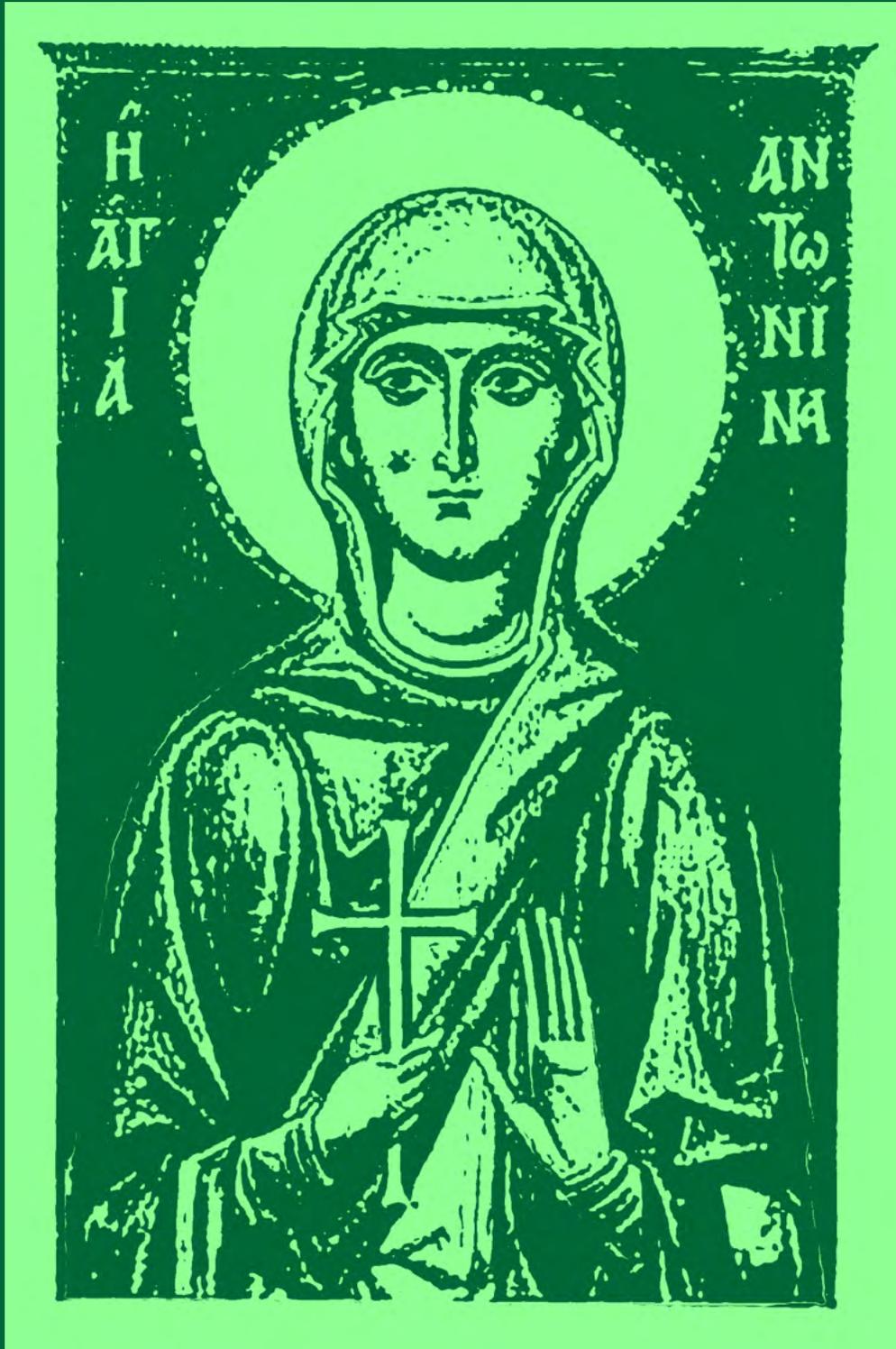
Concluindo, temos de afirmar que Fátima Oliveira nos revela aquilo que o etnólogo Malinowski, na introdução do seu clássico *Argonautas do Pacífico*, estabeleceu como uma das tarefas do estudioso de grupos socioculturais, qual seja: investigar o grau de vitalidade de um costume! Fátima Oliveira realiza muito bem essa tarefa, mesmo não se tratando de um trabalho acadêmico. Para não desmerecer esse outro tipo de saber, teve um certo cuidado de apresentar informações sobre o processo de

sistematização acadêmica no capítulo que trata da “trilha das carpideiras e dos rituais do carpir”. Assim, com este romance, a autora continua seu percurso e compromisso político em dar visibilidade à pluralidade cultural brasileira, por meio de sua escrita. Oxalá possamos, cada vez mais, encontrar autores(as) e editores(as) interessados(as) pelos diversos reencontros que se dão nas travessias dos rituais de vida e morte do povo brasileiro.

*Erisvaldo Pereira dos Santos*

DOUTOR EM EDUCAÇÃO, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP), PROFESSOR DA DISCIPLINA METODOLOGIA CIENTÍFICA, PESQUISADOR DA TEMÁTICA RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA, MILITANTE DO MOVIMENTO SOCIAL NEGRO E SACERDOTE DA RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA.

Mariana-MG, Seminário Nossa Senhora da Boa Morte, outono de 2008.



# O enterro da tia Lali

Ela acaba de ser enterrada. É uma cova no chão, onde sua mais linda rede de linha de crochê envolve seu corpo negro, magro e pequeno. As pessoas, que não eram poucas, foram saindo uma a uma, ou aos pares.

Despediram-se de mim com um afago no ombro, as letradas dizendo “Até”, e as outras, “Inté”, como as colegas carpideiras da tia Lali. A diferença é que elas choravam copiosamente. Na sentinela e no enterro de uma carpideira, suas colegas de dom choram por alguém que conhecem e têm deferência. Não é um choro profissional do dom de carpir, que é um choro real. Não é fingimento, mas dor da perda de quem amavam.

Carpir é um ritual muito antigo, cheio de simbologias, que consiste em encomendar o corpo de quem morreu para que sua alma seja bem recebida e celebrada nos céus. Na essência é um rito de passagem do mundo terreno para a eternidade, uma tradição de deferência da família e de pessoas mais próximas ao que quem morreu foi em vida. Portanto, contratar carpideiras para chorar seus mortos é uma deferência. Ser carpideira é um dom, o de chorar e de cantar *incelências* (orações cantadas nas sentinelas) para encomendar almas para o outro mundo: ao contrário do que se diz por aí contra o estatuto da carpideira, inscrito nas *Doze Tábuas*, que as carpideiras são mercantilistas e promovem falso choro. Nada mais fora da realidade.

A origem da palavra carpideira é derivada do verbo carpir, do latim *carpere*: arrancar cabelos e barbas em sinal de dor. O choro da carpideira não é falso, é um dom e o trabalho que faz tem respaldo histórico na cultura de diferentes povos, em todo o mundo. Por exemplo, as *incelências* são cantadas doze vezes, para lembrar a *Lei das Doze Tábuas*, normas orientadoras das carpideiras, e também em deferência aos apóstolos de Cristo, que eram doze.

A profissionalização do dom de carpir deu origem à carpideira, como o mundo conhece, mulher que usa o dom de carpir, e dele sobrevive, para velar com choro, rezas, ladainhas e benditos fúnebres o defunto alheio – sem nenhum grau de parentesco ou amizade – mediante pagamento, que no Brasil, em especial no sertão nordestino, subsiste, conforme a herança portuguesa, do chorar os mortos gratuitamente e por vocação, num compartilhar de lágrimas, podendo receber em troca alimentos e algum trocado.

Foi enterrada a minha tia cantadeira de *incelências*. Eu não a via há uns cinco anos. Mas quando soube que um câncer a consumia no fundo de uma rede, arrumei a minha mala e peguei um vôo até à cidade mais próxima de Grotões dos Bezerras, onde cheguei ao amanhecer. Depois de uma viagem que durou mais de quinze horas, na qual, inquieta, eu sofria mais por raiva de mim do que tudo no mundo. Sim, raiva de mim mesma. Como pude ficar cinco anos sem ver tia Lali? Nem eu entendo. Só agora percebo que os meus motivos não eram motivos. Ainda pude ficar cuidando dela quase dois dias, durante os quais quase não dormi. É que, também, não senti sono. Apenas um vazio por dentro, por saber que ela estava indo embora para nunca mais voltar.

Olhando aquela sepultura coberta de terra, não pude deixar de pensar que plantei ali uma das mulheres mais interessantes que conheci em minha vida. Negra, pobre e solteirona por opção. Tia Lali não foi enterrada, foi plantada. E a força de sua fé fertilizará este chão.

Como pude ficar tantos anos sem vê-la, abraçá-la, deitarme em seu colo? E ela jamais reclamou. Quando eu telefonava, ela dizia apenas: “Oi minha rosa, você pode estar no fim do mundo, como agora, mas não esquece a tia”. Jamais reclamou. Jamais chorou, embora eu sempre chorasse a cada telefonema. E ela ainda encontrava forças para me consolar e acalantar, mesmo de longe... Apenas dizia: “Carregue a sua cruz. Deus dá o cobertor conforme o frio”, mesmo sabendo que Deus era para mim muito distante e até complicado.

Ela era uma solteirona por convicção. Gostava de dizer que não se casou porque nunca quis. E parece que era verdade, pois pretendentes não lhe faltaram. Todavia, ela não se interessou por quem a quis. Quando indagávamos por que não havia casado, ela, que gostava de cantar e possuía uma voz maviosa, respondia sempre com a mesma música, “Quem eu quero não me quer”, de Waldick Soriano, cantor que ela amava:

*Quem eu quero não me quer  
Quem me quer mandei embora  
É por isso que eu não sei  
O que será de mim agora  
Passo a noite meditando  
Revivendo meu castigo  
No meu quarto de saudade  
Solidão mora comigo...*

- Oh, tia, inventa outra. A vida toda só sabe responder cantando esta música horrível!
- Horrível nada, menina! É muito é da bonita. Um dia, quem não conheceu Waldick Soriano vai se morder de raiva porque ele é o cantor das multidões e da

paixão, do amor que é tão grande e que dói quando a outra pessoa não lhe quer.

- Noooossa, que esgoelação. Um horror! Arrume outra música. Esta é velha demais.
- Velho é o mundo, minha filha. Waldick Soriano é tudo de bom, já disse! Igual a ele, de voz boa e bonita que enche a alma, só mesmo Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. E estamos conversadas.

Tia Lali recusou uns cinco pretendentes a marido. Um deles conheci quando eu era adolescente. Ela não queria saber de homem. Disse-me, quando eu já era adulta, que o homem para quem ela nasceu para se casar morreria. Então, ela não brigaria com o destino. Fatalista, não era?

Portanto, tia Lali vestiu a roupa de solteirona e passou a viver tal como. Era parteira afamada na região. Se uma parenta estava grávida, ela a olhava durante toda a gravidez, fazia o parto e ficava na casa cuidando da parida até completar a quarentena; se um familiar adoecia e ficava acamado, ou precisava consultar um médico na cidade mais próxima, já que não havia médico em nossa cidade, ou até mesmo na capital, ela o acompanhava, quando não estava cuidando de mulher parida ou se nenhuma de suas grávidas estivesse no tempo de parir. Vivia disso.

Hoje avalio que ela era, sobretudo, uma cuidadora espiritual, pois benzia contra quebranto e outros males, mas também dizia quando a doença era “coisa de médico”. Ela era também uma espécie de cuidadora, de doentes e de mulher parida. Aspergia amor por onde passava. Um amor sem limites. Como cabia tanto amor, carinho e doçura naquele corpo franzino e de aparência tão frágil? Mas tanto que papai costumava dizer: “Lali não pode sair de casa quando estiver ventando que o vento pode carregá-la. Aí, adeus, Lali”. Adorávamos aquele gracejo do papai.

Todo mundo a quem ela assistiu o nascimento a chamava de mãe Lali. Mas nós, da família, embora tivéssemos vindo ao mundo pelas suas mãos, a chamávamos de tia Lali. Por força do hábito. A família toda a chamava de tia.

Quando já quase adolescente, achando estranho que ela não fosse irmã do meu pai e nem da minha mãe, e nem filha de nenhum de meus avós maternos e nem paternos, um dia perguntei por que ela era nossa tia. Estávamos na mesa do jantar. Foi um silêncio, só quebrado pelo barulho dos talheres nos pratos. Papai olhou para mim com uma cara bem fechada e disse que ela era irmã do seu pai, por parte de pai. E eu, uma menina bem perguntadeira, que todos diziam que falava demais, tomei a palavra:

- Ah, então, o pai do vovô, o meu bisavô Juquinha, tinha outra mulher sem ser a bisavó Anita?

Um murmúrio percorreu a mesa entre os adultos e mamãe ordenou:

- Come, menina, deixa de ser perguntadeira e sem educação. Ninguém te ensinou que, quando a gente está comendo, não conversa? Ô, Lali, cadê a educação dessa menina? – perguntou, dirigindo-se à tia Lali. Depois exclamou: – Fica calada, Cacá – como mamãe sempre me chamou –, se não, depois vai ficar de castigo e nem vai tomar banho no riacho hoje à tarde.

Depois descobri que tia Lali era filha de uma cozinheira da casa de minha avó paterna, cuja mãe morrerá de parto e, por não ter pai conhecido, quando a mãe dela faleceu, os pais de papai a criaram. Mas todos sabiam que ela era filha do meu bisavô, que, aliás, dizem que tem um monte de filhos não reconhecidos espalhados por aí. Tanto que, quando ele morreu, o Juiz de nossa Comarca gostava de dizer que a filha de gente reclamando ser filho ou filha do bisavô Juquinha, para abocanhar um pedaço de herança, passava de cem.

Mas nenhum se interessou por buscar reconhecimento oficial depois de o Juiz dizer que o Sr. Juquinha não era dono nem da casa em que morou a vida inteira. O tinoso do velho, depois que teve o primeiro infarto, embora só tenha morrido vinte anos depois, passou tudo para o nome dos filhos, numa operação impossível de ser desmanchada porque a fez de modo ardiloso. Primeiro, ele vendeu tudo o que tinha e passou em cartório a venda e os documentos dos imóveis para dois amigos de confiança. Depois comprou tudo outra vez, desta feita cada propriedade no nome de cada filho, até a casa em que residia. E ainda viveu vinte anos. De modo que, ao morrer, não possuía nada. Era como se tivesse vivido as duas últimas décadas de favor. Não havia o que inventariar.

Enfim, tia Lali era irmã e filha de criação do meu avô Artur, pai do papai. Mais ou menos da idade dele, porém mais nova, era tia do papai. Foi criada com papai; não propriamente como uma irmã, com algumas diferenças. Não era uma criada, mas também não era uma irmã como as outras. Ao contrário, era uma serviçal, uma espécie de ama da família, pois sequer dormia no mesmo quarto que as irmãs do papai, que na realidade eram suas sobrinhas. Hoje em dia, percebo que era um maltrato, uma discriminação, mas nem sei se ela algum dia percebeu. Se percebeu, fez de conta que não.

Ela era muito ligada ao meu pai e quando ele casou, levou-a com ele. Mesmo assim, ela dava uma “mãozinha” na casa dos outros irmãos e irmãs de papai, pois cada vez que nascia uma nova criança, em qualquer das casas, tia Lali se mudava para lá até a parida completar a quarentena.

Ela possuía a sua própria casa, bem perto da nossa, mas vivia o tempo todo em nossa casa, embora dormisse na casa dela, lugar em que eu e meus irmãos, na adolescência, disputávamos o direito de dormir de vez em quando. Mas, em geral, quem ganhava o mimo era eu, a “queridinha de tia Lali”, a quem ela acobertava todas as

malfeitorias e defendia diante do papai, da mamãe e dos meus irmãos. Papai, antes de morrer, disse-me: “Cássia, agora Lali é sua”.

Recordo-me ainda de que, quando éramos bem crianças, ela morava em nossa casa, onde o lugar mais cobiçado era o quarto dela, que vivia fechado à chave pra gente não “bulir” em sua penteadeira cheinha de perfumes e em seu oratório.

Quando a gente mexia nos perfumes dela, era um deus-nos-acuda. Era das nossas artes a que ela nunca deixava de contar para a mamãe. As demais ela escondia, ou porque resolvia logo, ou porque nos aplicava um corretivo, ou ameaçava com mil e uma formas de castigos. Ela era conhecida por ser uma mulher rígida e severa. Daquelas que botam crianças na “linha”.

É, desde que me entendo por gente, sei que ela era muito religiosa. Daquelas de rezar o terço às 6 horinhas da tarde, todo dia. E era uma das poucas pessoas que eu conhecia que sabia cantar ladainha em latim. E olhe que ela era uma pessoa de pouco estudo. Depois foi se espalhando que era uma benzedeira e rezadeira poderosa. Rezava em gente. Pra tudo quanto é doença. Ficou famosa. Também relembro que já a conheci parteira.

Em nossa casa, ela era uma espécie de governanta. Cuidava de tudo, comandando o funcionamento da casa, tomando conta das crianças. Éramos quatro. Decidia o que a gente comia, bebia, vestia e até a hora de dormirmos. Hoje em dia, avalio que ela era uma governanta. Mas também a verdadeira dona de nossa casa, na qual mamãe servia de enfeite. Parece duro, mas era assim mesmo.

Ela e papai eram tão unidos que mamãe sequer ousava desmanchar uma ordem de tia Lali, só de medo do papai. Ou, pelo menos, ela exercia o papel de governanta e de dona da casa, com a mais absoluta anuência do dono. Se mamãe se metia a resmungar, papai dizia que ela era uma mal-agra-decida, pois não fazia nada na vida porque tia Lali era seu anjo da guarda e fazia tudo por e para ela. Que ela levava uma vida de boneca de *biscuit*.

Anos e anos ouvindo aquilo, eu não entendia muito o significado de alguém ser chamada de boneca de *biscuit*. Até que descobri por meus próprios meios. *Biscuit* – mistura de amido de milho, cola branca, limão ou vinagre e vaselina, que seca ao ar, não precisa ir ao forno – é uma massa de modelar muito frágil, também chamada de porcelana fria. Então, queria dizer que mamãe levava uma vida de regalias e cuidados, de tal modo que era como se fosse de *biscuit*. E quem permitia que ela levasse vida de boneca de *biscuit* era tia Lali.

Porém, ela e mamãe eram “unha e carne”. Unidíssimas. Ouvi mamãe dizer muitas vezes que “sem Lali não sou ninguém”. Papai obedecia muito à tia Lali. Dizia sempre que a palavra dela era lei. E aí de quem não cumprisse um trato com ela, porque ela era do tempo da Lei do Talião: “Olho por olho, dente por dente”. E ainda arrematava

piscando o olho: “É a nova, né? Portanto, não mexam com Lali, não façam raiva a Lali!” E não perdia a chance de nos instruir, acrescentando que a Lei do Talião é uma das leis mais antigas da humanidade de que se tem notícia e que consta do Direito hebraico, basta ver no *Êxodo* (21:23-5), que diz que o criminoso deve ser punido *taliter* (talmente), isto é, do jeito em que causou o dano a outrem. Em síntese, era o direito à retaliação e estabelecia a devida e justa reciprocidade entre o crime e a pena. Hoje, tantos anos depois, refletindo bem, é uma lei ainda em vigor no sertão profundo.

À medida que crescíamos, ela foi ficando cada vez mais livre de suas tarefas em nossa casa e moldando a sua vida para o que viria a ser aquilo que ela mais foi na vida: parteira, benzedeira e rezadeira, tiradeira de bendito e de ladainha em latim, além de cantadeira de *incelência*. Ela era respeitadíssima. O povo tomava bênção e beijava a sua mão. Alguns até se ajoelhavam na hora em que beijavam a mão dela. Até o padre, pois ela também assistiu ao nascimento dele.

Tais lembranças fizeram aflorar em mim um leve sorriso. E olhando aquela cova onde eu deixava a minha tia, falei alto:

- Oh, tia Lali, como eu achava bonito ouvi-la cantando *incelências* e entoando *Segura na mão de Deus*: “Segura na mão de Deus,/Segura na mão de Deus/Pois ela, ela te sustentará/ Não temas, segue adiante/E não olhes para trás,/Mas segura na mão de Deus e vai!”

E caí num choro convulsivo, por não sei quanto tempo. Era como num transe. Escurecia. Uma brisa fria, que penetrava em meu corpo, despertou-me. Senti que não estava sozinha naquele cemitério ermo. Começava a esfriar. Pensei que era hora de voltar para casa. Um leve sorriso aflorou em meus lábios à lembrança de tia Lali olhando sua penteadeira cheinha de perfumes, dizendo:

- Cássia, agora que tu vais ficar dona de minhas coisas, não vais usar meus perfumes todos de uma vez não. Economiza um pouco. Quem guarda sempre tem, minha filha. Se eu tivesse usado tudo, não ia sobrar nada pra ti.

Disse-lhe, espantada:

- O quê? Vou ganhar essa perfumaiada toda? Mamãe... Ao que ela interrompeu:
- Eu sei que tua mãe, que Deus a tenha, inventou essa história que eu era avarenta com os meus perfumes; que eu não usava meus perfumes porque queria ser enterrada com eles.
- Ah, lembra tia Lali, que ela dizia que a senhora, como Cleópatra, a rainha do Egito, seria enterrada toda perfumada? Ela contava que Cleópatra adorava tanto

perfume que, antes de se suicidar, se perfumou toda. Sem falar que os registros históricos revelam que Cleópatra, tida como a eternizadora da perfumaria, seduziu Marco Antônio e Júlio César com um perfume à base de óleos de flores de hena, açafraão, menta e zimbro.

- Deixa pra lá. A coitada de tua mãe era arengueira demais. Tudo mentira. E não invente essa graça de me enterrar com meus perfumes. Se fizer isso, venho puxar teu pé de noite, viu? E tu bem sabes que alma zangada vem mesmo puxar o pé de quem ela tem raiva...

Gargalhamos, como nos velhos tempos. E nem parecia que ela estava à beira da morte. Passei a vida inteira, desde criança, ouvindo tia Lali dizer que eu herdaria os perfumes dela. Desde que me entendi por gente, ela possuía aquela penteadeira cheia de perfumes. Como todo mundo sabia que ela adorava perfume, era o que mais ganhava. E gostava de dizer que tinha perfumes do mundo inteiro.

Um quase exagero, mas eu, por exemplo, desde que fui à Europa a primeira vez, e isso já faz mais de um quarto de século, trouxe para ela um perfume de cada país que visitei. Desde então, sempre trouxe perfumes para ela de todas as viagens. Os olhinhos delas reviravam e brilhavam marejados de lágrimas sempre que ganhava um perfume.

Por baixo, isso deve dar quase uma centena de vidrinhos. Ou mais. Ela disse que usou de todos, mas parcimoniosamente. De modo que sempre há algum perfume em cada vidrinho. E quando o perfume acabava, ela guardava os vidros vazios. Estão separados num cantinho da penteadeira, a maioria ainda dentro das caixas originais. Portanto, está naquela penteadeira, que agora é minha, o vidro do primeiro “perfume do estrangeiro” que dei a ela. E pensar que ela é minha é assim um conforto enorme, agora que titia se foi.

O meu irmão Valdir, moleque que só, quando sentia no ar algum perfume, dizia: “A filha de barbeiro vem chegando por aí”. É que tia Lali só andava perfumada, do raiar do dia ao pôr-do-sol. Então, ele dizia que, perfumada como tia Lali, só mesmo filho de barbeiro.

Como não recordar uma pessoa dessas, uma mulher simples, parteira e cantadeira de *incelência*, de forma docemente gostosa, que amava umas gotinhas de *Chanel N° 5*? Quer coisa mais singular e chique?

Ela adorava ouvir duas histórias sobre o *Chanel N° 5*. A primeira era que ele era um perfume composto por mais de 60 fragrâncias. Aí ela dizia:

- Viiiixe, e não fede, não? Uma misturada dessas não pode dar em nada que preste, menina! É um perfume que pode ter cheiro de podre.

- Como de podre, tia? É o perfume mais famoso do mundo, foi lançado no dia 5 de maio de 1921 pela estilista francesa Gabrielle Coco Chanel. É o primeiro perfume do mundo feito com substâncias fabricadas em laboratório. Nada de extrato de planta. Tudo artificial, inventado. Mas também dizem que foi criado por um erro. Coco Chanel encomendou ao perfumista francês Ernest Beaux um perfume com 1% de aldeído undecilênico. Mas o assistente do perfumista colocou dez vezes mais. Virou o *Chanel N° 5*.
- Não estou dizendo que pode ter cheiro de coisa podre. Acho que é assim como de ovo goro...
- Claro que não, tia! Chanel ficou tão encantada com o aroma que dizia que aquela era a fragrância da sedução.

A outra história que ela sempre pedia para ouvir era a da atriz Marilyn Monroe que, numa entrevista, ao responder à pergunta sobre o que vestia para dormir, não teve dúvidas em dizer: “Apenas algumas gotas de *Chanel N° 5*”. Aí tia Lali, toda coquete, dizia: “E eu também. Duvida?”

Mesmo depois que ela já usava *Chanel N° 5*, há muitos anos, dizia: “Cacá, como é mesmo o nome da mulher que me invejou com as gotas do *Chanel N° 5*? Como foi mesmo que ela disse?”

Todavia ela dizia que engulhava só de ouvir falar que havia perfumes feitos de “cheiros de animais”. Achava um nojo.

- Cacá, como é mesmo esse negócio de perfumes de animais? Me diga! Não posso esquecer.
- Ora, tia Lali, você vive perguntando. Vou dizer só mais uma vez. Aprenda os nomes. O “castoréum” é do castor macho da Rússia, Sibéria ou Canadá; uma secreção chamada “âmbar”, é extraída de um cetáceo, um bichinho que vive no mar nas costas de Madagáscar; a secreção do cio do gato-de-algália, ou almiscareiro, que vive nas montanhas da Índia, Birmânia, Mongólia, China e no Himalaia, chamada de almíscar. Era assim, tia Lali, vinha dos animais, mas hoje em dia é tudo fabricado em laboratório. Nada nojento.
- Sei, mas é nojento pra danar. E fedem, minha filha, fedem. Nada de dizer que cheiram. Esse almíscar eu sinto de longe, fico até tonta.

Imersa nas recordações perfumadas de tia Lali, quase desmaiei quando, do nada, de repente, senti que estava sendo abraçada por trás e que alguém respirava em meu pescoço... passava as mãos em meus cabelos, em meus olhos – era aterrorizante porque

eu estava num cemitério sozinha – e, enlaçando-me, virou meu corpo vagorosamente, passando as mãos nele. E, olhos nos olhos, balbuciou:

- Se tivesse ficado aqui, teria dado uma grande rezadeira de terço, tiradeira de bendito e cantadeira de *incelências*, como ninguém, porque voz boa não lhe falta.
- Pablito! Você aqui? Fazendo o quê?
- Eu moro aqui, Cássia. Esqueceu que um dia eu te disse que viveria aqui sempre e queria ser enterrado aqui? Sabes que tu és a única pessoa, até hoje, que me chama de Pablito?
- Mas... você ainda não morreu! Ou já?

E ele gargalhou e gargalhou tanto que se afastou de mim, para depois se aproximar devagarinho, de um jeito charmoso que me desconcertava, cabelos ao vento, mãos na boca... Ainda possuía belos cabelos, que ainda teimavam em cair em sua testa, como antes, e lhe conferiam um ar maroto. Irritava-me um pouco que fossem pintados.

Acho feio homem de cabelos pintados. Bem, mas conhecendo como era a sua pavo-nice de rapaz bonito, dá para entender porque pinta os cabelos. Ai, que horror! Ainda bem que não possui bigodes. Odeio bigodes. Pintados, então... É que pintar cabelos é uma vaidade que, para mim, não combina com homem. Mas passou.



# Um aroma de *Fleur de Rocaille*

Fui transportada para um túnel do tempo. Estava diante de um jovem de 20 anos que gargalhava de uma forma que me enlouquecia, por quem fui apaixonada um tempão. Jamais fui namorada dele. Mas vê-lo naquele momento de muita dor, enternecia-me, mesmo que ele só tivesse segurado a minha mão uma vez, e eu tenha ficado horas e horas sem lavá-las, pois queria ficar impregnada daquela colônia que até hoje sinto a fragrância. Perguntei-lhe qual era o nome daquele cheiro e ele respondeu: “*Fleur de Rocaille*. É uma colônia da mamãe, que gosto de usar de vez em quando”.

Certo dia ele passou em minha rua, subiu a calçada e com a mão no peitoril da janela, pegou na ponta dos meus dedos, eu tremia que parecia estar tendo convulsões, e disse-me: “Eu vou casar hoje. Daqui a pouco. Mas um dia ainda vou casar contigo. Não sei quando, mas vou. Passei aqui na esperança de te ver. Queria dizer, só para que não te esqueças nunca, um dia ainda vou te beijar. Ainda vou acordar contigo todos os dias de minha vida ao meu lado”. Eu estava com 15 anos. Até já tinha um namorado. Mas não era ele...

De repente, voltei ao cemitério. Isto é, dei conta que estava num cemitério... Levei as pontas dos dedos de minhas duas mãos às minhas narinas. Era *Fleur de Rocaille* que ele estava usando. Lágrimas copiosas desceram em minhas faces. Pablo as enxugou passando suavemente sua língua em meu rosto. Foi um toque que, ao mesmo tempo em que me entorpecia, formigava e me acordava... O cheiro de *Fleur de Rocaille* despertou a minha memória olfativa. E eu viajei no tempo através daquele cheiro...

- Nem sabia que ainda morava aqui.
- Tu não sabias e nem sabes de muitas coisas, Cássia. Tu perdeste tuas raízes. Só te importas com tuas pinturas. Passa anos e anos sem vires aqui. E quando vens, é sempre muito rápido. Mas o tempo passou. E lá se vão quase meio século que eu tenho vontade de te beijar... E nunca pude.
- Comecei a andar rapidamente, quase correndo, rumo à saída do cemitério. Ele agia como aquele rapaz gaiato que era quando jovem. E rindo, dizia:
- Cássia, não corre. Não tenhas medo que não sou alma. Ainda tens medo de alma? A mãe Lali dizia que tu eras a pessoa que mais tinha medo de alma. Até de alma de anjinho.

- Ai que ódio eu tive dele. Mas ri. Um alívio ter saído do cemitério.
- Vai ver que mudaste, pois estavas sozinha no cemitério.

Vai ver que não tens mais medo de alma, não é?

Lá fora, parei e o esperei. Fiquei olhando e me enternecendo com aquele senhor de cabelos brancos (pintados de castanho-escuro!), cuja presença se misturava com o Pablo de minha juventude que impregnava a minha memória... Andava devagar, quase encurvado e não pude deixar de constatar que o peso da idade, quando se instala, deixa-nos mais lentos. Ele não tinha mais aquele passo ágil quando pulou da rua para a calçada alta de minha casa e chegou bem perto da janela na qual eu via o tempo passar. E nem aquele porte atlético que durante anos povoou a minha mente e que, em momentos de prazer solitário, desembarcava em mim como uma avalanche. Aconteceu algumas vezes. Lembro-me bem. De vez em quando, eu lamentava que eu não soubesse como ele era na cama. Algo assim como um lamento do que poderia ter sido. É inegável que ele era um homem que eu desejei. E do qual, de vez em quando, eu me lembrava.

De certeza, passou muito tempo atrás do balcão de uma loja de tecidos. Era de uma família de comerciantes de tecidos. O pai dele e todos os irmãos eram proprietários de lojas de tecidos, quando elas existiam aos montes nas décadas de 1950 até 1970, quando as roupas sob medida, feitas por costureiras e alfaiates, ainda não haviam sido sepultadas pelas roupas compradas feitas.

Imagine que a nossa cidade era bem pequena. Não mais que 3.000 habitantes na zona urbana e um outro tanto na zona rural nos anos 70 do século passado e contava com uma meia dúzia de lojas de tecidos bem sortidas. Naquela época havia, pelo menos, uma costureira afamada em cada rua. Todas sempre com muito trabalho. Tanto que as mulheres endinheiradas do lugar, sem contar com a dona do cartório e as pequenas e médias comerciantes, que eram muitas também, eram as professoras e as costureiras.

Pôs os braços em volta dos meus ombros, apertou-me em seu peito e alisando meus cabelos, com meu rosto entre suas mãos, balançava a cabeça dizendo:

- Não é possível que estejas aqui!

Beijou-me, de-mo-ra-da-men-te. As minhas pernas tremiam. Meu corpo todo tremia e umedecia. Pensei em tia Lali, vendo e dizendo: “Pouca-vergonha! Se beijando na porta do cemitério. Nem respeitam as almas. Vão ver o troco. Mal me enterraram e já estão na safadeza. Que falta de sentimento!”

Passou em minha mente, como uma nuvem ligeira, que ter sentimento era um entendimento cultural de deferência, que ela nos ensinou muito. Ou pelo sofrimento de alguém, ou pela morte de alguma pessoa conhecida, mesmo que não fosse um familiar.

Significava ser solidário na dor de outra pessoa. Mas ter sentimento era também uma conduta que deveria transparecer vergonha e arrependimento, quando a gente fazia uma coisa errada e recebia uma descompostura ou um castigo. Não se podia receber uma reclamação por um malfeito e nem um castigo e, logo em seguida, ficar rindo ou ir brincar como se nada houvesse acontecido. De algum modo era um sistema moral.

O cemitério ficava no topo de um morro, donde se avistava a cidade no fundo de um vale. Ele acendeu um cigarro, perguntando se eu fumava. Respondi, afirmativamente, balançando a cabeça. Ele pôs o cigarro acesso entre meus lábios. E ficou olhando-me, de cima a baixo. Era como se estivesse retirando a minha roupa. Abraçamo-nos e começamos a chorar.

— Vamos?

— A pé?

— Deixei o carro lá embaixo. Subi andando porque estava com medo de te ver logo. Vi quando o enterro passou. E te vi. Deixei passar. Dei tempo da mãe Lali ser enterrada. Só depois subi até aqui para te encontrar. Eu sabia que ficarias um tempo por aqui sozinha. Fizeste isso todas as vezes em que vieste enterrar teus mortos. Eu te vi todas as vezes. Mas não tive coragem de me aproximar. Eu estava casado. Fiquei casado quarenta e quatro anos. Estou viúvo há quase dois anos.

— Então, você foi um péssimo marido, Pablito, pois não se casou outra vez. Não é assim aqui: homem que a mulher morre e não se casa logo é porque não gostava de ser casado?

— É. Fui mesmo um péssimo marido. Por quase meio século. Mas a minha mulher era fantástica. Paciente e cuidadosa comigo, como minha mãe. Embora o entusiasmo que tive por ela tenha acabado cedo, tínhamos filhos para criar, um patrimônio construído para zelar e fomos ficando. Acostumamo-nos um ao outro. A força do hábito é tão forte quanto o amor. Sabia? O hábito de morar junto, apenas ele, mantém as pessoas juntas por muitos e muitos anos. Eu sei. Comigo foi assim. Havia mais coisas a nos unir do que a nos separar. Então, fomos ficando. De vez em quando, eu descabeciava, essas coisas com mulherzada, mas era bem pontual. Posso contar nos dedos das mãos as vezes em que isso aconteceu. Mas era algo que muitas vezes ela nem chegava a saber. Quando sabia, eu baixava o facho. E assim fomos tocando a nossa vida.

Enquanto ele falava, eu ia ficando espantada. Custava a crer no que ouvia: aquelas palavras tão assustadoras para mim saíam da boca de um homem que ainda há pouco

sugou meus lábios e alisou o meu corpo de uma maneira que me deixou tonta, umedecida, querendo cama, querendo colo...

E rememorei que essa história de que homem quando enviuvava e não se casa logo era porque era ruim para a mulher. No sertão é assim mesmo. Eis outro sistema de valores morais cuja lógica é que homem “bom pra mulher” gosta de estar casado. Contudo, a afirmativa não vale para a mulher. Mulher viúva tem de ficar “quieta”. Não se pode engrajar de homem nenhum, se não for logo pra casar. Caso contrário, é taxada de “viúva alegre”, mulher sem decoro, sem valor e sem sentimento pelo marido morto. Nem que ele não valesse um “derréis”. Tem de guardar o luto fechado (vestir roupa preta) um ano certinho. Só após um ano de viuvez é que se pode olhar pra homem e assim mesmo para casar.

Descemos a ladeira bem devagar. Ele estava com uma das mãos em meu ombro. E o alisava com volúpia. Não falávamos, então meu pensamento voava, sem entender muito o que acontecia e que significado teria aquele reencontro em nossas vidas. Em silêncio, chegamos ao carro. Nas casas perto do carro, havia gente nas janelas. Em todas. Em quase todas, havia mais de uma pessoa. E muita gente sentada nas calçadas. Em quase todas as casas havia uma árvore plantada na frente, com um banco de madeira em volta e também muitas floreiras nas janelas...

Era uma rua bucólica. Sempre foi muito bonita, tanto que me lembro muito dela quando não estou aqui. Se parece muito com as ruas das vilas de muitos países da Europa. Parecia que as pessoas esperavam passar um cortejo, ou qualquer coisa similar. Na mais próxima do carro, um senhor tirou o chapéu da cabeça e o cumprimentou:

- Pois não, prefeito. Que Deus lhe proteja. Foi acender vela na sepultura da prefeita?
- Fui. Mas também fui dar meu adeus à mãe Lali. Assustada, indaguei:
- Você é o prefeito? E sua mulher... a... a...

E ele, rindo, complementou:

- A Carmem, Cássia? A minha esposa era a Carmem. Não lembramos porque ela era mais velha que ti. Até mais velha que eu. Ela não nasceu aqui. Veio ser professora do Grupo Escolar. Estavas no ginásio e ela já era professora. Eu estava com 20 anos e ela, com 25, quando nos casamos.
- Então, a Carmem também foi prefeita?
- Foi. Há muitos anos. Ela foi a primeira prefeita daqui. E eu sou prefeito pela terceira vez em quarenta anos. A minha mulher foi prefeita uma vez; Alice, a minha filha dentista, também foi prefeita; e Carlos, o meu filho que é físico, pro-

fessor na universidade, que hoje é deputado, foi prefeito também. Ganhei dez eleições aqui. Há um quarto de século que alguém de minha família se senta na cadeira de prefeito. Em quase meio século, nós, os Ventura Pereira de Almeida, só perdermos uma eleição aqui. Mesmo assim, uma de minhas filhas, a Letícia, que é farmacêutica, acabou casando-se com o prefeito. O povo aqui fala, pelas minhas costas, os inimigos, é claro, que eu sou tão fominha pela Prefeitura que obriguei minha filha a casar com o prefeito.

— Verdade ou mentira, Pablo?

A nossa tensão desanuviou. Ficamos olhando um para o outro e até rimos.

— O que tu achas? Enfim, todos os outros prefeitos foram indicados por mim. Os Bezerras nunca mais ganharam eleições aqui. A que ganharam, perderam porque o prefeito que eles elegeram, depois de virar meu genro, passou pro nosso lado. Mas entra no carro, minha linda. O povo todo está olhando e alguns até vindo para cá. Vão querer puxar conversa e ficar espionando a gente. Daqui a pouco dá na rádio que o prefeito saiu, não se sabe pra onde, com a pintora famosa. E amanhã o povo vai ficar zanzando de porta em porta falando sobre nós. Tu vais ficar “falada”. Ou não te lembras mais de como é cidade pequena? Se bem que não te importas, não é? Estás muito acostumada à cidade grande. Lá ninguém se importa com nada. E também não se importa com escândalos, não é? Mãe Lali dizia que sabias que eras dona de tua vida e mandavas nela. Portanto, eu não precisava me preocupar contigo. Velha tnhosa. Dizia que eu tomasse tento e fosse cuidar de minha vida porque tomavas conta da tua muito bem. Não abria nada de tua vida para mim. Rabugenta que só. Eu só ouvia desaforos quando perguntava a ela por ti. Ela dizia: “Quer saber pra quê? Não casou com outra? Não está bem? Não lhe serve? Deixe Cássia na dela. Não se meta. Fique na sua. A vida dela não é de sua conta. Que encasquetação! Xô, carrapato! Não vê que Cássia nunca quis nada contigo?”

Ele abriu a porta e entrei na caminhonete. Sim, era uma daquelas enormes, último modelo, nova nos trinques, ainda cheirando a carro novo. Sentado ao volante, falou:

— Mandei buscar esta caminhonete hoje cedo em São Lourenço (cidade vizinha a Grotões dos Bezerras, distando apenas 50 Km). Tu estás entrando num carro que nenhuma outra mulher jamais se sentou nele.

Nisso, parou uma outra caminhonete ao lado da dele. Desceu um rapaz de uns 20 anos que quase me matou de susto. Era como se eu estivesse vendo Pablito jovem.

- Oi, pai velho. A mãe está preocupada. O celular do senhor está dando desligado. Eu vim ver se o achava. Estamos esperando o senhor pra jantar.
- Olá, Pablo, é uma amiga do pai velho de muitos anos. É a Dra. Cássia Almeida de Freitas, sobrinha da mãe Lali, que foi enterrada hoje. Cássia, é o Pablo Neto. O meu primeiro neto. Ela mora em São Paulo, filho. Veio enterrar a mãe Lali. Por favor, diga ao pessoal que pode jantar, vou levar a doutora em casa. Posso demorar. Diga à Ana que pode servir o jantar.

Atônita, e sem entender o que estava acontecendo, nem sei bem o que conversei com o Pablo Neto. Lembro-me de que ele falou que me conhecia da televisão e que há uns dois anos, por acaso, deu de cara com uma exposição minha em São Paulo e comprou um dos meus quadros. O “Caramanchão de buganvílea, em Grotões dos Bezerras”.

- Você pintou o caramanchão do quintal da mãe Lali. Estava na sala do meu apê em São Luís e pai velho passou lá, há uns dois anos, e pegou o meu quadro. Trouxe para cá, dizendo que era pra mãe Lali. Mas está no gabinete dele na Prefeitura. Ele me enrolou. Deu o maior pau de briga, de minha tia até a minha mãe e a vovó. Eita quadro que deu o maior rebu. Pense numa encrenca! Agora a senhora apareceu aqui. Vai dar confusão. Todo mundo diz que meu avô arrasta os quatro pneus por você. Até hoje. Você se prepare. Vai dar o maior rebu. Mas você é linda. Agora entendi por que meu avô suspira até hoje e perde o eixo sempre que seu nome aparece na jogada. Gostei de conhecê-la pessoalmente. É uma conterrânea famosa, que muito nos orgulha. Sou fã de sua pintura.

Falou algo ao ouvido do avô e saiu rumo ao seu carro dando altas gargalhadas.

- Vamos, Cássia. Fica um pouco em casa descansando. Depois passo lá pra jogar conversa fora. Ou, se quiseres, podemos sair mais tarde pra comer algo e tomar alguma coisa numa cidade vizinha. Ou mesmo por aqui.

Nem prestei muita atenção ao que ele dizia. Estávamos juntos há menos de uma hora e aconteceram tantas coisas que eu precisava processá-las com calma e sozinha. Ele seguia falando, falando. O que falou exatamente, não lembro bem. Mas a sua voz, o timbre dela, a maneira como pronunciava as palavras me acalmavam. Sentia-a como um aconchego. Eu poderia ficar horas e horas só o ouvindo falar.

Parou na Praça da Matriz. Puxou-me para perto dele, dizendo:

- Lembras como era o *footing* aos domingos à noite depois da missa? As moças ficavam dando voltas na praça e em geral os rapazes ficavam em turma, sentados nos bancos, fazendo psiou, olhando quem lhes interessava. Chamava-se

flertar... Uma vez, mandei um bilhete pra ti. Lembras? Devolveu, dizendo que tinhas um namorado na capital. Quase morri, porque eu já te olhava há uns dois anos, mas não tinha coragem de dizer porque eras muito menina ainda. Uns 14 ou 15 anos. Quando achei que era o tempo, mandei o bilhete. Mandaste dizer que tinhas outro. Meus amigos tiraram o maior sarro de mim. Naquela noite fiquei embriagado. Cheguei em casa pelos braços de amigos. Deixei o Jeep na rua. Nenhum dos meus amigos sabia dirigir.

Fez uma pausa e continuou:

- Papai, quando soube o motivo de minha bebedeira, no dia seguinte, foi falar comigo: “Largaste os estudos faz mais de um ano. Terminaste o clássico e disseste que não vais para a universidade. Queres ser comerciante. Estás cuidando dos nossos negócios na loja, aprendendo a trabalhar. Estás indo bem, tens jeito pro comércio. Vais ter de fincar pé aqui, moço. Pois trata de casar para assumir mais as responsabilidades. Namoras uma moça boa, que já é professora e está na idade de casar. É bom casar logo. Não se mete com essa menina dos Freitas. É muito menina, ainda não presta pra casar. Ainda não completou 15 anos. Nem começou a ir a festas. Vive na cidade grande, estudando. Não me arruma moda, rapaz! Começa a namorar uma menina dessas, depois não vais dar conta dos negócios. Vais querer ficar zanzando daqui pra capital todo dia. Usa a cabeça, meu filho. Sê homem. Honra as calças que vestes. Compromisso, se cumpre!”

Enfim, surpresas! Eu não sabia da história da bebedeira e nem da intervenção dura do pai dele. Será que Pablo se casou com Carmem por obediência ao pai? Tantos anos depois, com os olhares de hoje, é incompreensível. Mas naquela época era assim mesmo. Atônita com tantas revelações, fiquei calada. Nem percebi que Pablo segurava a minha mão, que soltou para secar lágrimas que vertiam dos seus olhos. Ligou o som do carro e deu partida. A música? *Andança* (de Danilo Caymmi, Edmundo Souto e Paulinho Tapajós), que fomos ouvindo até chegar à casa da tia Lali.

*“Vim tanta areia andei  
Da lua cheia eu sei  
Uma saudade imensa  
Vagando em verso eu vim  
Vestido de cetim  
Na mão direita rosas vou levar [...]”*

- Gostas?
- Muito. É da nossa época de juventude. Todo mundo achava irada, não?

- Como... irada?
- Ô, Pablo, é assim que se diz agora para dizer que é deslumbrante, que toca profundamente...
- Ah, é?

Rimos. Rimos, como se dizia bem antigamente, às bandeiras despregadas...

- Lembras que fiz umas duas serenatas pra ti?
- Pra mim? Como assim? Quando?
- Bem, na verdade, duas não, uma. Toquei *Andança*, numa serenata que todo mundo achava que era para tua irmã porque o Totonho, namorado dela, estava lá e tinham terminado o namoro. E em outra vez, toquei numa enluarada na qual tu estavas... Toquei pra ti.
- Oh, eu não sabia. Você ainda toca?
- Perdi muito. Quase não toquei mais depois de casado. A Carmem achava que o violão era um instrumento musical afrodisíaco. Morria de ciúmes. Ainda andei tocando quando a minha turma de colégio vinha aqui. Depois perdemos o contato. A Carmem não os queria aqui. Depois veio a política e fui deixando as amizades de lado.
- Que pena!
- Eu também acho. Mas vou voltar a tocar. Pra ti, se quiseres, se ainda gostares... Estou enferrujado.

*“Rodei de roda andei*

*Dança da moda eu sei*

*Cansei de ser sozinha*

*Verso encantado usei*

*Meu namorado é rei*

*Nas lendas do caminho*

*Onde andei [...]”*

- Imagino que tu, que já viraste lenda, deves ter muito pra contar... Quero ouvir, nem que seja pra sofrer.
- Eu virei lenda? Que conversa, hein?
- Não sabias? Aqui em Grotões, Cássia Almeida de Freitas é uma lenda viva...

- Como assim?
- Não sabias? Sempre que alguém quer se referir a uma mulher, digamos que destemida, que tem uma capacidade grande de refazer a vida, diz que é uma Dra. Cássia Almeida de Freitas.
- Ah, não é possível!

Ele caiu na gargalhada, alisando minhas pernas, olhando-me com muita ternura.

- Quer dizer, então, que sou uma mulher de má fama aqui? daquelas “faladas”?
- Como não? Sou capaz de apostar que nunca vieste a Grotões duas vezes com o mesmo marido... Dos que eu soube, são mais de meia dúzia. É muito pra uma mulher que nem chegou aos 60, não?
- Talvez... Talvez. Deixe-me ver...
- E aí? O que me dizes?
- Não vou dizer...
- Por quê?
- Não quero...
- Tá bom, tá bom. E não se fala mais nisso. Prometo. Talvez tenha sido uma brincadeira de mau gosto. Se foi, as minhas desculpas...

O que parecia uma conversa insignificante calou fundo em mim, sobretudo porque, mesmo cansada, eu pressentia que eu realmente destoava do que era valioso e culturalmente aceitável naquele lugar. Nesse sentido eu não era uma mulher como as outras, tidas como “mulheres de família”. Quando Pablo disse que virei lenda por aqui, pode ser mesmo verdade, pois jamais me preocupei em esconder quando tinha ou quando não tinha marido. A bem da verdade, marido pra mim é sempre uma possível decorrência de relação de amor; e o amor, assim como começa, acaba. E a vida continua. E a gente toca a vida e nela há encontros, desencontros e reencontros. Vejo isso naturalmente como parte da concepção de que vida é travessia. E viver é sempre um estar indo...

- O que foi, Cássia, ficaste zangada?
- Eu? Não. Apenas fiquei pensando...
- Em quê?

- Em como nossas vidas diferentes nos fizeram tão diferentes. Em menos de duas horas em que estamos juntos, embora eu me sinta acariciada por você, em um momento em que estou fragilizada pela morte de uma pessoa a quem eu amei, que foi assim uma bênção reencontrá-lo tão receptivo a mim, já nos estranhamos muito. O suficiente para eu sentir que provavelmente não damos conta de sequer conversar por muito tempo. E que insistir nisso é dar murro em ponta de faca, pois eu não admito que um homem que se interesse por mim possa ser um investigador do meu passado. Ou que o condene.





# O presente da tia Lali para Pablo

Pablo parou a caminhonete na porta da casa da tia Lali. Era noite. Rua iluminada e muita gente sentada nas calçadas. Ele desceu e abriu a porta do lado no qual eu estava. Ao descer, a mão que ele estendeu para que eu descesse continuou segurando a minha.

Entramos em casa de mãos dadas, que só percebi quando vi as pessoas um pouco desarvoradas nos olhando. Parece que toda a vizinhança da tia Lali nos esperava. Dava a impressão de que a rádio nagô (boca a boca) estava funcionando bem.

Maricota, que morou com tia Lali desde adolescente, apressou-se em puxar uma cadeira para o prefeito e a oferecer água, chá, café e refresco. Foi como uma brisa em mim a sua presença porque eu não precisava me preocupar com nada. E também porque perdi o traquejo de receber gente em casa, como se faz aqui.

— Oh, Maricota, há muitos anos, eu não ouvia alguém falar refresco!

Todo mundo riu. E Pablo, com aquele seu jeito de dono do mundo e de sabichão, pontuou:

— Pois é, Cássia, o mundo aqui muda pouco. Suco ainda é refresco. E, acredite, amada, refresco é melhor que suco. Sempre foi.

Mais risadas e cochichadas. Enquanto isso, Maricota servia água e café ao senhor prefeito como se estivesse servindo a um deus. Não cabia em si de tanto orgulho.

— Maricota, o que mãe Lali deixou pra mim? Podes pegar? Foi silêncio geral. E todos fixaram os olhos em Maricota, que não se movia.

— Vá, Maricota. Mãe Lali, na última vez que vim aqui, há mais ou menos uns quinze dias, falou: “Quando eu me for, peça a Maricota um presente que vou deixar pra ti”. Insisti para que ela me entregasse em vida, mas ela disse que era uma lembrança para ser entregue após a sua morte.

— Maricota estava cabisbaixa. Parecia estar refletindo. Olhou-me longamente e, parecendo medir as palavras, balbuciou:

— Prefeito, hoje não. Outro dia. Estou sem cabeça. Muito cansada também. Nem sei onde guardei. E depois, é muito pessoal, com algumas recomendações, de segredos seus e de mãe Lali. E eu não vou entregar assim na frente de todo mundo.

Não sei bem por que, mas houve um constrangimento geral. E a vizinhança começou a se despedir aos poucos. Em menos de meia hora, restavam na sala apenas eu e Pablo, pois Maricota despediu-se, dizendo que iria recolher-se e se eu quisesse comer algo, havia comida na geladeira; ela poderia requeentar a comida. Agradei. Disse-lhe que poderia ir dormir, pois eu não queria comer nada.

Pablo sentou-se no sofá ao meu lado, acariciando meus cabelos; passava os dedos em seus lábios e, de uma forma graciosa, colocava-os em meus lábios. Fiquei encantada com tal gesto. Fragilizada, mais do que por sensualidade, escorreguei para o colo dele e comecei a chorar convulsivamente.

Acariciando meu corpo, ele começou a cantar uma música que era muito ouvida quando éramos jovens. Só, então, lembrei que ele não apenas era o violão de ouro de nossa adolescência, mas também tinha uma voz que encantava... Como pude ficar tanto tempo sem ao menos recordar? E como tudo parece que foi ontem...

*“Deixa a cidade formosa morena  
Linda pequena e volte ao sertão  
Beber a água da fonte que canta  
E se levanta do meio do chão  
Se tu nasceste cabocla cheirosa  
Cheirando a rosa no peito da terra  
Volta pra vida serena da roça  
Daquela palhoça do alto da serra [...]”*

*(Chuíá chuá, de Marquez Porto/Pedro de Sá/Pereira)*

Tentei falar enquanto ele cantava, mas ele não deixava, murmurava: “Caladinha... des-cansa... Tu precisas desacelerar da dor”. Fui me acalmando e estava quase dormindo quando o telefone tocou.

Atendi. Era uma das filhas procurando por ele. Passei-lhe o telefone.

— Não necessito de cães de guarda. Tudo bem, minha filha. Boa-noite, querida. A tua mãe sabia que a Cássia sempre foi a paixão da minha vida. Mas também sabia que, enquanto ela vivesse, eu seria o marido dela. Portanto, ela dizia que eu precisava morrer antes dela para que a Cássia jamais fosse minha mulher. Sim, minha filha, ela morria de ciúmes da Cássia, uma mulher com quem eu nunca tive nada, mas amava. Amei a vida toda. Não era um segredo. Só que Deus quis diferente, minha filha. E só não será como sempre desejei se ela não me quiser. Eu quero me casar com ela. Sim, eu desejo vê-la vestida de noiva, de

véu e grinalda e tudo o que uma noiva tiver direito, entrando na igreja e eu, lá no altar, esperando por ela.

Ela nada dizia. Ele continuou:

- É um sonho, minha filha, tu sabes o que é sonho? É que tu jamais precisaste sonhar, sempre teve tudo, inclusive os homens que quis. Não importa que nenhuma pessoa de minha família esteja presente. Dediquei a minha vida inteira a vocês. Agora vou cuidar de mim, realizar o meu sonho. Como não posso? Estou velho demais? É que um dia tu ainda vais saber, se viver o tanto que já vivi, que para amar e para o amor não há idade...

Virou-se para mim e exclamou: – Que desaforada. Bateu o telefone em minha cara!

Ele suave e parecia transtornado. Abraçou-me, com muita força, e beijou os meus cabelos, dizendo que tinham um cheiro gostoso.

- Pablo, eu não vou me casar com você. E nem com nenhum outro homem. Virei celibatária. Já era tempo. E só quero dormir com você hoje.
- Vai, Cássia. Passei a vida toda querendo isso. Não tens o direito de dizer não.
- Pablo, meu lindo, tenho o direito sim. É a minha vida. Não quero vivê-la aqui. Jamais quis.
- Então, não vais dormir comigo. Muito bem. Nem hoje. E nem dia nenhum.
- Ah, é? Então, tá. Vá embora que estou com sono. Vá catar siri. E fique lá o resto dos seus dias. Eu só quero saber como é transar com você. Em outras palavras, eu quero ter um caso com você. Tá de bom tamanho. É pegar ou largar.
- Como podes ser assim, Cássia? Pareces uma adolescente birrenta. Aliás, não mudou, sempre foste cheia de vontades e de não-me-toques, birrenta e temperamental. Todo mundo sabe. Queres dormir comigo hoje e depois vais embora. E fica por isso mesmo, não é? Vais correr mundo e eu vou ficar aqui com cara de tacho. Abandonado. Todo mundo fazendo pouco caso da minha cara. O que não entendes é que vigora aqui uma outra cultura...
- Claro que entendo, mas tanto que nem moro aqui. Nunca, nun-qui-nha vou morar na roça, Pablo. Jamais serei a “patroa” do prefeito. Isso aqui é entediante. Eu não tenho nada para fazer aqui. É o fim do mundo, onde Judas perdeu as botas! Chega, chega, chega... me esquece!
- Cássia, te acalma. Quem diz o que quer ouve o que não quer.

Maricota, que não perdeu o velho hábito de espiar atrás das portas, chegou, providencialmente.

- Olhe, prefeito, achei o presente de mãe Lali para o senhor, mas só posso entregar se a Dra. Cássia for mesmo se casar com o senhor. Foi isso que a velha disse, bem dito. São as alianças que o finado noivo dela comprou quando iam ficar noivos. Mas ele morreu antes. Deus não quis, não foi?

Levei as mãos à boca. E irada, não me contive:

- Ficou maluca, Maricota? Que tia Lali tivesse caducando até, até. Mas você se servir a um papel fora de propósito é demais. Me dê isso aqui, já!
- Ah, Dra. Cássia, isso não posso, não! É do prefeito, nas condições da velha. Né da senhora não! Sou obediente, minha filha. Não entrego pra senhora de jeito maneira. Não posso desobedecer à velha, de jeito maneira! Depois ela vai vir puxar meu pé de noite. Viiixe Maria! De jeito nenhum, mesmo!
- Imagina, Maricota, se vou querer. Por que não enterrou com a velha? Só mesmo mãe Lali, em sua santa inocência, para achar que eu era maluco de querer me casar com uma mulher sambada, como esta aí. Já deu mais que fogo no aceiro. Mulher do jeito dela aqui é mulher-dama. Puta, dessas bem baratas. Como vou dar meu nome honrado a uma mulher como ela, que já “deu” pra meio mundo e passou a vida toda envolvida em escândalos sexuais?
- Ai, que cabra-de-peia você é, Pablo. So-me! Eu disse so-me. Ru-a! A porta da rua é a serventia da casa. Se manda, já. Chispa!

E cai num pranto incontrollável. Pablo pôs as mãos em meus ombros, que ficou acariando, enquanto murmurava com languidez:

- Calma, calma... Te acalma, Cássia, aqui ninguém te está forçando a nada. Que palavreado, doutora! Não esqueceste como se fala aqui quando temos raiva... Mas esqueceste o que significa cabra-de-peia. Se soubesses, saberias que não cabe em mim.
- Sei, sim. Era assim que tia Lali achava. E se ela achava, é porque era. Tia Lali, todas as vezes que eu vinha aqui, dizia que eu era uma rabuda, ou seja, uma pessoa de muita sorte, nascida de bunda pra lua, pois a melhor coisa do mundo que poderia me acontecer aconteceu: não ter tido a desgraça de ser sua mulher, pois você se revelou um cabra-de-peia. De peia, entendeu? Isto é um homem

muito ruim para a mulher. Vivia pulando a cerca, com a cara mais limpa; que não podia ver rabo-de-saia; era um sem-palavra, mau-caráter, sem nenhuma qualidade no que diz respeito à sua mulher. Tanto que tia Lali dizia também que, se você morresse antes dela, ela não levaria suas carpideiras para sua sentinela, pois você não merecia uma *incelência* sequer.

- Tudo bem, querida. Mas te acalma. Vamos pro quarto. Vou niná-la. Pode ir dormir, Maricota. Eu me ajeito com esta aqui.
- Não vou dormir não, prefeito. Aqui, na casa de mãe Lali, não pode dormir homem que não é da família, não. O senhor só dorme aqui depois de casado. Não vou deixar, não. E depois a Dra. Cássia já disse que não vai se casar com o senhor. Então, o que está fazendo aqui? Vou ficar de tocaia, ou o senhor vai logo embora.
- Maricota, chega de falar demais. Vá se deitar. Esta casa era de tia Lali. Agora é minha. Tudo mudou agora. É minha casa e agora é do meu jeito.
- Pois, amanhecendo o dia, vou embora sim senhora, mas o que não vou aceitar é desmanchar as ordens da velha. E olhe, ela sempre dizia que a senhora nunca teve juízo. E não tem mesmo, não! Onde já se viu, nem bem enterrou a velha e já tá querendo coisa com homem. Só mesmo estando faltando juízo nos miolos. E um homem da responsabilidade do prefeito ainda lhe quer. Para casar. E você ainda enjeita. O mundo está mesmo é perdido.
- Chega, Cássia. Não fica trocando idéia, não. Vocês duas estão muito cansadas. Tá bom por hoje.
- Gostaria de tomar algo?
- Não. Está bem assim. Estou de saída. Tu e Maricota já se estranharam muito por hoje. É um dia difícil para ambas. Mas maneira com Maricota. Ela está com tua família há mais de trinta anos. Não é propriamente uma empregada. É uma “cria” dos Freitas. Todo mundo por aqui sabe. Serviu à tua família. Tu agora és a responsável por ela. Jamais esqueça. Não podes ser ingrata a um ponto de permitir que ela se vá. E depois, ela irá para onde? Põe a cabeça no lugar. Ela cuidou de tudo isso desde sempre. Ou tu pensas que mãe Lali algum dia se importou com a casa dela, essas coisas? De casa ela cuidou da de tua mãe, mandando nas empregadas. Depois que vocês cresceram e se foram, ela sempre se importou de cuidar de gente. O resto sempre ficou por conta de Maricota, desde o recebimento dos aluguéis dos imóveis que ainda tens por aqui.

Maricota é quem se entende com o contador pra tudo, até pra receber o salário dela, já que ela é oficialmente tua empregada, pois tem Carteira Assinada por ti. Ou não te lembras disso?

Fez uma pausa:

- Aliás, dizem que as duas têm muito dinheiro, já que tu nunca quiseste receber nada e tia Lali tinha o dinheirinho dela, a aposentadoria como mulher rural. Não gastava quase nada, sempre recebeu muitos presentes em alimentos. Era uma mulher de vida simples, fora os “perfumes do estrangeiro” que ela sempre gostou muito. Mas isso ela nunca comprou. Sempre ganhou, não é verdade? Há muita coisa pra resolveres aqui antes de bater asas outra vez pelo mundo. Precisa de um tempo por aqui, já que não há mais parentes para cuidar de tuas coisas. Deves fazer como os outros teus irmãos que venderam tudo e pronto. Não deixaram nem raízes e nem rastro. Tenho uma enorme curiosidade de saber por que tu manténs propriedades aqui, já que só moraste aqui quando criança e nem falas de algum dia voltar.
- Havia tia Lali plantada aqui. Nunca quis ir morar com nenhum de nós. Valdir pelejou muito para levá-la, mas ela nunca quis. Como eu sempre fui a mais apegada a ela e ela a mim, senti-a como uma responsabilidade minha, porém ela jamais aceitou morar comigo. Não queria sair daqui.
- Certo. Todos aqui sabem a história. Ela era teimosa, queria ficar aqui no canto dela.
- Quando Helena, a minha irmã, faleceu, ela dizia que havia perdido dois filhos, pois Augusto, o gêmeo com Helena, depois do enterro dela foi pra Europa, onde passou temporadas em vários países, mas agora está na Áustria. Nem me pergunte por que, talvez o rio, o Danúbio e as valsas o tenham enfeitado... Mas mora lá há uns dez anos.
- É. Ela dizia muito que só deixaria a casa dela para a derradeira morada, o cemitério.
- Eu sei. Ouvi muito. Tanto que jamais tive coragem de insistir. De fato vou ter de demorar por aqui. Nem posso, mas preciso. E isso tem o poder de me matar de tédio. Preciso beber algo. Me acompanha?
- Oh, sim, mas rapidamente. Vamos deixar a vizinhança dormir. Devem estar todos à espreita pra ver a que horas sairei daqui. E se sairei ainda hoje.

- Bebe um vinho? Ou um uísque?
- Está esfriando aqui. Pode ser um vinho.
- Quer comer algo?
- Não. Talvez um queijo, se tiver.
- Vou olhar. Deve ter. Tia Lali mandou fazer compras antes de eu chegar. Aqui nunca tem bebida, mas ela sempre manda comprar tudo o que gosto quando vou chegar. Há uma lista eterna. Feita por ela há muitos anos. Ela sempre a desencavava quando eu ia chegar. Logo que me viu, falou: “Mandei fazer suas compras. Tudo o que você gosta está aí, filha”.
- Ela era realmente genial. Cuidava de ti com desvelo, mesmo de longe.
- Eu sei...
- Fala-me mais sobre o Augusto... O que ninguém entende é por que ele não veio ao enterro nem do teu pai e nem de tua mãe.
- Não quis vir nem na doença e nem ao enterro deles. É casado, tem uma filha e um filho. A mulher dele é fantástica. Já veio ao Brasil com as crianças duas vezes. Fala português muito bem. As crianças também. Já visitaram a tia Lali. Vieram aqui comigo, da última vez em que estive aqui. Virão nas próximas férias. Eu os visito, em geral, anualmente. Valdir já esteve lá com a família dele também, a mulher e as duas filhas.

Acordei sozinha no quarto... Estava de camisola... Demorei a entender que não estava no quarto de minha casa. Um pouco aérea, só cai na realidade quando vi, aos pés da cama, meus chinelinhos de pano com bordado inglês... E não pude deixar de sorrir... Era como se a tia Lali estivesse falando: “Tire esses sapatos, tome um banho e vá calçar um chinelo novo de pano que mandei Brígida fazer especialmente pra você. Sei que gosta. Também para dar carinho aos pés só mesmo um chinelo de pano feito pelas mãos de fada que só a Brígida tem.”

Pensei: “Noooossa, vou ter de fazer uma visitinha à Brígida, que já está tão velha e alquebrada e faz chinelos de pano pra mim desde que eu era criança. Até já pintei um quadro com vários chinelos de pano, tendo como modelos alguns feitos por ela”. Mas um certo gosto de ressaca na boca me fez lembrar, vagamente, que tomamos vinho, comemos queijo. Nem sei direito o que conversamos. Ah, sobre o Augusto... Ele também perguntou se eu poderia dizer com quantos homens casei... Era uma curiosidade dele. Nem sei bem como foi que indagou, mas eu não me contive.

- Escolhe o que quer saber, se é quantos maridos tive ou com quantos homens eu já transei.
- Tu és sempre assim, “triscou, mariscou”?
- Sou, por que quer saber? Não está vendo que sou?

Parecia assustado. Balançou a cabeça e disse que era uma pena que as pessoas não sejam nunca como as idealizamos. Depois de um tempo em silêncio, ainda indagou por que não tive filhos... por que a minha arte foi mais importante do que constituir uma família...

Nem sei o que respondi, mas devo ter sido sincera. Devo ter dito que fui adiando, adiando até ter ultrapassado o meu relógio biológico do tempo de ter filhos com segurança. Fiz um aborto na juventude. Depois fui casada com um homem que não queria filhos. Tinha medo porque o primeiro filho dele nasceu com Síndrome de Down. Era um médico. Espantada, tentava relembrar como fui deitar em minha cama e por que estava de camisola, pois nada chegava à minha mente.

Com muita sede, fui à copa tomar água. Ao passar pela sala, vi na mesinha de centro quatro garrafas de vinhos vazias. Estava explicado. Fiquei bêbada, tudo indica. Pablo deve ter me levado para a cama. Decerto também trocou a minha roupa, pois eu estava de calças compridas e agora estava de camisola. Era a explicação possível. Que cavalheiro!

As taças de cristal estavam ali a denunciar a minha bebedeira também. Só naquele momento vi que usei os cristais que não se usava se não fosse dia de festa. Ri. Olhando em volta, vi a cristaleira de tia Lali, que ela herdou da mamãe. Belo móvel, cheinho de raridades. Os cristais e as porcelanas que mamãe juntou e guardou a vida toda e que só usava em ocasiões especiais. Por que isso? Nunca entendi essa coisa de louças especiais de festas. Em minha casa era assim. E ai de quem ousasse pegar uma peça que fosse para usar no cotidiano. Mas agora vou usálas, na hora em que eu quiser. São minhas. Mamãe deixou para tia Lali e agora sou a dona. Não deu aos filhos. Dizia que não cuidaríamos de suas preciosidades como elas mereciam.

Ao voltar para o quarto, comecei a sentir uma dor de cabeça monumental. Repassei na memória onde poderia encontrar algum remédio para dor de cabeça e lembrei que tia Lali guardava os remédios no armário do banheiro. Era! Eu vi por lá.

*“Taí... Eu fiz tudo pra você gostar de mim...”* Por que me veio a música?

Putz! Pablo a cantou pra mim ontem à noite. Ri. Enternecida, sei que enrubesci, pois fiquei arrepiada... E no mundo da lua, comecei a cantarolar:

*Taí eu fiz tudo pra você gostar de mim  
Ai meu bem não faz assim comigo não  
Você tem você tem que me dar seu coração  
Meu amor não posso esquecer  
Se dá alegria faz também sofrer  
A minha vida foi sempre assim  
Só chorando as mágoas que não têm fim  
Essa história de gostar de alguém  
Já é mania que as pessoas têm  
Se me ajudasse Nosso Senhor  
Eu não pensaria mais no amor.  
(TA-HÍ, Joubert de Carvalho, 1930.)*

Acho que Maricota ficou assustada ao meu ouvir cantar, pois apareceu enxugando as mãos no avental e foi logo dizendo.

- Eita, mãe Lali já deve ter chegado no céu porque essa era uma música que ela gostava demais de cantar.
- Ah, era?
- Ora se era! Voz boa como a dela ainda vai nascer quem tenha. E sabia muitas músicas que era uma beleza. Sabia que, quando morre uma pessoa e depois que ela é enterrada, se alguém da família começa a cantar de repente é porque a pessoa chegou num lugar bom?
- Não. Não sabia. Mas que boa notícia você me dá, Maricota. Se bem que, se houver céu, a tia Lali, que sempre foi tão boa pra todo mundo, tinha mesmo era de ir pra lá.
- Se houver céu? E mulher, tu não acredita, não? Cruzcredo, Ave-Maria! Sangue de Jesus tem poder.

E se benzeu, nem sei quantas vezes, e foi saindo rumo à cozinha, dizendo:

- Sei não! Mas como pode todo mundo dizer que mãe Lali educou essa gente muito bem, que era uma mulher rígida, e a pessoa que ela mais amou virou uma herege? Que educação severa foi essa que ela lhe deu? Acho que era por isso que ela rezava todo santo dia pedindo a Deus por você. É que ela sabia que precisava.

Pela atitude de Maricota, se eu quisesse ter um pingo de sossego por aqui, precisava treinar para ficar em silêncio. Ouvir muito e falar pouco porque basta eu abrir a boca e o mundo parece desabar. Não será fácil. Vi ontem com o Pablo. E agora com a Maricota. Será um sacrifício, mas preciso fazê-lo, sob pena de me aborrecer até enlouquecer. Eu me havia esquecido que era assim. Que a rotação do mundo aqui é outra. Nos mínimos detalhes. Eles não vão mudar a forma de pensar que rege suas vidas. Nem eu. Então, quem deve dar um jeito sou eu.

Pela janela do quarto, avistei o jardim. Não consigo imaginar como uma pessoa conseguiu fazer um jardim que em si é uma reserva da jardinagem. Há de tudo o que a gente pensar. Nele há, também, três imponentes caramanchões de buganvílea, nas cores branca, amarela e lilás. Era um espetáculo multicolor belíssimo de se ver. Ao lado dos caramanchões, um pedaço de cerca viva de ora-pro-nóbis comestível (o de flores brancas, com miolo alaranjado e folhas pequenas), cujas mudas eu trouxe de Minas Gerais para tia.

Ela gostava de dizer: “É uma riqueza o ora-pro-nóbis” (*Pereskia aculeata miller*), do latim “orai por nós”, que é uma cactácea, um cacto trepadeira, do qual se come as suculentas folhas, flores e o fruto. Também conhecido como groselha-daAmérica, lobodo, rosa-madeira, é rico em proteínas (daí ser chamado de “carne de pobre”), vitaminas A, B e C e minerais, como cálcio, fósforo e ferro, além de ser saborosíssimo. Os frutos, pequenas bagas amarelas e redondas, dão entre os meses de junho e julho. Todas as grávidas de tia Lali eram obrigadas a comer ora-pro-nóbis e feijão, pelo menos dia sim, dia não!





# A penteadeira de perfumes da tia Lali

No quarto de tia Lali, reinava imponente a sua penteadeira abarrotada de perfumes. Era impossível não vê-la. Há antigas raridades: um perfume que se chama *Toque de Amor*; outro *1010* (Mil e dez); e o *Madeira do Oriente*, famosíssimo, era o *show* dos *shows* com um pedaço de madeira dentro. Todos foram perfumes que marcaram época. Há *Fleur de Rocaille* também. Sem falar que a danadinha da minha tia conservava três vidros de *Chanel Nº 5*! E para matar qualquer pessoa de inveja, havia várias marcas de alfazema e a preferida dela, a vida toda, que usava pela manhã, *Seiva de Alfazema Garrão*.

Diante de tantos vidros de perfumes envelhecidos, num lampejo, lembrei que aprendi, na visita que fiz ao Museu do Perfume de Barcelona, que perfume velho é perfume oxidado, com prazo de validade vencido ou com fragrância deteriorada pela luz do sol, mas não significa que “perfume vencido” é para ser jogado fora.

Reconhecer perfumes oxidados é fácil, pois ficam com a coloração e a fragrância alteradas. Caso não se saiba qual é a coloração e o odor originais, basta prestar atenção a alguns sinais da passagem do tempo. Por exemplo, se os frascos estão fora da caixa, que os expõem à claridade exagerada, ou à luz do sol, por muito tempo. É evidente que um “perfume vencido” não deve ser usado, mas é possível transformá-lo em uma água de colônia. Para tanto, basta misturá-lo a um álcool de cereal de boa qualidade, balançar até obter uma coloração clara; guardar por alguns dias, em média uma semana, numa caixa longe da luz do sol; e a colônia está pronta para uso.

Quando ensinei isso a tia Lali, ela gargalhou, dizendo-me: “Ô Cássia, eu sempre fiz assim”. O que quer dizer que transformar perfume velho em água de colônia é uma alquimia popular, um saber divulgado de boca em boca entre as pessoas que gostam de perfume! Era, pois a tia Lali sabia. E mais, disse-me que fazia água de colônia especial com seus perfumes vencidos: misturava dois, e até três, perfumes velhos, ou restos de perfumes, e obtinha colônias originais e únicas! Não dá para não dizer que o gosto de tia Lali por perfumes não a tenha tornado uma osmóloga – pessoa especializada em odores e aromas.

Lembrar o assunto me fez rir. Quando disse certa vez que ela era uma osmóloga, quis saber o que era. Respondi que a osmologia, isto é, o estudo dos odores e aromas,

em outras palavras, dos cheiros, é uma área do saber que estuda o olfato e as partículas voláteis, que são interpretadas como cheiros, após a captação pelas células específicas.

— Oh, Cacá, esqueceu que tá falando é comigo, menina? Fala direito. Quero compreender mais, tudinho. Não é que não entendi nada, mas não tudo. Queres dizer que há um estudo médico, só pode ser médico porque é coisa de estudo de gente que descobriu que, no nariz da gente, pois é, no nariz, pois olfato, né, no nariz? Pois bem, que no nariz da gente os cheiros e as catingas, que catinga também é cheiro, só que não é cheirosa, é fedorenta pra danar, quando chegam...

Ela era sempre assim, mesmo quando entendia, obrigava-nos a falar na língua dela. Sempre. Que figuraça! Era também uma forma de chamar a nossa atenção de que tínhamos a obrigação de não a isolar da conversa. O que era muito bom, pois, em geral, logo que chegávamos a Grotões, a gente falava outra língua portuguesa e só com o passar dos dias é que íamos nos habituando ao linguajar local. E em menos de uma semana, até o sotaque regional voltava que era uma beleza.

Sobre o seu intocável *Toque de Amor*, dizia que não o usava por ser o perfume que o seu noivo usava. Conforme ela, sentir o aroma do *Toque de Amor* era como se uma tela de cinema pairasse à sua frente e ela revivia todo o seu *affaire*, o sofrimento e a dor que ele deixou. Para ela, o *Toque de Amor* era uma poderosa arma de memória olfativa. Dizia sempre que, nos dois anos de noivado, o seu amado a presenteou em todas as datas importantes com *Toque de Amor*. Gostava de dizer que ele era um pobre de muito bom gosto. Só gostava do que era bom. Ela bem sabia que há aromas que ficam na memória para sempre, pois são fios que rememoram momentos que marcaram nossas vidas.

E tia Lali, então, que sempre gostou de um perfumezinho, pela manhã usava *Seiva de Alfazema Garrão* e à tardinha, após o banho, não abria mão de um perfume forte, daqueles de festa, em geral *Madeira do Oriente*.

Lembro-me bem de que, depois que fomos estudar na capital, a sua penteadeira se diversificou muito. Passou a contar com *Água Velva*, *Accua de Cologne Regina* e *Fleur de Rocaille*. Ah, e *Cabochá*, *Nuit de Noel*, *L'amant* e *Promessa*.

Certa vez perguntei por que ela e o noivo não se casaram.

— Por que ele foi assassinado, já lhe disse. Você gosta de ficar repisando assunto velho, moendo e remoendo, menina.

— Mas ficaram dois anos noivos. Estavam esperando o quê?

— A nossa casa ficar pronta. Ele era um moço pobre. Mes mo teu pai tendo nos doado o terreno, que é este mesmo aqui onde moro, construir uma casa não era assim do dia pra noite. Ele era pobre. Eu também não tinha onde cair morta.

Naquele tempo, um rapaz, para falar em marcar a data do casamento, precisava, no mínimo, ter uma casa. Era o sinal de seriedade. E nesse faz a casa, que era devagar porque o dinheiro era curto, o tempo foi passando.

— Aí, ele foi morto, não foi?

— Foi. E eu não quero falar nisso.

— Ah, mas eu quero saber.

— Saber o quê? Já ouviu tanto, que sabe a história toda, de cor e salteado. Não há nada que você não saiba.

— Ora tia, certo que há. Dizem que quem o matou era um forasteiro que chegou aqui não fazia três meses quando matou o seu noivo. Falam que o assassino do seu noivo era apaixonado por você. Mas conte direitinho. Quero saber se a senhora não tinha nada com ele, o assassino. Só isso.

— Olhe, passei a vida inteira respondendo a perguntas idiotas e a levantamento de falsos. Quer saber? Eu nunca nem falei com o dito-cujo do elemento, o matador. Nunca! Mas eu sabia da paixão dele por mim. Ele era um intruso, um safado que se enrabichou por mim, nem sei por qual motivo, mas de um tanto que um dia mandei dizer pra ele que deixasse de mandar recado pra mim, pois eu era uma moça compromissada. Estava com casamento marcado, capados, leitoas e galinhas no chiqueiro, engordando pro meu casamento, que era assim que se fazia naquele tempo. E que não adiantava ele mandar bilhete também não, porque eu não sabia ler, mal sabia assinar o nome.

— Tia Lali, que mentira dizer que não sabia ler. Você sabia, até tem diploma do Primário pendurado ali na parede! É verdade que ele era empregado da usina de papai?

— Era. Dizer que não sabia ler era uma mentira do bem. Naquele tempo poucas mulheres iam pra escola, então poucas sabiam ler. E mandei dizer isso pra ele deixar de mandar bilhetes. Esse elemento veio para cá no tempo em que teu pai comprou a usina de arroz. Ele veio instalar a usina e se ofereceu para ficar. Mas já se ofereceu de cálculo pensado, o safado. Assim disse pra muita gente. Queria ficar por perto, me “arrodeando”. O certo é que, na noite do crime, esse arrenegado bebeu umas e outras e foi na casa do teu pai me pedir em casamento. Aí não prestou! Teu pai passou uma descompostura nele. Deu as contas dele ali na bucha, dizendo que ele não poderia desrespeitar uma moça de bem, de

família, que estava noiva. Mandou me chamar na sala. Lembro-me de tudo, como se fosse hoje:

*“Ele falou:*

- Lali, me explique bem explicadinho que bozó é esse. Saiba que agora você vai se casar com seu noivo e é já, já, antes mesmo de aprontar a casa, que sou homem de uma palavra só! Já dei sua mão a ele. Agora, Geraldinho chega aqui me pedindo sua mão em casamento. O que você tem a ver com isso? Me diga!*
- Nada. Nunca nem falei com esse moço.*
- Quer dizer que você nunca deu bola pra ele?*
- Não. Nunca dei bola e nem mesmo um bom-dia, nem boa-tarde e nem boa-noite.*
- Mas isso é muito pior do que pensei. Seu Geraldinho, arrume a bagagem. Imediatamente. Vou acertar suas contas e você suma daqui antes do raiar do dia. Está querendo arrumar confusão. Essa moça é noiva, sô! E você sabia. E ela não quer nada com você. E disso você também sabia. E fica se metendo onde não deve.”*

Parou um pouco, depois continuou:

- E assim aconteceu. Só que o elemento se arretou e, antes de ir embora, foi direto para o Cabaré da Bela, no mesmo lugar onde ainda hoje é o furdunço de mulher da vida. E chegando lá, matou meu noivo e se mandou. Ninguém nunca pegou esse indivíduo.*

Naquele tempo só havia um carro aqui, que era o caminhão do teu pai. Ele, o matador, sabia dirigir. Roubou as chaves do caminhão e caiu na estrada. Deixou o caminhão no entrocamento. De lá, dizem, pegou um ônibus que passava e sumiu. Até hoje.

- Mas tia Lali, que história mais passional. Mas pra mim, o pior foi mesmo o seu noivo ser morto num cabaré. A senhora não acha?*
- E por quê? Cabaré é lugar de homem. Só homem vai a cabaré. Já viu qualira ir a cabaré? Não vai, não! Só homem mesmo.*
- Mas ele era seu noivo e ia pro cabaré?*
- Ia. Eu sabia que ia. E tinha de ir. Ou tu achas que homem fica sem mulher? Tinha de ir porque precisava de mulher. Eu era só noiva dele. Nunca deixei nem me beijar na boca. Naquele tempo era assim. Portanto, nada demais que os rapazes freqüentassem o cabaré. Deu pra entender?*
- Não. Mas agora sei da história tintim por tintim. E depois disso, nunca mais namorou ninguém?*

— Claro que não. Nem precisei. Na minha cabeça, Deus não queria que eu tivesse marido. Se quisesse, não teria deixado o meu noivo morrer. Não fui tesar com Deus.

Doces lembranças de uma conversa que sei que foi dolorosa para ela, mas foi a recordação mais nítida que tive diante daquela penteadeira repleta de perfumes, sobretudo porque há uma promessa minha a ela que não consegui cumprir: levá-la ao Museu do Perfume de Barcelona. Ficou encantada, mas não viajava de avião. Recordo-me de que mostrei a ela uma revista com uma reportagem sobre esse museu. Seus olhinhos brilhavam. Ela adorava perfumes, que eram sua marca registrada. Só ela? Não, suas colegas de cantorias de *incelências* também.

Por que as carpideiras gostam de perfumes? Para mim, a explicação é elementar. O perfume possui várias finalidades, desde as espirituais e religiosas às sociais. A aromaterapia existe desde tempos imemoriais. No meio das carpideiras, acabei sabendo disso bem depois, o perfume tem que ver com o nome original, do latim *per fumum*, que significa “através da fumaça”, numa referência a invocar Deus através da fumaça. Valer-se da fumaça para invocar Deus faz parte de rituais religiosos, sobretudo pela queima de ervas que liberam cheiros e de incensos de diferentes aromas. É simples a razão, pois um cheiro ou uma mensagem aromática, ao chegar ao sistema límbico – o centro da memória, sentimentos e emoções –, induz sensações neuroquímicas, desencadeando euforia, relaxamento e sedação.

De cabeça, recordo-me de algumas coisas que aprendi numa palestra a que assisti quando visitei o Museu do Perfume de Barcelona. A história do perfume remonta a tempos imemoriais e se confunde com a do incenso. Os aromas induzem ao prazer olfativo, podendo fornecer bem-estar mental e espiritual. A aromaterapia tradicional usava incenso, banhos aromáticos, unção do corpo com óleos aromáticos e inalações. Há registros que todos os templos da Assíria, da Babilônia, do Egito, da Grécia e de Roma possuíam em seu quadro de pessoal um mestre perfumista. O Cavalo de Calígula era banhado com água perfumada (Calígula, apelido de Gaius Caesar Germanicus, terceiro Imperador romano reinante entre 37 e 41).

Há relatos bíblicos sobre essências aromáticas. Noé queimou cedro e mirra por ter sobrevivido ao Dilúvio. E Deus disse a Moisés que queimasse um incenso perfumado. Os Reis Magos – Melchior, rei da Pérsia (em hebreu, “rei da luz”: *melichior*); Baltazar, rei da Arábia (em hebreu, “senhor dos tesouros”: *bithisarea*); Gaspar, rei da Índia (em hebreu, “o branco”: *gathaspa*) – presentearam o Menino Jesus, respectivamente, com ouro, incenso e mirra, que é uma erva mágica que dá proteção e favorece a espiritualidade. O comércio de essências aromáticas, como a cânfora (China), noz-moscada (Tibete) e sândalo (Índia), era forte no século seguinte ao nascimento de Cristo.

Das finalidades religiosas, dizem os historiadores, as ervas aromáticas passaram a fazer parte dos banhos, das pomadas de efeitos curativos e de perfumes de uso pessoal, inicialmente feitos à base de fixadores dos aromas como ceras, gorduras, óleos vegetais e sabões. Sabe-se que o primeiro desodorante foi criado no Egito, composto de mirra, incenso, alecrim e tomilho.

Logo depois que estive em Barcelona, fui a Grotões dos Bezerras e contei à tia Lali muito do que aprendi da história do perfume.

- Tia, você, que gosta tanto de perfume, precisa ir lá. Antes da visita às peças expostas no museu, há uma palestra que encanta a gente. Contam cada história! Por exemplo: que Catarina de Médicis, que morava em Florença, na Itália, quando foi casar com Henrique de Valois, futuro Rei da França, levou em sua equipe dois perfumistas cuja finalidade era encontrar pelo caminho vegetação similar à da Toscana para fabricar seus perfumes prediletos. Na região da Provence, na aldeia de Grasse, localizaram os jasmims e as rosas com as quais eram fabricados os perfumes que deram à cidade o nome de Cidade dos Perfumes. Na Provence havia e há campos de lavanda nativos. Os perfumes eram usados ainda frescos, pois as técnicas de fixação dos aromas ainda eram incipientes naquela época (1522).
- Ô, Cacá, lavanda não é o mesmo que alfazema?
- É sim, titia.
- Pois bem, o povo só fala que se faz perfume com alfazema, mas não. É um santo remédio pra muitas coisas, não só pra cólica de bebezinho e nem só pra defumar os cueiros deles, porque é tal qual um chá de dormideira, por ser calmente. Serve prum tantão de coisas, minha filha. Até pra gota e dor de dente. E o óleo de alfazema é cicatrizante, cura qualquer ferida brava. É um saber antigo que a gente vai perdendo por só confiar em remédio de botica.
- Tudo bem, titia. Mas outra coisa que aprendi na palestra foi que os primeiros mestres perfumistas dos quais temos registro surgiram na Índia e na Arábia. Avicena (980-1073), médico árabe, considerado o primeiro grande mestre perfumista, no século X, por ter descoberto, acidentalmente, os processos da destilação a vapor, criando assim a Água de Rosas – destilando óleos componentes da rosa –, foi quem, definitivamente, deu ao perfume a cara que hoje tem e descobriu novas finalidades para ele, inclusive a terapêutica, a aromaterapia, muito em destaque no século XIX. Avicena também criou, para a rainha da Hungria *Água de Toilette*. De modo que o caráter profano dos perfumes, quer

dizer, de ser usado sem ser com finalidade religiosa, foi sendo espalhado pela aristocracia e pela nobreza, já que eram as pessoas que podiam comprá-los, pois eram muito caros devido à dificuldade técnica de obtê-los. A chegada da Era do Vidro, porém, revolucionou a arte da perfumaria, pois os recipientes de vidro diminuíaam a volatilidade dos perfumes.

- Mas, Cacá, rico em qualquer canto e em qualquer tempo só quer as coisas só pra eles, né mesmo?

Rimos. Mas eu continuei.

- É mesmo, tia Lali. Mas olhe, também foi dito que no antigo Egito os perfumes tinham um papel importante nos funerais. Há hieroglífos que registram o uso de plantas aromáticas pelos egípcios com finalidades terapêuticas e religiosas, sobretudo resinas e óleos perfumados nos procedimentos relativos aos funerais egípcios. Sabe-se que, nos primórdios da prática de embalsamamento, era usada uma resina de coníferas, que agia matando as bactérias que realizam o processo de putrefação. Os egípcios tinham o entendimento que o corpo embalsamado asseguraria que ele chegasse ileso ao outro mundo, além do que compreendiam também que as ervas aromáticas asseguravam eternidade para o corpo e para o espírito, portanto usavam essências perfumadas no ritual de embalsamamento, uma mistura de madeira – benjoim e galbano – com mirra e azeite de oliva. A partir da décima oitava dinastia do Reino Hostshept, período de grandes conquistas territoriais, os lençóis que envolviam as múmias eram embebidos em incenso e mirra oriundos da África.
- Mas, Cacá, também no antigo Egito, usava-se muito ervas cheirosas para tratar doenças, não era mesmo?
- Não só no Egito, titia. O uso medicinal das ervas aromáticas é também um saber antiquíssimo. Sabe-se que sinais e sintomas de apatia, depressão e infelicidade podem ser minorados com o uso de perfume de bergamota; aromas de alecrim, eucalipto, limão e vetiver são santos remédios para a falta de concentração; o cansaço e a insônia, diminuem com o uso de perfumes de alecrim; para nervosismo, inquietação e insônia, recomenda-se lavanda, que é relaxante e indutora do sono.
- É. De tudo isso que tu falaste das ervas cheirosas, eu bem sei. Tu sabes que eu leio muito e acredito nessas coisas desses remedinhos caseiros. Sou quase uma raizeira, como se chama por aqui quem sabe fazer remédio de mato, mas quem sabe mesmo melhor do que eu é Socorrinha. A bicha é danada de sabida. Sabe

remedinho do mato pra quase tudo. E é a sorte do povo pobre daqui que Socorinha tenha esse dom, esse saber. Tem ajudado muita gente. Mas tu sabes que muitos desses conhecimentos mais antigos sobre os remédios do mato estão voltando, com essa moda dos florais de...

- Florais de Bach, titia, que são 39 essências florais sistematizadas pelo médico inglês Edward Bach (1886-1936), com base na hipótese de que “as vibrações das flores correspondem às diversas características da personalidade humana, mas em seu estado puro, perfeito”. Fala-se que “estas essências harmonizam as emoções, restabelecendo o equilíbrio interior”. Há também os florais de flores silvestres do Alasca, da Califórnia, da Austrália, do Deserto, e os brasileiros de Minas, Mata Atlântica e Saint Germain – desenvolvidos pela artista plástica Neide Margonari, que constam de essências de flores brasileiras. A terapia com florais é também denominada de terapia de almas, justamente porque os florais correspondem às diferentes personalidades.

Enfim, enquanto eu divagava no mundo da história do perfume e relembrava antigas conversas com a minha sábia tia Lali, mirava a penteadeira dela. A bem da verdade, não era mais apenas uma penteadeira, mas duas. É que, além da penteadeira que sempre foi dela, havia a da mamãe, que ela herdou.

Recordo-me bem de que Valdir desejou os móveis do quarto da mamãe. Concorramos que ele ficasse com aqueles móveis. Na hora H, de levar os móveis para a casa dele, deuse conta que morava num apartamento em que nos quartos não caberia o conjunto de quarto de mamãe, que constava de cama de casal, guarda-roupa de cinco portas, dois criados-mudos, uma penteadeira enorme e duas cadeiras. Valdir optou por doar a penteadeira para tia Lali, porque naquela época já era um móvel de certa maneira considerado inútil. A minha cunhada dizia que, além dos quartos dos apartamentos hoje em dia serem pequenos, a penteadeira deixou de ter utilidade e virou um trambolho, pois nenhuma mulher tem mais tempo de sentar-se diante de uma penteadeira para ficar se alisando... Rimos bastante com tais considerações feitas por Gracinha.

Como num estalo, ocorreu-me que nunca perguntei à tia Lali como se tornou uma carpideira. A pessoa torna-se carpideira ou é uma carpideira? Afinal o que é uma carpideira? Eu não saberia dizer. Sei que tem que ver com um dom. As *incelências* são de uma beleza triste única. Mas o que é mesmo uma carpideira? Às vezes, acho que sei. Outras não. Porém sei reconhecer quando uma mulher é carpideira, pois quem canta *incelências*, que chora o defunto alheio, mediante pagamento ou apenas por solidariedade, é carpideira, uma profissão que remonta ao antigo Egito. O ritual das carpideiras é parte também da cultura dos escravos e dos índios brasileiros.

O Quarup (Kuarup) é um ritual religioso intertribal de celebração aos mortos ilustres, feito pelos povos indígenas da região do Alto Xingu (Mato Grosso, Brasil), cuja origem era a saudade e o desejo de ressurreição deles. Em si, o quarup é um ritual de renascimento, no qual toras de madeira (quarup) representam o corpo e o espírito do falecido; é uma despedida solene e o fim do morto. Além da festança, com muita comida, bebida, jogos e alegria, no momento da ressurreição, uma cena do ritual, há carpideiras no quarup. Apenas 5 brancos mereceram um quarup: Leonardo Villas Bôas; Noel Nutels; brigadeiro Faria Lima; Cláudio e Álvaro Villas Bôas; e Orlando Villas Bôas, que foi o último, em 2003, por decisão do cacique Aritana: “Agora não vai ter mais quarup para branco. Acabou. O Orlando foi o último”.

A carpideira ainda é presente em regiões suburbanas e rurais nordestinas. Aliás, no sertão. Não há sertão sem carpideira.

E, movida por uma força estranha, comecei a cantar: “*Segura na mão de Deus,/Segura na mão de Deus/Pois ela, ela te sustentará/Não temas, segue adiante/E não olhes para trás,/Mas segura na mão de Deus e vai!...*”

E a música teve o dom de me acalmar. Peguei um livro – tenho uma pequena biblioteca aqui – e encontrei lá:

*“A carpideira é uma mulher que, mediante pagamento de uma quantia previamente combinada, chora o defunto alheio. No Brasil, não tivemos a carpideira, conhecida em quase toda a Europa; a carpideira não somente chorava o defunto, mas também cantava hinos religiosos. Os escravos africanos e os índios brasileiros conheciam o trabalho da carpideira. No interior tivemos as choronas, que choravam o defunto, faziam quarto ao falecido e se encarregavam do velório, cantando as incelências”.*

Quando li que, “no Brasil, não tivemos a *carpideira*, conhecida em quase toda a Europa”, fiz uma jura de resgatar as histórias de vida das carpideiras de Grotões dos Bezerras... De tia Lali e suas amigas carpideiras, as mulheres mais cheirosas do sertão. Depois das mulheres do cangaço, é claro!

Ri. É que contam que Maria Bonita, Áurea, Dadá, Enedina, Inacinha, Lídia, Otilia, Neném e Sila andavam no maior cheiro do mundo, pois os cangaceiros, a começar por Lampião, banhavam-se em perfume. Dizem que as volantes (polícia) “farejavam” o cheiro dos perfumes para saber se os cangaceiros haviam passado por algum lugar. Eles gostavam muito de perfumes estrangeiros. O francês *Fleur d’Amour*, um dos melhores da década de 20-40, era o da preferência de Lampião. Os bailes perfumados de Lampião viraram lenda. Não à toa diz-se que, no tempo de Lampião, o sertão era perfumado. Quando foi assassinado, em 28 de julho de 1938, na Grota do Angico, interior de Sergipe, foram encontrados com ele 5 quilos de ouro, cerca de 600 mil reais, na moeda atual, e muitos perfumes.

Acabei descobrindo que há uma cultura de uso do perfume no sertão. Então, jurei que um dia entenderia por que as carpideiras gostam tanto de perfumes e de andar perfumadas. É bem verdade que são poucas. Elas nunca foram muitas. No momento, das vivas, lembro-me de Abgail, Brígida, Chiquinha de Dorinha, Cosma e Damiana, que são gêmeas, Ducarmo, Josina, Mariana de Dona Socorro, Maria do Amparo, Socorrinha, Zuleide...

E repassando uma a uma na memória, não pude deixar de constatar como ficam bonitas em suas roupas de festas na capela. São mulheres simples, roceiras, na verdade, algumas ainda trabalham na roça. São todas originárias da roça, exceto tia Lali, mas mesmo com suas roupas do dia-a-dia, elas se vestem com estilo. Até as roupas de chita delas são vistosas e bonitas. Lembro-me de que, quando eu e Pablo fomos à casa de Socorrinha, a primeira vez, ela não nos esperava. Portanto, estava com uma roupa de ficar em casa, mas era tão bonita! Uma saia florida rodada, acho que franzida, com flores enormes e de várias cores, e uma blusa mais clara, de uma só cor, nem sei se era esverdeada ou azul-clarinho, porque era bem velha, mas era uma vestimenta distinta.

Mamãe gostava de dizer que tia Lali e suas amigas, em dia de festas, ficavam nos trinquês, tão cheirosas, luxuosas e “brilhentas” que nem a Rainha de Sabá! Certo dia perguntei à titia quem era a Rainha de Sabá. E ela riu até não mais poder e me chamou, dizendo:

— Cacá, me diga, quem te falou na Rainha de Sabá, hein? Foi tua mãe, não foi? Ô língua que a *biscuit* tem! Por Deus!

Ela chamava mamãe de *biscuit* quando ficava irritada com ela. E a gente já sabia. Então, fiquei caladinha. E muito desconfiada. Sabia que havia falado bobagem. O que não deveria ter falado.

— Me responda, Cacá, pois se não responderes, vais ficar sem saber uma história de Trancoso. Ou tu não queres saber? Essa eu nunca te contei. É a história da Rainha de Sabá. Vais ficar sem saber.

Tia Lali era uma exímia contadora de história. Sabia todas. Eu adorava ouvi-la contar histórias. E não me contive.

— É, mamãe falou que a senhora e suas amigas só querem ser a Rainha de Sabá.

Ela riu gostosamente. Colocou-me no colo, alisou meus cabelos, beijou a minha testa e disse:

— À noite, eu vou lhe contar a história. É do amor do Rei Salomão de Judá, que era branco, por uma rainha negra, a Rainha de Sabá, a mulher que inventou

os perfumes. Foi sim. Nos livros não tem não, mas eu sei que foi. O bálsamo da Judéia, usado pela Rainha de Sabá, enlouqueceu o Rei Salomão. Aliás, dizem que o enfeitiçou.

E desde aquela noite, por anos, aprendi com ela sobre o amor do Rei Salomão pela Rainha de Sabá. Não tenho nitidez do que ela contava, mas fiquei apaixonada pela rainha. E nunca esqueci que tia Lali dizia que o amor deles estava até na *Bíblia*. Claro que ela não era uma entendedora de *Bíblia*.

Depois, já adulta, descobri que tia Lali se referia ao livro bíblico *O Cântico dos Cânticos* (*O livro de Cantares*, ou *Cântico Superlativo*, ou *Cântico de Salomão*), que é, sem sombra de dúvida, um poema lírico, ou uma canção de amor, de autoria atribuída ao Rei Salomão, que integra o conjunto de livros poéticos do *Antigo Testamento*, a lista dos *Livros Sapienciais*: para uns, são cinco, mas para outros são sete (*Eclesiastes* ou *Qohelet*; *Eclesiástico* ou *Siráside*; *Provérbios*, *Sabedoria* e *Cântico dos Cânticos*, *Job* e *Provérbios*). Aprendi muito sobre o *Cântico dos Cânticos* com um dos meus ex-maridos, que adorava lê-los comigo deitada em seu colo. Parece que o ouço a primeira vez que os leu:

- Cacá, escuta bem pra poder apreender a beleza dos versos de Salomão. Fica quietinha, tá? As personagens principais do poema são três: (1) o noivo, o Rei Salomão (2); a noiva, mulher mencionada como “Sulamita” (6.13); e as “filhas de Jerusalém” (2.7). Ainda são citados os irmãos da Sulamita (8.8-9), que devem ter sido seus meios-irmãos.

O poema indica que ela trabalhava, por ordem dos irmãos, como “guarda de vinhas” (1.6).

Repetia:

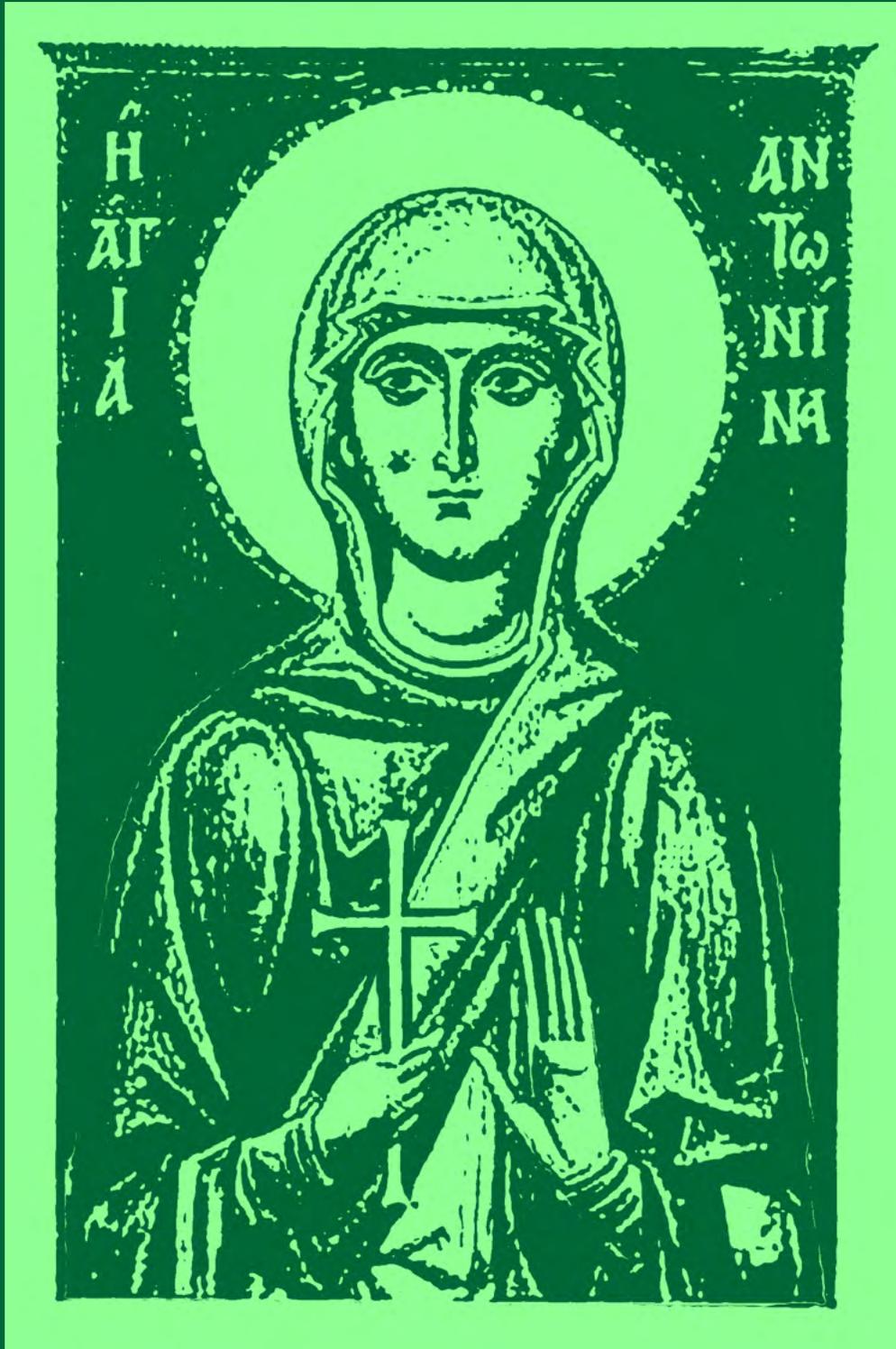
- Entendeu bem, Cacá? Então, sigamos. O *Cântico dos Cânticos* possui a seguinte estrutura: PRIMEIRO CANTO (Anseios de amor, Exaltação do amor, Galanteios e Amor apaixonado); SEGUNDO CANTO (Primavera de amor e Divagações); TERCEIRO CANTO (Cortejo nupcial, Descrição da amada, Encantamento, Recanto de amor e Apelo da amada); QUARTO CANTO (Noturno, Em busca do amado, Descrição do amado e Encontro com o amado); QUINTO CANTO (Prendas da amada, A predileta, A dança, Protestos de amor, Canção do encontro e Anelos de amor); e SEXTO CANTO (Triunfo de amor). Há diferentes interpretações, no meio dos estudiosos da *Bíblia* sobre o *Cântico dos Cânticos*. Todas omitem que eram poemas de amor do Rei Salomão pela Rainha de Sabá, que a mim parece ser a verdade.
- Tá, entendi. Mas, então, leia logo, se não faço xixi na calcinha... Ahahahahaaaaa...

- Mas como calcinha, Cacá? Você está de calcinha? Não sabe que odeio que você ande de calcinha em casa? Pra que uma mulher como você precisa usar calcinha, Cacá?

Rimos até...

- Ah, você sabe alguma coisa sobre a Rainha de Sabá? Já ouviu falar?
- Já. Até demais. Tia Lali contava a história dela. É uma história de carochinha, né?
- Oh, claro que não, Cacá. Há 3.000 anos (900 a 1000 a.C.), Sabá, capital Marib, era um reino muito rico, onde não havia pobreza, mas harmonia, pureza e justiça. O Reino de Sabá ficava ao sul da Península Arábica, a 2.000 metros de altitude, a leste da Serra do Mar Vermelho, a 2.500 quilômetros de Jerusalém, era chamado de *Arabia Felix* (Arábia Feliz). Era também conhecido como o País das Mil Fragrâncias, por ser o “país do aroma dourado”, o *habitat* natural de mirtos, mirras, incensos e dos bálsamos de Sabá! O Reino de Sabá é o Iêmen atual (*Yemen*, do árabe: *yumn* = prosperidade e felicidade).
- Quer dizer que você acredita mesmo?
- Ora, Cacá. Há até um livro que comprova o que falo: é *Sabá, o País das Mil Fragrâncias*, de Roselis von Sass (1906-1997), austríaca, por muitos anos radicada no Brasil. A Rainha de Sabá aparece no *Antigo Testamento* e no *Corão*, como dona de um reino muito rico. Os árabes a chamam de Bilqus ou Balkis; na Etiópia, Makedda, Magda, Maqda ou Makera (significa grandeza); e o historiador judeu Flavius Josephus a menciona como “Nikaulis, rainha da Etiópia”. Sabá era uma sociedade matrilinear – o poder é dos descendentes da mãe. Em *As Gloriosas Memórias do Império (Kebra Negast)*, livro sagrado da Etiópia, consta que a dinastia dos reis da Etiópia provém do filho do Rei Salomão e de Makedda e foi desta união que a lei mosaica foi trazida para a Etiópia. Nos relatos consta que a Rainha de Sabá desejou testar se o Rei Salomão era o sábio que diziam. Montou uma caravana exclusivamente para conhecê-lo e empreendeu uma viagem que durou sete anos. Aportou em Jerusalém com muita gente e carregamentos de especiarias, ouro e pedras preciosas para presentear Salomão. Apaixonaram-se perdidamente. Do amor deles, nasceu Menelik I, fundador da Monarquia etíope, 1000 a.C.





# Um homem bom de “pegada”, como sempre sonhei

- Bom-dia, Maricota. Dormiu bem?
- Mais ou menos. Mas dormi aliviada porque, depois de tantos meses de dor, só hoje amanheci com a certeza de que mãe Lali não está mais sofrendo.
- É verdade. A morte para ela foi um alívio, um prêmio, pois estava sofrendo muito.
- Ah, se organiza para não descumprir as ordens. De hoje até a visita de sétimo dia, haverá terço na capela, todo dia às 6 horinhas. No sétimo dia, a tirada de terço será no cemitério. Depois, até completar trinta dias, elas rezarão o terço, também todo dia às 6 horas, na casa de cada uma delas. Rodando, no sorteio. Cada dia na casa de uma. Da que sair no sorteio. Todo dia sorteia no fim do terço. Na derradeira casa que der no sorteio, aquela vai ser a chefe das carpideiras, porque mãe Lali era a chefe vitalícia. Agora ela morreu e elas têm 29 dias para escolher a nova chefe vitalícia. No trigésimo dia, será a festa de apresentação da nova mãe, da chefe das carpideiras.

Fiquei com aquela coisa da reza na cabeça. A reza é, em si, um rito com uma mensagem oral e/ou escrita, e/ou em pensamento, destinada a uma divindade ou santo, por meio da qual pedimos uma graça, bênção, ajuda ou ainda fazemos um agradecimento solene por graça alcançada.

- Ah, é assim? Eu não sabia. Quem era antes de tia Lali?
- Não é só isso que a senhora não sabe. Há muita coisa que não sabe, minha rosa, mas aos pouquinhos vai aprendendo. Elas são uma irmandade antiga. De mais de 150 anos. São muito sabidas e também muito poderosas. Ora se são!
- Ah, é? E o que mais?
- Se “alembra” quando mãe Lali fez a capela daqui de casa?

A capela das carpideiras, dedicada à Santa Mártir Antonina, é uma capela doméstica que consta de uma construção rústica de paredes de taipa (varas amarradas com embiras e recheio de barro), bem alisadas e pintadas de branco, com portas e janelas azuis, e cobertura de folha de palmeira-babaçu, que sempre parece nova porque tia Lali a reformava com freqüência. É a única construção com cobertura de palha que eu conheço que é forrada com esteiras feitas de folhas de palmeira-babaçu. Uma época papai queria cobrir a capela de telha, mas tia Lali não deixou e até se zangou.

A capela possui uma pequena torre, encimada por uma cruz de ferro, e também há um sino de bronze, presente do meu segundo marido, que era arquiteto, para a minha tia. A capela é pequena, porém aconchegante, com quatro fileiras de bancos de madeira em formato de meia-lua, como se rodeassem o altar. É pequena. Nela cabem não mais que duas dezenas de pessoas sentadas. Mas o altar da capela é uma obra de arte, feita em madeira, com adornos de vidro trabalhado, principalmente os jarros, que contêm flores feitas em tecido e em papel crepom; em volta do altar há umas rosas vermelhas feitas de flandre, em três tamanhos. Presente especial de um mestre flandeiro dos mais afamados que já tive notícia, seu Zé do Funil. É assim uma coisa muito bonita, de uma beleza brejeira. Meu marido, à época, por mais de dois anos, acompanhou a finalização do altar.

Embora o padre da cidade jamais tenha rezado uma missa lá, o que significava que ele não considerava a capela de tia Lali pertencente à sua igreja, jamais disse qualquer coisa contra. Lembro-me de que certa vez ele visitou a capela e disse: “Lali, você é muito caprichosa e Deus vai lhe recompensar por tantos cuidados com a sua fé. A sua capela merece figurar nas obras arquitetônicas mais belas e importantes do nosso Estado”.

Sem falar que a imagem da Santa Mártir Antonina possui cada roupa linda e superfina, feitas caprichosamente pelas mulheres do lugar. O que a santa mais recebe como pagamento de promessa é roupa nova. Há um baú enorme com as roupas dela. Pois é, durante anos, a santa da tia Lali era a única que eu conhecia que possuía um guarda-roupa dos mais finos. Era voz corrente que Santa mais chique que a de Lali não havia.

Ainda adolescente, perguntei à minha tia porque a santa de sua devoção se chamava Mártir. Tranqüilamente, disse-me que uma pessoa que foi martirizada, sofreu crueldade defendendo Deus, pode ser santificada sem precisar obrar milagres. Depois entendi muito mais. Quer dizer que não se exige a prova de milagres no processo de beatificação de mártir, basta a demonstração de que aquela pessoa morreu em nome da fé.

Ela era incansável ao contar a história da santa de sua devoção. Santa Mártir Antonina morreu em Nicea, na Bitínia, hoje Turquia, no século IV, durante o governo do

sanguinário imperador Diocleciano. Denunciada como cristã, foi presa e condenada à morte. Foi torturada: teve as mãos e os pés queimados com ferros em brasa. Em seguida, amarrada, foi colocada numa cela com o chão forrado com brasas, onde ficou por dois dias. Levada outra vez ao Tribunal, reafirmou a sua fé. Foi colocada dentro de um saco e jogada no fundo de um lago. Era o dia 4 de maio de 306, ou 1º de março, ou 12 de junho (no calendário gregoriano).

As datas diferem conforme os vários calendários, assim como a forma de sua tortura e morte. O calendário grego dizia que ela fora decapitada; o egípcio, que fora queimada viva; e o siríaco, que morrera afogada. No século XVI, o cardeal e bibliotecário do Vaticano, César Baronio, unificou os calendários litúrgicos da Igreja, a pedido do Papa Clemente VIII, com os santos comemorados em datas diferentes no mundo cristão, que resultou no *Martirologio Romano*, algo como um dicionário dos Santos da Igreja de Cristo de todos os tempos, que manteve Santa Mártir Antonina como se fossem três santas distintas. Mais tarde a confusão foi desfeita.

A capela foi inaugurada no dia 12 de junho, Dia da Santa Mártir Antonina. Mas antes de a capela existir, minha tia já fazia a Novena de Santa Mártir Antonina e, no 12 de junho, era cantada a Ladainha de Todos os Santos e a ela oferecida.

Enquanto rememorávamos, o telefone tocou. Maricota, depois de atendê-lo, disse-me:

— É o prefeito. E vê se atende como gente. Deixe de ser abusada, mulher!

Era Pablo realmente. Convidava-me para almoçar ou jantar. Não em Grotões dos Bezeras, mas numa cidade próxima, a cerca de meia hora de carro. Disse-lhe que poderia almoçar, mas teria de estar em casa na hora do terço, por volta de um pouco antes das 18 horas. Pediu que eu não comentasse nada com Maricota, porque corríamos o risco de a cidade toda saber antes de chegarmos a São Lourenço. Rimos.

Maricota perguntou o que eu gostaria de almoçar. Disselhe que qualquer coisa mais frugal. Que ficasse à vontade para escolher o que quisesse fazer para o almoço.

— Mas frugal é o que mesmo, Dra. Cássia?

— Uma coisa simples, boa, bonita, gostosa, mas leve, com pouca gordura.

Passei a manhã arrumando as roupas da tia Lali. Eu poderia dizer até em que ocasiões ela usou muitas delas a primeira vez, pois a maioria eu a presenteei. Já decidi o que fazer com as roupas dela. Vou presentear as suas colegas com elas. Mas como Maricota adora me contradizer e contrariar, saiu-se com mais uma de suas maldades:

— Sei não! E será que elas vão querer? Só se for a Socorrinha.

— E por que não? Me diga! E por que só a Socorrinha haveria de querer?

- E a doença da mãe Lali? Não pega? Como é que você vai dar roupa de defunta que morreu de doença que pega? Acho que, se alguém quiser, só se for a Socorrinha...
- Maldita santíssima ignorância. Ô, Maricota, desde a hora em que pisei aqui e vi sua cara de desarvorada, morta de medo porque estava cuidando de tia Lali, eu disse que câncer é uma doença que não pega! Mas por que só a Socorrinha vai querer e as outras não, me diga?!
- Pega e mata, também já lhe disse! Todo mundo sabe. Aí é mentira? Tanto mata que mãe Lali está mortinha e enterrada debaixo de sete palmos de terra.
- Ela morreu porque não quis se tratar. O dela era um câncer de mama, que, hoje em dia, se tratado a tempo, tem cura em quase todos os casos, mas ela não quis seguir o que mandou o médico! Se comportou como se não tivesse nada. Escondeu até de mim.
- Pra que passar por aquele sofrimentão todo do seu pai e da sua mãe? Foi o que ela me disse muitas vezes. Ela sabia tanto que não adiantava nada de nada fazer o que o médico mandou que não quis se tratar. Sabia mesmo porque foi ela quem cuidou do seu pai e da sua mãe, até a hora em que deram o derradeiro suspiro. Ou se esqueceu?
- Ô, Maricota, papai teve câncer de pulmão, que, quando descobriu, já era muito tarde, mas assim mesmo ele quis se tratar. E mamãe teve um câncer de intestino, daqueles muito raros, e também já descobriu tarde demais. No caso deles, eram tipos da doença que até hoje não têm cura garantida.
- Fico besta, bestinha de você dizer que essa doença tem cura e que não pega. Aliás, tudo o que vocês dizem que não pega, eu sei que pega. Você sabe que aquele seu marido que era médico só falava mentira. Nunca acreditei nele. Mentia tanto que emprenhou a sua empregada dentro de sua casa. Ou ele lhe contou?
- Isso não vem ao caso. Falo da vida pessoal do meu exmarido. O que passou, passou... Mas ele era um médico excelente e as orientações dele você deve respeitar.
- Nan-nan-nan... Doença de açúcar no sangue, pega; pressão alta também pega; e essa outra doença feia, que nem vou dizer o nome dela, pega. Você se lembra de que sua mãe não tinha pressão alta, não tinha diabetes, e nem essa doença feia? Era sadiinha, sadiinha. Aí seu pai apareceu com essas doenças e ela foi pegando uma por uma. Como não pega?

- Ah, por Deus. Foi apenas uma coincidência! Ambos possuíam estilos de vida idênticos, viviam do mesmo jeito, comiam as mesmas coisas...
- Não vou acreditar nisso, não! Você pode dar as roupas de mãe Lali pra quem você quiser. Mas não me dê nenhuma que não vou querer. Por mim, a gente queimaria tudinho com gasolina e enterraria as cinzas pra não ficar espalhando doença feia por aí...

Vendo que não conseguia encontrar os argumentos suficientes para convencê-la, eu a deixei resmungando e fui fazer outras coisas. E me dei conta que precisava encontrar uma forma de explicar para as colegas da tia Lali que câncer não pegava... Se Maricota estava tão renitente, imagine as outras mulheres. Não todas, pois ela disse que talvez só a Socorrinha quisesse as coisas da tia Lali.

Por volta das 11 horas, tomei banho. Marotamente, com um sorriso nos lábios, coloquei uma camisola nova dentro de minha bolsa. Claro, precisava apostar que poderia rolar algo... Pablo mexia com minhas entranhas. Fiquei melada só de pensar nele...

Um pouco antes das 12 horas, a campainha tocou. Fui atender correndo, antes de Maricota se despencar lá da cozinha. Era Pablo. Vestia calça *jeans* e uma camisa pólo, também azul. Relembrei que, quando éramos jovens, ele usava camisa pólo ou camiseta branca. Raramente usava sapatos. Andava sempre de sandálias franciscana.

- Ô, Maricota? Vou almoçar fora. Não se preocupe que voltarei antes do terço...
- Mas que almoço mais comprido! Vai almoçar em São Luís, é?

Dei uma risada e saí correndo. Queria entrar no carro antes de ela chegar para ver com quem eu estava saindo. Não deu. Ela era esperta demais. Chegou a tempo de nos ver entrando no carro. Sem falar que havia muitas “candinhas” em algumas janelas. Enfim, tudo muito público.

- Tu estás com uma saia muito bonita. Gosto. E cheirosa. Posso...
- Não. Claro que não. Quer dar mais vexame, é?
- Ahahahahahahaha... Imagine. Como tu te achas, Cássia! E não é de agora. Sempre foste assim toda exibida. Nem sabia o que eu diria depois do posso... Aqui em Grotões tu és uma mulher “sambada”.
- Ah, não? Queria me beijar.
- Ahahahahahahaha... Imagine. Não posso ficar mal falado. Beijar-te assim, de público, acaba com qualquer boa reputação.

- Ah, é? Então, vou descer. Esqueci que um homem como você não pode se dar ao luxo de sair com uma pessoa como eu...
- Ahahahahahaha... zangadinha, amor? Calma, deixa de ser birrenta, vai! E aí, queres comer o quê?
- Quer saber mesmo? Você. Mais nada.
- Falo de almoço, Cássia.
- Ah, é?
- Podes escolher qualquer coisa... Queres carne ou peixe? Em São Lourenço, há uma carne de sol muito gostosa, mas há também uma traíra sem espinho, que é muito boa. O que preferes?
- Acho que a traíra é mais frugal.
- Estás mal-intencionada, não? Querendo uma comida frugal... OK. Vamos de traíra. Também gosto muito. E não como há algum tempo.

E começou a acariciar a minha mão. Fechei os olhos porque era um momento de muita doçura e eu queria absorvê-lo...

- Eu te amo... já havia perdido a esperança de, pelo menos, algum dia ficar assim segurando tua mão. Eu quis tanto. A vida toda. Não podes imaginar quanto.
- Mas estou aqui. Nem sei dizer se desejei ou não. Estou feliz que tenha acontecido. Mas não posso dizer que esperava. Acho que não, porém sinto que na verdade nunca resolvemos a força estranha que nos impele um para o outro. Eis o nó que precisamos deslindar. Na cama. Não há outro caminho.
- Nem percebi que ele estava parando o carro, mas quando vi, estávamos com o rosto quase colado um no outro e nos beijamos...
- Oh, meu amor, quero que tu fiques aqui comigo...
- Mas...
- Vamos nos casar. Quero que nos casemos o mais rápido possível. Não fujas mais de mim. Não é só cama. Pensa. Não precisa responder agora. Esperarei o teu tempo. Ou seja, alguns dias... O que vamos esperar? Somos livres...
- Pablo, eu sou relativamente livre, mas você, não. Tem uma filharada que não me tolera. Uma casa cheia de gente...

- Mas não precisamos morar lá. Podemos morar na casa da mãe Lali. Também podemos morar na casa dos teus pais. Posso tentar comprá-la dos atuais donos. Soube que estão um pouco apertados e querem vendê-la.
- Pára de fazer planos sem me ouvir antes. A casa dos meus pais eu não a comprei porque nunca quis. Tenho dinheiro. Acostumei-me com a casa da tia como minha. Há mais de quinze anos, a casa dela é a minha casa daqui. Além do que sou herdeira da casa dela. Não se esqueça. Seria uma ingratidão ter outra casa aqui, não acha?
- Então, tá. Concordo. E vamos nos casar quando?
- Mas Pablo, ainda não dei uma resposta...
- Ah, não? Pensei... Ahahahah!...
- Pensou errado. Vamos nos conhecer mais, ficar mais tempo juntos. O amanhã não dá pra gente definir agora. Hoje, por exemplo, vamos almoçar. Eu gostaria de ficar mais um tempo com você...
- Eu juro que tu não vais me enrolar. Tu és famosa, dona moça. Há histórias e histórias de tuas enrolações com homens.
- Intriga da oposição. Lenda. Nada mais que lenda...

O almoço foi delicioso, muito embora eu me tenha sentido alvo das atenções o tempo todo, pois muita gente veio até à mesa cumprimentar o prefeito, já que as duas cidades são muito próximas uma da outra. Também era meio chato aquela coisa de:

- A Dra. Cássia Almeida de Freitas. Filha de Grotões dos Bezerras, mas uma cidadã do mundo, uma pintora famosa. Orgulho de nossa terra e de nossa gente. Trouxe-a para comer uma traíra aqui.

Ouvi uma mulher dizer baixinho:

- Sei qual a traíra essa aí vai comer ainda hoje. É sem espinha mesmo.

Nós ouvimos e rimos. E não me contive:

- Esperta a mulher, né? Aliás, nem precisa ser esperta. O que faz o prefeito da cidade vizinha almoçando no restaurante de outra cidade com uma mulher praticamente desconhecida?

Ele riu. Terminado o almoço, pedi para passar numa farmácia para comprar escovas de dentes. Comprei camisinhas também. Fui atendida por uma moça sorridente, a

quem perguntei onde ficavam os motéis da cidade. Pedi que escrevesse os endereços dos dois.

— Já que estamos aqui, vamos dar uma passadinha na casa de uma velha conhecida minha?

Fica na rua...

Ao chegar à tal rua, na frente do motel, eu disse:

— Entre ali.

— Como assim, a tua amiga mora num motel?

— Bah, não se faz de besta, entra ou descerei do carro e entrarei sozinha...

— Que mulher mais maluca, meu Deus... O que tu queres fazer aí, Cássia?

— Ficar nua pra você. Preciso trepar. Contigo ou com qualquer um que aparecer. Estou com vontade... Não vamos florear. Sou uma mulher de vida sexual ativa, tenho vontades e desejos... Não vou ficar fazendo hora.

Como ele não tinha alternativas compatíveis com seu jeito de macho-femeiro, entramos... No quarto, ficamos inibidos. Até que ele me abraçou e nos beijamos... E o mundo rodou...

Quando vi, Pablo estava sentado na cama, mamando em meu peito e me desnudando... E sem interromper as carícias foi me arrastando suavemente para o banheiro... A água fria caía em cima de nós enquanto ele me ensaboava... Era uma delícia jamais sonhada no calor que fazia naquela tarde... Enrolou-me numa toalha e foi me secando com uma suavidade que eu entontecia... Depois na cama, enquanto suas mãos percorriam o meu corpo, era como se eu flutuasse, flutuasse... E foi lindo...

Ele falava e falava, de um jeito rouco que eu arrepiava até com a sua respiração quase ofegante em minha nuca... Amo transas conversadas, com conversas safadas, bem safadas... Embora visivelmente emocionado, era bom de safadeza erótica. Muito experiente também.

Mas houve um momento em que tudo ficou muito estremecido, porque ele falou que sofria muito só de pensar que outros homens já dormiram e transaram comigo. Foi como uma faísca elétrica, pois eu respondi, irritada, dizendo-lhe que ele também era um homem bem usado, e eu, apenas, mas gloriosamente, era uma mulher muito e muito amada e indaguei-lhe se isso o incomodava.

Mas deu para sentir que ele aceitaria mais facilmente que eu mentisse, dizendo-lhe que passei a vida inteira suspirando por ele... Que nunca gozara... Coisas de bobagem de homem. Porém ele não perdeu a esportiva e nem o embalo, riu gostosamente e

disse que funcionava como um carro zero quilômetro... Ao que eu respondi que eu não havia nem saído da fábrica ainda, embora já tivesse sido testada e estava tudo OK...

Nossas risadas desanuviaram o ambiente, porém eu fiquei de algum modo inibida em demonstrar meus dotes de mulher livre na cama... Deixei que ele comandasse. Tive de me conter porque eu sou uma mulher que sabe e gosta de mandar na cama. Disse-lhe que qualquer dia a gente poderia brincar de qualquer coisa, pois eu topava e que a imaginação dele era o limite... Deu um largo sorriso. E eu gostei. Muito.

E seguimos, porém não pude deixar de gritar quando ele me penetrou numa suavidade que eu perdi o controle. E gritei, gritei e gritei... E pedi mais, mais, mais... Até me sentir sufocada pela sua boca... Foi uma transa entremeada de lágrimas e de soluços profundos. Ambos chorávamos...

Quando acordamos, o sol já estava indo embora... E ele acariciava o meu corpo. Quando abri os olhos, ele falou sorrindo:

— Pô, tu és mais gostosa do que eu sonhei a vida inteira... Fiquei tão nervoso que fiquei com medo de brochar... Se não foi assim um céu com luar e estrelas, como eu ardentemente desejei que fosse a melhor e mais gostosa trepada de tua vida, desculpa, tá?

— Ah, foi?

Balançou a cabeça afirmativamente.

— Que dia vamos brincar de tua “primeira vez”? Eu quero! E de putinha? Quero que faça um *strip-tease* para mim. Exclusivo!

E, mais uma vez, nós nos enroscamos um no outro num abraço que parecia infinito...

— Eu quero mais sobremesa...

— Aqui? Mas como?

— Quero mamar um pouquinho mais, deixa? Vai te lavar, vai!

Rimos... Parecia que, estando juntos, o mundo era uma festa para nós. E havia algo na voz do Pablo que não apenas me acalmava, mas me convencia... Eu tentava resistir, mas não era possível... Era algo assim, ao mesmo tempo em que o queria, eu sentia um quê de repulsa... Era um sentimento de que ele poderia apoderar-se de mim...



# Vamos passar na casa da Socorrinha?

— Vamos passar na casa da Socorrinha?

— Pra quê? Você sabe onde é?

— Claro que sei. Levei mãe Lali muitas vezes lá. Socorrinha foi ama de todos os meus filhos. Ah, isso, de certeza, tu não sabes. Quero ver como ela está, pois mora sozinha e a família não é lá muito próxima dela. Ela mora numa chacarezinha distante da casa de mãe Lali umas 2 léguas... Eu até que tentei que ela morasse mais perto de mãe Lali, mas elas eram muito discretas e não quiseram. Embora todo mundo soubesse do xodó de uma pela outra. Mesmo assim, elas se comportavam como se ninguém soubesse. E todo mundo fazia de conta que não sabia. Diziam que a Brígida também era um xodó da mãe Lali. É por isso que a Socorrinha e a Brígida são “políticas”.

— Políticas? Como assim?

— É que aqui a gente chama pessoas adversárias, ou inimigas, de “políticas”, dado o acirramento das disputas eleitorais numa cidade pequena. Não lembra?

Comecei a ficar tonta. Parecia estar sonhando com alguém me falando tudo aquilo. Sem perceber, realmente, quis passar ao largo. Relevei. Fiz de conta que não ouvi.

— Você não tem de “preferitar” hoje, não?

— “Preferitar?” Mas...

Ri até ficar engasgada. E a cara do Pablo era de interrogação, o que tornava a cena mais engraçada ainda.

— Sim preferitar. Trabalhar como prefeito. Aí foi a vez de ele cair na gargalhada.

— Todo mundo sabia e fazia de conta que não sabia o quê?

— Delas duas.

- Ô, Pablo, do que está falando?
- Não venha me dizer que não sabe? Morde aqui, ó!
- Eu não sei mesmo do que está falando...

Com ar incrédulo, ele parou o carro e lentamente, olhando-me atônito, fez-me um carinho gostoso e inusitado, passou a língua lentamente em meu pescoço, e desembuchou:

- Como tu, a queridinha da mãe Lali, a vida toda, não sabes que ela foi uma mulher de muitos amores por outras mulheres? Não sabes que ela se amasiou com Brígida, por mais de quinze anos, que até largou do marido por mãe Lali? Que ela depois se engraçou de Socorrinha, que nunca se casou com ninguém, por se ter enxodozado por mãe Lali?
- Mas que história incrível! Agora faz sentido que Maricota fica dizendo o tempo todo: “Só se for a Socorrinha”...
- O quê?
- Nada, nada...
- Mas você empalideceu e está suando...
- É o calor, o susto... Mas por que você só foi me dizer isso agora?
- Não é que eu disse. Apenas comentei algo que pensei que soubesse...
- Você disse que Socorrinha e Brígida são intrigadas? Eu não sabia. A Brígida sempre foi muita amiga da titia. Quando cheguei agora, havia até um chinelinho de pano novo, feito por ela, para mim...
- É que mãe Lali se encegou por Socorrinha, que passou a ser a principal, mas nunca deixou a Brígida a ver navios, não! Na verdade, ela se relacionava com as duas. Era um azogue a mulher. Brígida, que era a matriz, passou a filial.
- Ah, você está brincando!... Chamar titia de azogue sexual... É muito, não?
- Não e não. Todo mundo sabia e fazia de conta que não sabia.

Ao chegar à casa de Socorrinha...

- Ô minha rosa, como estás formosa! Lali morreu feliz por ter te visto. Ela dizia que só morreria quando tu chegasses... Que não entraria no reino de Deus feliz se não tivesse visto a filha dela antes de partir... Vou esquentar a água para um

cafezinho bem fresquinho. Se abanque, prefeito, a casa é simples, mas é rica da graça de Deus!

- Cássia, quer café com açúcar ou com rapadura, filha? E você, prefeito?
- Que pergunta, Socorrinha? Eu sou é homem da roça, do tempo de antigamente, só tomo café adoçado com rapadura, esqueceu?
- Não esqueci não. E aí, vão fazer o gosto de Lali? A sua derradeira vontade?
- O que você acha? A rosa de vocês é arisca, mas...
- Pablo! Deixa de ser pavão...
- Pavão? Eu? Socorrinha, eu passei aqui foi pra encomendar umas garrafadas daquelas tuas porque a rosa é fogosa demais, mulher!
- E, já?! Vocês não perdem tempo...
- Ora, já!
- Lali tinha razão quando dizia que o senhor só ia abaixar o facho quando Cássia lhe pegasse de jeito... “Esse aí, só vai sossegar quando Cacá deixar que ele afogue o ganso nela”.
- Ela tinha razão. Já pegou. Tem um fogo que só vendo. Bem, eu deveria saber, porque, tendo sido criada pela fogosa da mãe Lali, aprendeu... Nem sei se vou dar conta, não! Me socorre, mulher.

Os dois caíram na gaitada e pareciam não ter como parar. E ficaram recontando a história que deu origem à expressão “afogar o ganso”. Conta-se que, na China rural, havia muita criação de gansos e que era comum os homens fazerem sexo com ganso e que, antes de ejacularem, enfiavam o pescoço do mesmo num tonel de água, pois os espasmos anais do ganso, ao se afogar, possibilitavam uma sensação maior...

Mas Socorrinha, depois de rir da história do ganso, voltou à conversa anterior.

- Desculpa, Cássia. Pablo, respeite os mortos. Não fale da vida de Lali, que Deus a tenha.
- Deus? Ou o diabo? É que dizem que mulher que *furunfa* com mulher não vai pro céu, né?
- Besteira, meu filho. Mas vai. Precisar não precisa, não! Porque teve o céu aqui. Mas vai, pois tudo que é tipo de amor foi Deus quem deixou, né? Não fosse, não

existia, porque nada na face da Terra existe sem a permissão de Deus, fique sabendo. Deixa eu ir passar o cafezinho pra nós...

— Espera. É verdade, Socorrinha?

— O quê? Eu e Lali? Ora se era! Eu nunca amei ninguém na vida fora Lali. A vida toda. A única pessoa que conheceu essas carnes deste corpo aqui foi ela. Nunca tive outra pessoa na vida. Nem homem e nem mulher. Só ela. Lali também nunca teve nada de sexo com homem. Foram quase cinqüenta anos de amor. A mulher dela era eu. Aquela Brígida era uma puta dela de vez em quando. Mas Lali só ia atrás dela quando a gente brigava e ela queria me enciumar...

É bem verdade que eu a tomei da Brígida, que nunca deixou a cegueira pela Lali... Mas eu fui o amor de Lali por mais de quarenta anos. Naquele tempo eu era uma meninota duns 16 anos. Agora estou com 68. O prefeito sabe. Sempre soube porque uma vez pegou a gente na safadagem na beira do riacho. Foi ou não foi, prefeito?

Pablo, rindo com uma cara das mais safadas do mundo, limitou-se a balançar a cabeça afirmativamente. Naquela hora eu me dei conta de que ele ainda tinha um ar de menino. É incrível como algumas pessoas conservam uma cara jovial, e até mesmo de criança, mesmo na velhice.

— Ele estava lá também no Porto das Lavadeiras, num dia bem cedinho, amanehecendo o dia, com “umazinha”, que era casada... Não foi, prefeito? Aí todo mundo tinha de guardar segredo. Nunca falamos sobre o acontecido. Mas era um segredo de nós quatro. Naquele tempo eu era ama dos filhos dele, que fui por muito tempo.

— É. Socorrinha se aposentou trabalhando lá em casa.

Morou lá até quando fez a casa dela.

— Este ninho de amor. Foi aqui que eu e Lali vivemos nosso amor por muitos anos. Cada coisa aqui tem a cara dela, desde as plantas do jardim da frente às fruteiras... Tudo aqui fizemos juntas. Era nosso divertimento plantar e ver crescer as fruteiras e os pés de flores.

Dei uma olhada de 360° naquele lugar... E não pude deixar de ficar enternecida e impregnada de beleza... Era uma casinha simples e pequena, com um alpendre em volta, do qual pendiam imensas folhas verdes de jibóia, tão brilhantes que pareciam enceradas, no alto de uma pequena serra, onde se chegava por uma estradinha de chão muito arborizada, bem perto da estrada principal, não mais que uns 200 metros. Tanto que, da estrada, via-se a casa e toda a extensão da estradinha que ia até à casa...

Na frente da casa, uma amendoeira frondosa e em volta dela um banco.

O jardim era antigo. Quero dizer que só havia plantas antigas, muitas das quais esqueci o nome, mas havia diferentes tipos de pingos de ouro. Havia um roseiral, com tantos tipos de rosas, que jamais poderei descrever, pois não sei os nomes, mas era uma beleza de olhar...

E no quintal, havia um pomar. Do que minha vista alcançou, posso descrever um pequeno bananal bem nos fundos, uma meia dúzia de pés de mangas, alguns pés de laranjas, lima e limão, muitos pés de mamão, duas jaqueiras, que estavam carregadinhas de fazer gosto, dois pés de carambola, um de graviola e uma fileira de pés do que chamamos na região de cocos da praia. Perto deles havia um galinheiro e um chiqueiro de porcos.

Vi também uma pequena horta nos fundos da casa, em canteiros altos, em formato de jirau, por causa das galinhas e outros bichos, onde havia cebolinha, coentro, tomate, alface e uns pés de couve. Nada mais. Por aqui não se come habitualmente verduras, fora aquelas dos tempos de roça, como abóbora, jerimum, cará, inhame, pepino e quiabo.

Quando meu olhar pousou outra vez no jardim, foi como se eu estivesse acordando de um sonho porque as rosas inebriavam o olfato e o olhar. Indaguei de Socorrinha como fazia para aguar aquele mundo de plantas. Não havia água encanada por ali. Fora do período das chuvas, aquela era uma região muito seca do sertão, onde no verão fazia um calor de torrar, porém as manhãs eram frescas, de certo modo frias, sobretudo nos meses de junho e julho. Lembro-me bem de que usávamos pijamas de flanela para dormir quando crianças.

Ela respondeu, toda coquete, com um largo sorriso, e então eu a percebi como uma bela matrona da roça, ainda viçosa, vistosa e linda que era, puxando água do poço, que era bem fundo, com a mão. E pude imaginar a trabalhadeira que dava aquela beleza toda. E acrescentou:

- O Zezinho de Dona Noca, aquele menino dela fraco do juízo desde que nasceu, no verão agua as plantas duas vezes por semana. Dou a ele um trocadinho. Ele também capina e “barre” o jardim e o quintal uma vez por semana. Foi Lali quem arrumou pra ele fazer esses servicinhos, assim ajuda a mãe dele que vive só da aposentadoria do “Funrural” e tem uma “renca” de neto pra sustentar porque as filhas dela, todas empregadas em “casas de família” na cidade, arrumam uma filharada sem-fim e voltam pra casa da mãe só pra parir. E deixam as crias. De modo que Dona Noca está com a casa cheia de netos. Uns dez ou mais.
- Pablo, não lhe parece um jardim de Rachel de Queiroz?

— Jardim de Rachel de Queiroz? O que é isso?

Ri e expliquei que era o jardim da crônica dela, “Agora quero falar de flores”, na qual ela constata que atualmente, sobretudo nas cidades grandes, não há mais manjericões, manjeronas, alfavacas e demais ervas cheirosas, como alecrim e malva-rosa.

— Bem, mas aqui na casa de Socorrinha, tem tudo isso e muito mais. A crônica dela é tão bonita que mais parece uma poesia. Ela fala sobre as velhas rosas tradicionais; as rosas PaulNeron, popularmente conhecidas como palmeirão; rosa Amélia, de tonalidade rosa-claro; rosas de cacho, com as quais as moças enfeitavam os cabelos; rosas mariquinhas; e rosas príncipe-negro, de aparência aveludada...

Socorrinha que, embevecida, ouvia a conversa, de repente interrompeu-me:

— Temos delas todas aqui em nosso roseiral... E muitos tipos de rosas trepadeiras também, que, para mim, são as mais bonitas.

— Dizem que há mais de 5.000 tipos de rosas, a rainha das flores. Já li que para obter 1 quilo de óleo essencial de rosas, necessitamos de 5.000 quilos de pétalas de rosas. E para 30 gramas de solução concentrada de jasmim, é preciso 4.000 mil quilos de pétalas de jasmim. O que mais diz Rachel de Queiroz em sua crônica?

— Gosto tanto que sei quase toda de cor... Olha um pedacinho que acho lindo: “Flor tem moda como roupa de mulher. E as plantas do tempo antigo, flores, folhagens e ervas de cheiro, ninguém as cultiva mais. Agora são só aqueles estúpidos fícus italianos que parecem feitos de plástico, os antúrios e até tulipas”.

— Tu sabes, Cacá, que eu aprendi a comer salada de flores aqui na casa de Socorrinha? Aliás, eu só como as flores daqui porque ela jamais colocou qualquer tipo de agrotóxico nas plantas daqui.

— É engraçado como pouca gente conhece salada de flores aqui no Brasil. Sabia que fui eu quem ensinou a tia Lali a fazer salada de flores? Comi lá pela Europa e adorei. Logo que cheguei aqui, meti na cabeça dela que era bom. Acabou que virou um prato aqui da região. Mas muita gente ainda acha estranho, não é, Socorrinha?

— Agora nem tanto. Vendo muitas flores pra salada e ensino até as receitas. Lali tem num caderninho um monte de receitas de salada de flores.

— Eu não sabia que tu havias introduzido comer flores por aqui.

- Não é bem assim. Já se comia cambuquira (flor de abóbora), desde sempre. Mas era assim tipo “comida de pobre”. Mas tia Lali fazia flores de abóboras recheadas com queijo, fritas, empanadas em ovo e farinha, colocava na sopa também. Na verdade, não é que não se come flores no Brasil, pois couveflor, o brócolis e a alcachofra são flores. Muita gente esquece. Os ingleses sempre comeram *marshmallow* (*Althaea officinalis*) em saladas, como doces, e faziam mucilagem das raízes. Na época da rainha Vitória, foi inventado um prato sofisticadíssimo, que era de pétalas de rosa cristalizadas, cuja receita é simples: cobre-se as pétalas de rosas com clara de ovo e um pouco de água. Serve-se polvilhadas com açúcar. Mas são flores comestíveis as rosas, begônias, capuchinhos, calêndulas, amoresperfeitos, crisântemos, tulipas, flores de alfazema, cravinas e verbenas-limão. Com rosas, faz-se saladas, geléias e tortas. Já comi até sorvete de rosas. Uma delícia. As flores da carambola são deliciosas em saladas. Mas o cuidado é saber quais são as flores venenosas: as azaléias e o bico-de-papagaio, por exemplo, são. Não se deve esquecer de tirar o pezinho da flor porque ele e os pistilos podem causar alergia.
- Mas a gente não come só saladas de flores, não. Fazemos refogadinha, com um molhinho de pouco caldo, com alho e no azeite doce. Fica bom demais. Melhor que muitas carnes.
- Também podemos aromatizar vinagre e azeite com flores; enfeitar outras saladas com as flores; e cubo de gelo com flores, fica lindo.
- Como tu és versada em flores comestíveis, hein, Cacá? Minha mulherzinha sabida!
- Oh, Pablo, bobagem! Mas, Socorrinha, você nunca quis se casar?
- Como assim? Eu tinha a minha mulher que eu amava e ela a mim, entendeu ou está difícil de entender? Gente, deixa eu ir fazer nosso café...
- Socorrinha, quer dizer que você é virgem e a tia Lali também era?
- Bem, virgem, virgem, eu não sei. Por que estripulias a gente fazia demais uma na outra, Ave-Maria! Fico até arrepiada só de falar. Mas se virgem é cabaço que nunca viu coisa de homem, eu ainda sou e Lali também era.

Depois de um pouco de silêncio, ela saiu com um ar matreiro e eu falei:

- Pablo, estou zozna! Que duas mulheres porretas, cara! Nunca pude sequer imaginar... Corajosas demais. Então, você sabia das duas desde o começo, não era? Está explicada a implicância da tia Lali com você!

- Implicância nada, Cássia. Era tudo fita da velha. Ela me adorava porque eu sabia um segredo dela e nunca falei pra ninguém. O resto era fita, lero...
- Pablo, há outras lésbicas entre as carpideiras?
- Não sei, mas deve haver. Pergunta à Socorrinha. Ela deve saber.
- Putz, até você diz “pergunte à Socorrinha”. Ela deve ser a mulher mais sabida do lugar...

Fui à cozinha e perguntei, baixinho, ao ouvido de Socorrinha, como foi a primeira vez dela e da tia Lali, porém ela me olhou como se me estivesse repreendendo e falou firme e até um pouco exaltada:

- Olha, Cássia, deixe isso pra lá. Cada pessoa sabe de si. Deixe a vida dos outros de mão. Isso é assim desde que o mundo é mundo, minha rosa. Mas não pense que a mulherzada vive assim sem um consolo. Não pode. Ninguém agüenta. A carne pede. Ou tem um homem que todo mundo sabe, ou tem um homem ou uma mulher incubada. Sem responder ao que o corpo pede, é que não se fica. Isso eu te garanto. Carinho faz parte da vida.
- Entendi. Mais do que entendi. Está bem. Mas me diga umas coisas sobre os ritos funerários de tia Lali que eu não entendi.
- Posso. Realmente você não sabe mesmo. Nunca tinha assistido a um enterro de uma carpideira. Mas há coisas que você vai ficar sem entender, porque não é carpideira. Há coisas que só nós sabemos. Segredo do ofício. Falando nisso, a capela da casa de Lali é nossa. Está no terreno da casa dela, que agora é sua, mas ela é nossa. Eu bem disse a Lali que fizesse a separação do terreno da capela do terreno da casa. Fazia tempo que eu vinha dizendo isso, mas ela não quis, pois dizia que confiava em você, que você jamais desalojaria a gente de lá. Ela também tinha medo de passar o terreno da capela pro nome de alguma de nós e, se a gente morresse, a nossa família ficava de dona. Ela tinha de certeza que a capela só continuaria sendo nossa em suas mãos.
- Geeente, quanta coisa e quanto mistério! Você precisa me dizer muito mais sobre tudo isso para que eu compreenda um pouco, pelo menos.
- É, mas não vou falar agora não. Há coisas que precisam ficar só entre nós duas e o prefeito não tem de saber, não! Posso confiar? Então, vamos marcar pra depois, sem muita demora. E vamos tomar nosso café lá na sala ou no terreiro

que começa a ficar bem fresquinho na boca da noite. Corre um ventinho bom ali debaixo do pé de amêndoa.

Nisso Pablo chega à cozinha.

- O que estão confabulando aí as duas bruxinhas?
- Nada. Só vim dar uma olhadinha na cozinha de Socorrinha...
- Sei, sua fogosa! Deves ter vindo dizer a ela que queres uma garrafada bem potente... – exclamou.

E dando uma piscadela, disse-me: – Fogosa, gos-toooooooooooooooooo-sa... – e deu um beliscão carinhoso em minha bunda. Abraçados, caímos na risada...

Lá fora começava uma orquestra de grilos... E eu nunca fiquei tão feliz ao ouvir os grilos... E tomamos nosso café ao som dos grilos, enquanto o anoitecer se preparava...

Socorrinha disse que não mataria um franguinho rapidinho e o faria ao molho partido para que jantássemos com ela porque precisava descer para a cidade para o terço na capela. Agradecemos, dizendo-lhe que, além do terço, nós também precisávamos chegar logo em nossas casas, antes que Grotão dos Bezerras encenasse uma caçada atrás de nós, pois, àquela altura do tempo, a cidade deveria estar fervendo. E caímos os três numa estrondosa gargalhada. Perguntei-lhe se queria ir conosco, mas ela disse que o filho de Dona Noca ia passar para buscá-la num Jeep e que levaria outras amigas que moravam ali por perto. Mas ficou marcado que, no dia seguinte, Socorrinha levaria o frango para casa da tia Lali e faria um almoço para nós lá. A sugestão foi do Pablo, que disse que eu ainda teria muito o que conversar com ela para poder tomar algumas decisões. Mesmo espantada, concordei.

Já no carro, perguntei-lhe quais os outros mistérios que a morte da tia Lali desvendaria para mim. Ele fez de conta que não ouviu. Ao insistir, não se fez de rogado.

- Olhe, Cássia, não sei se são mistérios, mas a mãe Lali era cheia de segredinhos com essa história de suas colegas. Por exemplo, há a casa dela, que é tua há muito tempo, já que ela passou em documento, como é do teu conhecimento. Mas há a capela, que é no mesmo terreno, que é das carpideiras. Mas está em teu terreno. Ela sempre disse às carpideiras que a capela era delas. Para manter a palavra de mãe Lali, tu és dona de uma propriedade que não podes vender. Mas é algo que te trará gastos.
- É, Socorrinha já falou comigo. Claro que vou manter a palavra da tia Lali. Penso em fazer um acordo com as carpideiras. Elas ficam responsáveis pelo cuidado

com a casa, sem que eu lhes pague nada oficialmente. Em troca podem usar a capela e até a casa quando eu não estiver aqui, assegurando que Maricota terá usufruto da casa, ou seja, pode morar nela, se quiser, até morrer. Mas, caso ela se case, não permitirei que se abanque em minha casa com marido, não. Assim, ela deixa de ser minha empregada, poderá trabalhar em outra casa ou fazer outras coisas pra ganhar a vida. Penso em registrar um documento, pra depois não aparecer alguma cobrando salários e nem direitos trabalhistas. O que você acha?

- Quer dizer que vais despachar Maricota? Ela vai viver de quê?
- Ô, Pablo, não há sentido de manter uma empregada doméstica aqui se nem sei se algum dia ainda voltarei por aqui! Não tenho mais parentes e nem motivos. A pessoa que me fazia vir aqui, que era titia, já morreu. Não tenho necessidade de manter nada aqui. Vou vender tudo, tudo, que nem é muita coisa de valor. São recordações de família. Há o conjunto de salas no mercado, que na divisão da herança ficou para mim. Um total de dez salas alugadas e o terreno onde fica o posto de gasolina. Mais nada, pois a casa da tia Lali não está à venda. Vou deixar aí. Talvez um dia eu possa passar para as carpideiras, já que vou lhes propor criar uma associação. É a única maneira que me ocorreu de não se tornar uma herança de nenhuma das famílias delas. Mas é algo que ainda vou pensar.
- Até a chácara da Socorrinha tu vais vender? E ela vai morar onde?
- Como a Chácara da Socorrinha? O que tenho a ver com a chácara dela? Ela é dela.
- Não, ela é tua!
- Como minha? Ficou maluco?
- Não, é que ela está em teu nome.
- Está brincando, ou ficou maluco?
- Não. É meio enrolado, mas tu és herdeira da Socorrinha. Sei de tudo porque fui eu quem arrumou toda a documentação, conforme mãe Lali deu as ordens. Ora, elas eram casadas. Mãe Lali e Socorrinha. E tu eras a filha das duas. O negócio é que a família da Socorrinha, quando desconfiou que ela e mãe Lali tinham um caso, expulsou-a de casa. O pai bateu-lhe tanto que ela ficou um bom tempo doente de tanta pancada. Só não a matou porque os vizinhos chegaram a tempo e a carregaram pra outra casa no povoado. Nunca mais ela pôs os pés na casa

dele. Moram aqui pertinho, num povoado a umas 5 léguas de Grotões, ali pras bandas da Serra dos Leônios.

- Mas é incrível como as famílias tratam a sexualidade das filhas por aqui. Não dou conta disso. Se descobrem que a filha transou, arrumam um jeito dela se “casar na Polícia”, mesmo que, terminado o casamento, um saia por uma porta e o outro pela outra. Mas está bem. Lavou-se a honra familiar com o casório. Mas se não casa ou fica grávida, em geral botam pra fora de casa... E se descobrem que está se relacionando sexualmente com outra mulher, adeus. É certo que botam pra fora de casa... Um horror.
- É. Sempre foi assim. Imagina a desonra de uma família sertaneja de moral arcaica ter uma filha que gosta de mulher. É como se o mundo tivesse acabado. Também não aceitam filho “baitola”... São expulsos de casa também. Não é à toa que não se vê “viado” por aqui. Na medida em que desconfiam de um filho, mandam embora.
- Nooossa, há muito tempo não ouvia ninguém falando “baitola”. Digo essa palavra de vez em quando. Aí tenho de explicar que é o mesmo que *gay*. Dizem que remonta ao tempo da construção da primeira estrada de ferro do Ceará. Li em algum lugar, recentemente, que o chefe da obra era um engenheiro inglês, um *gay* cheio de trejeitos e afetação, que repetia: “Atenção para a baitola”. Isso se referindo à bitola (distância entre os trilhos).
- Eu não sabia! Mas bem, naquela época a Socorrinha trabalhava em minha casa. Aconselhado por mãe Lali, comprei aquela chácara e dei pra Socorrinha, registrada em cartório. Ela cuidou dos meus filhos desde que nasceram. Depois de um tempo, a mãe dela adoeceu e ela foi pressionada pela família para vender a casa pra arrumar dinheiro pra mãe se tratar na capital. Foi outra esbórnia. Era o pai, os irmãos e as irmãs em cima dela. O interessante é o lado de exploração dos fatos. Nenhum deles se dispunha a vender uma galinha de suas propriedades para fazer dinheiro pra cuidar da mãe. Mas achavam que Socorrinha deveria ficar sem teto. Um bando de gente ordinária. Quando eu soube, já foi pela boca de sua tia, que me procurou na tentativa de buscar uma solução, ela já estava com a saída pronta. Mandou que eu fosse ao cartório com Socorrinha pra ela passar um documento dizendo que a chácara era sua, porém ela ficava com o usufruto do imóvel. E assim foi feito. Está sacramentado há mais de quinze anos, se não me engano.

— Mas não é possível! Me acontece cada uma! E o pior é que ninguém me perguntou nada antes de me colocar na encrenca.

Durante o mês seguinte, fiquei assuntando as carpideiras e fiquei mais próxima de todas elas. Durante os seis dias em que elas “tiraram” o terço na capela de minha casa, em memória à tia Lali, não saí de perto delas. Prestei bem atenção, jamais qualquer delas faltou. Chegavam sempre uma meia hora antes. Maricota preparava uma lauta mesa de café com leite, chás, refrescos de frutas da época e quitandas variadas. Após o lanche, que elas chamavam de merenda, iam para a capela. Lá era realizada a cerimônia da reza do terço. Entretanto no sétimo dia, o terço foi tirado no cemitério, na hora do *Angelus*, ou seja, às 6 horinhas da tarde.

Embora um tanto cética, pois não me considero pertencente a nenhuma religião, para mim, acreditar em Deus, sempre depende. Há épocas em que sou atéia, mas, confesso, fiquei encantada com a forma respeitosa, estranha e bonita daqueles rituais. E cada vez mais queria entendê-los.

No sexto dia de terço, porque o sétimo seria no cemitério, elas sortearam na casa de quem seria realizado o primeiro terço fora da capela, já que, nos próximos vinte e dois dias, o terço seria cada dia na casa de uma das carpideiras. A cada fim de terço, seria realizado o novo sorteio. Até o sétimo dia, elas rezaram apenas o terço e era uma cerimônia aberta a quem quisesse participar, de modo que sempre havia gente da vizinhança ou alguma pessoa amiga que vinha de mais longe. Mas quando a reza começasse nas casas das carpideiras, além do terço, elas entoariam alguns benditos, o que tornaria o ritual mais bonito e aconchegante, na minha opinião, pois, quando ouvia benditos, sentia-me mais leve.





# “Bendito, louvado seja...”

Pensando em por que os benditos me deixavam mais relaxada quando os ouvia, procurei obter informações sobre as diferenças básicas entre tais ritos cerimoniais. Não foi fácil porque elas, as carpideiras, achavam um absurdo que eu, tendo nascido aqui, e ainda mais criada por tia Lali, não soubesse as diferenças entre bendito e incelência, e de ambos com uma reza, e por aí vai. Além de não entender por que em alguns momentos se faz uma coisa e não outra. Mas, prestando atenção, fui aprendendo a distinguir uma coisa da outra.

De qualquer modo, parece-me claro agora que a ladainha é um canto ou uma prece cerimonial, uma espécie de diálogo, baseado na liturgia católica. Há uma pessoa que puxa a ladainha e quem está assistindo responde. Uma ladainha é um louvor a Deus, à Virgem Maria e aos santos que se deseja. Então, ladainha é ritual de louvor.

Já os benditos, que são também “canto cerimonial”, no fundamental são cantos sacros populares que começam sempre com a expressão “Bendito, louvado seja”, cantada por uma solista e há um coro que responde ao “Bendito, louvado seja”. Cantam-se em procissões e nas rezas dedicadas a um santo ou santa. Portanto, os benditos só seriam cantados, cada dia dedicado a um santo, depois do sétimo dia da morte da tia Lali, porque era o tempo de alegria, como elas falaram: “A gente só canta bendito depois da ressurreição, que é, para quem morreu, a data em que está chegando ao céu. A pessoa ressuscita para Deus”.

A *incelência* é canto cerimonial de velórios. E em cada tirada de *incelência*, a palavra *incelência* é repetida doze vezes, sempre, porque doze são as *Tábuas da Lei* e doze eram os apóstolos de Cristo.

Ainda para os mortos, mas não com corpo presente, mas para os que já foram enterrados, há um canto cerimonial chamado de Recomenda ou Encomendação das almas. Na verdade é uma procissão feita em homenagem aos mortos na qual se pede que eles saiam do purgatório e cheguem aos céus. A Recomenda ou Encomendação de mortos é realizada durante a Quaresma ou Semana Santa com a presença de mulheres e de homens, todos com um pano branco na cabeça, à semelhança de um fantasma. O rito consiste em rezar e também cantar benditos. Na rua por onde passa uma Encomendação de Almas, as portas das casas devem estar fechadas e com todas as luzes apagadas.

As carpideiras participam dessa procissão, mas aqui em Grotões há uma família que é responsável por esta atividade, que é a do Seu Joaquim Lavado, pessoa que eu conheci muito. Nunca soube o seu sobrenome. Chamam-no de “lavado”, em referência a um banho de defunto que deram nele. Dizem que, quando bem jovem, um dia ele deu uma sapituca e ficou como morto. Era conhecido como uma pessoa que não gostava de tomar banho. Nem quando chegava da roça. Só lavava os pés para dormir. E no dia em que foi dado como morto, dizem que estava tão sujo, mas tão sujo que as mulheres que deram banho no morto diziam umas para as outras: “Será que agora ele está bem lavado?” A sentinela corria, já alta a madrugada, quando ele despertou e saiu do caixão. E, claro, o velório acabou em correria e gritaria.

Mas voltando aos rituais do carpir, nos vinte e dois dias seguintes, ninguém sequer supunha quem seria a última sorteada, a que ficaria sendo a chefe vitalícia das carpideiras. Fiz um paralelo com a eleição de escolha do papa da Igreja Católica Apostólica Romana. Enquanto o Colegiado de Cardeais, que escolhe um novo papa, é cheio de futricas políticas e assemelhados, entre as carpideiras nada disso acontece. Ao contrário, elas encontraram um modo que explicita ser a vontade de Deus, de a eleita ser mesmo a escolhida de Deus, pois até à véspera nenhuma delas sabe quem será a escolhida.

Aprendi muito com os benditos, pois a partir do oitavo até ao vigéssimo nono dia após a morte da tia Lali, a capela era aberta às 6 da tarde e começava a chegar gente, quase uma romaria, em geral “filho de pegação” (de quem ela fez o parto) da tia Lali para cantar benditos para a alma dela... Aquilo me encantava. Mais ainda porque sempre chegavam com alguma coisa de comida que entregavam à Maricota. Traziam uma galinha, um bode, uma leitoa, saquinhos de tapioca, de farinha, de feijão, fava, azeite de coco, até arroz! No fim da primeira cantação de bendito, perguntei à Maricota para que aqueles presentes estranhos. E ela, na maior calma, disse-me:

- Pra festa, pois não?
- Que festa, Maricota?
- Viiixe, Cacá, tu nunca sabe de nada. Ou faz de conta?
- Tudo bem, nunca sei. Então, me conte.
- É que, quando Deus disser quem será a chefona das carpideiras, a que vai suceder à mãe Lali, é claro que o luto se acaba. E a nova mãe vai ser coroada e festejada. A ladainha vai ser tirada aqui na capela, puxada pela nova mãe das carpideiras e depois tem muita festa e comilança. Assim é que é. Vem todo

mundo. E quem mais quiser. Cada pessoa que vem pros benditos já traz uma coisinha pra ajudar na festa. É de praxe que só vem à festa quem contribuiu pra ela. Ninguém diz, mas é assim. Por isso, todo dia, quem quiser já vai trazendo uma coisinha. E a gente vai só juntando. No dia, já se tem tudo.

Realmente eu não sabia da missa a metade, mas fui ficando cada vez mais envolvida com essa coisa de preparar a festa, mas de um tanto que Pablo dizia que eu iria enlouquecer. Comecei a aprender todos os benditos e os copiava num caderno ao qual dei o nome de *Benditos da Mãe Lali*.

Com uns quinze dias, já havia copiados todos e tive a má idéia de telefonar para Valdir, meu irmão, perguntando-lhe se não deveríamos fazer um livretinho com os benditos e distribuímos no dia da festa da nova mãe das carpideiras. Ele era dono de uma gráfica. Ele quase morreu de rir quando soube o que eu andava fazendo. Não se conteve e disse:

- Quer dizer que agora você também se encantou com as coisas da nossa tia macumbeira, hein? Agora eu vi! Acho que você vai herdar a macumbaria dela toda, toda...

Não foi fácil explicar-lhe que meu interesse era cultural, que eu estava disposta a não deixar morrer essa religiosidade popular das carpideiras que estava descobrindo aos poucos e tudo indicava que elas constituíam uma irmandade.

Ao que ele retrucou:

- Olhe, Cacazinha, fazer o tal livro de benditos, eu faço. Se você já tem todos copiados, fica fácil. E será rápido. Dá tempo, mesmo estando em cima da hora. Farei sim. O tanto de milheiros que você quiser, querida. Mas não invente moda com essas coisas, não! Tia Lali era uma bruxa, disso todo mundo sabe. Eu morria de medo dela. Eu a adorava, mas morria de medo dela mesmo assim. Eu juro. Mas não adorne mais do que isso, não, que não é. Viu? E saiba que eu morro de medo dessa cantação de benditos.
- O que é isso, Valdir? Os benditos são cantos sacros populares e são todos lindos. Quero fazer o livretinho para que essa memória não se perca. Escuta: “*Bendito, louvado seja/O santíssimo sacramento*”.
- Pare, que eu tenho medo... Me dá assim um tremor por dentro, Cacá...

Ao desligar o telefone, não pude deixar de conter o riso e até cantei alguns pedacinhos de benditos. Por exemplo, o *Bendito de Nossa Senhora da Conceição*:

*Bendita e louvada seja  
Senhora da Conceição,  
“Abasta” o nome dela  
Pra nos dar consolação.*

*O dia lá é vem amanhecendo,  
É hora da devoção.  
Acordai o seus devotos,  
Senhora da Conceição.*

*Jesus Cristo verdadeiro,  
Aqui estou em vossas mãos,  
Toma conta da minha alma  
Senhora da Conceição.*

*Oferecemos este bendito  
Ao Senhor que está na cruz,  
Que nos leve até na glória  
Para sempre, amém, Jesus.*

*(Araçuaí-MG, 1978.)*

Aprendi também o sentido da ladainha e como rezar a *Ladainha de Nossa Senhora*. No essencial o vocábulo ladainha, do grego, quer dizer súplica. Desde os primórdios, é um cerimonial coletivo. Uma súplica coletiva, sempre. Sua origem vem de uma lenda que conta que a casa na qual Nossa Senhora morou na Palestina, por um milagre, foi transportada para a cidade de Loreto, na Itália, em 1921! Então, tornou-se motivo de peregrinação ir a Loreto ver a casa de Nossa Senhora, que virou um santuário. A ladainha é, então, um conjunto de súplicas compostas pelos peregrinos ao santuário em Loreto; portanto, chama-se Ladainha lauretana. Posteriormente foram sendo agregados nomes de papas à ladainha.

A nova chefa das carpideiras foi escolhida pelo dedo de Deus. No último sorteio foi conhecida a nova mãe das carpideiras. Elas saíram da casa de Socorrinha, onde estava sendo a reza daquela noite, e foram direto para a capela tocar o sino. Também soltaram uma caixa de foguetes. Era o anúncio de que a nova chefa das carpideiras havia sido indicada por Deus.

Foi uma alegria na vizinhança e quase todo mundo correu para a capela, onde rezaram a *Ladainha de Nossa Senhora* e a *Ladainha de Todos os Santos*, enquanto o mastro de Santa Mártir Antonina era erguido ao lado do cruzeiro da capela. Era um mastro novo que Zeca de Totonha e seus amigos haviam trazido no fim da tarde.

Foi uma cerimônia bonita e cheia de simbolismos. Só depois de terminada a ladainha, elas disseram que a indicada de Deus para mãe vitalícia das carpideiras era Damiana, que foi abraçada por todas as pessoas, que choravam de alegria. Aquele choro de tantas pessoas amigas e vizinhas teve o poder de chamar a minha atenção para algo que eu nunca havia pensado. O poder religioso das carpideiras em Grotões. Dava a impressão de que as carpideiras constituíam algo como uma irmandade e o povo do lugar tinha o sentimento de pertencimento a ela. Eu também me empolguei e rezei a ladainha. Do começo ao fim. Era uma cerimônia bonita. Fiquei emocionada. Mas ladainha é coisa demorada. Tem arte e tem ciência.

### **Ladainha de Nossa Senhora**

**Dirigente:** – Senhor, tende piedade de nós. Jesus Cristo, tende piedade de nós.

**Todos:** – Senhor, tende piedade de nós.

**Dirigente:** – Jesus Cristo, ouvi-nos.

**Todos:** – Jesus Cristo, atendei-nos.

**Dirigente:** – Deus, Pai dos Céus,

**Todos:** – Tende piedade de nós.

**Dirigente:** – Deus Filho, redentor do mundo,

**Todos:** – Tende piedade de nós!

**Dirigente:** – Deus Espírito Santo, Santíssima Trindade, que sois um só Deus, Santa Maria,

**Todos:** – Rogai por nós!

(A partir deste ponto, o dirigente faz as invocações aos títulos de Nossa Senhora e o restante do grupo responde, após cada uma: “Rogai por nós!”)

**Dirigente:** – Santa Mãe de Deus,

Santa Virgem das virgens,

Mãe de Jesus Cristo,

Mãe da divina graça,

Mãe puríssima,

Mãe castíssima,

Mãe intacta,

Mãe imaculada,

Mãe admirável,

Mãe do bom conselho,

Mãe do Criador,

Mãe do Salvador,

Virgem prudentíssima,

Virgem venerável,

*Virgem louvável,  
Virgem poderosa,  
Virgem benigna,  
Virgem fiel,  
Espelho de justiça,  
Sede de sabedoria,  
Causa da nossa alegria,  
Vaso espiritual,  
Vaso honorífico,  
Vaso insigne de devoção,  
Rosa mística,  
Torre de Davi,  
Torre de marfim,  
Casa de ouro,  
Arca da aliança,  
Porta do céu,  
Estrela da manhã,  
Saúde dos enfermos,  
Refúgio dos pecadores,  
Consoladora dos aflitos,  
Auxílio dos cristãos,  
Rainha dos anjos,  
Rainha dos patriarcas,  
Rainha dos profetas,  
Rainha dos apóstolos,  
Rainha dos mártires,  
Rainha dos confessores,  
Rainha das virgens,  
Rainha de todos os santos,  
Rainha concebida sem pecado original,  
Rainha assunta ao céu,  
Rainha do santo rosário,  
Rainha da paz.*

**Dirigente:** – *Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, perdoai-nos, Senhor.  
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, ouvinos, Senhor.  
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós.  
Rogai por nós, santa mãe de Deus...*

**Todos:** – *Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

No período em que estive encantada com os benditos, Pablo retornou a tocar violão. E aos poucos foi readquirindo o gosto pela música, que tanto mexia com ele em sua juventude. Foi quando descobrimos duas crônicas belíssimas de Rubem Alves, que compartilho aqui, pois suas leituras foram balsâmicas para nós. Portanto, também acho que a leitura delas pode ser uma luz para apaixonados na etapa sex(agenária) da vida.

### ***Violinos não envelhecem***

*Rubem Alves*

*Eu a escrevi faz muito tempo – uma estória de amor. Quem a leu, eu sei, não se esqueceu.*

*Por razão do dito pela Adélia: “o que a memória ama fica eterno”. História de amor não inventada, acontecida, tão comovente quanto Romeu e Julieta, Abelardo e Heloísa. O que fiz foi só registrar o acontecido.*

*Preciso contá-la de novo, para benefício daqueles que não a leram pela primeira vez, e a fim de acrescentar um final novo, inesperado, acontecido depois.*

*A testemunha que me relatou o sucedido foi sobrinho, médico-músico, pessoa querida e bonita.*

*Atrasou-se para um compromisso na minha casa, chegou três horas depois, explicando que havia ido ao velório de um tio de 81 anos de idade que morrera de amor. Parece que seu velho corpo não suportara a intensidade da felicidade tardia, e os seus músculos não deram conta do jovem que, repentinamente, dele se apossara.*

*O amor surgira no tempo em que ele é mais puro: a adolescência.*

*Mas naqueles tempos havia uma outra Aids, chamada tuberculose, que se comprazia em atacar as pessoas bonitas, os artistas, os apaixonados – esses eram os grupos de risco.*

*Pois ela, a tuberculose, invejosa da felicidade dos dois, alojou-se nos pulmões do moço, que teve de ir em busca de ar puro, no alto das montanhas, sanatório, tal como Thomas Mann descreve em seu livro – A montanha mágica.*

*Quem ia para tais lugares despedia-se com um “adeus”, um olhar de “nunca mais”.*

*Na melhor das hipóteses, muitos anos haveriam de passar antes do reencontro.*

*Imagino o sofrimento da jovem dividida: o corpo, naquela casa, a alma por longe terra! Na vida daquela menina, que surda, perdida guerra... (Cecília Meireles).*

*Valeram mais os prudentes conselhos da mãe e do pai: não trocar o certo pelo duvidoso.*

*Vale mais um negociante vivo que um tuberculoso morto. E aconteceu com ela o que aconteceu com a Firmina Dazza, que de longe e às escondidas namorava o Fiorentino Ariza, na estória de Gabriel García Márquez, Amor nos tempos do cólera, que foi obrigada pelo pai a se casar com o doutor Urbino: não se troca um médico por um escriturário. Casou e com ele ficou até que, depois de 51 anos, veio a libertação...*

*Ela casou. Ele casou. Nunca mais se viram. Quando ele tinha 76 anos, ficou viúvo. Quando ela tinha 76 anos (ele tinha 79), ela ficou viúva. E ficou sabendo que ele estava vivo. A curiosidade e a saudade foram fortes demais. Foi procurá-lo. Encontraram-se.*

*E, de repente, eram namorados adolescentes de novo.*

*Resolveram casar-se. Os filhos protestaram. Eles, os filhos, todos os filhos, não suportam a idéia de que os velhos também têm sexo. Especialmente os pais. Pais velhos devem ser fofos, devem saber contar histórias, devem tomar conta dos netos. Mas velho apaixonado é coisa ridícula. Não combina. Mais detalhes no livro da Simone de Beauvoir sobre a velhice. E houve também aquela história do programa Você decide: o velho pai, infeliz a vida inteira com a esposa, encontra uma mulher por quem se apaixona.*

*A pergunta: ele deve ou não deve deixar a esposa para viver o novo amor? Você decide... A decisão do público – os filhos, evidentemente: “Não, ele não deve viver o novo amor...”*

*Os filhos sempre decidem contra o amor dos pais. Mas, na nossa história, os dois velhos deram uma solene banana para os filhos e foram viver juntos em Poços de Caldas. Viveram um ano de amor maravilhoso, e ele até começou a escrever poesia e voltou a tocar o violino que ficara por mais de 50 anos sobre um guarda-roupa, porque a esposa não gostava de música de violino. Confessou ao sobrinho: “Se Deus me der dois anos de vida com esta mulher, minha vida terá valido a pena...” Bem que Deus quis. Mas o corpo não deixou. Morreu de amor, como temia o Vinícius.*

*Achei a história tão bonita que a transformei numa crônica a que dei um título inspirado nas Sagradas Escrituras: “... e os velhos se apaixonarão de novo”.*

*Começa aqui o novo final para a história.*

*Passaram-se semanas. Eram dez horas. Eu estava trabalhando no meu escritório. O telefone tocou.*

*Voz aveludada de mulher do outro lado.*

*É o professor Rubem Alves?*

*Sim, respondi secamente. Eu sou sempre seco ao telefone.*

*Quero agradecer a belíssima crônica que o senhor escreveu com o título: “...e os velhos se apaixonarão de novo”. O senhor já deve ter adivinhado quem está falando....*

*Não, respondi. Por vezes eu sou meio burro. Aí ela se revelou:*

*Sou a viúva.*

*Foi o início de uma deliciosa conversa de mais de 40 minutos, interurbano, em que ela contou detalhes que eu desconhecia. O medo que ela teve quando ele resolveu mandar consertar o violino! Ela temia que os dedos dele já estivessem duros demais...*

*Ah! Que metáfora fascinante para um psicanalista sensível! Sim, sim! Nem os violinos ficam velhos demais, nem os dedos ficam impotentes para produzir música! E aí foi contando, contando, revivendo, sorrindo, chorando – tanta alegria, tanta saudade, uma eternidade inteira num grão de areia... Ao terminar, ela fez esta observação maravilhosa:*

*Pois é, professor. Na idade da gente, a gente não mexe muito com sexo. A gente vive de ternura!*

*Aqui termina a lição do Evangelho.*

## **Violino velhos tocam música**

Rubem Alves

*Jesus era sábio. Conhecia os segredos do coração humano. Psicanalista insuperável. Disse: “O homem bom tira coisas boas do seu tesouro. O homem mau tira coisas más do seu tesouro.” Ou seja: a gente sempre encontra aquilo que está procurando. Isso se aplica à leitura que se faz das Sagradas Escrituras. Pessoas que estão cheias de medo, de sentimentos de vingança, de autoritarismo, encontrarão na Bíblia ameaças, castigos, infernos, um Deus cruel e vingativo: parecido com eles. Cada Deus é um retrato de quem acredita nele. É possível fazer uma psicanálise de uma pessoa analisando os seus pensamentos e sentimentos religiosos. Aqueles, entretanto, que estão cheios de sentimentos ternos e que, portanto, não são movidos pelo medo (“O amor lança fora o medo”, diz o apóstolo João) vão tirar daquele tesouro idéias de beleza, bondade e perdão. Seu Deus muito se parece com uma criança: não há vinganças, castigos ou inferno.*

*Digo isso a propósito do que as pessoas tiram das Escrituras Sagradas, quando pensam sobre o sexo. Veio-me à memória um texto, inspirado como todos os outros, em que se descreve os últimos momentos do rei Davi. Esse incidente, relatado nos primeiros versos do livro de Reis, e sobre o qual nunca ouvi sermão, conta que, sendo Davi já velho, todos os cobertores sendo inúteis para aquecê-lo, seus servos tiveram uma idéia terapêutica: “Procure-se para o senhor nosso rei uma jovem virgem que assista o rei e cuide dele: ela dormirá sobre o seu seio e o senhor nosso rei se aquecerá.” Assim se fez. Mas foi inútil. Foi inútil que o rei dormisse ao lado da mais bela jovem do reino. Seu corpo, outrora corpo de homem viril – lembrem-se de Betsebá? – permaneceu inerte. As esperanças de que ele fosse trazido de novo à vida pelas delícias do corpo de uma mulher não se realizaram. Ele não fez amor com ela. Que decepção! E morreu. O que esse texto sagrado diz é que havia a convicção, partilhada por todos, de que o amor sexual tem o poder de realizar o milagre de curar o corpo. O sexo aquece a vida fria. Sexo é remédio. Sexo é alegria. (Os que só tiram coisas más do tesouro concluíram, ao contrário, que sexo é veneno...)*

*Um dos meus textos favoritos se chama Desiderata. “Desiderata” quer dizer “conjunto de coisas que se desejam”. (Vou pedir que o Caderno C abra um espaço para que ele seja publicado. Os que o lerem ficarão mais sábios, se souberem tirar coisas boas do tesouro...) Pois lá está dito, como um desejo: “Aceite com elegância o conselho dos anos, deixando graciosamente para trás os prazeres da juventude.” O sentido não está explícito. O que eu tirei foi o seguinte: sendo os prazeres sexuais prazeres que o senso comum toma como prazeres da juventude, é preciso que os velhos aceitem com elegância as limitações da velhice, para não se tornarem ridículos: na velhice os prazeres do sexo vão também envelhecendo. Que ridículo Davi, indiferente, nos braços de uma linda jovem...*

*De fato, os prazeres da velhice não são iguais aos prazeres da juventude. Escrevi, faz muito tempo, sobre um casal de velhos que havia esperado mais de 50 anos para se casar. Morta a mulher do homem, morto o marido da mulher, os viúvos se encontraram para viver, no pouco tempo que lhes restava, o amor que ficara estrangulado. O velho, 79 anos, ressuscitou. A primeira mulher odiava violino. Ele amava violino. Resultado: para evitar ruídos vocais, ele deixou seu violino sobre o guarda-roupas, por mais de cinqüenta anos. Largado, as cordas do violino arrebentaram e arrebentadas ficaram... Ah! Que triste metáfora para a alma daquele homem, violino impedido de fazer música... Tomado pelo novo-velhíssimo amor, as cordas da alma se afinaram, o violinista ressuscitou do ataúde em que se encontrava preso, e tratou de reformar o violino que estava em cima do guarda-roupa. (Por vezes um violino é mais potente, sexualmente, que o corpo de uma donzela...)*

*E o violino velho, esquecido dos prazeres da juventude, começou a tocar de novo. Essa metáfora me faz rir de alegria. Será isso? O corpo será um violino e a alma será uma música? Há, nos anais da psicanálise, o relato de uma pessoa que sonhava tocar violino em público – e o sentido do sonho era “masturbar-se em público”. Estou meio esquecido. Se não foi bem assim, peço que meus colegas me corrijam, para benefício dos leitores. O que nos interessa é essa deliciosa relação metafórica entre o instrumento musical e os instrumentos sexuais. Afinal de contas, fazer amor é sempre tocar um dueto. É preciso que os dois toquem para que o dueto soe como deve. E o amor foi enorme, no curto espaço em que durou. O violino não aguentou a intensidade da sonata: despedaçou-se antes que ela chegasse ao fim. O velhinho morreu aos 80 anos. Escrevi uma crônica sobre o acontecido.*

*Pois algum tempo depois, recebo um telefonema de uma mulher desconhecida. Era ela! Por quarenta minutos me relatou com detalhes a alegria do amor que ela e o seu amado haviam vivido. E, ao término da conversa, me disse essa coisa linda que, toda vez que conto, choro de emoção: “Pois é, professor. Na idade da gente não se mexe muito (por favor! Observem o muito!) com as coisas do sexo. A gente vivia de ternura!”*

*De fato, sexo na velhice é muito diferente do sexo na adolescência. O adolescente, no seu estado normal, é um drogado. Não me entendam mal. Não estou dizendo que eles cheiram cocaína. Estou dizendo que eles são, repentinamente, invadidos por um vulcão de hormônios que não conheciam, demônios incontroláveis que deles se apossam, alojando-se preferencialmente em certas partes do corpo que se põem a mover dolorosamente, independentemente da sua vontade. Agostinho, no seu livro *De Civitate Dei*, já havia observado essa autonomia dos órgãos sexuais, que se movem sem permissão da razão, criando situações embaraçosíssimas, razão por que o Criador, compadecido da vergonha do homem, providenciou aventais que escondessem os seus genitais descontrolados. Vira um inferno. Não sei sobre as mulheres. Sei que, para os homens, o desejo sexual na adolescência é um sofrimento. Não dá sossego. O curioso é que ele irrompe gratuitamente,*

*sem necessitar de nenhuma provocação. Não é preciso que o adolescente veja mulheres nuas, filmes pornô ou simplesmente tenha pensamentos libidinosos. O desejo sexual, na adolescência, independe de um objeto. É um desejo puro, bruto, irracional. Para quem não entende o que estou dizendo vou me valer de uma comparação: parece-se, em tudo, com o desejo de fazer xixi. A bexiga vai inchando, inchando, começa a doer, a dor vai crescendo, torna-se insuportável. Não há alternativa: é preciso esvaziar a bexiga. E aí é aquele prazer, aquela felicidade... O ato de fazer xixi, quando a bexiga está cheia, em tudo é comparável ao tesão e ao orgasmo, na adolescência. Creio, inclusive, que a análise que Freud faz do prazer sexual toma o ato de fazer xixi como modelo: o objetivo do prazer não é o prazer; é livrar-se da dor, voltar ao equilíbrio, à experiência budista de não desejar nada: nirvana...*

*Isso passa. Esse estado de perturbação hormonal é de curta duração. É como um cavalo selvagem, sem controle, desembestado, arrebrandando cerca, pulando ribeirão, se atolando em charco... Depois o cavalo selvagem, poder puro, explosão atômica, destruição, vai ganhando forma. Da Vinci achava que os cavalos eram os animais mais belos, depois dos seres humanos... O poder selvagem ganha forma, descobre os limites. Poder bruto é feio. Como disse Nietzsche: “Quando o poder se torna gracioso, então a beleza acontece.” Surge então o sexo sob uma outra forma: a ternura. Aí os ditos órgãos descontrolados deixam de se movimentar por conta própria. Só se movimentam quando comovidos pela ternura da beleza... Sem a ternura da beleza eles ficam inertes. Os tolos acham que é impotência. Ou frigidez. É nada.*

*Depois a gente conversa mais...*

*(Correio Popular, Caderno C, 20 maio 2001. Disponível em:  
[www.rubemalves.com.br/violinosvelhostocammusica.htm](http://www.rubemalves.com.br/violinosvelhostocammusica.htm).)*



# Na trilha das carpideiras e dos rituais do carpir

O ritual da escolha da nova mãe e o prestígio que vi que as carpideiras gozam no seio do povo de Grotões dos Bezerras me deram mais alento para pesquisar mais e mais sobre o que elas faziam. Elas me encantavam cada vez mais.

Encontrei o seguinte texto de Câmara Cascudo, sobre as carpideiras, denominado *Vida social – a morte*:

*Não tivemos, no Brasil, a carpideira profissional, chorando o defunto alheio, mediante pagamento. Foram conhecidas em quase toda a Europa, e a tradição de chorar, cantar, dançar e ter uma refeição dedicada aos mortos é possivelmente universal e milenar.*

*Para nós do Brasil, indígenas e africanos escravos usavam a mesma prática, mas recebemos dos portugueses a carpideira espontânea, lamentando o defunto gratuitamente e vocacionalmente, ou tendo lembranças de alimentos, dinheiro, roupas, em recompensa da mágoa colaborante e ruidosa.*

*Ainda resiste o chorar o defunto no interior brasileiro, executado por velhas ligadas por laços de parentesco, amizade ou sedução trágica, diante do cadáver, excitando as lágrimas da família com frases exaltadas e gesticulação inimitável e dramática. São elas, fazendo o quarto ao defunto, guarda, sentinela, velório, as iniciadoras do canto das Incelências, Excelências, entoadas com a voz mais sinistra e apavorante, embora de impressão inesquecível para a assistência. São sabedoras das rezas de defunto votivas. Essas orações e cantos das Excelências duram até o saimento do enterro.*

*Há nessas localidades, velhas de fama ilustre, indispensáveis no cerimonial popular, de irresistível provocação para o pranto. Não se compreende defunto sem choro, índice de suprema indiferença e abandono total.*

*No túmulo de Minnakht, em Tebas, 1500-1450 a.C., e oito séculos antes que Roma fosse fundada, estão as carpideiras do Egito. Os romanos divulgaram oficialmente a indispensabilidade ritual das carpideiras, dividindo-as em duas classes: a Prefica, paga para cantar os louvores do morto, e a Bustuária, que acompanhava o cadáver ao local da incineração, pranteando-o estridentemente, segunda a tabela dos preços.*

## Choronas

*Uma outra modalidade, muda e simbólica, é a chorona.*

*No museu do Instituto Histórico de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, janeiro de 1954, eram vistas duas bonecas vestidas de branco, com véus negros de gaze cobrindo-lhes a cabeça, o rosto e ombros, as faces sulcadas de lágrimas e com grandes lenços nas mãos. Eram as choronas, representação das carpideiras e com uso nos costumes da região.*

*O Sr. Abrão Meireles fotografou-as, e o presidente do Instituto, Sr. José Aragão Bezerra Cavalcanti, estudioso da história local informou que: “Quanto às carpideiras foram adquiridas em número de quatro, há cerca de setenta e cinco a oitenta anos, por Manoel Maria de Holanda Cavalcanti, cidadão dos mais influentes na Vitória daquele tempo. As carpideiras eram colocadas sobre essas ou catafalcos na Matriz de Santo Antão, por ocasião das missas fúnebres, ou ainda no cemitério, no dia dos finados, na capela da família Holanda Cavalcanti. Constituíam nota de distinção e só as famílias de certo destaque, é claro, contratavam esse trabalho. O povo, aqui, as chamava de choronas, talvez por ligar o seu ofício ao costume, ainda hoje vigente entre nós, na zona rural e nos subúrbios desta cidade, de chorar os defuntos durante toda a noite até o amanhecer, cantando loas apropriadas, vulgarizadas entre o povo e, ao mesmo tempo, comendo e bebendo, uso este de certo modo condenado pela Igreja e até proibido pela polícia”.<sup>1</sup>*

Comecei a ler tudo o que me caía nas mãos sobre o assunto. Pablo, querendo me satisfazer, também vivia de pesquisar. Havia Internet na Prefeitura, então ele sempre conseguia algo. Foi assim que descobri a tradição do carpir ainda em vigor no século 21 em Arapiraca (Alagoas), em Correntina (Bahia), a 919 quilômetros de Salvador, em Juazeiro (Ceará), em Paracuru (Ceará), a 87 quilômetros de Fortaleza, em São Gonçalo do Amarante (Ceará), a 59 quilômetros de Fortaleza; e na cidade de São Paulo! Exceto em Juazeiro, que a tradição está descrita num texto de pesquisa, as demais foram encontradas em matérias de jornais. Em cada um dos lugares mencionados, a tradição do carpir possui uma marca singular.

### **Em Arapiraca (Alagoas)**

Roberto Amorim, em “Senhoras da vida e da morte – Herdeiras de uma arte milenar em extinção, últimas carpideiras do município de Arapiraca guardam os segredos da cura dos vivos e da louvação dos mortos”, relata:

---

<sup>1</sup> CASCUDO, Câmara. Vida social: a morte. As carpideiras. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A (Sem data). Disponível em: [www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/social/s-chorar.html](http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/social/s-chorar.html).

*O chão seco e a pobreza dominante nos povoados do interior de Alagoas não só trazem sofrimento ao seu povo, mas também multiplicam a fé em lugares onde o divino é, ao mesmo tempo, resignação e esperança em dias de comida farta. A prova da forte ligação com o além são as imagens do Padre Cícero e as pequenas capelas ocupando lugar de destaque entre as fileiras de casas de taipa.*

*Nesse cinzento cenário, a cultura popular assume caráter religioso por meio da figura marcante das carpideiras. Místicas e respeitadas por todos nas redondezas, durante vários séculos essas velhas rezadeiras se tornaram o único elo entre o céu e a Terra. Até hoje elas guardam os mistérios de rezas que servem tanto para acabar com a doença dos vivos quanto para encomendar a alma dos mortos a Deus.*

*Mesmo em processo de desaparecimento, essa antiga tradição mediterrânea ainda respira com força na simplicidade do Sítio Capim, a menos de vinte quilômetros do centro da cidade de Arapiraca. Lá, as últimas carpideiras trabalham na roça e benzem os enfermos enquanto esperam o chamado para rezar e chorar nos velórios da região.<sup>2</sup>*

### **Em Correntina (Bahia)**

A matéria “Voluntários da boa morte” traz os seguintes relatos:

*“Hoje, a cidade de Correntina, a 919 km de Salvador, ainda vive uma realidade muito parecida com a época da bisavó de Itha. É um dos poucos interiores onde persiste a tradição das carpideiras. Embora não chorem, as mulheres de Correntina tocam matracas, cantam ladainhas e rezam terços, para libertar os espíritos daqueles que morrem de forma inesperada. Não recebem pagamentos. Vez ou outra, uma família dá uma cesta básica. São, digamos assim, voluntárias da boa morte.*

*‘A gente não cobra não. Se a pessoa quiser, dá alguma coisa’, diz José Brito, morador de Correntina, um dos poucos homens numa profissão tão feminina. José tem o ofício no sangue. Ele repetiu o exemplo de sua mãe, tia e madrinhas. Desde os 12 anos, reza em coro com as encomendadeiras o ofício da Mãe de Deus, a Ladainha de Nossa Senhora, o Ofício das Almas, os Sagrados Passos e o Pranto de Nossa Senhora.*

*Não dá para descrever os cantos das encomendadeiras de alma de Correntina. As notas são entoadas como um lamento, os sons de ‘ê’ esticados, o que alonga a sensação de dor e sina. Aos poucos, as vozes dissonantes tornam-se um som único, que se encorpa com o coro de anônimos, vestidos com manta branca, capuz e o cordão de São Francisco na cintura. Há ainda uma música em latim, que teve várias palavras alteradas, por conta do potencial criativo da tradição oral.*

---

2 Disponível em: [www.ojornal-al.com.br/12092004/cult04.htm](http://www.ojornal-al.com.br/12092004/cult04.htm).

*Quando uma encomendadeira de Correntina morre, o ritual é mais doloroso. Muitas vezes, ela é enterrada vestida na manta com a qual trabalhava. E, dentro do caixão, não pode faltar o cordão de São Francisco, que faz parte da farda das ladainhas fúnebres [...].*

*As carpideiras também têm seus momentos de lágrimas gratuitas. Às vezes, Itha derruba umas lágrimas em final de novela. Seu choro mais recente caiu ao assistir, no programa de Raul Gil, um cego tocando teclado. Ela se lembra também do momento em que mais derramou lágrimas. No enterro de sua mãe, não carpiu. Passou dias chorando, não com o intuito de dar boas-vindas à alma que nasce para o mundo dos mortos, mas pela saudade da mãe, que foi embora.”<sup>3</sup>*

### **Em Juazeiro (Ceará)**

O texto “Padre Cícero e a tradição do carpir: influência e adaptação religiosa/ GT 16: Antigas Tradições e Novas Expressões de Religiosidade”, produzido por estudantes da Universidade Federal do Ceará, faz um apanhado histórico consistente sobre as carpideiras, do qual reproduzimos alguns trechos, por serem relevantes ao tema:

*“Esta tradição existiu em quase toda a Europa. Em Roma, chegou-se a divulgar oficialmente a indispensabilidade ritual das carpideiras, dividindo-as em dois grupos: a Prefica, que era paga para cantar os louvores do morto, e a Bustuária, que acompanhava a cadáver ao local da incineração, pranteando-o estridentemente, de acordo com uma tabela de preços.*

*Nos enterros egípcios, de classes mais elevadas, para que a dor que todos sentiam ficasse ainda mais exaltada e ninguém tivesse dúvidas a respeito, carpideiras profissionais eram devidamente contratadas. Com rosto pintado com lama, peito desnudo e vestes rasgadas, as carpideiras não cessavam de gemer e de bater nas próprias cabeças, constituindo, assim, um verdadeiro quadro de desespero.*

*Seu rosto marcado por lacerações, provocadas pelas unhas; seus cabelos arrancados com selvageria própria da dor que grita e corrompe a dormência do corpo para dar espaço ao sentimento de morte; o ruído e os passos de todos os seres presentes, tudo isso constitui a verdadeira obra fúnebre da qual ela é a protagonista.*

*O ofício da carpideira guarda, então, uma memória ancestral, já que não se admite um defunto enterrado sem choro e sem honrarias fúnebres. No Brasil, esse hábito prevaleceu no interior, principalmente, na região nordeste e em Minas Gerais.”*

### **As características do carpir em Juazeiro do Norte**

*“Nossa pesquisa foi realizada nos dias 1 e 2 de Novembro de 2003. No período em que chegamos se comemorava o dia de finados, onde turistas e romeiros de todo o país cos-*

3 Disponível em: [www.correiodabahia.com.br/reporter/noticia\\_impresao.asp?codigo=100396](http://www.correiodabahia.com.br/reporter/noticia_impresao.asp?codigo=100396).

tumam visitar a cidade em busca de conhecer um pouco da cultura popular e admirar as festas e as esculturas religiosas, além de pagar suas promessas. [...] o costume de se chorar o morto no Juazeiro do Norte, episódio ainda presente, quando em alguns casos pessoas chegam a ser contratadas para sustentar o canto nas vigílias noturnas, nos chamados funerais, antes do sepultamento.

Esse trabalho nos permitiu perceber que as carpideiras de Juazeiro do Norte preservaram apenas o hábito de cantar as *incelências* como expressão de solidariedade, mostrando um certo preconceito em relação ao uso do pranto como fim, pregado pelas antigas carpideiras durante os rituais fúnebres.

As carpideiras ou cantadeiras de *incelências* têm como seu principal instrumento a voz, e é através do canto que elas provocam as mais sinceras e intensas emoções, gerando uma espécie de estado *ébrio*, como forma de conforto às almas dos que ali se encontram, confortando-lhes a dor da separação e reforçando o sentimento de fé na comunidade.

Na voz dessas pessoas, encontramos um apelo, um pedido para aquilo que está sendo esquecido, o sentimento de fé. Hoje, a sociedade vive uma crise chegando até ao sentimento de morte. Mesmo nos interiores, lugares abstraídos dos males urbanos, presenciamos uma *dessacralização*, fazendo com que os costumes percam a sua profundidade, como o luto, que se encontra amarrado ao luxo, extraindo dele a sua essência primordial, tornando-o apenas moda, gosto e comemoração.”

### **Em Paracuru (Ceará)**

A reportagem “Em honra aos mortos: Tradição das carpideiras nos velórios do sertão”, de Evelane Barros, inicia-se afirmando que “resgatar a memória do sertão é falar do trabalho das carpideiras, pessoas que rezavam e choravam pelos mortos”. Nela há depoimentos importantes: “Cantávamos a noite toda para atrair as pessoas. Hoje já não tem mais. É triste. As pessoas vão para um velório, passam um pouquinho de tempo e vão embora. Antes não era assim. Ficávamos até que o morto fosse enterrado” (Cristina Conceição da Silva, 42 anos, moradora da comunidade de Marco, em Paracuru).

A agricultora Maria Gomes de Oliveira, mais conhecida como Maria Silvino, vizinha de Cristina, 77 anos, também se lembra “do tempo bom que não volta mais” e confirma as palavras da “*cumade*”. “A gente passava a noite toda e o velório era cheio de gente e hoje não.”

De acordo com Maria Silvino, o trabalho de cantar as *incelências* era para que “as pessoas ficassem juntas”. Era um momento de reunir até quem não era da família. “Hoje ninguém mais chora, parece que não tem sentimento”, contou a antiga carpideira.<sup>4</sup>

---

4 Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=516618>.

**Em São Gonçalo do Amarante (Ceará)**, na matéria “Em honra aos mortos: Tradição das carpideiras nos velórios do sertão”, de Evelane Barros, sob o intertítulo “Dor, choro, lamentação”, encontramos o que se segue:

*Pessoas vivendo um momento que preferiam nunca saber como é. Ao redor de um caixão, muitas lágrimas derramadas pela família que perde um ente querido. E, para completar a cena, o grupo que canta benditos como forma de transformar o último momento em situação bem mais sofrida. Em pé ou sentados no chão, homens e mulheres eram chamados a passar a noite inteira velando um morto. Com cânticos piedosos, o intuito era fazer com que todos os presentes ao velório, chorassem. Além disso, era como se, com o ato, auxiliassem os mortos a entrar no reino do céu.*

*Essa era a função das carpideiras cearenses que, antigamente, eram figuras comuns no Interior do Estado. Embora, atualmente, a função já não seja mais exercida como antigamente, as “cantadeiras de incelências”, como se auto-conheciam, fazem parte da história dos antepassados nordestinos.*

*Uma delas é Rosalva da Conceição Lima, mais conhecida como dona Rosinha, que, até hoje, trabalha em Juazeiro do Norte, no Cariri, moradora da Rua do Horto. São muitas histórias nos seus 87 anos, pois acompanha velórios desde os 12 anos. O aviso da encomenda de alma vem por uma voz misteriosa. Tanto pode ser homem quanto mulher. Sua atividade é tão merecedora de atenção que, de julho de 2003 a junho de 2004, foi tema de um projeto de pesquisa da Universidade de Fortaleza (Unifor), na Capital cearense, que estudou a história das carpideiras.*

*E para lembrar que “cantar” não era só função das mulheres, o comerciante e agricultor da comunidade de Sítio Cordeiro, em São Gonçalo do Amarante, José Júlio Pereira, conhecido por “Caçaco”, 63 anos, fez questão de ressaltar a memória daqueles tempos em que o morto era “honrado”.*

*Segundo ele, “a despedida da manhã é que fazia o caba chorar, porque as cantigas eram penosas. Hoje, o que se faz é rezar o terço e pronto. Não é como antigamente”, lamentou. Segundo afirma, o trabalho era para que “o espírito ficasse fortalecido para ir para o reino da salvação”.*

*Para que a nova geração possa ter conhecimento dessa antiga tradição, o conselheiro tutelar, integrante do Conselho Municipal de Defesa Social e presidente do Conselho Municipal do Idoso da cidade de São Gonçalo do Amarante, José Gildenor Barbosa, informou que o grupo sempre é chamado para fazer apresentações em datas especiais como, por exemplo, a festa de emancipação política do município.<sup>5</sup>*

---

5 Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=516618>.

## **Na cidade de São Paulo**

A reportagem “Talento exótico: Carpideiras ganham a vida chorando pelos mortos que sequer conheceram”, de Luciana Barreto, apresenta a carpeira Itha Rocha, 54 anos:

*Ainda morava na barriga de sua mãe quando foi apresentada a um cadáver. No interior, dizem que mulher grávida não deve chegar nem perto de cemitério, mas a mãe de Itha, Saturnina Rocha, teve de desobedecer à prescrição popular, por conta do seu ofício de carpeira. Todo enterro em São Félix, lá estava Saturnina, chorando ao lado do morto, em troca de algum dinheiro. Ela não parou de carpir nem mesmo grávida; seu barrigão tocando na urna funerária era a forma mais contundente de provar que a vida renasce.*

*Não por coincidência, a mãe de Itha também era parteira. Trazia o dom da vida e da morte, o poder simbólico de fechar as duas pontas do laço. Itha cresceu ouvindo falar de nascimento, mas também de cemitério, morte e caixão como coisas naturais. Às vezes, ajudava sua mãe, distraíndo os outros filhos da parturiente, enquanto, no quarto, nascia mais um rebento. Mas também acompanhava a mãe pelos funerais.*

*Quando Saturnina saía para chorar pelos mortos que às vezes nem conhecia, Itha perguntava: “Mãe, de que fruta ele gostava?” A depender da resposta, levava melancia, melão, banana para o leito de morte do falecido. Nunca teve medo de cadáver. “Tenho medo é de cachorro e gato.”*

*Para ela, o talento de chorar vem de berço. Sua bisavó, avó e mãe eram carpeiras, e ela decidiu que seguiria a sina de toda uma linhagem. “Minha mãe diz que, desde pequena, eu faço bico.” Itha Não consegue explicar de onde tira forças para tantas lágrimas. “Eu só sei que é uma coisa nata, de dentro mesmo. É aí que vejo que o choro de carpeira é diferente. Os outros, pelo menos, se espremem para chorar.”*

*Itha seguiu o ofício de suas ascendentes, mas deu um ar profissional ao negócio. “Afinal, nós vivemos num mundo globalizado.” Deixou a Bahia e ficou famosa carpendo nos túmulos de São Paulo. Tem até cartão de visitas e um portfólio, cheio de fotos, que sempre mostra aos clientes. O consumidor escolhe se quer choro com ou sem drama, se quer apenas cânticos ou se quer piadas no sepultamento. “Muitas vezes brinco que, com esse mundo de hoje, quem está morrendo é que leva a vantagem.”*

*A maioria dos seus clientes prefere uma cerimônia discreta. Ela chega antes do velório, toda vestida de preto. Reza, canta e chora. “Água é o que não pode faltar num sepultamento. Tanto na hora que a gente nasce como quando a gente morre, é preciso ter derramamento de água.”*

### **Lágrimas mortuárias**

*Para as carpideiras, as lágrimas não são apenas uma forma de provar que o falecido era estimado. São, sobretudo, como um rio que permite a boa viagem. É na água que a vida e a morte se unem. Como o líquido amniótico embala o bebê, as lágrimas e cânticos mortuários ninam as almas. “O espírito não evapora na mesma hora. Vai em paz quando tem lágrimas.” O pesquisador José Roberto Gurgel explica que, nos rituais fúnebres, o choro e o sofrimento são formas de prestigiar aquele que partiu. “A lágrima é a prova de que o indivíduo era necessário.”*

*A água é um elemento presente em muitos rituais de morte. Os gregos antigos, por exemplo, acreditavam que as almas tinham que ser transportadas de barco, por um rio. Na boca do morto, os gregos colocavam uma moeda chamada óbolo. Era uma espécie de taxa de travessia por mares nunca antes navegados.*

*As carpideiras foram consideradas, por muitos, como mulheres interesseiras, sem alma, meras vendedoras de lágrimas. Numa matéria publicada em 1933 na Folha da Manhã, Manuel Mendes descreve o destino das moças abandonadas pelos maridos: segundo ele, algumas se vendiam, outras se entregavam ao vício da embriaguez, ou então assumiam o ofício de carpideiras, “deplorando em nenias [cantos fúnebres] desalmadas o trespasse de alguém”.*

*Na verdade, a carpideira ou choradeira é um entre tantos componentes culturais de um enterro de interior. Em cidades pequenas, enterro é um acontecimento freqüentemente regado a biscoito, café e cachaça. Daí a expressão “beber o morto”.*

*Mesmo nos dias de hoje, alguns desses rituais persistem. Em Iaçú, por exemplo, há o Plano de Assistência Funerária (PAF), pelo qual é possível comprar o caixão quando em vida, de forma parcelada. Sinais de modernidade. Mas o PAF de Iaçú não deixou de lado certos hábitos. Além de arrumar o sepultamento, o plano leva, para o velório, a máquina de café, o filó para separar o quarto, e o biscoito “poca-olho”. “Até hoje, cismo com aquele biscoito. Quando eu era criança, chamava de biscoito da morte”, diz Maria da Conceição, que passou a infância em Santo Amaro.*

*E, fiéis à cultura tão humana do interior, as carpideiras não eram, necessariamente, mercenárias. Pelo contrário, muitas vezes trabalhavam de graça. Na época da bisavó de Itha, o pagamento era feito na base da troca. A depender das posses das famílias, elas recebiam bois, cortes de tecido ou mesmo as roupas do morto.*

*Foi no tempo da mãe de Itha que as carpideiras começaram a receber o pagamento em dinheiro. Mesmo assim, muitas famílias remuneravam com provas de solidariedade. “Meu pai ia no armazém e a feira estava toda paga”, diz Itha.*

*Apesar da profissionalização que adquiriu em São Paulo, Itha conservou a solidariedade típica do interior da Bahia. Seus preços variam de acordo com o cliente. Ela já*

chegou a ganhar R\$ 500 num sepultamento. Mas não cobra quando vê que a família não tem condições de pagar. “Aí é cortesia”, brinca.

*Chorar em funerais não é o único serviço prestado por Itha. Algumas famílias a chamam para que ela aconselhe os filhos, ou para que ela explique o quanto a morte é natural. Itha também trabalha com pegadinhas. Uma vez, um jovem quis seus serviços. Ele queria terminar o namoro, mas a namorada não se conformava. Itha foi até a casa dela, com um buquê de flores, um caixãozinho e um bilhete nas mãos. O bilhete era um epitáfio sentimental, onde se lia: “Nosso amor morreu”.<sup>6</sup>*

Paulo Lopes, em *As Carpideiras – Senhoras da Vida e da Morte*, diz que:

*“A morte é o grande enigma da existência humana, dando-se, por isso, desde os primeiros povos da humanidade, enorme importância às cerimônias fúnebres. Já o Homem de Neanderthal (Homo Neanderthalensis) fazia aos defuntos covas cuidadosamente escavadas, decoradas com flores e outros motivos simbólicos, evidenciando a antiga crença na vida após a morte.*

*Um dos povos que mais importância deu à mitologia da morte foi a civilização egípcia, erguendo túmulos imponentes em devoção aos mortos (as célebres Pirâmides), que ainda hoje estão entre as grandes maravilhas do mundo.*

*Os funerais sempre tiveram grande importância para o homem, o qual manifestou diversos comportamentos interiores e exteriores perante a perda.*

*Herdeiras de uma arte milenar, míticas e respeitadas ao longo de vários séculos, uma vez que guardavam os segredos da cura e louvação dos mortos, as carpideiras foram indispensáveis nos rituais fúnebres até aos finais do século XIX.*

*Embora não saibamos as suas origens, temos conhecimento que, no Antigo Egito, o enterro era um acontecimento lúgubre e pitoresco ao mesmo tempo, que quantas mais carpideiras tivessem, mais elevado era a posição social do morto. Os familiares do defunto faziam questão de oferecer um verdadeiro espectáculo por onde passava o velório. Iam gesticulando e soluçando durante todo o trajecto.*

*Para que a dor que todos sentiam ficasse ainda mais patenteada e ninguém tivesse dúvidas a esse respeito, as carpideiras profissionais eram devidamente contratadas. De vestes desalinhas, peito desnudo, rosto pintado com lama, cabelos despenteados, chegando mesmo a arrancá-los e a simular desmaios, não cessavam de gemer e de bater nas próprias cabeças em patético gesto de desespero.*

*Criavam, assim, um impacto incrível perante os presentes durante todo o ritual. Possuíam um diversificado leque de textos e cânticos, nos quais suplicavam a ressurreição espiritual do morto, ao longo de todo o cortejo fúnebre. As cenas representativas da*

---

6 Disponível em: [www.correiodabahia.com.br/reporter/noticia\\_impresao.asp?codigo=100396](http://www.correiodabahia.com.br/reporter/noticia_impresao.asp?codigo=100396).

*acção das carpideiras são uma constante nas paredes dos túmulos de personagens tão proeminentes como é o caso de Ramsés, que legaram à eternidade os lamentos embebidos em lágrimas e impregnados de um desespero ensaiado, que as carpideiras proferiam entusiasticamente.*

*Também, na civilização romana, divulgaram oficialmente a indispensabilidade ritual das carpideiras, dividindo-as em duas classes: a Prefica, paga para cantar os louvores do morto, e a Bustuária, que acompanhava o cadáver ao local da incineração, pranteando-o estridentemente, segundo a tabela dos preços. Estas mulheres vertiam as lágrimas em pequenos vasos tubulares de vidro. Conforme a quantidade de líquido contido no tubo, assim recebiam o pagamento da família do morto.*

*Actualmente esta profissão já perdeu todo o seu fulgor, deixando de ser essencial, embora em Africa, Ásia e algumas regiões do Brasil ainda existe o ritual de contratarem estas mulheres para as cerimónias fúnebres. Até hoje elas guardam os mistérios de rezas que servem tanto para acabar com a doença dos vivos quanto para encomendar a Deus a alma dos mortos [...]*

*As carpideiras eram a bem dizer ‘choradeiras profissionais’, que lacrimejavam pelo defunto alheio. Mediante um pagamento (alimentos, roupas ou dinheiro), estas mulheres animavam no velório com uma mágoa colaborante e incrivelmente ruidosa.*

*Diante do cadáver, excitando as lágrimas da família com frases exaltadas e gesticulações inimitáveis e dramáticas, tinham também como função fazer: o quarto ao defunto, a guarda, a sentinela, o velório. Eram as iniciadoras do canto na missa, entoando louvores com a voz sinistra e apavorante, logo causando impressão inesquecível para a assistência.*

*Em Carção, em tempos mais longínquos, talvez até finais do século XIX ou inícios do século XX, na etnia judaica, também estas mulheres foram essenciais para que o funeral fosse completo e a perda sentida pelos familiares se mostrasse irremediável.*

*Eram normalmente várias mulheres trajadas inteiramente de negro, de longas saias, blusas e xailes compridos sobre a cabeça, que tratavam de toda a cerimónia fúnebre, desde os primeiros preparativos em casa até ao enterro, entoando sempre um pranto teatral e constantes incentivos ao choro dos familiares e amigos.*

*É costume ainda dizer-se: ‘morto sem choro...’ ou ‘o enterro teve pouca carpideira...’, significando indiferença ou abandono total pelos familiares e amigos.*

*A memória das carpideiras, outrora tão fundamentais nos rituais fúnebres em Carção, já não são muitas, mas foram salvaguardadas pelos registos do Senhor Francisco Rodrigues, no livro ‘Carção – suas gentes, usos e tradições’. Aí se lê:*

*‘Quando morria um judeu, os seus familiares chamavam certas mulheres a quem pagavam a jeira (geralmente um alqueire de pão), como se de qualquer vulgar trabalho se tratasse, a fim de chorarem o morto. Eram as carpideiras, a cujo pranto chamavam bradório.*

*Diz-se que muitas vezes as carpideiras, em vez de chorarem o morto, iam dizendo entre-dentes: ‘Eu não choro por ti, choro pelo meu alqueire de pão, que não sei se mo darão ou não’. Ora facilmente se depreende daqui que havia judeus pobres e, portanto, sem possibilidade de pagar, ou até que ‘pregariam o calote’ depois do serviço feito [...]*

*Também Francisco Alves (Abade de Baçal), nas referências ao culto religioso dos judeus em Carção, faz referência a um certo número de mulheres que eram contratadas para tratar de toda a cerimónia fúnebre, apelidando-as de rezadeiras, não sabendo se também choravam nos velórios: ‘[...] a cama onde alguém morreu é feita com lençóis novos e toda a mais roupa correspondente nova também ou, pelo menos, em bom uso, e assim se conservava durante sete dias, indo junto dela três vezes por dia durante esse tempo um certo número de mulheres recitar preces e orações, terminando no sétimo por fazer um dia [...]*

*No início do século XX, o costume de contratar carpideiras perdeu-se por completo, pelo menos, deixou de ter a importância de outrora. Na povoação continuou a persistir a função da rezadeira, contratada não para chorar nos velórios, mas para recitar orações nas cerimônias.*

*A nossa conterrânea Sofia Jerônimo, confidenciou-nos que ainda se lembra de, nos anos 60, sempre que na aldeia se constasse que alguém tinha falecido e o sino o anunciava, levava-se a casa do defunto uma candeia cheia de azeite, que lá ficava a arder até ao funeral. Também se passava um bocado da noite junto dos familiares ou se pernoitava lá, se as relações fossem mais íntimas. Eram distribuídas fatias de pão de trigo ou centeio por todos os presentes, fatias que ninguém rejeitava. Se a pessoa não era necessitada, dava as fatias àqueles que precisavam.*

*Outro costume de extrema importância de que também nos falou, era o de recitarem orações no quarto do moribundo antes de dar os últimos suspiros. No quarto devia estar gente, pois dizia-se que ‘ao nascer e ao morrer, gente quer haver’.”*



# A vida de carpideira

Eu me envolvia cada vez mais com aquelas mulheres singulares, com seus ofícios de rezadeiras, benzedeadas e suas garrafadas de ervas, remédios para todos os males. E espantava-me porque não tivera olhos antes para tantas tradições e belezas.

Elas rezam contra quebranto (ou quebrante) e arca ou espinhela caída, principalmente. O quebranto, segundo a credence popular, é uma decorrência do mau-olhado, que consiste em fraqueza generalizada, abatimento, anorexia e prostração. Acomete adultos e crianças. Mas são as crianças as maiores vítimas. Para evitar o mau-olhado, usa-se amuletos, como a figa – usada contra mau-olhado por praticamente todos os povos, em todos os tempos –, o corno, a mão cornuda, a meia lua, o corcunda, o elefante. Usa-se também uma fitinha vermelha, amarrada no pulso ou em torno do pescoço.

Mas quando já está doente, tem de ir à rezadeira, que, com três raminhos de fedegoso, faz cruces, enquanto benze a criança, e diz: “Com as três pessoas da Santíssima Trindade. Livra você de quebrante, má olhado ou outra qualquer enfermidade. Aqui está sentada Nossa Senhora entremeio Nosso Senhor, uno, trino e um só Deus verdadeiro, que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo”. Em seguida, reza o *Credo* e uma *Salve Rainha*.

Se for mesmo quebranto, os raminhos de fedegoso vão murchando. No fim da benzeção, os raminhos são jogados pelas costas.

Sobre a arca ou espinhela caída, é tudo misterioso. Em primeiro lugar, ninguém sabe exatamente o que é a espinhela. Mas as benzedeadas dizem que é um “ossinho mole que vem do coração”. Mas é assim: do tipo ninguém sabe e ninguém viu e jamais foi descrita nos livros de anatomia. Mas a espinhela cai. E para as benzedeadas, ela fica no meio do peito, um pouco acima da boca do estômago. Eis a crença. E ela cai por conta do peso que a pessoa “pega”. Aí sente dores no estômago, nas costas, nas pernas, fraqueza e muito cansaço, como se estivesse definhando.

As carpideiras sabem diagnosticar espinhela caída. É assim: com um fio de algodão ou uma toalha de feltro, tomase a medida da pessoa: do dedo anular até ao cotovelo. Duas vezes esta medida é passada na cintura da pessoa doente: se faltar e passar, a rezadeira mede da ponta do dedinho à ponta do cotovelo. Depois de um ombro ao outro. Se coincidirem as medidas, a espinhela está normal. Se não, está caída. Algumas rezadeiras medem da ponta do dedinho à ponta do cotovelo. Depois de um ombro ao outro. Quando as medidas coincidem, a espinhela está normal. Caso contrário, está caída.

Encantava-me cada vez mais com seus saberes. Com o jeito delas de ser. Eram todas mulheres da roça. Nasceram na roça. Muitas ainda viviam da roça, mais propriamente dos pequenos plantios, como legumes e hortaliças em seus grandes quintais, de plantações mais perenes como laranja, mamão e banana. Todas eram cozinheiras-banqueiteiras. A maioria aprendeu com tia Lali, que sabia cozinhar divinamente bem, mas sua maior predileção era ensinar a cozinhar. Ela mesma só mexia na cozinha para dizer como é que era, ou seja, para dar ordens.

Eu e Helena, minha irmã, tivemos de aprender a fazer de tudo, mas tudo mesmo que se possa imaginar. Ela dizia que era para gente aprender para não ficar como a *biscuit* (mamãe, claro!), que não sabia quase nada. E se não fosse ela, tia Lali, coitado do papai e de nós, que teríamos ficado só comendo “por mãos das empregadas”. Portanto, ela não nos criaria como essas mulherzinhas bocós, que não sabem de nada duma casa. Helena adorava. Eu, médio.

Abigail vivia só da roça com o marido, mas era uma doceira sem igual. Mas algumas aprenderam outros ofícios, como Brígida, com suas bonecas e chininhos de pano. Josina sabia fazer crochê e tricô, como ninguém. Ducarmo dizia que garatujava um crochezinho, de vez em quando, mas gostava mesmo era de ficar à toa, mas dizia, rindo: “Ajudo a comadre Josina quando ela tem muito serviço. Mas não tenho muita paciência pra trabalhar com as mãos, não! Mas vou pras casas das bordadeiras, quando elas têm muita encomenda e fico fazendo o ‘de comer’ pra elas e contando prosa. Vivo assim”.

Chiquinha de Dorinha, Mariana de Dona Socorro e Zuleide eram as bordadeiras afamadas da região e sabiam fazer renda de bilro! Maria do Amparo, Cosma e Damina partejavam, como tia Lali. E, pasmem, as três sabiam corte e costura. Mas era Maria do Amparo a modista mais famosa das mulheres pobres daquelas bandas.

Socorrinha tinha em seu quintal um plantio de ervas que jamais imaginei ver tanta planta para remédio, com as quais preparava garrafadas, banhos e unguentos de ervas. Sabia fazer “garrafada” pra tudo. Ela sabia remédio que fazia mulher “pegar menino” e também para perder uma “barrigada” que não se quisesse. Eu mesma já abortei com uma garrafada feita por ela. Não sei o que continha, nem como ela fazia, mas de certeza havia plantas consideradas abortivas, como a erva-de-santa-maria ou mastruz, babosa, arruda, jasmim e alecrim. Além da garrafada, ela me fez tomar três vezes por dia, durante uma semana, um maço de mastruz batido com leite e açúcar no liquidificador. É uma espécie de suco, até gostoso. Ela também recomendou que eu tomasse estévia para não engravidar. Depois descobri que a estévia é um anticoncepcional natural, pois impede a ovulação. Não são crendices, pois funcionam.

Mas se alguém perguntasse se ela sabia remédio para abortar, sempre dizia que não. É que no sertão as mulheres não abortam. “Perdem.” É isso. Apenas perdem. Faz parte. É natural. Assim como não perder. Socorrinha dizia que Ducarmo nunca quis

parir. “Pois nunca pariu. Quando achava que tinha emprenhado, tomava uma garrafadinha aqui da Socorrinha e as regras desciam que era uma beleza!”

Mas “o remédio dos remédios” de Socorrinha é feito com melão-de-são-caetano, uma plantinha que dá em Grotões como praga, mas cujas propriedades como erva medicinal são: purgativo, antileucorréico, anticatarral e anti-reumático, mas que Socorrinha usa muito para tratar furúnculos e outros problemas de pele, mas também para cólicas menstruais. Para a pele, ela faz uma pomada da polpa do fruto misturada com vaselina, e para corrimento vaginal e menstruações dolorosas, é a infusão de folhas secas.

E assim as carpideiras vão levando suas vidas de modo independente. Mas todas faziam das rezas e benzimentos o centro de suas vidas. O que movia aquelas mulheres? Que fé era aquela? Recordo-me de que, numa conversa com Zuleide, ela declarou:

*Sabe Cacá, tudo isso desses oficinhos que a gente sabe, o que aprendemos, foi por esforço da mãe Lali. Aqui quase todo mundo era empregada na cozinha da casa de branco, desde bem meninota. A gente começava pajeando os filhos deles. Recebia casa e comida em troca. Era um cativeiro, pois nem todo mundo ganhava salário, como a Socorrinha na casa de Dona Carmem e do Seu Pablo. E eles foram, além de tudo, muito bons pra ela. Deram uma casa pra ela. Mas todo mundo sabe que deram porque foi artimanha de Lali em cima dele. E como ele obedecia muito a ela, pá! Deu aquela chacinha pra Socorrinha. Não valia nada. Mas era um terreno muito do bom e ela e mãe Lali foram ajeitando de pouquinho em pouquinho e hoje é um brinco.*

*Mas Lali foi encaminhando aquelas meninas e mocinhas que gostavam de reza. Outras mulheres daqui da reza dela, já mães de filhos, que viviam muita precisão e necessitavam de ter um dinheirinho pra criar os filhos, ela foi encaminhando. A gente ia pras rezas da Lali e ela, aos pouquinhos, foi ajeitando as nossas vidas.*

*Ia vendo o que cada uma levava mais jeito pra fazer e um belo dia perguntava: “Você não tem vontade de aprender isso e aquilo outro?” O que a gente respondia ela dava um jeitinho de encaminhar. Nós somos hoje o que mãe Lali fez de nós. Até Brígida, bem no começo, antes de se casar, era cozinheira.*

*Aprender a costurar mesmo, ou seja, ter aprendido com uma professora, embora elas já costurassem assim de cabeça delas mesmas, tanto Maria do Amparo, como Cosma e Damina, foi mãe Lali quem pagou, com um dinheiro que aquele teu marido que ficou meio doido deu pra ela. Falando nisso, ele ainda é vivo, Cacá? Era gente boa demais.*

*Uma vez você se largou dele e foi correr mundo pras Europas e ele veio pra cá e aí ela disse: “Ô meu filho, foi Santíssima Mártir Antonina quem te mandou pra cá agora. Preciso pagar uma pessoa que está ensinando um ofício para três mulheres minhas aqui da capela”. Ele, pá! Pagou.*

Ouvia aquela história e me lembrei do meu marido que ficou “meio louco”, no dizer de Zuleide. “Meio louco” é o que ela acha, porque ele ficou foi louco total. Foi o meu terceiro marido. Embora eu me tenha divorciado dele e casado depois, quando descobri que havia perdido completamente o juízo, não me furtei do que considerava um dever moral. Não pude deixá-lo ao abandono que a família dele o relegou.

Ainda hoje vive. Ainda hoje pago a Casa de Repouso onde ele mora, numa cidade do interior de São Paulo. Eu o visito anualmente, por ocasião do seu aniversário, que é bem perto do Natal. Preciso contar ao Pablo. Não sei como fazer, mas sei que tenho de contar. Se ele vai entender ou não, é outra história. Mas se não entender, não fará diferença. Eu sei das minhas obrigações para com um homem que me amou muito e que se perdeu para o alcoolismo. Vivemos pouco tempo. Não mais que três anos.

Hoje, João tem demência. Quando o internei há mais de vinte anos, ele já não me reconhecia. É muito triste a sua história. Era um advogado promissor, mas bebia muito. Uma pessoa que não deu certo na vida, quando teve todas as oportunidades para dar. Alguns dizem que ele tem Alzheimer, mas acho que não. Virou moda diagnosticar Alzheimer em dementes da classe média. Nos pobres, os dementes são chamados de gagás, caducos, etc. Mas pouco importa o que ele tem. Está com 70 anos e vive asilado desde os 50. Primeiro ensandeceu, depois demenciou.

Agora entendo por que, de meus ex-maridos, ele é o único de quem tia Lali pedia notícias. Apenas ela sabia que eu cuidava dele. Jamais contei para os outros meus maridos que cuidava de um ex-marido. Achava que eles não entenderiam. Não contava para evitar problemas e porque estava apenas passando uma chuva com eles. Tia Lali dizia que eu fazia muito bem em não contar, que eu era de um coração de ouro e que Deus iria recompensar a minha bondade em vida. Eu poderia esperar.

Um dia, ao visitar Maria do Amparo, ela estava de saída para fazer um parto. Fui com ela, que me permitiu assistir ao parto. Fiquei encantada. Era lindo um parto natural. Só ali eu entendi o que muitas mulheres diziam que ter filho com parteira é muito diferente. Quem já pariu com parteira e com médico, no hospital, diz que ter filhos com parteira é sem comparação. Gostam muito mais. E com razão, pois partejar é uma arte também.

Tive a oportunidade de assistir a dois velórios depois do da tia Lali, quando então, sem envolvimento afetivo com os defuntos, pude prestar mais atenção à arte de carpir. E vi detalhes que não havia percebido antes. Por exemplo, que a sentinela é um ponto de encontro, vem gente conhecida de todo lugar, por isso fazem tanta comida e os homens bebem cachaça e fazem roda no terreiro para contar causos. Em geral fatos engraçados acontecidos com o morto. E assim a noite vai passando.

Percebi que todas as carpideiras usam um rosário de contas azul bem clarinho no pescoço e quando vão cantar *incelências*, colocam um cordão de São Francisco na

cintura, sob um vestido branco, de mangas compridas! Ah, todas cobrem a cabeça com uma véu, chamado mantilha, ou mesmo só o véu.

Jamais aprendi a diferença entre véu e mantilha. E isso irritava tia Lali. Certa vez fui a Portugal e em Fátima comprei o que para mim era uma mantilha. Ao chegar, dizendo-lhe que havia comprado uma mantilha para ela, ao abrir a caixinha, disse-me: “Tem jeito não, Cacá, tu és inteligente pra umas coisas e pra outras não. Isso não é uma mantilha, filha. É um véu, muito bonito. Obrigada por se lembrar de mim lá nos estrangeiros”. Mas vejam se há jeito de saber direito. Para mim, não há.

*O véu é o adorno de tecido leve, tipo tule, que veste a cabeça, desce pelos ombros e termina na cintura quando curto, ou acompanha todo o corpo indo terminar no chão, quando longo. O curto, geralmente, é usado em cerimônias pela manhã ou tarde, ou ainda em realizadas em jardins ou chácaras. É um véu mais informal.*

*O longo, ao contrário, pede um vestido e um estilo de cerimônia mais formal. Normalmente é usado após às 20 horas e em ambiente fechado. Pode ter de 2,50 até 5m. Os véus podem ser simples, sem detalhes ou com algum acabamento: filetes especiais (cetim, sutache dourado, prata), bordado com pérolas ou miçangas ou mesmo um discreto bordado nas bordas.*

*A mantilha: tem a mesma função do véu, mas se diferencia na maneira de se posicionar na cabeça (como é mais pesada, fica mais rente ao rosto e o corpo). Já o véu é mais leve, fica solto e esvoaçante.*

*A mantilha pode ser toda de renda ou de tule com aplicações ou bordada artesanalmente. Também pode ser curta ou longa.<sup>7</sup>*

Nesse ínterim, meu romance com Pablo evoluiu... Acabei me convencendo que o amava tanto que queria casar com ele e ficaria em Grotões dos Bezerras. Passei a me preocupar em como organizar a minha vida num lugar no qual jamais me imaginei vivendo. É que Grotões, para mim, era passado remoto. Apenas minha infância.

Porém eu sabia que precisava fazer algo naquela cidade, além de pintar meus quadros. Havia um papel a desempenhar como mulher do prefeito. Há sempre a idéia de que a mulher do prefeito deve ser uma espécie de Evita: uma mãe dos pobres. Evidentemente que não me preparei e nem me considerava pronta para exercer tal papel. Para piorar, sobre mim pairava Carmem, uma matriarca nordestina, que foi prefeita, uma espécie de Evita, mãe dos pobres. Logo, uma prefeita e primeira-dama adorada. Atribuía a ela muitos milagres. O seu túmulo vivia cheio de bilhetinhos de agradecimento e muitas velas de quem dizia dela ter recebido alguma graça. Em todos os povoados de Grotões, cerca de uns dez, onde havia só uma escola, o nome

---

<sup>7</sup> Disponível em: [www.webnoivas.com.br/secoes/acessorios/mat\\_300804.asp](http://www.webnoivas.com.br/secoes/acessorios/mat_300804.asp).

era o dela. Se havia mais de uma, ela dava nome a uma. Quem é a mulher que pode concorrer com uma santa milagreira no imaginário popular, me diga?!

Também não tinha interesse em exercer nenhum cargo oficial na Prefeitura, além daquele que só por ser mulher do prefeito, deveria exercer. Contudo, não me apetecia ser uma primeira-dama tradicional. Por ser uma pessoa do campo das artes plásticas, fiquei interessada em bisbilhotar o que era possível fazer para incrementar tudo aquilo que constituía a tradição cultural do lugar. Pensei em navegar por aí, além do que era uma área virgem de intervenção do poder público, até porque em geral não entendem as manifestações culturais e religiosas populares como um bem coletivo, um patrimônio que cabe a todos preservar.

Como não tinha outras obrigações, além de pintar meus quadros, comecei a maquinar. Rever. Assuntar, pois fiquei muito tempo fora. Fiz um levantamento do que era a vida cultural do lugar, pois como disse Oscar Wilde, refletindo sobre a arte, em *O Retrato de Doryan Gray*: “O artista é o criador de coisas belas”. E eu sou uma artista e vou criar o resgate das coisas belas daqui. Talvez seja mesmo o meu destino.

Mas aprendi muito com as carpideiras fazendo o levantamento das atividades culturais do lugar. Elas me parecem os olhos da cidade, pois sabem tudo. O que não viram, ouviram falar. Sabem da vida do lugar e das pessoas também. De novos e velhos. Dos dias de hoje ao tempo antigo. Assim é que, depois da visita de sétimo dia à cova de tia Lali, passei a ir às casas das carpideiras, uma a uma. Como estava sem carro, Pablo sempre me levava. Em geral de manhãzinha... Tomávamos café juntos em minha casa, quase todos os dias. Eram momentos muito agradáveis e eu me sentia muito reconfortada dessa forma carinhosa dele de sair de sua casa para tomar café comigo diariamente. Era como se ele dissesse, com tal gesto, que acordava querendo estar comigo. Maricota ficava com a cara mais feliz do mundo de fazer café para o prefeito.

Logo após o café, saíamos rumo à casa de alguma carpideira. Eu ficava por lá até quase a hora do almoço. Percebia que elas se sentiam prestigiadas com a minha presença na casa delas. Foram momentos muito agradáveis e assim eu ia tomando pé do lugar onde deveria morar, habituando-me à sua gente simples. Visitei Abigail, Brígida, Chiquinha de Dorinha, as gêmeas Cosma e Damiana, Ducarmo, Josina, Mariana de Dona Socorro, Maria do Amparo e Zuleide... À Socorrinha não fiz uma visita formal de “reconhecimento de terreno” porque passei a ter uma relação com ela como tive com a tia Lali, já que ela me tinha também como uma filha.

Todas as visitas resultaram em conversas proveitosas, que matavam a saudade que eu sentia da tia Lali e me enriqueciam de novos conhecimentos e saberes. Embora a conversa na casa de Brígida tenha sido dolorosa, pois ela se abriu muito comigo sobre o seu amor por tia Lali... Mas eu sei que a distraí muito quando aventei a possibilidade

de criar uma oficina de chinelos e de bonecas de pano, onde ela pudesse ensinar a sua arte para as pessoas mais jovens, para que tanto saber e arte não se perdesse no tempo.

Brígida era uma bonequeira de mão cheia. Quando eu era criança e as bonecas de plástico ainda não eram tão comuns, eu brincava com bonecas de pano feitas por ela. Das mais simples às mais completas, feitas à mão, no capricho, de algodão especial, menos a boceta, que era de cetim, como no poema de Pedro Nava (1934), cujo trecho, abaixo, é citado no artigo “As Bonecas do Maranhão”, de Carlos de Lima:

*“Estranha e perturbadora São Luís...*

*A ela me levavam também outras associações perigosas, que vinham da adolescência e de uma conversa que eu surpreendera [...]*

*O que eu ouvi referia-se a certas bonecas inteiras ou bonecas completas*

*– indústria das velhas impuras de São Luís, e vendidas tão abertamente que suas fabricantes iam negociá-las a bordo dos navios de passagem.*

*Muito procuradas. Não eram arremedos humanos mal enchumachados, de braços e pernas cilíndricos saindo de um corpo cilíndrico.*

*Não. A cara era linda, o corpo recortado de tal maneira e capitaneado de material tão doce que imitava a graça das curvas e a suave consistência das mais deleitosas fêmeas. E tinham tudo...*

*A boca não era um simples bordado de retrós vermelho, mas abertura comissural contendo dentes e a móbil língua.*

*Tinham seios e umbigo. Mãos, pés, dedos, unhas.*

*Pêlo nos sovacos e pentelhos fornidos e crespos. Amplas nádegas, altas e roliças coxas que, quando afastadas, deixavam ver orifício anal, ninfas, clitóris e hóstio vaginal.*

*Um verdadeira perfeição.*

*Eram feitas de todas as cores, de modo que imitavam brancas, negras e mulatas.*

*Havia as pequenas, as médias e as especiais, grandes como uma criança bem crescida.*

*Quase utilizáveis.*

*O corpo era todo trabalhado em pano fino de algodão. Menos a boceta.*

*Esta era sempre de cetim.”*

Todas as carpideiras eram “crias” da tia Lali, pois eram bem mais novas do que ela. De todas, apenas Abigail estava casada; Brígida foi casada e largou o marido, quando já tinha quatro filhos, pelo amor da tia Lali. Chiquinha de Dorinha era viúva. Disse-me que ficou pouco tempo casada, depois não quis mais saber de homem dentro de casa; que tinha suas tretas com homens, mas era coisa “debaixo de sete capas”, segundo ela... As gêmeas Cosma e Damiana, eram “moças velhas”, quer dizer virgens, conhecidas e declaradas. Mas ambas eram parteiras, iniciadas na arte de partejar por tia Lali.

Maria do Amparo, que também era parteira, era amiga há mais de trinta anos com um velho até bem de vida, pois possuía uma terrinha, um gadinho, lá para os lados da Serra dos Leônios, onde vivia a família dele. Trinta anos de amigação é um tempo enorme. Enquanto isso, ele vivia com a mulher dele também e visitava Maria do Amparo, pelo menos uma vez por semana. Era um bígamo, isso sim.

Ducarmo já foi mulher-dama do Cabaré da Bela, há muitos anos, e era a preferida do meu pai, conforme ela mesma falou. E foi um susto eu saber disso. E falou mais: que meu pai um certo tempo até “botou casa” para ela, por uns três anos, mas depois que ele arrumou outras “cegueiras”, ela se aquietou em seu canto. Acrescentou que sua casinha foi um mimo do meu pai, quando a retirou do cabaré. Então, ela ficou teúda e manteúda dele. E que a amizade com tia Lali surgiu porque ela impediu mamãe de dar uma surra nela, na Ducarmo.

Josina e Mariana de Dona Socorro eram também mulheres separadas dos maridos. Havia o bochicho que ambas mantinham um caso, fazia tempo. Aqui, leva o nome de sendeira uma mulher que é largada do marido. Zuleide era virgem “encroada”, quer dizer, que nunca se casou, como as gêmeas Cosma e Damiana...

Impactava-me muito aquelas mulheres, eram carpideiras, mas donas de suas vidas e davam a impressão, mesmo as heterossexuais, de que homem não lhes fazia falta. Eu precisava pensar mais sobre isso. Ah, vou apurar bem essa história, ora se vou... E, certo dia, na volta de uma dessas conversas, falei com Pablo sobre o assunto. Ele se limitava a sorrir, mas ponderou:

- Meu amor, eu acho lindo todo esse envolvimento com a vida pessoal de cada mulher amiga da mãe Lali, mas já estou achando que tu estás exagerando... Ou não?
- Você acha?
- Acho. Nem te importas em dar seqüência às coisas que tens de fazer para o nosso casamento...
- Ah, vamos casar, casar mesmo? Não tá bom assim, você me comendo na hora que bem entende?
- Não. Não está. A morte de mãe Lali já se vai pra mais de dois meses, tempo em que já viraste meio mundo em Grotões. Visitas todo mundo. Todo dia tens uma visita a fazer. Mas não encaminhas nada do casamento. Sem falar que há coisas anteriores ao casamento. Precisamos noivar. Fazer uma festa com a presença dos meus filhos, aliás de toda a minha família. Deu pra entender, ou não?

- Então, tá. Mas o que tanto eu preciso fazer, além de dar uma arrumada em minha vida em São Paulo, coisa que ainda não fiz?
- Arrumares que coisas em São Paulo, a não ser fechar o teu apartamento? Caso queiras, providenciar alugar, etc.
- Pablo, meu apartamento talvez eu não o alugue porque ele é moderno demais. É um apartamento-estúdio ou ateliê, num prédio pequeno e antigo. É tão meu e tão a minha cara que, com certeza, terei dó de alugar; depois os móveis são sob medida, etc. Nem sei, vou pensar...
- Apartamento-estúdio/ateliê? Me desculpe, sou um pouco burro, como é isso? Até pra morar tu foges da regra? Por que uma pessoa como tu, que tens grana, podes morar bem, te enfurnas num lugar que, só de pensar, fico sufocado? Para mim é pior que uma quitinete... Penso que é assim como se tua cozinha ficasse também no quarto, ou não? Sem falar no odor de tinta 24 horas, pois suponho que, sendo um apartamento ateliê, é lá o teu local de trabalho. Como vives assim? Tu não precisas viver de modo tão franciscano...

Não pude deixar de rir.

- Engano seu. Moro numa rua charmosa, calma e arborizada, num prédio pequeno. Quando o comprei, era uma cobertura... uma vista linda. Era um antigo apartamento de dois quartos, com uma sala mixuruca, na qual não cabia nenhum móvel decente; e uma copa-cozinha apertada. Como gosto de espaço em interiores, resolvi quebrar tudo e fazer um só ambiente. Nem tanto, pois num dos quartos, que já era uma suíte, apenas reformei o banheiro, coloquei uma banheira bem legal. Uma das paredes da suíte, a que dá pra salona, é móvel, de uma madeira bacana bem trabalhada, que se parece com um quadro. Enfim, tenho uma suíte cercada por uma salona que é, ao mesmo tempo, estúdio, sala de estar, sala de jantar e cozinha, num cantinho lindo... Há um pequeno fogão à lenha, mas claro que uso carvão, de vez em quando. Jamais usei lenha pra cozinhar, só na lareira... Também tenho umas divisórias de bambu lindas, com as quais posso separar ambientes, para um quarto, por exemplo, se chegar uma visita...
- De fato, não vais achar quem queira alugar isso...
- Isso? É que você não sabe que meu apartamento é uma jóia rara, uma obra de arte. E eu o adoro. Nem sei como vou viver sem ele...

— Ah, é?

Rimos....

- Mas Cássia, precisamos organizar a nossa vida. Temos de noivar e de casar. E entre um e outro, decidir um monte de coisas. Por exemplo, onde vamos morar, já que tu não queres...
- Não, na Casa-Grande e Senzala, não! É a casa de seus filhos e netos. Morou lá a vida inteira com sua mulher. É um ambiente minado para mim. É uma casa que vive cheia de gente. Há gente entrando e saindo o tempo todo. É uma casa de muitos donos e donas. Para mim, não e não!
- Tudo bem, vamos seguir com o andor. Concretamente temos de marcar datas, organizar festas. É muita coisa. Precisamos sentar e pensar sobre...

Estávamos praticamente morando juntos. Tomávamos café juntos. Às vezes, almoçávamos e em geral ele jantava comigo e ficávamos namoricando até umas 10 da noite, quando ele ia pra casa dele. Todo mundo sabia. Para mim era um arranjo ótimo, mas para ele, não. Aos sábados e domingos, íamos almoçar em alguma cidadezinha das redondezas, quando então aproveitávamos para passarmos a tarde juntos em algum motel. Por umas duas vezes, fomos à sua fazenda, que era bem perto de Grotões dos Bezerras, mas não gostei muito, pois os empregados olhavam para mim como se eu fosse uma ET. Sentia-me também uma intrusa. Nunca aceitei dormir lá.

Durante a semana, quando almoçávamos juntos em minha casa, nós nos deitávamos um pouco, sob os olhares de reprovação de Maricota, que, de tão envergonhada, fechava a casa toda e ficava lá pelo quintal ou pelo jardim. Mas ela nunca falou muito a respeito. Porém, à noite, Pablo dormia na casa dele. Achei que não dava pra ele se mudar pra minha casa. Nem ele propôs.

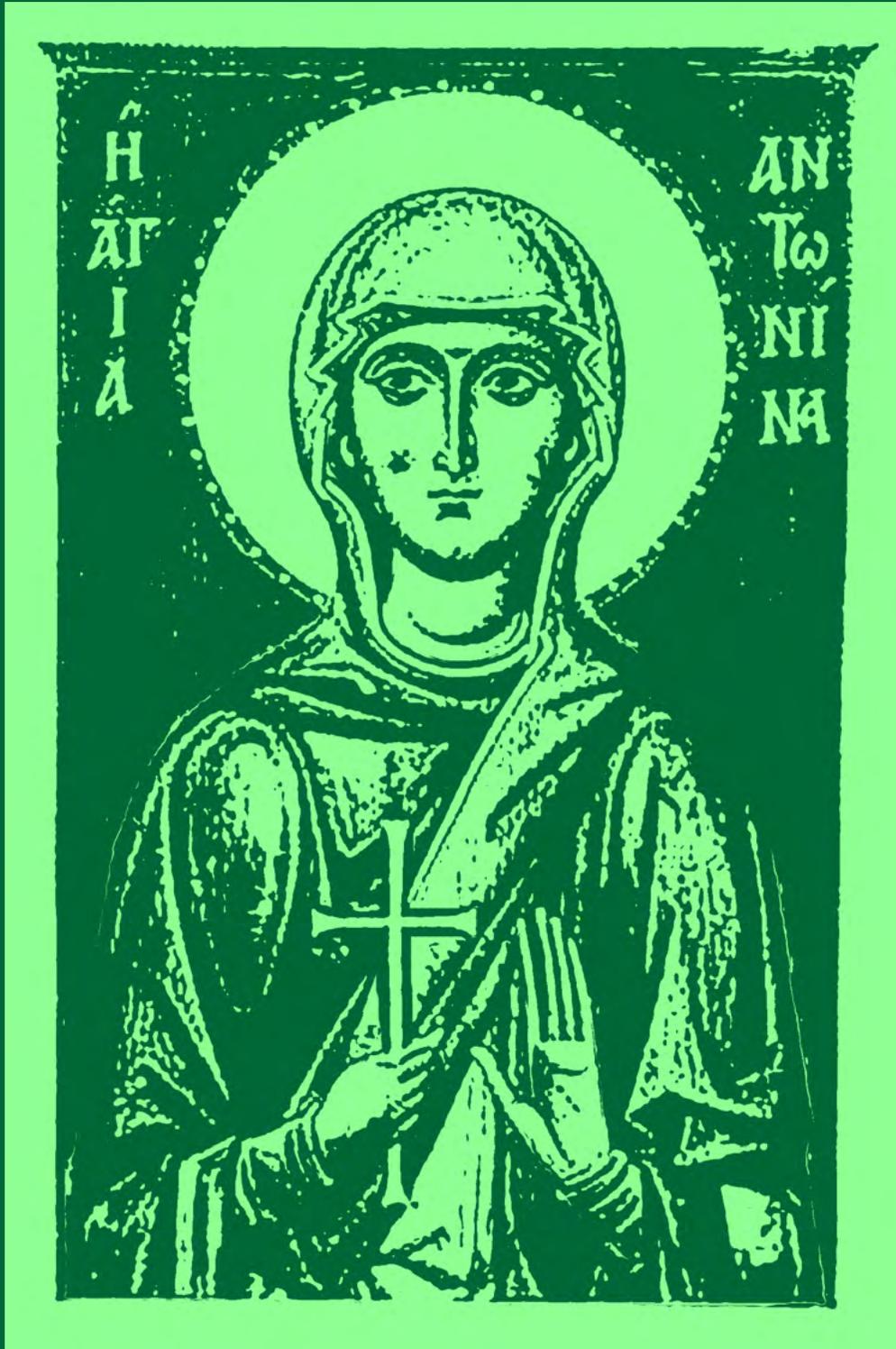
Quando chegamos em casa, logo após o almoço, nós nos sentamos no sofá da sala e ele começou a enumerar.

- Seguindo com o andor, tu poderias anotar umas coisinhas, Cássia? Pegue aí um papel e uma caneta.
- Pô, agora? Nem uma cochilada? Nem uma alisadinha?
- Sim, será agora, dona moça. Hoje tu não me escapas. Vamos marcar a data do noivado e listar o que precisamos fazer. Daremos uma festa só pra minha família e pra sua, ou faremos algo maior?

- Ah, nem sei. O que você chama de algo maior? O noivado será bem perto do casório? Porque, se for, basta uma comidinha familiar no noivado. Ou não?
- Então, vamos marcar essa comidinha familiar pra daqui a uns quinze ou vinte dias. E o casamento não pode demorar. No máximo dois meses depois.
- Isso tudo, meu amor?
- Ah, ficaste apressadinha, não? Que linda!
- Linda eu sei que sou mesmo. Sempre fui. Então, vejamos. Faremos um almoço para sua filharada num sábado ou domingo. Logo, no máximo entre quinze dias e um mês. Quem puder vir, que venha, se não, noivamos assim mesmo. Haverá o almoço do noivado e quem puder que venha. Nada de ficar vendo se dá pra tooooooo mundo vir, combinado?
- Combinadíssimo. Estou gostando de ver a sua maneira prática de tocar as coisas. E a data do casamento?
- Meu aniversário é 12 de junho. Que lhe parece casarmos no 12 de junho, Dia dos Namorados?
- Enquanto proposta de data com simbolismo, é perfeita. Mas será daqui a quase três meses. Pra mim é muito. Tenho pavor de demorar e tu mudares de idéia... Nem durmo direito, pode crer...
- Esquece. Quando eu decido me casar, caso mesmo. Posso mudar de idéia depois. Fique tranqüilo... Nunca mudei de idéia antes. Ah, entre o noivado e o casamento, preciso ir a Sampa, ficar lá pelo menos uma semana.
- Irei contigo. Uma semana poderei ficar ausente daqui sem problemas, porém precisamos nos organizar bem. É impressão minha ou tu não queres que eu vá contigo?
- Não pensei sobre isso, mas podemos discutir depois? Vamos dar uma passadinha no que vamos fazer em nosso almoço de noivado?
- Tudo bem, mas o que tu gostarias de fazer?
- Eu? De fazer? Quem disse a você que vou fazer alguma coisa? Eu quero é que tenhamos um noivado lindo pra que eu possa me distrair na beleza do almoço sem olhar pras caras feias de suas filhas, filhos e noras e genros, netos e o escambau. Se vierem...

- Olhe, elas podem até faltar ao casamento, se as conheço bem, mas ao noivado, jamais. Estão malucas pra se encontrarem contigo no cara a cara... Mas, enfim, à noite vamos continuar preparando nosso almoço, não?
- Pablo, que lhe parece a gente fazer um churrasco? Ou algo de comidas típicas daqui do sertão?
- Pro casamento ou pro almoço de noivado?
- Pro noivado, amor...
- Churrasco pro noivado não, amada. Vamos ter de fazer pro casamento, lá na fazenda. Imagina eu me casar e não fazer uma festança de comilança pra quem quiser aparecer por lá? Coisa de caboclo mesmo. Não há outro jeito. Não posso me casar e não pensar nos eleitores, né? Se eu não der uma grande festa, de certeza perderei votos. E como é que vou perder votos assim? Nosso casamento não terá convitinhos, toda a cidade é convidada. Vou mandar anunciar na rua... No rádio...
- Santíssima, que surreal!
- Espantada? De grã-finagem só mesmo o vestido da noiva, porque, se não for, vão reparar. Tu serás a noiva mais linda que Grotões vai ver! Quanto ao almoço de noivado, pense numa comida sertaneja mesmo.
- Mas será assim mesmo como você está dizendo? Estou até com medo. E que farei, se eu quiser convidar algumas pessoas amigas minhas?
- Simples. Pessoas de longe, convidadas tuas ou minhas, chegarão antes. Pensei em fazermos uma “despedida de solteiro” diferente. Faremos, como despedida, uma janta mais íntima, na véspera do casamento. Um grande banquete, pros amigos de fora e pras nossas famílias. No dia seguinte, o do casamento, dependendo da hora em que você quiser marcar o casório, se não estou enganado tu falaste que gostaria de casar pela manhã, logo depois haverá o churrasco e nós damos no pé. Caímos na estrada e vamos pra onde tu quiseres e deixamos o povo festejando, que tal, hein?
- Pelo visto, terei pouca coisa pra fazer, pois você pensa em tudo. Está sempre à frente. No comando.
- Mas ainda falta a música, Cacá! Tem de ter muita música. Vamos pensar se botamos a Orquestra de Zaqueu pra tocar ou se contratamos um bom sanfoneiro, o Lequer, por exemplo, já que o povo gosta mesmo é da forrozada, né? Ou os dois?





# Os segredos e os mistérios da arte de ser carpideira

Depois de Pablo ter ido embora, fui conversar com Maricota e Socorrinha, que estavam proseando. Além do mais, ela trabalhou anos e anos pra família dele, então devia muito saber do que gostavam de comer. Foi a “sopa no mel”. Disse logo que o melhor seria um almoço sertanejo para o noivado. E que para o jantar dos amigos de fora, na véspera do casamento, uma “meia mistura de tudo”. E não se fez de rogada. Foi logo dizendo que ela ia “comandar essas duas comilanças”, que era só eu escolher e depois de discutido com o prefeito, ela se encarregaria de tudo. E ainda fez duas sugestões que eu fiquei admirada, pela praticidade dela, sabedora das mil e uma encrencas que a filharada do meu amado poderia arrumar para “melar a alegria e a felicidade de nós dois”... De fato, gente experiente é outro departamento.

E bote experiência em Socorrinha! Quanto mais pensar, mais ela tem. Sugeri que o almoço de noivado fosse na casa de Pablo, pois era uma coisa íntima, só a minha família e a dele, sem outros convidados. Se houvesse algum barraco, estava tudo em casa, mas que o jantar de despedida de solteiro não poderia ser, jamais, na casa dele, mas em minha casa. E como era para os amigos, só os filhos de Pablo que estivessem de acordo com nosso casamento viriam. Não preciso dizer que a genialidade da praticidade de Socorrinha teve o dom de me acalmar e resolveu um número grande de problemas que me atormentavam.

Olhem só o cardápio que montei com Socorrinha, que Pablo aprovou maravilhado, pois disse que eram comidas sertanejas legítimas, de que todo mundo gostava, mas que hoje em dia se fazia pouco:

## ***Cardápio do almoço de noivado: carnes básicas de leitoa e de cabrito***

- *Leitoa assada no forno de lenha. E com os miúdos e a fussura da leitoa fazer sarapatel (sarrabulho).*
- *Cabrito, assar no forno os “quartos traseiros e as pás, que são as coxas dianteiras”. Com os miúdos dos cabritos e com a fussura, fazer uma buchada (a famosa “buchada de bode” do sertão). E o espinhaço do cabrito, fazer com leite de coco.*
- *De sobremesa, os doces da terra, ou seja, doce de leite e doce de banana em rodela.*

- Mas, Socorrinha, o que é isso? Dá para alimentar um batalhão! É só a família do Pablo e a minha, que só tenho Valdir, a mulher dele e as duas meninas.
- Mas é um batalhão mesmo. Pensa que não? Pois vamos conferir. Sabe quantos são na família do prefeito, quando contar a filharada, netaiada, irmãos dele e tudo? Onde que Seu Pablo vai dar uma festa de noivado e não chamar todos os irmãos? Bota os miolos da cabeça pra funcionar, mulher. O homem é político dia e noite. E com essa família dele grande demais é que ele tem mesmo de fazer política. Ou faz, ou se lasca.

Ela tinha total razão, pois Pablo achou a comida pouca. E acrescentou que precisavam ser duas leitoas! Quanto à idéia de onde seriam degustadas as comidas, ele concordou com Socorrinha.

- Vá por ela, Cássia, ela sabe do que fala.

***Cardápio do banquete/jantar de despedida de solteiros:  
carnes básicas de galinha e frutos do mar***

- *Galinha: cheia e à cabidela;*
- *Frutos do mar: fritada de carangueijo e de camarão;*
- *Saladas: alface, tomate e pepino;*
- *Sobremesa: doce de leite, pudim de leite e ambrósia;*
- *Refreshcos de frutos da terra: maracujá e tamarindo.*

- Cacá, e o bolo de casamento? Não pensou? Festa de casamento por aqui sempre conta com um baita e gostoso bolo.
- Pensar, pensei. Mas ainda não vi direito.
- Vou telefonar para a minha filha Lidiana. Ela é doceira fina. Se não fosse médica, poderia viver de fazer doces. Mãos de fada. Quando pode, faz questão de vir pra cá e fazer toda a doçaria das festas de aniversário dos sobrinhos.

Certa vez, perguntei a algumas carpideiras o que eram as *Leis das Doze Tábuas*. Ouvi várias explicações. Mas todas disseram que foram as primeiras leis romanas escritas, cuja décima tábua era o norte das carpideiras, em todo o mundo. Onde houver uma carpideira, há respeito à décima tábua, que determinava a lei dos cuidados com os mortos, as sentinelas e os enterros.

Intrigada, à noite, telefonei para uma amiga minha, a Celinha, que é jurista. E qual não foi o meu espanto quando respondi porque queria saber sobre a *Lei das Doze Tábuas*.

- Cacá, como você gosta de pregar peças nos outros! Imagina se ainda há gente vivendo para referenciar a *Lei das Doze Tábuas*, querida. Ademais, como um monte de mulheres de pouca leitura ou analfabetas, no sertão, dizem gerir suas vidas pela *Lei das Doze Tábuas*? Impossível, Cacá! De que jeito elas sabem isso?
- Não, não é impossível. É a mais pura verdade...
- O que elas disseram?
- Que são leis de antes de Cristo, que foram escritas em doze tábuas de bronze e que uma delas, a décima, é sobre a morte, os enterros, etc.
- É. A décima lei das *Doze Tábuas* versa sobre o direito sacro. Interessante que elas saibam tudo isso. Tão interessante que eu, como professora numa Faculdade de Direito, tenho até vontade de ir aí conversar com essas mulheres, de tão curiosa que fiquei...
- Não sei se elas concordariam em conversar com você, querida. Tudo delas é envolto em mistérios...
- É, mas estou curiosa. Enfim, saiba mais: A *Lei das Doze Tábuas* já são leis escritas. Aliás, foram as primeiras leis escritas em Roma. Foram escritas em doze placas de bronze e afixadas no *Forum Romanum* – Igualdade Jurídica, em 451 a.C. e 450 a.C. Foi também o primeiro Código do Direito Romano escrito, gravado em tábuas de bronze! Sabemos que em Roma, até às *Doze Tábuas*, as leis não eram escritas. Sim, foi a pressão da plebe que fez surgir o primeiro Código Jurídico de Roma, a *Lei das Doze Tábuas*. Resultam da pressão dos plebeus contra as injustiças pelo controle exercido pelos patrícios sobre as leis. Os patrícios definiam as normas legais conforme uma práxis consuetudinária, “em que só era iniciado um reduzido grupo de notáveis”. Vou consultar um livro pra dizer algo mais. Pelo menos o que contém cada uma delas. Posso mandar um fax pra você amanhã com o teor da Décima Tábua? Para onde mando?
- Oh, sim. Tudo bem e obrigada. Mas vou lhe contar uma coisa, uma novidade. Estou apaixonada e vou casar com a minha nova paixão.
- Mas qual era a novidade, Cacá?
- Minha nova paixão, meu casamento. Falta marcar a data exata, mas vai ser em breve. Até junho, no máximo.
- Ah, sem novidades, Cacá. Você apaixonada e que vai juntar os trapos com a sua paixão, é normal, esperado... A regra de sua vida é casar e descasar.

Lembra quantas vezes eu já vi esse filme? Mas claro que vou ao seu casamento porque não vou perder a lenda em torno de você: a mulher mais casamenteira da face da Terra.

Acabamos dando risadas e nos despedimos. Mas prometi telefonar no dia seguinte para dar o número do fax do Pablo. Eu tinha telefone, mas fax, não. Naquela hora pensei que deveria comprar um, já que não havia Internet em Grotões, fora na Prefeitura. No dia seguinte, recebi um fax com o que consta abaixo:

*Grosso modo, podemos classificar a legislação romana em três tipos:*

- *Jus Civile (Direito Civil), conjunto das leis a serem obedecidas pelos cidadãos romanos;*
- *Jus Gentium (Direito dos Gentios), código mais abrangente, que dizia respeito a todos os habitantes do Império, independentemente da nacionalidade;*
- *Jus Naturale (Direito Natural), verdadeira filosofia jurídica, destacando-se entre seus fundamentos o seguinte princípio: “Todos os Homens, são por natureza, iguais e detentores de certos direitos que os governos não têm autoridade para transgredir”.*

### ***Lei das XII Tábuas***

*“Os plebeus conseguiram que dez magistrados ou decênviros se reunissem para escrever um código que foi aprovado em 450 a.C.”*

*TÁBUA PRIMEIRA Do chamamento a Juízo*

*TÁBUA SEGUNDA Dos julgamentos e dos furtos*

*TÁBUA TERCEIRA Dos direitos de crédito*

*TÁBUA QUARTA Do pátrio poder e do casamento*

*TÁBUA QUINTA Das heranças e tutelas*

*TÁBUA SEXTA Do direito de propriedade e da posse*

*TÁBUA SÉTIMA Dos delitos*

*TÁBUA OITAVA Dos direitos prediais*

*TÁBUA NONA Do direito público*

*TÁBUA DÉCIMA Do direito sacro*

*TÁBUA DÉCIMA PRIMEIRA (sem título)*

*TÁBUA DÉCIMA SEGUNDA (sem título)*

### ***Tábua Décima – Do direito sacro***

1. *... do juramento.*
2. *Não é permitido sepultar nem incinerar um homem morto na cidade.*

3. *Moderai as despesas com os funerais.*
4. *Fazei apenas o que é permitido.*
5. *Não deveis polir a madeira que vai servir à incineração.*
6. *Que o cadáver seja vestido com três roupas e o enterro se faça acompanhar de dez tocadores de instrumentos.*
7. *Que as mulheres não arranhem as faces nem soltem gritos imoderados.*
8. *Não retireis da pira os restos dos ossos de um morto, para lhe dar segundos funerais, a menos que tenha morrido na guerra ou em país estrangeiro.*
9. *Que os corpos dos escravos não sejam embalsamados e que seja abolido dos seus funerais o uso da bebida em torno do cadáver.*
10. *Que não se lancem licores sobre a pia de incineração nem sobre as cinzas do morto.*
11. *Que não se usem longas coroas nem turíbulos nos funerais.*
12. *Que aquele que mereceu uma coroa pelo próprio esforço ou a quem seus escravos ou seus cavalos fizeram sobressair nos jogos, traga a coroa como prova do seu valor, assim como os seus parentes, enquanto o cadáver está em casa e durante o cortejo.*
13. *Não é permitido fazer muitas exéquias nem muitos leitos fúnebres para o mesmo morto.*
14. *Não é permitido enterrar ouro com o cadáver; mas se seus dentes são presos com ouro, pode-se enterrar ou incinerar com esse ouro.*
15. *Não é permitido, sem o consentimento do proprietário, levantar uma pira ou cavar novo sepulcro, a menos de sessenta pés de distância da casa.*
16. *Que o vestibulo de um túmulo jamais possa ser adquirido por usucapião, assim como o próprio túmulo.*

Depois de ter lido a *Décima Tábu*a, minha curiosidade ficou ainda mais aguçada para entender um pouco sobre a sentinela e o enterro de tia Lali. Fiquei querendo saber mais sobre os rituais da morte. Relembrei o de minha tia, pois quando todo mundo pressentia que ela estava prestes a morrer, havia sempre uma ou duas carpideiras a postos durante o dia e, à noite, uma escala de revezamento, assim é que, quando tia Lali pressentiu que estava morrendo, ela abriu os olhos num esboço de sorriso e pediu à Damiana uma vela. Ela a acendeu e a colocou entre as mãos de titia. Ao mesmo tempo, ambas começaram a rezar o *Ofício da Agonia*, um conjunto de orações e pedidos no qual são feitos pedidos de perdão a Jesus. Era impressionante porque grande parte do *Ofício da Agonia* foi ainda dito por tia Lali, até que sua voz, que já era bem fraca, sumiu!

Em seguida, Damiana tirou a *Ladainha de Todos os Santos*, em latim, acompanhada por Mariana, que chorava muito. E eu ali só olhando e chorando, pois nem me lembrava mais de como era uma ladainha. Desde então, acho a sonoridade de uma ladainha puxada uma coisa muito bonita, de algum modo é mágica.

“A ladainha de todos os santos é chamada também de litania dos santos, originou-se da Oração dos fiéis (séc. III), que constava duma lista de nomes de santos, cuja memória era invocada pelo celebrante durante a missa. No início eram reverenciados os nomes de mártires, sobretudo os que testemunharam a fé em Roma. Com o tempo, a lista dos santos foi ampliada, tomando caráter de universalidade. Daí ser chamada de Ladainha de todos os santos.”

### **Ladainha de Todos os Santos**

*(Em português e em latim)*

Senhor, tende piedade de nós.

*Kyrie, eleison.*

Jesus Cristo, tende piedade de nós.

*Christe, eleison.*

Senhor, tende piedade de nós.

*Kyrie, eleison.*

Jesus Cristo, ouvi-nos.

*Christe, audi nos.*

Jesus Cristo, atendei-nos.

*Christe, exaudi nos.*

Deus pai do céu, tende piedade de nós.

*Pater de caelis Deus, miserere nobis.*

Deus filho, redentor do mundo, tende piedade de nós.

*Fili Redemptor mundi Deus, miserere nobis.*

Deus Espírito Santo, tende piedade de nós.

*Spiritus Sancte Deus, miserere nobis.*

Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.

*Sancta Trinitas, unus Deus, miserere nobis.*

Santa Maria, rogai por nós.

*Sancta Maria, ora pro nobis.*

Santa Mãe de Deus, rogai por nós.

*Sancta Dei Genetrix, ora pro nobis.*

Santa Virgem das virgens, rogai por nós.

*Sancta Virgo virginum, ora pro nobis.*

São Miguel, rogai por nós.

*Sancte Michael, ora pro nobis.*

São Gabriel, rogai por nós.

*Sancte Gabriel, ora pro nobis.*

São Rafael, rogai por nós.

*Sancte Raphael, ora pro nobis.*

Todos os santos Anjos e Arcanjos, rogai por nós.

*Omnes sancti Angeli et Archangeli, orate pro nobis.*

Todas as santas ordens de Espíritos bem-aventurados, rogai por nós.

*Omnes sancti beatorum Spirituum ordines, orate pro nobis.*

São João Batista, rogai por nós.

*Sancte Ioannes Baptista, ora pro nobis.*

São José, rogai por nós.

*Sancte Ioseph, ora pro nobis.*

Todos os santos Patriarcas e Profetas, rogai por nós.

*Omnes sancti Patriarchae et Prophetae, orate pro nobis.*

São Pedro, rogai por nós.

*Sancte Petre, ora pro nobis.*

São Paulo, rogai por nós.

*Sancte Paule, ora pro nobis.*

Santo André, rogai por nós.

*Sancte Andrea, ora pro nobis.*

São Thiago, rogai por nós.

*Sancte Iacobe (maior), ora pro nobis.*

São João, rogai por nós.

*Sancte Ioannes, ora pro nobis.*

São Tomé, rogai por nós.

*Sancte Thoma, ora pro nobis.*

São Thiago, rogai por nós.  
*Sancte Iacobe (minor), ora pro nobis.*

São Felipe, rogai por nós.  
*Sancte Philippe, ora pro nobis.*

São Bartolomeu, rogai por nós.  
*Sancte Bartolomaeae, ora pro nobis.*

São Mateus, rogai por nós.  
*Sancte Matthae, ora pro nobis.*

São Simão, rogai por nós.  
*Sancte Simon, ora pro nobis.*

São Tadeu, rogai por nós.  
*Sancte Thaddae, ora pro nobis.*

São Matias, rogai por nós.  
*Sancte Matthia, ora pro nobis.*

São Barnabé, rogai por nós.  
*Sancte Barnaba, ora pro nobis.*

São Lucas, rogai por nós.  
*Sancte Luca, ora pro nobis.*

São Marcos, rogai por nós.  
*Sancte Marce, ora pro nobis.*

Todos os santos Apóstolos e Evangelistas, rogai por nós.  
*Omnes sancti Apostoli et Evangelistae, orate pro nobis.*

Todos os santos Discípulos do Senhor, rogai por nós.  
*Omnes sancti discipuli Domini, orate pro nobis.*

Todos os santos Inocentes, rogai por nós.  
*Omnes sancti Innocentes, orate pro nobis.*

São Estevão, rogai por nós.  
*Sancte Stephane, ora pro nobis.*

São Lorenço, rogai por nós.  
*Sancte Laurenti, ora pro nobis.*

São Vicente, rogai por nós.

*Sancte Vincenti, ora pro nobis.*

Santos Fabiano e Sebastião, rogai por nós.

*Sancti Fabiane et Sebastiane, orate pro nobis.*

Santos João e Paulo, rogai por nós.

*Sancti Iohannes et Paule, orate pro nobis.*

Santos Cosme e Damião, rogai por nós.

*Sancti Cosma et Damiane, orate pro nobis.*

Santos Gervásio e Protasio, rogai por nós.

*Sancti Gervasi et Protasi, orate pro nobis.*

Todos os santos Mártires, rogai por nós.

*Sancte Cypriane, ora pro nobis.*

São Silvestre, rogai por nós.

*Sancte Sylvester, ora pro nobis.*

São Gregório, rogai por nós.

*Sancte Gregori, ora pro nobis.*

Santo Ambrósio, rogai por nós.

*Sancte Ambrosi, ora pro nobis.*

São Angostinho, rogai por nós.

*Sancte Augustine, ora pro nobis.*

São Jerônimo, rogai por nós.

*Sancte Hieronyme, ora pro nobis.*

São Martim, rogai por nós.

*Sancte Martine, ora pro nobis.*

São Nicolau, rogai por nós.

*Sancte Nicolae, ora pro nobis.*

Todos os santos Pontífices e Confessores, rogai por nós.

*Omnes sancti Pontifices et Confessores, orate pro nobis.*

Todos os santos Doutores, rogai por nós.

*Omnes sancti Doctores, orate pro nobis.*

Santo Antônio, rogai por nós.

*Sancte Antoni, ora pro nobis.*

São Bento, rogai por nós.

*Sancte Benedicte, ora pro nobis.*

São Bernardo, rogai por nós.

*Sancte Bernarde, ora pro nobis.*

São Domingos, rogai por nós.

*Sancte Dominice, ora pro nobis.*

São Francisco, rogai por nós.

*Sancte Francisce, ora pro nobis.*

Todos os santos Sacerdotes e Levitas, rogai por nós.

*Omnes sancti Sacerdotes et Levitae, orate pro nobis.*

Todos os santos Monges e Eremitas, rogai por nós.

*Omnes sancti Monachi et Eremitae, orate pro nobis.*

Santa Maria Madalena, rogai por nós.

*Sancta Maria Magdalena, ora pro nobis.*

Santa Águeda, rogai por nós.

*Sancta Agatha, ora pro nobis.*

Santa Lúcia, rogai por nós.

*Sancta Lucia, ora pro nobis.*

Santa Inês, rogai por nós.

*Sancta Anges, ora pro nobis.*

Santa Cecília, rogai por nós.

*Sancta Caecilia, ora pro nobis.*

Santa Anastásia, rogai por nós.

*Sancta Anastasia, ora pro nobis.*

Todas as santas Virgens e Viúvas, rogai por nós.

*Omnes sanctae Virgines et Viduae, orate pro nobis.*

Todos os Santos e Santas de Deus, intercedei por nós.

*Omnes Sancti et Sanctae Dei, intercedite pro nobis.*

Sêde propício, perdoai-nos Senhor.

*Propitius esto, parce nos, Domine.*

Sêde propício, ouvi-nos Senhor.

*Propitius esto, exaudi nos, Domine.*

De todo o mal, livrai-nos Senhor.

*Ab omni malo, libera nos, Domine.*

De todo o pecado, livrai-nos Senhor.

*Ab omni peccato, libera nos, Domine.*

De vossa ira, livrai-nos Senhor.

*Ab ira tua, libera nos, Domine.*

Da morte repentina e imprevista, livrai-nos Senhor.

*A subitanea et improvisa morte, libera nos, Domine.*

Das ciladas do demônio, livrai-nos Senhor.

*Ab insidiis diaboli, libera nos, Domine.*

De toda a ira, ódio e má vontade, livrai-nos Senhor.

*Ab ira et odio et omni mala voluntate, libera nos, Domine.*

Do espírito da fornicação, livrai-nos Senhor.

*A spiritu fornicationis, libera nos, Domine.*

Do raio e da tempestade, livrai-nos Senhor.

*A fulgure et tempestate, libera nos, Domine.*

Do flagelo do terremoto, livrai-nos Senhor.

*A flagello terraemotus, libera nos, Domine.*

Da peste da fome e da guerra, livrai-nos Senhor.

*A peste, fame et bello, libera nos, Domine.*

Da morte eterna, livrai-nos Senhor.

*A morte perpetua, libera nos, Domine.*

Pelo mistério de vossa santa encarnação, livrai-nos Senhor.

*Per mysterium sanctae Incarnationis tuae, libera nos, Domine.*

Pela vossa vinda, livrai-nos Senhor.

*Per adventum tuum, libera nos, Domine.*

Pelo vosso nascimento, livrai-nos Senhor.

*Per nativitatem tuam, libera nos, Domine.*

Por vosso batismo e santo jejum, livrai-nos Senhor.

*Per baptismum et sanctum ieiunium tuum, libera nos, Domine.*

Por vossa cruz e paixão, livrai-nos Senhor.

*Per crucem et passionem tuam, libera nos, Domine.*

Por vossa morte e sepultura, livrai-nos Senhor.

*Per mortem et sepulturam tuam, libera nos, Domine.*

Por vossa santa ressurreição, livrai-nos Senhor.

*Per sanctam resurrectionem tuam, libera nos, Domine.*

Por vossa admirável ascensão, livrai-nos Senhor.

*Per admirabilem ascensionem tuam, libera nos, Domine.*

Pela vinda do Espírito Santo Consolador, livrai-nos Senhor.

*Per adventum Spiritus Sancti Paracliti, libera nos, Domine.*

No dia do juízo, livrai-nos Senhor.

*In die iudicii, libera nos, Domine.*

Pecadores que somos, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Peccatores, te rogamus, audi nos.*

Que nos perdoeis, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut nobis parcas, te rogamus, audi nos.*

Que useis de indulgência conosco, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut nobis indulgeas, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis conduzi-nos a verdadeira penitência, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut ad veram paenitentiam nos perducere digneris, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis reagir e conservar a vossa santa igreja, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut Ecclesiam tuam sanctam regere et conservare digneris, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis conservar a vossa santa religião o Sumo Pontífice e a todos as ordens da hierarquia eclesiástica, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut domum Apostolicum et omnes ecclesiasticos ordines in sancta religione conservare digneris, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis humilhar os inimigos da igreja, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut inimicos sanctae Ecclesiae humiliare digneris, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis conceder a verdadeira paz e concórdia entre os reis e príncipes cristãos, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut regibus et principibus christianis pacem et veram concordiam donare digneris, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis conceder a paz e a união a todo o povo cristão, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut cuncto populo christiano pacem et unitatem largiri digneris, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis chamar à unidade da Igreja, a todos os que estão alheios a ela, para iluminar todos os infieis com a luz do Evangelho, nós vos rogamos: ouvinos.

*Ut omnes errantes ad unitatem Ecclesiae revocare, et infideles universos ad Evangelii lumen perducere digneris, te rogamus, audi nos.*

Que vos digneis confortar-nos e conservar-nos em vosso santo serviço, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut nosmetipsos in tuo sancto servitio confortare et conservare digneris, te rogamus, audi nos.*

Que levanteis nossos corações a desejar as coisas celestiais, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut mentes nostras ad caelestia desideria erigas, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis retribuir, com os bens eternos a todos os nossos benfeitores, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut omnibus benefactoribus nostris sempiterna bona retribuas, te rogamus, audi nos.*

Que livreis da morte eterna nossas almas e as de nossos irmãos, parentes e benfeitores, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut animas nostras, fratrum, propinquorum et benefactorum nostrorum ab aeterna damnatione eripias, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis dar e conservar os frutos da terra, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut fructus terrae dare et conservare digneris, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis conceder o eterno descanso a todos os fiéis defuntos, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Ut omnibus fidelibus defunctis requiem aeternam donare digneris, te rogamus, audi nos.*

Que nos digneis atender-nos, nós vos rogamos: ouvinos.

*Ut nos exaudire digneris, te rogamus, audi nos.*

Filho de Deus, nós vos rogamos: ouvi-nos.

*Fili Dei, te rogamus, audi nos.*

Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, perdoai-nos, Senhor.

*Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce nobis, Domine.*

Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, ouvi-nos, Senhor.

*Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, exaudi nos, Domine.*

Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós.

*Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis.*

Jesus Cristo, ouvi-nos.

*Christe, audi nos.*

Jesus Cristo, atendei-nos.

*Christe, exaudi nos.*

Senhor, tende piedade de nós.

*Kyrie, eleison.*

Jesus Cristo, tende piedade de nós.

*Christe, eleison.*

Senhor, tende piedade de nós.

*Kyrie, eleison.*

Pai nosso (secreto).

*Pater noster (silentio).*

E não nos deixeis cair em tentação. Mais livrai-nos do mal. Amém.

*Et ne nos inducas in tentationem. Sed libera nos a malo. Amem.*

Depois de ter certeza de que tia Lali estava morta, Damiana rezou *De profundis* e entoou o *Senhor Amado*, um cântico que celebra quem morre. Eu estava sem saber se chorava, se olhava a face serena da tia Lali ou se me encantava com o ritual de aceitação de sua morte.

**Senhor Amado**

*Para os tempos que estavas no mundo*

*Mandaram te chamar*

*Na casa da Mãe Santíssima*

*Para ti, para ti apresentar*

*Senhora Mãe Santíssima*

*Eu vim me apresentar*

*Atender Vosso chamado*

*Que Vós me, que Vós me mandou chamar*

*Te apresenta ao Vosso Pai*

*Foi quem mandou te chamar*

*Teu tempo completou*

*Que é para ti, que é para ti te apresentar*

*Oh, meu Senhor amado*

*Eu vim me apresentar*

*Atender Vosso chamado*

*Que Vós me, que Vós me mandou chamar*

*Confessa os teus crimes*

*Do mundo de ilusão*

*Que é para ver se eu posso*

*Para ver se eu posso,*

*para ver se eu posso dar o perdão*

*Os tempos que eu estive no mundo*

*De Vós, Senhor, nada me faltou*

*Só eu tanto ofendi Tanto ofendi,*

*tanto ofendi a Vós Senhor*

*Os tempos que eu estive no mundo*

*Com a proteção de Vós, Senhor*

*Só eu tanto ofendi*

*Tanto ofendi,*

*tanto ofendi a Vós Senhor*

*Oh, meu Senhor amado  
Soberanitíssimo Senhor  
Só eu tanto ofendi  
Tanto ofendi,  
tanto ofendi a Vós Senhor  
Só eu tanto ofendi  
Tanto ofendi  
e me perdoai, Senhor.*

Em seguida Damiana pediu à Maricota que abrisse todas as janelas e portas da casa, e virando-se para mim:

— Só pode fechar as portas e janelas depois que o corpo sair pro cemitério.

Em seguida pediu à Maricota que fosse tocar o sino da capela para anunciar a morte da tia Lali. Foi quando Maricota me disse que, quando voltasse da capela, iria preparar o banho da defunta do jeito que ela tinha mandado e que precisaria avisar às colegas porque ela também pediu a todas que viessem dar o último banho nela. Quando falei que precisávamos escolher uma roupa para a titia ser enterrada, ela disse-me:

— Nada disso. A roupa dela está pronta lá na capela. E faz tempo. É uma roupa como a de Nossa Senhora, toda de seda branca, com manto azulzinho e tudo mais, que será colocada por cima da mortalha branca de algodão. Não sabia que moça virgem, quando morre, a gente enterra com a roupa da Santíssima Virgem Maria? E a Orquestra de Zaqueu vai tocar no enterro da mãe Lali. São três peças de roupa, como mandam as *Doze Tábuas*: “Que o cadáver seja vestido com três roupas e o enterro se faça acompanhar de dez tocadores de instrumentos”.

Espantada e desarvorada, disse-lhe que não sabia. Mas não me contive e disse-lhe que havíamos dado um banho em tia Lali pela manhã, será que precisava que outras pessoas a vissem nua, se ela estava limpinha, se nem xixi fizera depois do banho?

— Oxente, mas ela ainda estava viva, Cacá. Precisa do banho do corpo morto, pra chegar no céu limpinha, que eu acho que lá as almas nem se banham, já que não tem água. Só há água na Terra, né? Pois vi na televisão que só. E depois não só estava viva como não foi banho de morto, que é especial.

– Como assim?

— Ah, não diga que tu não sabes como é banho de morto... Não mesmo? Uma água quebrada da frieza, porque, se for fria, o corpo endurece demais. Na água coloca-se creolina ou pinga, de acordo com a doença. Na água do banho de defunta

da mãe Lali, é creolina porque ela morreu de doença feia e o corpo apodrece mais depressa.

Enquanto as carpideiras davam o derradeiro banho em tia Lali, eu e Maricota fomos cuidar de outras coisas. Uma delas era a comida da sentinela. Faz-se bastante comida, café, chás; e separa-se a “pinga da morta”, que os homens bebem a noite inteira, enquanto velam o corpo. Uma trabalhadeira sem-fim, mas duas vizinhas se colocaram à disposição para cuidar da cozinha com Maricota.

Outra providência foi arrumar um carro que fosse aos povoados de Grotões dando a má notícia e avisando as pessoas amigas sobre a sentinela. Maricota tinha uma lista de quem eram as pessoas para receber a notícia nos povoados, feitas por tia Lali. Até o mensageiro ficou espantado, pois tia Lali havia deixado tudo organizado para o seu enterro.

Outra confusão foi que eu queria colocá-la num caixão para ser velada. Tudo bem que ela desejou ser enterrada numa rede e não num caixão. Mas como fazer a sentinela com um corpo em cima não sei de quê, uma tábua, por exemplo, não entrava em minha cabeça. Mas as carpideiras disseram que seria mesmo em cima de uma tábua forrada com uma esteira, que seria coberta com uma colcha de cama branca.

Preocupada em expor a magreza extrema da minha tia em cima de uma tábua, elas permitiram que o corpo fosse totalmente recoberto com flores. E eu fui para o nosso jardim colher flores. Levei um tempo enorme, mas colhi todas as que eu pude e só parei quando vi que elas cobririam bem o corpo dela. Depois muita gente trouxe flores. E ela parecia linda e serena debaixo daquela montanha de flores.



# A nova mãe das carpideiras

No dia seguinte à escolha da nova mãe das carpideiras, Damina e sua irmã Cosma chegaram à minha casa bem cedo da manhã, a tempo de tomar café comigo, Maricota e Pablo, pois precisavam preparar a comilança para a festa chamada de “A ladainha da nova mãe”, inegavelmente uma celebração.

Pablo indagou se elas precisavam de alguma coisa, a respeito das comidas para a festa. Elas disseram que não, já que as pessoas amigas haviam trazido muita coisa e era costume não se gastar dinheiro para comprar comestíveis para as festas da capela. As pessoas teriam de comer apenas o que fora arrecadado, podendo alguém trazer mais algumas coisas já prontas para se comer na hora. O que houver se come. Se não houver nada, não se come nada. Sempre foi assim. E também quem não deu nada de comestível para a festa nem aparece. Sempre tive certa birra com a palavra comestível. Acho-a estranha. Sempre que a ouço, penso em combustível. Engraçado, não?

Fiquei impactada ao saber como a festa era organizada, pois demonstrava uma preocupação em conscientizar para a vida coletiva. Era o espírito de solidariedade perpassando tudo. Como eu estava aprendendo com aquelas mulheres! Mas o querer entender mais do ritual da sentinela e do enterro de uma carpideira, retornei a relembrar os acontecimentos do dia em que tia Lali faleceu... As imagens reaparecem como cenas de um filme...

Naquele dia, sentindo que não me agüentava mais de pé, depois da tia Lali ter sido levada para a capela, perguntei ainda como seria o cerimonial do velório, o ofício fúnebre, porque eu precisava me deitar um pouco. Mas não queria estar ausente na hora da cerimônia.

- Vamos tirar as incelências a noite inteira, minha filha. De duas em duas horas, será rezado o rosário. Na hora da saída da capela para o cemitério, rezaremos a *Bendita Eucaristia*. E no caminho do cemitério, a reza é a *Oração das 13 Almas Benditas* até a entrada na Igreja de Nossa Senhora Imaculada da Conceição dos Mulatos, onde rezaremos uma *Salve-Rainha*.

## ***Oração das 13 Almas Benditas***

*Oh! Minhas 13 Almas Benditas, Sabidas Entendidas, a vós peço, pelo amor de Deus, atendei o meu pedido.*

*Minhas 13 Almas Benditas, Sabidas Entendidas, a vós peço, pelo sangue que Jesus derramou, atende! o meu pedido.*

*Pelas gotas de suor que Jesus Cristo derramou do seu sagrado Corpo, atendei o meu pedido.*

*Meu Senhor Jesus Cristo, que a vossa proteção me cubra, vossos braços me guardem no vosso coração e que o Senhor me proteja como vossos olhos.*

*Oh! Deus de bondade, vós sois meu advogado na vida e na morte, peço-vos que atendeis os meus pedidos, livraime dos males e dai-me sorte na vida.*

*Segui meus inimigos, que os olhos do mal não me vejam, Cortai as forças dos meus inimigos.*

*Minhas 13 Almas Benditas, Sabidas e Entendidas, se me fizeres alcançar esta graça, ficarei devoto de vós e mandarei imprimir 1 milheiro desta oração mandando, também, rezar uma missa.*

*(Rezam-se treze Pais-Nossos e treze Ave-Marias por treze dias.)*

- Da saída da Igreja até o cemitério, entre cada música tocada pela Orquestra de Zaqueu, a reza é a *Oração das Almas*.

### ***Oração das almas***

*(Esta oração destina-se a pedir ajuda em qualquer caso de desespero.)*

*Almas santas e benditas, abençoadas de Deus e das três pessoas da Santíssima Trindade, vós fostes como eu, e eu como vós, nem mais nem menos. Assim, fazei o que vos peço.*

*[Neste momento fazer o pedido do que se quer conseguir.]*

*Rogo a Deus pelas almas dos aflitos e desesperados, aqueles que morreram afogados, com sede e fome, e aqueles que morreram queimados e degolados.*

*Rogo a Deus e ao divino Espírito Santo, que lhês dêem luz, e alguma destas almas, que estiver perto de ver a face de Deus, Vinde a mim falar e dizer bem claro, isto que vos peço.*

*[Neste momento, fazer novamente o pedido que se quer conseguir.]*

*Que eu Rogarei a Deus por vós.*

*Vinde sem estrondo e sem alvoroço, comigo falar em sonho, os poderes de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, vos peço que façam meu pedidos por aquelas palavras da consagração, assim vos peço que mande uma destas almas vir, sem erro nenhum, e bem claro, comigo falar neste lugar.*

No final desta oração, reza-se três *Pais-Nossos*, três *Aves Marias*, três *Glórias ao Pai* e uma *Salve-Rainha*, em intenção das almas.

- Damiana, e quando é que se reza a *Novena das Almas*?

Eu tenho uma cópia que titia me deu há muito tempo.

### **Novena das Almas**

#### *“Oferecimento”*

*Senhor, eu vos ofereço estas orações em união com os merecimentos de Jesus Cristo a quem peço que as receba como satisfação de minhas culpas e pecados e tudo quanto for merecimento aplicar pelas almas do purgatório.*

#### *1° Dia*

*Meu Senhor Jesus Cristo, eu vos adoro suspenso na cruz e suportando a coroa de espinhos em vossa sacrossanta cabeça; rogo-vos que essa nobilíssima Cruz seja o escudo a livrar-me de todo o mal. Assim seja.*

*Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria.*

#### *“Oração final”*

*Senhor Jesus Cristo, que vos humilhastes até a morte de Cruz, e por isso o Pai vos deu um nome acima de todos os nomes, seja o Vosso nome Jesus, glorificado, no céu, na terra e em toda a parte, e toda língua confesse que vós Jesus Senhor estais na glória do Pai. Assim seja.*

#### *2° Dia*

*Meu Senhor Jesus Cristo, eu vos adoro nessa Cruz chagado e ferido, onde vos deram de beber fel e vinagre; rogovos que vossas preciosas chagas sejam o remédio e saúde de minha alma. Assim seja.*

*Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria.*

#### *3° Dia*

*Meu Senhor Jesus Cristo, pela grande amargura que por mim pecador sofrestes na Cruz, principalmente, na hora de vossa morte redentora, rogo-vos, tenhais misericórdia de mim na hora de minha morte. Assim seja. Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria.*

#### *4° Dia*

*Meu Senhor Jesus Cristo, eu vos adoro envolto em mirra e bálsamo, colocado no sepulcro; oro-vos que vossa morte preciosa seja minha ditosa vida. Assim seja.*

*Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria.*

#### *5° Dia*

*Meu Senhor, eu vos adoro descendo ao limbo, a fim de livrar as almas que esperavam lá a vossa suspirada vinda; rogo-vos que minha alma sempre livre vos busque e espere. Assim seja.*

*Rezar um Pai Nosso, uma Ave-Maria.*

*6° Dia*

*Meu Senhor Jesus Cristo, eu vos adoro ressuscitado, subindo ao céu e sentado à direita do Pai; rogo-vos que me façais merecedor de vos seguir a essa glória e gozar de vossa presença. Assim seja.*

*Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria.*

*7° Dia*

*Meu Senhor Jesus Cristo, Pastor benigno, conservai-nos na graça, justificai os pecadores, compadecei-vos de todos os fiéis e favorecei amorosamente este pobre pecador. Assim seja.*

*Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria.*

*8° Dia*

*Meu Senhor Jesus Cristo, eu vos adoro, chamando no grande dia os justos para o Paraíso; rogo-vos que vossa dolorosa Paixão nos livre das penas eternas e nos leveis para a vossa vida. Assim seja.*

*Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria.*

*9° Dia*

*Ó amantíssimo Pai, eu vos ofereço a inocente morte de vosso Filho e o amor de seu Divino Coração, para que possa eu merecer o perdão de meus pecados e para alívio das almas de meus parentes e amigos. Rogo-vos tenhais misericórdia de nós. Assim seja.*

*Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria.*

— Ora Cacá, a *Novena das Almas* reza-se quando se tem uma precisão, minha filha.

Durante todo o dia, fiquei apreciando aquelas mulheres na maior trabalhadeira. Todas as carpideiras depois do almoço estavam lá em casa, esbaforidas fazendo alguma coisa. Até tentei ajudar, mas não permitiram, apenas Damiana disse-me:

— Quer ajudar? Pois ajude. Vá anotando num papel o que temos aqui de esmolos pra ladainha. Só pra gente ver como é que vamos fazer.

Eu a acompanhei em direção à despensa e Maricota foi dizendo o que havia lá. E eu anotando. Mãe Damiana falou:

— Temos três leitoas lá no chiqueiro e uns oito capões gordos no galinheiro. Podemos fazer as leitoas assadas no forno e com os capões vamos fazer “galinha à cabidela”. Com as fussions das leitoas, vamos fazer um sarapatel muito do supimpa porque miúdos de leitoa é o melhor que há. E pra aumentar o grude,

vamos fazer muito arroz, um macarrõzinho à alho e óleo, que todo mundo apreciava muito. E uma fava com leite de coco, que é um pitéu. Tá pronta a comilança da festa. O bode, não vamos fazer, não! É ainda um cabritinho e está magrelo que só ele. Só ossos. Ficará pra outra festa daqui da capela. É comida muita, minha gente! Dá pra umas cem pessoas. Não vem mais que isso, não. A média de quantas pessoas virão é a quantidade de comida recolhida. Mãe Lali dizia isso e não errava.

- Mãe Damiana, vamos fazer refresco de quê?
- De tudo quanto é fruta que tiver aqui no quintal da mãe Lali.
- E não vai ter assim uns bolinhos com café, não, mãe Damiana? O povo gosta. Pode ter comida, mas se não tiver café com bolo, tem sempre algum pra falar.
- Ora se vai! Dona Noca da farmácia mandou dizer, hoje bem cedo, que eu não me preocupasse com os agrados de nossa ladainha. Quer dizer, nem com café e nem com bolo. Ela vai fazer três fornadas de bolo de diversidade, naquele fornão bem grande dela. Diz que é pagamento de uma promessa à Santa Mártir Antonina. O compromisso foi de pagar na primeira festa que houvesse na capela. Mandeí lhe dizer que tudo bem e que eu a esperava aqui na capela.

Foi uma alegria geral da mulherada, com comentários de que a trabalhadeira da comilança da festa estava fácil, já que não iam mexer com bolo.

Por volta das 5 da tarde, tudo rumava para a ordem do que seria a festa, inclusive a capela arrumada e o pano do mastro de Santa Mártir Antonina já estava pegando um solzinho, à espera de ser levantado, pois ele abriria a ladainha.

O adro da capela já estava todo enfeitado de bandeirinhas de diferentes cores, como as que se usam em festas juninas. Fiquei espantada com a organização delas, pois as bandeirinhas estavam guardadas em dois baús. Disseram que, cada vez que acaba uma festa, elas retiram a decoração do terreiro e guardam. Nem sempre é possível guardar, porque se tiver chovido, as bandeirinhas se estragam, já que são de papel de seda.

O levantamento do mastro é uma cerimônia da qual eu não me lembrava. Acho que nunca havia visto. Mas tia Lali a fazia desde a inauguração da capela. Portanto, há mais de meio século. O mastro era levantado usualmente em três ocasiões: na Semana Santa, sempre no Domingo de Ramos e ficava até o Domingo de Páscoa; em São João, que coincidia com a Festa da Santa Mártir Antonina, quando era levantado no dia da santa, 12 de junho, e derrubado no Dia de São Pedro; e no ciclo natalino, época em que era erguido no Dia de Nossa Senhora da Consolação, 8 de dezembro, a padroeira

de Grotões dos Bezerras, sob o nome de Nossa Senhora da Imaculada Conceição dos Mulatos, e derrubado no Dia de Reis, 6 de janeiro, quando se queimava a lapinha, que era a queima das folhagens do presépio. Também na casa da tia Lali, depois que passou a ser na capela.

Mas agora também sabemos que a ordem da tia Lali havia sido que o mastro seria levantado também por ocasião da *Ladainha da nova mãe* e ficaria armado, ou seja, com a bandeira tremulando, até a próxima “festa de mastro” da capela. Acho que nunca havia visto. Mas me chamou muito a atenção quando ouvi vozes animadas e muitas risadas para o lado da capela por volta de quase 4 da tarde. Fui ver. Estavam lá carregando uma árvore recém-cortada, cerca de uns vinte homens, ofegantes e suados. Mas ainda faltava muito trabalho para eles, que era descascar o mastro em cima de uma lona estendida no terreiro. Ao final, as cascas foram colocadas em baldes.

Perguntei por que faziam aquilo. Socorrinha explicou-me que as cascas de pindaíba, a madeira do mastro, são “bentas”, portanto usadas para remédios. Um remédio milagroso e de muita serventia. Era de praxe, quando terminava a ladainha no dia em que se levantava o mastro, cada pessoa se dirigir a uma fila para pegar “uma mão”, só uma mão, de casca do mastro! As cascas que sobravam eram guardadas para qualquer necessidade. Só, então, entendi o seu real significado. Para cada festa havia um mastro novo de pandaíba, árvore de porte médio que pode atingir 20 metros de altura. Depois de descascado, o mastro era enfeitado com guirlandas de flores e folhas, frescas e secas, amarradas com embiras (fibra, cipó, corda).

O levantamento e a derrubada do mastro são sempre uma festa, que começa com o abate da árvore que será o mastro, que é feito exclusivamente por homens, que adoram essa empreitada porque é um momento de tomar uns goles de pinga. O transporte também é outro ritual masculino, pois eles o transportam nos ombros, do lugar do abate até onde ele será erguido, como numa procissão que, ao longo do caminho, vai sendo engrossada, pois por onde passa a árvore do mastro as pessoas, mulheres e homens, vão saindo de suas casas para ter a graça de, pelo menos, pegar nele ou carregá-lo um pouco.

Dizem que dá sorte. É uma tradição que remonta aos cultos da vida e da fertilidade como nos cultos “*axis mundi*” (árvore do mundo).

Todavia mulher menstruada não pode tocar no mastro porque pode ter suspensão, ou seja, a menstruação pára e “sobe pra cabeça”. E a mulher enlouquece. No dizer da tia Lali, ficava “louquinha da silva”. E curar suspensão é muito trabalhoso, porque menstruação tem ciência e tem mistérios, segundo a cultura dos povos mais simples. E acrescentava: “Muitas das vezes nem cura”. Era uma das muitas superstições em torno da menstruação que ela cultivava.

Conversei com Pablo a respeito dos poderes curativos da pindaíba (*Xylopia brasiliensis* St. Hil.; *Annonaceae*). Disse-me que deveria ir à biblioteca para ver se encontrava algo. Mas no dia seguinte, trouxe-me uma cópia de uma matéria, que, pela sua importância, transcrevo a seguir:

*“Folha de pindaíba elimina microorganismos que provocam malária e doença de Chagas. Pesquisa da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (FCF-USP) mostra que extrato da folha inibiu crescimento e matou os protozoários causadores das duas doenças, podendo servir no futuro para produzir medicamentos. A árvore é encontrada desde Mato Grosso até o Rio Grande do Sul”.*

Júlio Bernardes

*“Os resultados mais promissores foram obtidos com o protozoário da doença de Chagas, no qual a redução na sobrevivência foi semelhante ao do benznidazol, usado como fármaco de referência.*

*As folhas da pindaíba, árvore encontrada desde Mato Grosso até o Rio Grande do Sul, têm ação comprovada na eliminação dos protozoários causadores da malária e da doença de Chagas, apontada em testes *in vitro* realizados pela farmacêutica Sônia Valéria Bonotto. Os frutos da espécie têm pouca polpa, por isso que se diz que uma pessoa ‘está na pindaíba’ quando se sustenta com recursos escassos.*

*Em dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) da USP, Sônia fez a descrição botânica da *Duguetia lanceolata* (nome científico da pindaíba) e estudou as atividades químicas das folhas. ‘A árvore pertence ao gênero *Annonaceae*, o mesmo da graviola e da pinha, espécies ricas em alcalóides do tipo isoquiolínicos, testados em laboratório contra algumas protozooses, como a malária e a leishmaniose’, destaca. O trabalho foi orientado por Dominique Fischer, professora do Departamento de Farmácia da FCF.*

*A farmacêutica experimentou a ação do extrato hidroalcoólico da folha da pindaíba nos protozoários *Plasmodium falciparum* (malária), *Trypanosoma cruzi* (doença de Chagas) e *Leishmania chagasi* (leishmaniose). ‘O extrato teve atividade *in vitro*, ou seja, inibiu o crescimento e matou os microorganismos, nos casos do *Plasmodium* e do *Trypanosoma*’, relata. ‘Os resultados mais promissores foram obtidos com o protozoário da doença de Chagas, no qual a redução na sobrevivência foi semelhante ao do benznidazol, usado como fármaco de referência.’”<sup>8</sup>*

---

8 Disponível em: [www.usp.br/agen/repgs/2006/pags/011.htm](http://www.usp.br/agen/repgs/2006/pags/011.htm).

Mas, lembrando, a festa da nova mãe foi linda. O mastro foi levantado em meio a muito foguetório e cantos de benditos. Depois houve a tentativa de entrar todo mundo na capela, mas claro que não coube aquela gente toda. Lá cabem, no máximo, umas vinte pessoas sentadas. Apertando um bocadinho, mais outro tanto de pé. No total, lá não cabem nem cinqüenta pessoas e havia muito mais de cem na festa.

Terminado o levantamento do mastro, foi tirada a *Ladainha de Todos os Santos*, puxada por mãe Damiana, que vestia uma roupa de seda azul-celeste, com colares de bolinhas de muitas cores e um véu de renda prateada na cabeça, que mais parecia uma rainha. Impressionava-me a altivez dela, que aumentou quando foi coroada nova mãe. A coroa brilhava e rebrilhava e lhe conferia um ar celestial, de ungida por todos os deuses e deusas. Eu a olhava embasbacada e as lágrimas, então, escorriam em minhas faces. Era uma rainha africana, daquelas de fotografia!

Terminada a ladainha, era hora da comilança. Para meu espanto, foi formada uma fila indiana diante da mesa de comida, onde seis das carpideiras tomaram lugar na distribuição da comida. Cada uma colocava uma concha (e vi bem, era só uma para todo mundo) de uma coisa diferente no prato que lhe era estendido, na seguinte ordem: arroz, fava com leite de coco, galinha à cabidela, macarrão à alho e óleo, leitoa assada e sarrabulho.

Quando a pessoa terminava de ser servida, saía da fila e em seguida encontrava uma mesinha onde havia uma bacia enorme com farinha seca (farinha branca de mandioca torrada), vidros de pimenta e um copo cheio de frescos, a escolher entre tamarindo, limão e maracujá.

Tudo transcorreu na maior tranqüilidade. Impressionada por não ter havido nenhum tumulto, aproximei-me da mesa de café, onde havia diferentes tipos de quitandas, doadas por Dona Noca da farmácia, à vontade, além de muitas e muitas garrafas de café, chá e leite. Uma riqueza invejável!

Perguntei à Brígida, que era quem estava tomando conta da mesa de café, se na hora da comida era sempre assim tudo tão organizado. Ao que ela respondeu:

- Minha filha, já viu coisa que Lali fazia que não tivesse ordem? Se alguém se metesse a besta de fazer anarquia nas festas dela, era expulso para sempre. Aqui todo mundo é obrigado a ter educação, nem que não tenha. Foi com mãos de ferro que Lali deu respeito e prestígio às nossas festas.

Eu e Pablo, depois de certo tempo na festa, nos dirigimos para casa e ficamos namorando de mãos dadas na sala. Foram momentos de muita ternura. Disse-me estar emocionado; que jamais sentira tanto carinho por aquelas mulheres como sentia agora; e que só agora entendia o que titia tanto lhe dizia que ele precisava cumprir

suas obrigações. As obrigações de sua missão no mundo. Foi uma das noites de maior ternura que demos um ao outro. Quase não falávamos, apenas trocávamos ternuras.

- Mas, Cacá, que bonito o livretinho de *Benditos da Mãe Lali* que Valdir fez, não? Ele caprichou. Uma foto colorida de mãe Lali, em roupa de gala, na capa! E em papel *couchê*. Muito bonito e rico o livrinho! Quando vi aquela obra de arte, perguntei logo a ele quantos fizera. Sabe que ele fez um milheiro? Eu ri e disse: “Eita, Valdir, tudo isso só de medo de mãe Lali vir puxar teu pé à noite, não foi?”

Naquela noite, deitada em seu colo no sofá da sala, acertamos detalhes do almoço do nosso noivado. Discutimos um pouco sobre a melhor data do nosso casamento e o local onde ocorreria. Decidimos que nos casaríamos mesmo em 12 de junho, por ser Dia dos Namorados e Dia de Santa Mártir Antonina. Ficamos sem saber se nos casaríamos na capela ou na Matriz de Nossa Senhora da Imaculada Conceição dos Mulatos. Ambos queríamos na capela, logo após o levantamento do mastro. Então, o casamento seria pela manhã.

Ele achava que seria melhor fazer a “banquetada” do casamento no adro da capela, por ser na cidade. A idéia inicial de ser na fazenda era trabalhosa. Longe da cidade, depois poderíamos ter problemas no transporte das pessoas e outras coisas trabalhosas. Achei a idéia mais viável. E intimamente ri. Claro que uma festa de casamento em minha casa seria mais do meu agrado do que na fazenda dele. Mas também achei que aquilo já era uma forma de ele não ter problemas com as filhas. Não me importava, achei maravilhoso.

Ele só foi embora altas horas da noite quando a capela foi fechada. As festas se encerravam quando a capela era fechada. E todo mundo sabia e obedecia. Já na saída dele, nós nos lembramos que jamais um padre celebrou uma missa na capela da tia Lali! Será que podeira celebrar um casamento?

Ficamos de consultar as carpideiras, o que fizemos no dia seguinte. Passamos do fim da tarde ao começo da noite visitando uma por uma em suas casas. A resposta era que poderíamos sim nos casar na capela. O “X” do negócio era encontrar um padre que quisesse fazê-lo lá. Quando lhes perguntamos por que jamais um padre celebrou na capela, elas responderam a mesma coisa: “Eles nunca pediram e nós nunca convidamos”.

No dia seguinte, Pablo procurou o padre e conversou sobre o assunto. Qual não foi a sua surpresa quando ele respondeu que era impossível nos casar, pois mesmo Pablo sendo viúvo e eu jamais ter me casado na Igreja, eu era uma mulher que já havia casado com meio mundo de homens. Todo mundo na cidade sabia. O outro impedimento é que a capela de tia Lali não era católica, era um local de cultos pagãos! Coisas de catimbozeira.

Porém, quando Pablo foi falar comigo, já trazia a solução da encrenca. Lembrou-se de um colega seu de colégio que era padre na capital. Telefonou para ele, contou toda a história e ele disse que viria fazer o nosso casamento, mas com a condição de ficar pelo menos uma semana descansando em Grotões dos Bezerras. Para tanto, gostaria de vir uma semana antes. Era o Padre Godofredo Pinho.

Fiquei irada com aquele padreco safado, que veio ao mundo pelas mãos de tia Lali.

- Pablo, além de safado, ele é um ignorante de marca maior. Imagine tia Lali catimbozeira! O cara nem sabe o que é catimbó, se soubesse não diria isso. Tia Lali tinha muito respeito pelo catimbó de Chico Bento, lá de Santo Onofre. Até freqüentava as festas de lá. Uma vez eu a levei lá. Ela dizia que não acreditava em catimbó, mas ia às festas, quando era convidada, em respeito a Chico Bento.
- Ô, Cássia, e tu sabes o que é catimbó? Eu não sei. Pra mim tudo, desde candomblé, umbanda, espiritismo, acaba dando na mesma coisa.
- Dar na mesma. Pode até ser, mas catimbó é xamanista, uma crença e não uma religião em si, com práticas de pajelança, culto às ervas, símbolos e santos católicos, mas o centro é o culto às ervas e a principal é a planta jurema. Na essência o catimbó é uma prática ritualista de base indígena. “A jurema é uma árvore que floresce no agreste e na caatinga nordestina. Da casca de seu tronco e de suas raízes faz-se uma bebida mágica e sagrada que alimenta e dá força aos ‘encantados do outro mundo’.” Nada a ver com Santo Daime, também.
- Cacá, essa coisa do Santo Daime, eu não consigo entender...
- É simples, Pablo. A *Doutrina do Santo Daime* ou a Doutrina do Mestre Irineu nasceu do conhecimento da floresta. Usa uma bebida enteógena sacramental, *ahyausca*, rebatizada pelo Mestre Irineu como *Santo Daime*. A *ahyausca* é bebida num ritual. Sabe-se que os pajés na Amazônia sempre usaram plantas *enteógenas*.
- Entendi. Mas volta pro catimbó.
- Hoje há no catimbó muitos elementos dos santos católicos e até de religiões de matriz africana, mas não é um ritual africano. Não se confunde nem com a umbanda e nem com o candomblé.
- Por outro lado, tenho claro em minha mente que o que fazem as carpideiras é de outra natureza. Não é nenhum destes cultos. Elas apenas mantêm vivos rituais muito antigos de louvor aos mortos, talvez uma mescla de culto aos mortos de diferentes culturas, mas com uma marca acentuada que talvez a matriz afro

seja a mais candente. Não sei. Tenho a impressão de que elas são mesmo uma espécie de irmandade de mulheres que medrou, no Brasil, à margem das matrizes religiosas que originaram o candomblé. Mas eu garanto que não vou deixar morrer práticas ritualísticas tão belas, cuja memória se perde nos primórdios da humanidade. Entendeu, Pablo, o que é diferente?

- Meu amor, tu estás entendida demais... Mas o que é uma prática xamanista?
- Já disse, o xamanismo não é uma religião, mas uma crença, no âmbito do sagrado, numa busca interior, presente em diferentes culturas pelo mundo afora, logo não é uma crença única, mas em geral cultuam as forças da natureza, os cristais, o fogo, a água, madeiras e metais. No xamanismo há sacerdote e sacerdotisa, de iguais poderes, chama-se xamã.

Pablo pareceu interessado nas coisas “sagradas” de diferentes culturas e durante dias nossas conversas giraram em torno de tais assuntos, o que me obrigava a ler muito a respeito. A minha pequena biblioteca estava atulhada de livros sobre as religiões. É que houve uma época, há cerca de uns dez anos, em que temas religiosos me instigaram muito, então comprei pilhas e pilhas de livros sobre o tema, a maioria dos quais jamais havia sequer folheado. E agora o fazia com afincos.

- Mas, Cacá, no que tudo isso difere do candomblé?
- Ah, Pablo, um dia você vai aprender. Mas, assim ligeiro, é que candomblé é uma religião afro-brasileira. Nela há os orixás. O candomblé é culto dos orixás, feito pelo “povo-desanto”. Mas o candomblé é também praticado em outros países, como Alemanha, Argentina, Colômbia, Espanha, Itália, Panamá, Portugal, México, Uruguai e Venezuela. Foi um culto clandestino, proibido pela Igreja Católica, perseguido pela polícia e praticado pelos escravos.
- Pra mim, tudo isso é macumba, terecô...
- Pois fique sabendo que não. Candomblé não é umbanda, nem macumba, nem terecô e nem catimbó. Nada de pajelança. Nada disso. Candomblé é candomblé, culto aos orixás. Você precisa ler mais, viu?

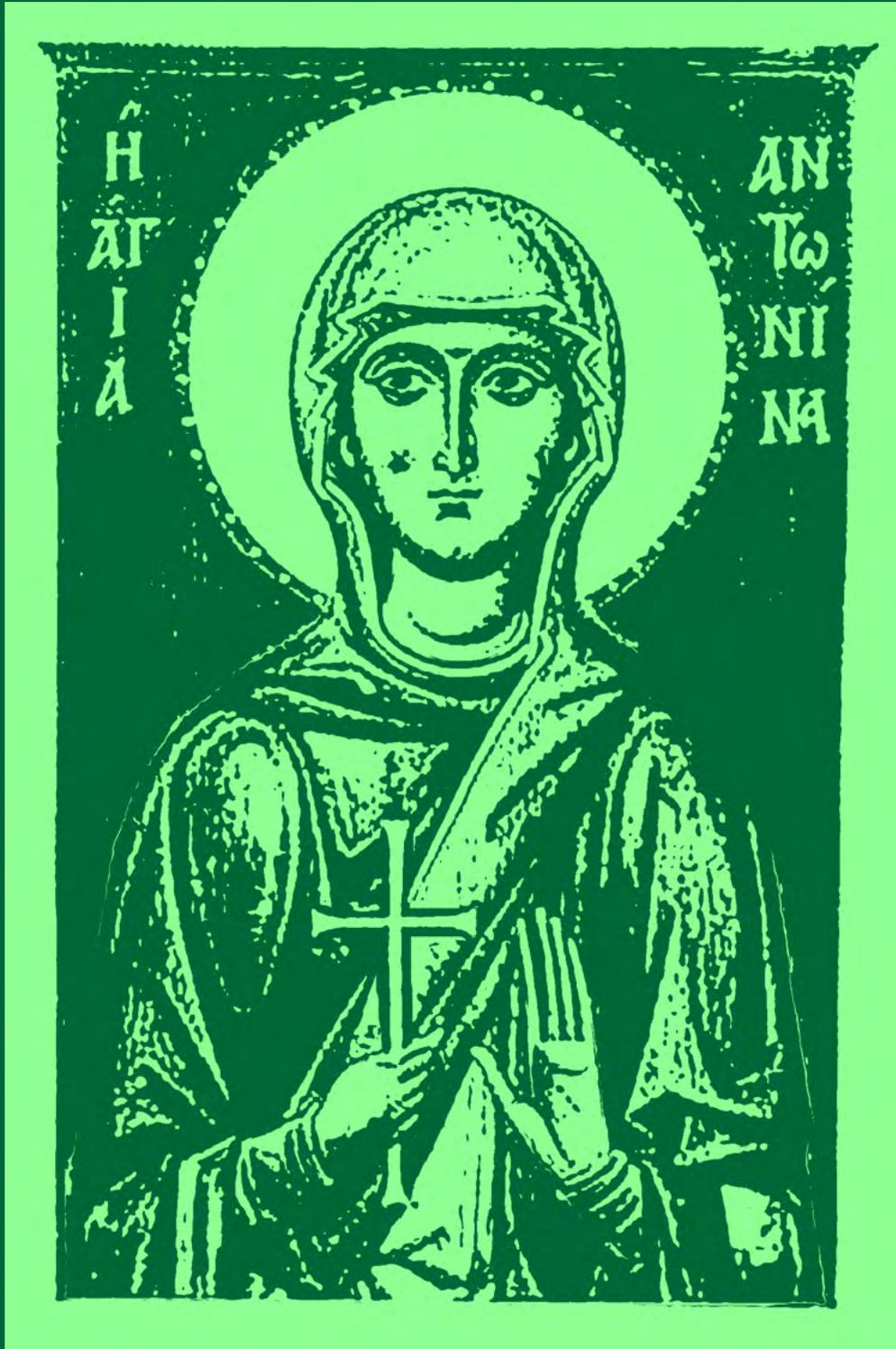
Parei um pouco e voltei a explicar:

- Sabe Iemanjá? É orixá. E poderosa, pois é quem mais exerce atração sobre o povo brasileiro, aliás é a divindade número um em arrastar multidões. Não há nenhum santo que junte mais gente do que ela. Veja só o que acontece no Brasil todo no Ano-Novo.

Todo mundo se debanda pra um lugar onde haja água, seja cachoeiras, rios ou mar. E por quê? Porque os rituais contemporâneos de Ano-Novo em nosso País são dedicados à Iemanjá, portanto exigem a presença de água, o que é uma incorporação de ritos de cultos afros, com as oferendas à Iemanjá, a grande mãe (mãe de todos os orixás). Na mitologia africana, ela é deusa e recebeu a função de cuidar do mar. Mas aqui no Brasil ela é a Rainha do Mar e a Deusa do Amor, chamada também de Dona Janaína, Sereia do Mar, Princesa do Mar, Inaê, Mucunã e é também considerada a Rainha das Bruxas. O culto à Iemanjá aqui chegou no século XVIII, pelos negros nagô.

Além do mais, Iemanjá é uma Deusa da nação de Egbé, que é uma nação Ioruba, onde há o Rio Yemojá (Iemanjá). Orixá muito respeitada e cultuada, é tida como mãe de quase todos os Orixás e, por isso, logo a fecundidade também pertence a ela. E Oxum, cujo nome é um rio na Nigéria, em Ijexá e Ijebú, é a segunda mulher de Xangô, Deusa do ouro, da riqueza e do amor. Oxum é dona dos rios e das cachoeiras, gosta de usar colares, jóias, perfumes e tudo relacionado à vaidade. O ventre da mulher é de Oxum, portanto ela controla a fecundidade; logo, as crianças lhe pertencem.





# As primeiras cenas da Grotões dos Bezerras Filmes

Enfim, chegou o dia do almoço do nosso noivado. Ao contrário do esperado, a filharada de Pablo compareceu em peso, com suas mulheres, maridos e filharada, assim como irmãos, irmãs, tios, tias e a família de todos eles.

Cheguei com Pablo à casa dele por volta de umas 10 horas. Já havia muita gente, pois quem não morava em Grotões chegara de véspera. Então, o clima de festa familiar em harmonia, por paradoxal que pareça, estava no ar. Mas eu não deixei de ficar desconfiada. Aquela história de que “quando a esmola é grande, o cego sempre desconfia”.

Era a primeira vez que eu ia à casa do Pablo. Era muito bonita e imponente, em estilo colonial, com uma varanda em volta. Numa lateral da varanda, havia muitas redes armadas. Na outra, cadeiras espreguiçadeiras convidativas, daquelas com panos de lona com listras de várias cores. Dava um ar alegre ao ambiente. Na parte da varanda da entrada da casa, umas cadeiras de vime brancas, com almofadas nos assentos, com mesinhas.

Tudo emoldurado por um bem cuidado jardim de plantas variadas e antigas, muito bonito, onde predominavam as folhagens, entremeadas com alguns canteiros de hortências, begônias e vários canteiros de onze horas, de todas as cores. Havia muitos pés de mangas em volta da casa. Era um lugar de estilo antigo, mas aconchegante. Chamou a minha atenção um caramanchão de maracujá da terra e outro de videira, ambos verdejantes e floridos. Embaixo deles, umas cadeiras espreguiçadeiras com ar de “vem descansar aqui”...

Não posso dizer que não fui bem recebida, pois fui. Claro que não fizeram nenhuma festa e nem soltaram foguetes, mas foram bem civilizados. De modo diferente do que eu esperava. Não vou mentir. Estava preparada para alguma hostilidade, ainda que velada.

Alice, a filha mais velha, que mora na casa do pai com marido e filhos, que é dentista e também já foi prefeita, foi pra lá de simpática; Letícia, que mora na capital, é farmacêutica e casada com um ex-prefeito daqui, pareceu-me algo turrona; e Carlos, o físico, professor da universidade, onde só trabalhou dois anos e entrou de licença para fazer política, atualmente é deputado estadual, mas já foi prefeito daqui também.

Ele estava com a sua bela segunda mulher e os cinco filhos dos dois casamentos.

Ao todo, Pablo possui um time de futebol de netos, pois são onze homens, e apenas três meninas. É todo meloso com a netaiada. E olhando aquela cena, pensei com meus botões: “O que será de mim. Pois é certo que algum dia na vida terei essa meninada toda correndo em minha casa. Darei conta sem pirar?”

Veio também a Lidiana, afilhada do casal Ventura Pereira de Almeida, criada por eles desde bem pequena, após o assassinato dos pais, é médica e mora numa cidade aqui perto, em Santo Onofre. Foi a única a quem Pablo fez uma apresentação individual.

— Cássia, a Lidiana, minha filha do coração. Veio morar conosco com 5 anos de idade. Uma flor de pessoa, a mais carinhosa das filhas.

Ao que todos os outros filhos disseram:

— Oh, a dodói é sempre a primeira, em tudo!

Todo mundo riu. Depois fui saber que Lidiana foi a única filha que ficou mais tempo com os pais e só foi estudar na capital quando foi fazer vestibular. Funcionou o tempo todo como filha única, pois os demais filhos saíram de casa desde que terminaram o Primário. Lidiana, que era bem mais moça que todos, foi ficando até quando não pôde mais.

Depois, soube também que Lidiana funcionou como uma espécie de repactuação do casamento do Pablo, pois, quando ela veio morar com eles, era uma época em que estavam num acirrado “separa-não-separa”. É que Pablo andava enrabichado com uma outra mulher e todo mundo achava que o casamento estava por um fio.

Dizem que a Carmem foi hábil o suficiente para criar entre o Pablo e a Lidiana um vínculo de amor profundo. Ela também era louca pela menina e se dedicou a ela como jamais se ligou a qualquer dos filhos. Dizia que fazia de tudo para Lidiana não sentir muito a ausência dos seus pais, que eram muito amorosos com ela. É o que falam.

— Padrinho, como ela é linda! Onde você foi arrumar uma noiva assim tão... chique? Nossa, ela vai me ensinar a me arrumar assim de modo tão distinto. Ah, vai!

Depois soube que Lidiana era ainda solteira. Vivia em Santo Onofre, onde era ginecologista e obstetra. Perguntei ao Pablo porque ela morava em Santo Onofre e não em Grotões, que nunca teve nem ginecologista e nem obstetra. Respondeu que ela era muito ligada às freiras italianas do Colégio onde estudara o Segundo Grau lá em Santo Onofre, onde havia um hospital, que era o Hospital Regional que atendia a cerca de umas dez outras cidades do entorno, inclusive Grotões dos Bezerras. Portanto, ela preferiu ficar no centro médico da região, além do que nasceu lá.

- A danada sabe e gosta de ganhar dinheiro. Não tem preguiça de trabalhar. Está lá há uns quatro anos e já fez um bom pé de meia. Mora na casa em que nasceu. Tem também a parentada do pai e da mãe lá. Está convivendo com eles agora. É uma bênção da família, que ficou meio afastada dela porque o pai me entregou a menina no leito de morte. Na época do crime, a mãe dela morreu logo, mas o pai ainda sobreviveu uma semana. Os parentes tentaram de todo jeito ficar com ela, mas o Juiz deu ganho de causa pra mim. Então, a família não se aproximava muito dela. Agora não, estão todos de bem.

Uma hora depois de nossa chegada, já havia um mar de gente. Até fiquei com medo da comida não dar. Mas Socorrinha me tranqüilizou:

- Não se preocupe não, Cacá, que o patrão é esperto demais. Além de tudo o que organizamos, o prefeito mandou preparar umas carnes pra uma churrascada, que vai começar assim como uma espécie de tira-gosto. Vamos assar carne umas duas horas. Mas tem bastante carne de reserva. Depois servimos o almoço. Vai dar tudo certo. O prefeito sabe e está acostumado a fazer festa, minha filha. Já deu muitas festas e Dona Carmem não era lá muito ligada nessas coisas, não. Era sempre ele que tomava a frente.

Tudo transcorria nos conformes da civilidade. Todo mundo me tratando bem. Não havia animosidade no ar. Mas de repente o tempo fechou. Estávamos em umas cadeiras no avarandado que circundava a casa quando um genro de Pablo, já meio bêbado, virou-se para mim e disse:

- E aí, sogra, será o seu casamento número qual?

Foi um silêncio que se poderia ouvir uma mosca zunindo... Até as crianças pararam de brincar. Não me fiz de rogada. Ao abrir a boca para responder, Pablo, percebendo que eu estava irada, disse-me:

- Não dê ouvidos não, querida. Esse meu genro sempre tem umas tiradas inconvenientes. Ô, Letícia, minha filha, leve seu marido daqui. Dê-lhe um café bem forte e amargo, pois ele está passando de bêbado.

Mas fiz de conta que não entendi que Pablo estava me socorrendo.

- Talvez seja a pergunta que muita gente aqui tenha vontade de fazer e não tem coragem. Mas como estou entrando na família, acho que devo contar. Será a primeira e a última vez que farei isso. É a minha vida. Quem toma conta dela sou eu. Ela me pertence, mas acho que todo mundo aqui tem o direito de sa-

ber, já que vou entrar na família e sequer pedi licença antes, não é mesmo? No dia 12 de junho, data escolhida para o nosso casamento, farei 60 anos. Como todos aqui sabem, sou advogada, formada há cerca de trinta e cinco anos, mas trabalhei bem pouco como advogada. Dedico-me às artes plásticas desde bem jovem. Fiz o meu primeiro quadro, que foi vendido, antes dos 18 anos. Acabei me tornando uma pintora de sucesso. Mas também faço esculturas e pinto em porcelana. Vivi de artes plásticas a maior parte de minha vida. Casei a primeira vez aos 23 anos. De lá para cá, em geral tenho um marido. Claro que nem sempre é o mesmo...

Foi uma risada geral. Até eu ri. Porém continuei:

- Nunca tive filhos, mas já criei alguns, dos meus exmaridos. Pablo será meu oitavo marido, não é, meu amor?
- Bem, espero ser o último. Vou ser bem lugar-comum, o que importa mesmo é ser o último homem de uma mulher.

Outra rodada de risadas. E Lidiana, que parecia ser a azeitona da empada de todo mundo, docemente disse:

- Mas claro que vai ser, padrinho! Onde a Dra. Cássia vai arrumar um marido lindo como o senhor? Isso é coisa que só se esconde aqui em Grotões, meu Deus do céu! De certeza não é apenas o marido mais bonito que uma mulher poderia querer, mas o mais tudo!

E bateu palmas, como se suas mãos fossem castanholas, e saiu rodopiando pelo avandado. E todo mundo batia palmas, enquanto Lidiana foi seguida no rodopio por toda a sobrinhada, que parecia adorá-la! Foi um momento lindo, que mais parecia um balé ensaiado. Desde o rodopio coletivo à *bateção* de palmas, cantando uma belíssima música de bumba-meu-boi, do repertório do Bozinho Barrica:

*Festa*

*Bulcão*

*Chegou*

*Quem faltava em sua festa*

*Não há brincadeira como*

*Esta é só entrar no cordão*

*Meu Boi Barrica*

*Já afinou a sua orquestra*

*Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si*

*Para tocar Boi pra São João  
Toca Osmar,  
eu quero ver o meu cordão dançar  
eu quero ver o povo cantar  
Quando o boizinho for  
Brincar de amor  
E a lua cheia iluminar minha garota  
dando beijo em minha boca e me pedindo mais amor.*

Mas o melhor estava por vir. Ela saiu dançando boi em direção ao seu carro, que estava parado na frente da casa, seguida pelas crianças, e quando voltou trazia uma coroa feita de flores do campo e a colocou em minha cabeça, dizendo:

- Bem-vinda à nossa família, Cacá! Desculpa a alopração, mas eu adoro bumba-meu-boi. Vou a São Luís sempre nas festas juninas. Uma pena não ter bumba-meu-boi, aqui em nossa região.

Agradei aquela manifestação de boas-vindas, ainda conversei um pouco, mas estava decidida a não ficar mais. Além de cansada, estava irritada.

- Pablo, meu amor, me leve pra minha casa. Gente, obrigada pela presença. Até o dia 12 de junho. Ficarei muito feliz com a presença de todos. Beijos coletivos. Sintam-se abraçados e beijados por mim. Carinhos pra todo mundo.

Foi o maior zunzunzum, todo mundo pedindo para eu não ir. Mas aquela casa começou a me sufocar. Pablo dirigiu até chegar em minha casa sem dar uma só palavra. Percebendo que ele estava zangado, eu também me mantive calada. Ao parar o carro na porta de minha casa, ele disse:

- Tu te saíste muito bem. Na hora fiquei meio desnortado, zangado não, apenas desnortado. Mas tu te impuseste, por tua própria conta e risco, diante de toda a minha família. Foi bom. Duvido que depois de hoje, até o resto da vida, alguém se atreva a tirar linha contigo.
- Você acha, meu amor?
- Tenho certeza absoluta de que vão te respeitar sempre. E aí, gostou de Lidiana? Ela é uma eterna menina graciosa. Muito ligada às irmãs, ao irmão e a sobrinhada é toda maluquinha por ela. Preferem passar férias na casa dela do que aqui. É um doce de pessoa a minha filha. Mas já sofreu muito. Ficou sem os pais bem cedo da vida. Depois, quando adolescente, sofreu um acidente de carro, com

um doido de um namorado que tinha e que morreu no acidente. Ficou quase um ano internada, foi quando resolveu ser médica. Fora ter perdido o útero no acidente, ficou sem outras seqüelas.

— Oh, mas eu nunca soube disso!

— É. Pouca gente sabe. Fora mãe Lali, aqui ninguém mais sabe. Nem pra Carmem eu contei. Ela era muito rigorosa com as filhas. E mais, ela estava grávida de uns dois meses quando houve o acidente. De modo que perdeu o namorado, que foi o seu primeiro namorado, e o filho dele que trazia no ventre. E disso ela não sabe. Se sabe, faz de conta que não. E o pior, ficou incapaz de ter filhos, logo ela que adora criança.

— Mas, Pablo, como você esconde isso dela?

— Acho que devo. Basta ela saber que não pode ter filhos. Está de bom tamanho de sofrimento. Pra que saber o resto? Vive bem sem saber. Se souber, é mais sofrimento.

— Você é um patriarca mesmo. Define o que é bom e o que não é pra sua família toda. Eu tenho dúvidas se Lidiana não deve saber.

— Tá. Agora que sabes, saibas que não podes tocar nesses assuntos com ela. Chega de carma na vida dessa menina. Mãe Lali dizia que era carma. Ela adorava Lidiana, pois ela, desde bem pequena, a qualquer febre pedia pra mãe Lali benzê-la. Lidiana estava saindo pra vir ao enterro dela quando uma parturiente complicou e ela teve de ficar. Ela aprendeu a fazer parto com a mãe Lali. Ainda estudante de medicina, nas férias acompanhava mãe Lali nas visitas às suas grávidas e nos partos. Diz que até hoje reza quando está fazendo parto, igualzinho aprendeu com mãe Lali. Reza pra Nossa Senhora do Bom Parto, ou Nossa Senhora do Monte Serrat, em seguida uma *Salve-Rainha*, fazendo três cruces na cabeça e na barriga da gestante. Quando é uma cesariana, diz que reza antes de começar a operar. Quando termina o parto, reza pra Santa Margarida. E é muito engraçado porque Lidiana não me parece ser exatamente uma pessoa religiosa.

— Mesmo?

— Mesmo! E diz que só não dá chá de cinza e nem chá das nove pimentas-do-reino depois do parto, como fazia mãe Lali, porque sabe que é questão de fé. E ela não tem fé nem na cinza e nem na pimenta-do-reino. Mas manda servir um cálice de “cachimbo” para todas as visitas das paridas.

- Ah, mas “cachimbo” é pura delícia. Sei fazer, aprendi com tia Lali. São duas colheres de sopa de mel de abelha para um copo de cachaça. Aqui em Grotões, tão logo uma mulher fica grávida, faz-se o cachimbo com cachaça-de-cabeça para ser servido às visitas depois que a mulher dá à luz. Todas as grávidas de tia Lali preparavam esta bebida para festejar o nascimento dos seus filhos.

Depois daquele dia, a vida entrou em parafuso total. Dediquei-me à festa de casamento. Estava enraivecida com o padre da cidade e queria mostrar para todo mundo que meu casamento seria o mais lindo de toda a história da cidade.

Pablo, aos meus olhos, estava se revelando um *gourmet*. Decidiu com Socorrinha tudo o que se refere à comida do jantar de despedida de solteiros e ao almoço do casamento. As carpideiras concordaram que o almoço do casamento seria no adro da capela e que seria, ao mesmo tempo, o almoço da festa de Santa Mártir Antonina e que tudo estaria sob a responsabilidade delas. Mas pediram que ele contratasse uns garçons, ou seja, elas fariam toda a comida, mas não se encarregariam de servi-la. Desejavam participar da festa de casamento. No que ele concordou, dizendo que elas estavam certas, pois seria um trabalho muito pesado, já que estimava que teríamos muito mais de mil pessoas. Sempre que ele falava em tanta gente, eu ficava assustada.

- Ai, minha Santa Mártir Antonina! Eu nem quero estar aqui nessa barafunda toda.
- Quieta, Cacá, a Santa não tem nada a ver com isso. Quem se casa demais é você. Então, güente a festa, minha filha.

Relembrando que a capela de Santa Mártir Antonina foi inaugurada no dia a ela dedicado, o 12 de junho, e que tia Lali já fazia a *Novena de Santa Mártir Antonina* – que começava sempre em 2 de junho – e no 12 de junho era tirada a *Ladainha de Todos os Santos* para a Santa Mártir Antonina, eu quis saber como organizaríamos tudo, de modo a uma coisa não atrapalhar a outra. Isto é, como meu casamento não bagunçar a festa da Santa.

Mas Pablo disse logo:

- Não se preocupa não, Cacá. O que essa gente de mãe Lali mais sabe é fazer festa das boas. Deixa com elas que vai dar tudo certinho. Depois eu repasso os detalhes com elas.
- Ora, Cacá, atrapalhar coisa nenhuma, teu casamento é parte da festa de Santa Mártir Antonina. Tu vais ver que daqui pra frente vai virar moda. Um monte de gente vai querer se casar aqui em nossa capela.
- Mas, Socorrinha, você acha isso mesmo?

— Se acho! Coisa bonita todo mundo inveja. Mãe Damiana ontem falou isso.

Naquele mesmo dia, falei com Pablo que precisaríamos ir a São Paulo e que deveríamos ficar por lá uma semana. A data deveria coincidir com a prova de nossas roupas de casamento que estavam sendo feitas por um estilista muito amigo e querido, filho do meu segundo ex-marido, que exigiu ser ele a fazer o meu vestido, dizendo-me: “Cacá, no mínimo, quero que você seja a noiva mais linda do mundo porque você foi a mãe mais linda do mundo para mim. Ainda é. Será o meu presente. Deixe comigo. Só quero que você me diga a que horas será o casamento, pra que eu possa imaginar algo mais condizente com o horário. Ah, faço questão também de vestir o noivo”.

A nossa estadia em São Paulo não foi das melhores, embora tivéssemos passado momentos muito gostosos. É que Pablo não se adaptou ao meu apartamento-ateliê e fez questão de demonstrar, dizendo que era tudo modernoso, bonito, com aspecto confortável, de extremo bom gosto, agradabilíssimo aos olhos, mas que não levava jeito de casa... Implicou mesmo e colocava defeito em tudo!

Reencontrei pessoas amigas numa *pizzaria*, num começo de noite. Um encontro organizado por minhas grandes amigas Celinha e Zélia, ao qual compareceram umas quinze pessoas. Eu me diverti à beça! Pablo, deslocado, não fez questão de ser muito simpático. Parecia meio amuado. Depois falou que era porque detestava *pizza*. Vá saber! Parecia estar com ciúmes. Era como se aquelas pessoas pertencessem a um mundo ao qual ele não queria que eu voltasse. Assim entendi. Ou que elas eram de um mundo onde ele não era ninguém.

Celinha, quando fomos juntas ao banheiro, não se conteve.

— Cacá, o bofe é lindão. Dá muitos caldos ainda. Leva jeito de homem “bom de pegada”, coisa que você nunca foi de enjeitar. Eu sei. Mas, minha amiga, ele tem um jeito roceiraço, de longe! E é turrão. Tem cara de boi bravo. Também de elefante em loja de louça. Você vai pagar um dobrado. O bofe estudou, pelo menos? Ou viajou, encheu o pulmão e a cuca de outros ares, além dos de Grotões?

Nem lembro bem o que respondi. Mas Celinha disse:

— Sei não! Algo diz aos meus botões que pode não durar. Não desfaça sua casa aqui. Deixe seu ninho quietinho. Pode precisar voltar. Não venda nada, Cacá, pelo amor de Deus! Não tem mais idade de ficar montando casa nova todo dia. É muito cansativo. Sem falar que é caro, né?

Aquilo ficou martelando a minha mente o resto da noite. Dormia, acordava e olhava para o Pablo dormindo profundamente e me perguntava o que esse sujeito me poderia aprontar lá naquele fim de mundo. Deixei pra lá e resolvi dormir.

O que me parecia mais difícil de resolver em São Paulo durante uma semana, que era o que fazer com o meu apartamento, foi o mais fácil, pois no dia seguinte o seu destino já estava resolvido. Thales, o meu enteado costureiro, estava se separando da mulher e buscava um bom lugar para morar, pois ela ficaria com a casa e as crianças, que eram três, já adolescentes. Ele estava morando num *flat* há quase um mês, porém não gostava. Era pequeno demais para que pudesse ter as meninas com ele, num fim de semana, por exemplo. Quando lhe ofereci para morar em meu apartamento, ele abriu um sorriso:

— Jura, Cacá? Vou cuidar dele como se fosse você. Quanto está pedindo pelo aluguel?

— Não sei quanto vale, vamos ver numa imobiliária e negócio feito. Mas tenho mais algumas condições. Todas as vezes que eu vier pra Sampa, quero ficar lá. Se eu vier com Pablo, você precisa ir para um hotel...

— Tudo bem, Cacá, entendo. Você não está se desfazendo do seu cantinho aqui, apenas emprestando, não é? Vamos chamar uma pessoa para fazer o inventário de suas coisas. Gosto também, e aprendi com você, do “preto no branco”.

— Ah, Thales, há um cantinho que dá pra você comprar um guarda-roupa e colocar lá. Não cedo meu guarda-roupa, não! Onde minhas roupas de frio vão ficar, né?

De volta a Grotões, onde tudo na vida corria mansamente, não se falava noutra coisa a não ser no meu casamento e na festança de Santa Mártir Antonina.

— Mas, Cássia, que jantar memorável. Filmamos tudo. Josias vai fazer um documentário lindo, com as imagens de hoje e de amanhã.

— Oh, Zélia, que bom que você gostou, minha amiga. Estou tão feliz com a presença de tanta gente amiga. Sei que é uma prova de carinho muito grande vocês terem vindo.

Zélia é a minha *marchand*, casada com Josias, um cineasta famoso no País. Celinha também estava eufórica. Não se cansava de elogiar as delícias do banquete. Assim como Zélia, queria receita de tudo que havia no jantar. Ainda bem que Lidiana, que também amava cozinhar, e fazia doces como ninguém na face da Terra, comprometeu-se a não deixar que elas saíssem de Grotões sem as tais receitas.

— Zélia, fique calma. Lidiana tem todas as receitas. E, mais, testadas por ela! Vocês vão provar amanhã as delícias que ela sabe fazer, pois fez toda a mesa de doces da festa, desde o bolo. Conta aí, Lidiana, o que elas vão comer de doces amanhã.

— Espera aí, Lidiana. Quero que Cacá repita o cardápio de hoje.

- Tá bem, tá bem! Mas vê se grava na cachola porque já respondi hoje pra você umas três vezes. Carnes básicas de galinha e frutos do mar. Havia galinha cheia e à cabidela; fritada de caranguejo e de camarão. De sobremesa: doce de leite, pudim de leite e ambrosia. E os refrescos eram de caju, de maracujá e de tamarindo. Fala dos doces de amanhã, Lidiana, pra ver se Zélia me dá um tempo.
- Bem, há o bolo enooorme! Aposto que nunca viu um daquele tamanho. Mas claro que não vai dar pra todo mundo. Meu padrinho disse que virão mais de mil pessoas. Mas é um bolo de 100 quilos. Claro que é de um só andar. Numa mesona do tamanho do mundo, de 2 metros por 60 centímetros. Mande fazer especial, pra poder sair sem atropelos pela porta do quarto onde estamos montando. E também pra ter o formato aqui do terreno da casa da mãe Lali, que é retangular perfeito. São 100 quilos de bolo, minha linda! Estamos fazendo fornadas de bolo desde a manhã... São duas camadas, com recheio de uma mistura de massa de brigadeiro com castanhas de caju em farelos. Também fizemos quilos e quilos de olhos-de-sogra. É o único docinho, mas complementado por vários tipos de flores caramelizadas e por quilos e quilos de fios de ovos, que enfeitam o bolão dos noivos, né? Mas é tanto fio de ovos que acho que vou passar anos sem querer ver fios de ovos em minha frente. Fiquei enfastiada, só de fazer.
- Jura? Que loucura, minha Santíssima Virgem!
- Depois podemos ver ali no quartinho dos fundos. Há um monte de mulheres montando o tal do bolo. Ele é uma reprodução da capela de Santa Mártir Antonina, com tudo. Desde o adro enfeitado para uma festa junina, com as três fogueirinhas: a de Santo Antônio, a de São João e a de São Pedro...
- Como assim?
- É que são diferentes. A fogueira de Santo Antônio é quadrada; a de São João é redonda; e a de São Pedro é triangular. Não me pergunte por que, mas o povo mais antigo sabe o porquê da tradição. Não há tradição sem um porém, né? E tem mais! O casalzinho que está vestido de noivos em cima do bolo são dois bonecos de “Santa” Brígida, a maior bonequeira do mundo, com as roupas mais lindas do mundo. E mais, Brígida ainda está terminando as roupinhas deles. Iguazinhas à do casal que se casa amanhã...
- Gente, que maluquice, Lidiana!
- Maluquice nada, Cacá! Você e meu padrinho levaram quase meio século para, enfim, darem o sim, e eu vou deixar isso barato? Nan-nam-nam-nam... Nunca

vi meu padrinho tão remuçado e feliz da vida, como agora. Graças a você. Não é segredo, você sempre foi a mulher que ele amou a vida toda. Não se faça de rogada. Todo mundo sabe disso aqui em Grotões. Eu ouvi falar de você a vida inteira, embora só a tenha conhecido recentemente. Mas você sempre fez parte de minha vida. Claro que de uma forma horrível.

— Mas não diga!

— Digo sim. Uma vez, quando eu estava assim com uns 10 anos, minha madrinha soube que você estava vindo pra cá. Era uma época rara de sua vida. Bem rara, né? Você estava sem marido. Ela se pelava de medo de você. Ela me chamou no quarto e me fez pedir ao meu padrinho pra viajar, já que era perigoso a gente ficar aqui porque ia chegar uma mulher que poderia tomar o meu padrinho de nós. Fiz de tudo até que meu padrinho, que em geral nunca me negava nada, decidiu me levar pro Circo do Beto Carreiro. Depois viajamos pelo Sul. Foi a única vez em que não passamos o Natal em nossa casa. Só voltamos quando você foi embora. Então, você era o diabo em pessoa para mim...

— Mas é muita paranóia junta.

— Pois, então! Era mesmo. Mas eu acho que minha madrinha, além de sábia, estava certa. Meu padrinho faria qualquer coisa para ter você. Agora, que ele a tem, tirei férias de 15 dias para dar conta de fazer o bolo e os doces do casório, minha filha! Pois é, resolvi ser exclusivamente doceira em minhas férias e fazer a minha obra de arte mais importante para uma artista famosa. Claro que tirei uma semana antes e outra depois porque, quando tudo isso acabar, estarei no maior prego! Portanto vou bater asas para um descanso merecido.

— Ah, é? E vai pra onde?

— Não sei, vou pensar ainda.

No que chega Thales, todo meloso, dizendo:

— Quem sabe ela não gostaria de descansar num estúdio de uma certa pessoa em Sampa, numa boa companhia, não é, Cacá?

Levei o maior susto, mas só então me dei conta que o cupido estava a tramar algo entre Thales e Lidiana. Não me contive e ri, dizendo, muito alto:

— Gente, como tia Lali ama arrumar confusão na vida dos outros. Nem morta ela dá sossego. Isso é coisa dela, aposto.

Todo mundo que estava no jantar parece ter ouvido, tanto que Pablo, que estava numa roda de homens, aproximou-se de nós e tirou a maior onda do Thales.

- Epa, mestre, por aqui ainda se usa falar com o pai da moça, casar no civil e no religioso, antes de levar uma moça para a lua-de-mel. E pedido de casamento, com festa de noivado daquelas de arromba e casamento nos trinques, assim como vai ser o meu amanhã. São coisas que o paizão aqui não abre mão.

As filhas do Thales pareciam atordoadas, mas imediatamente ficaram recompostas quando uma delas, muito espirituosa, falou que também as filhas do moço exigiam que o pai fosse pedido antes em namoro, mesmo quando a pretendente fosse a simpatia em pessoa e adoçasse suas bocas com doces deliciosos. Foi uma farra que encerrou com chave de ouro a nossa despedida de solteirice.

Os dois hotéis de Grotões ficaram lotados com nossos convidados. Sem falar que a casa do Pablo virou um acampamento e havia gente hospedada até na fazenda. Os convidados dele que vieram de outras cidades e que não possuíam parentes em Grotões eram cerca de trinta. Da minha parte, apenas dez. Meu irmão Valdir ficou com as filhas e a mulher na casa da sogra, que morava em Grotões.

Augusto, meu irmão, mandou dizer, gaiatamente, que de certeza este não seria o meu último casamento, que ele só viria quando eu sossegasse o facho e me casasse pela última vez e que a sua mulher, o filho e a filha lamentavam, mas era um período em que eles não poderiam vir. Mas me esperava na Áustria para que eu contasse como era que arrumava marido até em velório. “Não é possível, Cacá, você não dá trégua pros homens nem em sentinela onde cantam *incelências*? Tia Lali deve estar fula da vida e até dizendo: ‘Eita que mulher machenta é a Cacá, por Deus! Santíssima Mártir Antonina que tome conta dela, porque eu já joguei a toalha e faz é tempo. Vivo de joelho ferido de tanto rezar pra Cacá criar juízo e a bicha ficou velha e nada desse juízo chegar. Não pode sentir o cheiro de cueca de homem que quer se esfregar. Ô desassossego!’”

Mas só hospedei em minha casa o Thales, que veio uns quatro dias antes, com as três filhas, que estavam lindas. A grande surpresa é que ele as preparou, em segredo, para serem damas do meu casamento. Na verdade, disse-me que elas exigiram.

Mas foi uma correria para encontrar três rapazes, mais ou menos da idade delas, para serem seus pares. Acabamos encontrando, um deles, neto do Pablo. Mas não foi fácil, pois eles precisavam usar ternos azuis, da cor da roupa do Pablo. Thales foi incansável. Se passou para a alfaiataria do Seu Demóstenes e em dois dias deram conta de finalizar os três ternos. Foi uma correria descomunal. Fora essa coisa de último minuto do segundo tempo, dos ternos dos “pajens” do meu casamento, tudo o mais correu na maior tranquilidade.





# Enfim, casados!

Josias, já disse, cineasta famoso, casado com minha *marchand* Zélia, filmava tudo para um documentário do tipo “Lembrança do nosso casamento para pessoas queridas”, quando viu toda a azáfama no entorno da capela, cerimônia do mastro e quetais, não sossegou e passou o jantar todo falando sobre o que havia visto e já morrendo de amores pelas carpideiras. Lá pelas tantas, já no auge da embriguês real e do sonho, disparou:

- Cacá, se você e Pablo permitirem, cedendo as imagens que estou fazendo desde que cheguei aqui, vou fazer um puta filme com essas carpideiras. É filme pra ganhar o Oscar, ao estilo *hollywodiano*... Será a minha obra-prima, porque a história é sensacional e inigualável, mas é nas imagens que vou dar tudo de mim...
- Tá bem, Josias, amanhã a gente fala sobre isso. Vá dormir, meu amigo, que amanhã as belas imagens estão à sua espera. Zélia, está na hora de recolher meu cineasta preferido, caso contrário o dia de amanhã ficará sem registro.
- Que recolher, “mané coisa nenhuma”, Cacá! Estou a mil. Quero fazer um filme sobre as carpideiras, cujo auge será o enterro, de mentirinha, do prefeito de Grotões dos Bezerras. Claro que é ficção, né, Cacá?

Pablo soltou uma longa gargalhada. Quase não parava de rir.

- Taí, Josias, brilhantíssima idéia. E eu topo estar no filme. Se mãe Lali estivesse viva, diria: “Pois faça o filme, Pablo, porque só em filme mesmo pra você merecer uma *incelência*”. Ora veja, passei a vida com medo de não merecer uma *incelência*. Mas se você fizer o raio desse filme, ficarei tranqüilo porque sei que mereci uma *incelência*, em vida! Bom demais, rapaz! Não há pior desgraça, aqui em Grotões, do que não merecer uma *incelência*, meu amigo...

Josias parecia pasmo. E ria, mas tanto, que pensei que ele fosse desmaiar.

- Tá vendo, Cacá, como minha idéia não é estapafúrdia? O Pablo gostou até demais e aceita ser o morto, com uma sentinela com *incelência* e tudo. Tá vendo, Zélia? Pode se preparar que, passada a lua-de-mel dos dois, aí eu vou meter a cara no projeto do filme. Arrumar um patrocínio e um roteirista de primeira...

Acabei de criar a Grotões dos Bezerras Filmes, pessoal!

A conversa passou a girar em torno do filme. E estava boa demais, porém a madrugada anunciava a sua chegada e Socorrinha apareceu toda lampreira, dizendo:

- Gente, vão embora cada um pros seus cantos de dormir porque a noiva eu vou botar pra dormir é agora, se não a pele dela amanhã estará uma lástima. Noiva tem de dormir cedo. E o noivo pode chispar porque não quero ver retrato de casamento de gente de cara amassada, não! E ainda temos de limpar essa sala toda aqui ainda hoje, porque amanhã tem serviço demais. E Dona Zélia, leve o fazedor de filme lá na cozinha que fiz um café bem forte e amargo pra ele e já arrumei uma caminha pra ele se deitar lá no quarto do Thales. Esse aí num güenta chegar no hotel hoje não, mulher. Ele precisa levantar bem cedinho, com escuro, porque disse que vai com os homens pra filmar a escolha do pau do mastro. E está quase na hora, mulher de Deus! Se for pro hotel, perde e aí adeus filme, né?
- Que pau do mastro, Socorrinha? O mastro está lá desde a Ladainha da nova mãe! Nem foi derrubado ainda, esperando a Festa de Santa Mártir Antonina...
- É que mãe Damiana recebeu ontem um aviso de mãe Lali que, como vai haver casamento, o pau do mastro tem de ser novo. Vai ser assim: vamos derrubar um mastro e levantar outro... Tá tudo diferente por causa da morte de mãe Lali.

Foi assim que a turma do jantar de despedida de solteiros se dispersou. Sendo expulsa por Socorrinha, que foi levando todo mundo para fora da sala de jantar.

Ao raiar do dia 12 de junho, abri os olhos ouvindo acordes musicais que pareciam vir de longe... Seria um sonho? Não, era uma alvorada tocada pela Orquestra de Zaqueu. Como sabem, alvorada é: “Crepúsculo matutino; antemanhã, madrugada; canto das aves, ao nascer do dia; toque de cornetas, clarins e tambores, dado nos quartéis, ao amanhecer, mas também é qualquer toque de música que se faz de madrugada”. Portanto, alvorada é uma festa, com músicas no amanhecer do dia, que anuncia a abertura de um evento.

Ao abrir a janela do meu quarto, a primeira cara que vejo é a do Pablo, rindo lá no adro da capela. Olhei assim algo enternecida pelo gesto musical dele, mas pensando: “Bem, ninguém merece! Onde estou me metendo? Essa gente aqui é uma outra cultura que tenho de reaprender”... Senti um calafrio. De medo.

Nisso chegam os homens com a árvore que seria transformada em mastro e começou o maior foguetório do mundo. E eu, que queria dormir mais um pouco, vi que não dava. Era o jeito levantar-me da cama e ver o mundo lá fora que clamava por mim. Ademais,

já eram quase 6 da matina e o casamento seria às 10 horas, era preciso começar a dar um jeito em tudo. Confesso que fiquei aflita. Entre aflita e assustada. Pela primeira vez, estava sem saber direito porque estava casando em meio a tantas festas. Não era do meu feitio. Foi como um acordar de um sono profundo. Seria verdade? Será que eu não estava sonhando? Mas me dei conta de ser tudo realidade ao abrir a porta do quarto e ver a casa em verdadeira ebulição. Só de olhar eu me cansava... De repente fui abraçada por Lidiana, que sorria com o corpo todo. Era a felicidade em pessoa. Havia nela algo de luminoso, diferente...

- Oi, bom-dia, Lidiana, já por aqui, querida? Dormiu bem?
- Mais ou menos. Terminamos o bolo lá pelas 2 da manhã...
- Que tarde, por Deus! E você foi pra sua casa e já está de pé?

Todo mundo ria de mim. Fiquei sem entender por quê.

- O que foi, gente?
- Nada. Ainda fui levar as meninas do Thales na casa da Socorrinha...
- E por que elas foram dormir na casa da Socorrinha, minha gente?
- É que elas queriam colher as flores com orvalho. E só seria possível se levantassem bem cedo, então resolveram ir dormir lá.
- Colher flores orvalhadas? Mas gente, as flores daqui são suficientes pra enfeitar a capela.
- Ah, mas não davam pra enfeitar a charrete...
- Enfeitar a charrete? Mas que charrete?
- A que você vai chegar à capela...
- Brincadeira! Daqui à capela não dá 200 metros... Vou mesmo a pé.
- Nan-nam-nam-nam... Fizemos um roteiro. Você vai entrar na charrete, mãe Damiana vai sentada conduzindo o cavalo; as outras mulheres vão seguindo num cortejo puxado pelas damas e pelos pajens... Vai ser lindo. O filme vai ficar maravilhoso... Ah, o roteiro é que o cortejo da noiva vai dar uma voltinha em toda a casa, depois segue pra capela...

E tudo virou de pernas pro ar. Era gente chegando, gente saindo, e eu não conseguia concentrar-me no que fazer até que chegaram a cabelereira e a maquiadora. Fui tomar

um banho de pétalas de rosas brancas, preparado por Maricota, segundo receita dada por Socorrinha, que, pelo que entendo, deve ser coisa de mulheres-bruxas, mesmo.

As rosas brancas, em número de 13, foram colhidas orvalhadas e totalmente abertas por Socorrinha, em seu jardim. Aqui, coube à Maricota despetalá-las. As pétalas foram colocadas em um litro de água bem quente e lá ficaram por uma noite inteira, em maceração. O litro de água de rosas brancas foi colocado numa banheira, com mais ou menos uns 10 litros de água morna! Tinha de ficar mornando lá, pelo menos dez minutos! Sem molhar os cabelos. Então, o jeito foi tomar um bom banho antes e lavar os cabelos!

Só depois eu me entreguei às mãos das fabricantes de mulheres lindas, a cabelereira e a maquiadora... Era um momento em que a casa estava mais calma, pois todo mundo parecia ter ido à *Ladainha de Santa Mártir Antonina*, que terminou num foguetório que parecia não ter mais fim. Nunca entendi essa mania de “tocar” foguete dessa gente aqui de Grotões. Mas eu já estava quase pronta pra casar.

O meu vestido, além de lindo, dava gosto estar vestida nele. Era bege, perolado, bem clarinho, entre branco e bege. De seda pura, no estilo cafta, com corte godê. Um godê que se ampliava após os quadris. Dá pra imaginar o realce do godê? Do joelho para baixo, era debruado até à altura do tornozelo. Uma fileirinha de debrum após a outra, bordados com paetês, miçangas, canutilhos e lantejoulas brancas... Tudo fazia um encaixe harmonioso e perfeito com meus sapatos de cetim prateados.

O vestido era complementado por um xale. Ou seria um véu, ou mesmo uma mantilha? Na dúvida, chamo de xale. Era de tule azul quase branco, todo rebordado como se fosse um céu, com lua e estrelas, mas tudo de uma suavidade que era preciso olhar bem para se dar conta o que eram aqueles bordados. Tudo formava um conjunto absolutamente simples, mas bonito e diferente. E caía muito bem em mim, pois não sou nem gorda e nem magra. E ainda tenho um corpo em forma. Pablo diz que “ao ponto de degustação sexual”...

Na cabeça, uma tiara, do mesmo tecido do vestido, que imitava um turbante, também bordada como os debruns do vestido. Era diferente mesmo, mas de um estilo belíssimo. O buquê, de rosas vermelhas naturais, com um laço enorme do mesmo tecido do vestido. Ao me ver no espelho, gostei da imagem. Estava uma noiva distinta, elegante, discreta e compatível com a minha idade. Thales não cabia em si de contentamento. Dizia que eu era a mais bela noiva que os olhos dele já viram. E que meu traje de noiva era a sua mais importante obra de arte.

Quando os fogos deram uma trégua, começaram outra vez e ouvi dizerem que o padre e o noivo haviam acabado de chegar... Era tudo tão surreal que quase me belisquei para ter a certeza de que não era um sonho.

- Cacá, tu não podes crer: as filhas do noivo chegaram na maior chiqueza. E diferentemente do que a gente sabia, elas vão entrar na capela com o pai, minha flor! E dizem que o filho dele e o Thales vão entrar com você. Depois que entrarem na capela, passam você pra Valdir, seu irmão. Eita gente que inventa coisa bonita, por Deus!
- Calma, Socorrinha, como é que você sabe de tanta fofoca?
- Fofoca nada, minha flor. Tenho é um bom ouvido. Todo mundo dizia, correu até aposta em dinheiro, como, das filhas do prefeito, só a Lidiana iria entrar com ele na capela, porque as outras nem sabiam se viriam ao casamento. Verdade mesmo é que esse boato andou correndo por aí.
- Ah, foi? E por que você não me disse, criatura?
- Eu, hein? De jeito maneira! Fiquei só na minha e fazendo minhas rezas pra abrandar o coração delas, porque ali são gente ruins demais. Fora Lidiana, né?

Ao fim e ao cabo, o cortejo da noiva foi de uma beleza tal que ainda hoje choro ao recordá-lo. Fazia uma linda manhã de sol. Um céu azul-anil, salpicado de leves nuvens esbranquiçadas.

Pássaros cantavam nas árvores de casa. E a brisa era leve, suave e gostosa, mas tanto que parecia me acariciar...

A charrete, puxada por um cavalo branco, estava toda enfeitada de rosas brancas, vermelhas e cor-de-rosa, como se fosse uma trepaderia multicolor. As carpideiras, com suas lindas roupas de seda, usadas só em festas especiais, carregavam uma cestinha de rosas brancas, enfeitadas com um arranjo de flores silvestres; as damas e os pajens estavam majestosos e iam à frente do cortejo...

E esperando-me na entrada da capela, estavam Carlos e Thales, cada um mais risonho que o outro. Beijaram-me na face, deram-me os braços, um de cada lado, e entramos na capela ao som da Orquestra de Zaqueu, que tocava *Aquarius*... Eu chorava copiosamente quando Valdir me deu o braço e começamos a caminhar para o altar. Pablo não se conteve e veio me receber antes de chegarmos ao altar. Todo mundo fez um: “Oooooooooohhhh!”...

A cerimônia parecia não terminar... Havia missa. E casamento com missa é sempre demorado demais. Mas de repente, sem me dar conta, entrei em estado alfa, senti uma sonolência. Não vi o tempo passar. Fiquei até espantada quando o padre perguntou se eu aceitava Pablo como meu legítimo esposo. Como acho a formulação “legítimo esposo” um porre, fiquei pensando nisso, e demorei a responder.

Foi quando vi Thales puxando um coro: “É sim, Cacá”. Risadas. Acordei a tempo de ouvi-las e a capela toda dizendo sim. Pablo, durante muito tempo, me enchia a paciência porque dizia que não sabia se eu havia dito SIM!... Pelo menos, ele não ouviu!

Fora a cochilada que dei em pleno casamento, tudo transcorreu nos conformes do roteiro. Almoçamos, partimos o bolo. Joguei o buquê, que foi apanhado por Gracinha, uma das filhas da Brígida. Foi a maior algazarra. Em seguida, mal consegui tirar o vestido de noiva, eu e Pablo entramos no carro e viajamos.

Ninguém sabia para onde iríamos. A bem da verdade, nem eu. Apenas que não faríamos uma viagem longa e nem para longe. Quando perguntei ao Pablo que roupas levar, ele riu e perguntou: “Pra quê? Eu quero você é nua. Ou está pensando que vai vestir alguma roupa pra ficar comigo? Eu já a vi vestida demais, a vida toda. Agora eu quero você é nuazinha, como nasceu”.

E não adiantou eu insistir. Mas eu intuía que ficaríamos em São Luís, porque era o nosso destino inegável, pois pra ir pra qualquer outro lugar, era preciso ir pra lá. Tínhamos pela frente umas boas horas de viagem. Na estrada ele não se agüentou e disse-me que nem ele sabia onde ficaríamos. Estava com o endereço. Era na praia. Estava de algum modo preocupado porque eu poderia não gostar.

- Bem, mas não somos obrigados a ficar, se não gostarmos. Contratei os serviços de uma agência de turismo que faz uns pacotes-surpresa para lua-de-mel. Apenas disse que queria ficar na praia. Numa casa à beira da praia. Uma praia boa, não muito movimentada, já que ficaremos só uma semana. Mas também não muita isolada, e com boa segurança.
- Como casa, Pablo? Casa? Não vamos para um hotel?
- Cacá, é que a agência oferece hospedagem para lua-demel em hotel, em casa ou em apartamento. Funciona assim, a gente paga uma diária um pouco acima de preço de hotel de luxo, porque fica num local só pra gente. Um pouco nem tanto. É praticamente o dobro, mas inclui o café da manhã. Os demais serviços, à parte. Mas tem todos os confortos do hotel. Desde garçom à camareira, até o cardápio do melhor restaurante que a gente quiser. Se a gente quiser, até carro com motorista eles têm.
- E a nossa privacidade?
- A mesmíssima de uma suíte presidencial de um hotel cinco estrelas, Cacá. As pessoas que vão nos atender só ficam na casa a hora em que a gente pedir e autorizar. Por isso, preferi que fosse casa. Há pessoas que possuem casas ou apartamentos na praia e não os usam sempre. Então, elas os colocam para alu-

guéis temporários em agências de turismo, que bancam os demais serviços em convênios com hotéis. Entendeu?

- Ah, bom! Imaginei que era alguma coisa mais furreca. Daquelas de ficar na casa e ter de fazer tudo...

Ele riu.

- Cacá, tu sabes que gosto de comer bem, de conforto. Sempre tive. Imagina se eu iria me arriscar de ficar em tuas mãos pra comer miojo... Pensas que, só por que casei contigo, fiquei maluco?
- Pablo, e você acha que eu não sei cozinhar?
- Acho, pois, nesses meses em que estamos juntos, tu jamais fizeste algo pra comermos. Então, penso que não sabes.
- Pois vai pensando. Você sabe que todo penso é torto... Já quase chegando a São Luís, telefonamos para Grotões. Queríamos saber como havia sido a nossa festa de casamento. Achando estranho que havia um carro sempre perto de nós, desde praticamente que saímos de Grotões e que também parou no posto, disse ao Pablo que achava que estávamos sendo seguidos, pois eu tinha a impressão de que aquele carro que estava parado na frente do posto de gasolina nos estava seguindo.

Não disse antes porque estava com medo. Ele riu. Depois falou, baixinho, ao meu ouvido:

- Cacá, te acostuma, ando com segurança, sempre. Aqui por essas bandas, é preciso. Em viagens, sempre dois carros garantem a minha segurança, um à frente e outro mais atrás. Até pra ir à fazenda. Mesmo assim, já sofri dois atentados à bala. Mas isso foi há muito tempo. Nos tempos bravos daqui do sertão. Dona Noca, de São João dos Patos, fez escola.
- Ora, Pablo, Joanna da Rocha Santos, a lendária Dona Noca, foi prefeita e não dona de capangada!
- E nem eu tenho capangas, Cacá! Assim tu me ofendes, mesmo. Tenho homens de minha confiança que cuidam de minha segurança. Nisso sou mais moderno, não? Naqueles tempos de Dona Noca, de pistolagem legalizada, lembre que ela se elegeu em 1934, com 100% dos votos de São João dos Patos, a coisa era resolvida mesmo era à bala. Vocês, mulheres, batem no peito que ela foi a segunda prefeita eleita do Brasil, mas a primeira a exercer o mandato, já que Alzira Teixeira Soriano, eleita a primeira prefeita da América Latina, em 1928,

em Lajes, no Rio Grande do Norte, não pôde cumprir o mandato. Dona Noca foi prefeita por vinte e um anos, Cacá, que tal? Como, minha filha? Corre o boato que ela se manteve tanto tempo no poder porque era tida como “carrancista” e tratava os inimigos na base da emboscada. Vivia rodeada de capangas. Era brava e prevenida.

Maricota e Thales nos disseram que tudo correra às mil maravilhas. Nem gente bêbada caindo pelo chão houvera. E que a forrozada fora bonita demais. Quando saímos, ainda era a Orquestra de Zaqueu que estava tocando, mas depois o sanfoneiro Lequer tomou conta e tocou só Luiz Gonzaga até a hora em que acabou. E que por volta das 18 horas, tudo estava encerrado. Ninguém zanzando pelo quintal. Os portões da casa e da capela estavam fechados e eles estavam sentados no sofá da sala vendo televisão, pois toda a trabalhadeira de limpeza da festa já havia sido feita.

— Cacá, essas mulheres de mãe Lali são umas danadas. Com elas havia umas cinqüenta pessoas arrumando a bagaceira. Até o quintal elas varreram. Não há vestígios de festa por aqui. Tudo arrumadinho e na santa paz. Estou pasmo. Nunca vi nada assim.

Bem que Lidiana me dissera: “Essas mulheres de mãe Lali sabem cuidar de uma festa. É tudo na maior organização. Você vai ver, quando acabar a festa, em pouco tempo está tudo no jeito”. E foi mesmo.

Chegando à praia, por volta das 7 da noite, encontramos a casa rapidamente... Era apoteótica. Estilosa. Moderna, com uma grade de ferro trabalhada e um bem cuidado jardim, estilo Burrell Marx, pontuado de pequenos gramados, aqui e ali, mas com areia em volta. Parecia uma continuidade da praia. Gosto de casas assim à beira da praia, porque não quebram o clima de a gente se sentir na praia. Odeio casas na praia com aqueles muros de fortalezas. Fiquei a pensar como há pessoas que fazem casas cinematográficas e nem moram nelas. Externei a minha constatação a Pablo, que se limitou a dizer: “É assim o mundo, Cacá. Tu sabes disso, pois já andaste muito por ele”.

Tocamos a campainha e um homem, vestido de terno, veio nos atender. Pablo mostrou seus documentos e o portão foi aberto. Na entrada da casa, um dos vigias (vi que havia vários) perguntou a que horas queríamos que fosse servido o jantar, mas avisou que, na suíte do casal, havia algo leve para comer e a champanhe estava ao ponto. Pablo respondeu-lhe que depois avisaria. Os homens sumiram como que por encanto.

E quando eu me dirigi para a porta de entrada, já com a mão na maçaneta, Pablo fez: “Tan-tan-tan-tan-taaaaaaan...” Pegou-me no colo, dizendo:

— Senhora Cássia de Freitas Ventura Pereira de Almeida, eu te consagrei minha mulher e hoje teremos a nossa sonhada noite de núpcias!

- O que é isso, Pablo? Meu nome é Cássia Almeida de Freitas...
- Era, agora é Cássia de Freitas Ventura Pereira de Almeida. Não ficava bem Cássia Almeida de Freitas Ventura Pereira de Almeida. Dois Almeidas no nome era demais, né, Cacá? Tu não viste que mudaste de nome?
- Mas é hilário! Imagina como vou assinar meus quadros e minhas demais obras de arte?
- Como assinavas, né? Mas em cheques, pelo menos, terás de escrever Cássia de Freitas Ventura Pereira de Almeida. Como não sabias, se assinaste todos os papéis no cartório? Lembra que mandou teu contador fazer tudo?
- Ah, e aquela papelada toda era isso? E Chiquinho só chegou e disse: assina aqui, aqui, aqui... Agora vou ter de prestar mais atenção a essas coisas. Fiquei rica, não foi?
- Rica, rica, não. Médio. Quase. Fiz o inventário há algum tempo. Bem antes de tu chegares. Já dividi tudo o que me sobrou também, mas fiquei com o usufruto. E agora, eu te coloquei como usufrutuária de tudo também. Nunca se sabe. Quem é vivo é mortal, mas meus filhos não arrumaram encrencas não, pois sabem que tu não tens nem uma pipira de herdeira.
- Bah! Chega, Pablo, me leva logo pra dentro de casa... pro quarto, eu quero cama, há quantos dias a gente não chamega com esse raio de casamento com tanta festa... Queeeero...

E rimos até chegar ao quarto, que era muito bonito. E nós nos amamos como se fosse a última vez. Como se o mundo fosse se acabar. Demos uma cochilada e acordei lá pelas 10 da noite morrendo de fome...

- Pablo, quero...
- Mais Cacá? Não agüento, preta! Deixa para amanhã, não?
- Ô seu bobão, quero é comer comida mesmo. Estou varada de fome.
- Ah, bem... Estou sem fome, mas faço-te companhia. Vou pedir. Mas vamos tomar um banho porque vou pedir para servirem a “janta” daqui a uma meia hora.

Foi uma “janta” no capricho. Uma salada verde, suflê de camarão e um bacalhau à sete ervas, maravilhoso, com arroz branco. E de sobremesa, pétalas de rosa em calda. Pablo, que adora comer, contentou-se apenas com a salada, bem pouca e um pouco de suflê. Quando lhe indaguei por que comera tão pouco, disse-me que estava com

a sensação de que estava indisposto, um pouco cheio, mas que, só depois de haver acordado, foi que sentira isso. Também não quis tomar vinho.

Depois do jantar, demos uma volta na praia, acompanhados de seguranças, é claro. O que para mim era um tormento, pois eu não ficava à vontade, mas ele, já acostumado, agia como se eles não existissem. Fiquei pensando como é ter um monte de pessoas ao seu redor e fazer de conta que elas não existem. Mas depois percebi que é assim mesmo que se comportam as pessoas que vivem cercadas de seguranças.

Em casa, ainda ficamos vendo TV e não sei bem a que horas dormi. Na madrugada acordei porque ouvi Pablo gemendo.

Fiquei assustada com o que vi. Ele estava numa palidez que parecia não ter mais sangue. Perguntei o que estava sentindo, mas ele não respondia, apenas apontava para a barriga.

Imediatamente telefonei para a área de serviço, pedindo ajuda. Foi acionada uma ambulância, que chegou, em menos de meia hora, mas para mim demorou um século.

No hospital foi diagnosticado abdome agudo por úlcera perfurada. Só, então, vi que eram 4h30 da manhã. Telefonei para Grotões para avisar à sua família, que, incrédulos, disseram que estavam saindo de lá até às 6 da manhã. Autorizaram a cirurgia imediata, o que nem era necessário, pois diante da gravidade do caso, o médico não precisava de autorização de ninguém para intervir. Pablo corria risco de vida. Disseram-me que um amigo do pai deles, médico que residia em São Luís, seria avisado. E que, com certeza, chegaria em pouco tempo ao hospital.

Lidiana, que estava em minha casa com Thales, é claro, conseguiu falar com o médico do pai antes da cirurgia. Logo depois falou comigo, tranquilizando-me. Disse que era grave, mas Pablo era previamente saudável; apesar da idade, não tinha nenhuma doença e, portanto, as chances de tudo correr bem eram muitas. Que ela também viria a São Luís. Sairia de Grotões quando o dia clareasse porque ela e Thales não queriam acordar as meninas àquela hora. Trariam as três meninas, não eram mais meninas, mas adolescentes, a mais nova com 14 anos.

Quando os telefonemas cessaram, eu me senti na mais absoluta solidão e vivendo um pesadelo. Não conseguia acreditar que tudo aquilo estivesse acontecendo comigo. Rememorava e era tudo assim distante, surreal, como num pesadelo mesmo. Aquela ambulância de sirene ligada, não sei pra que, já que não havia trânsito naquela hora, a chegada ao hospital, eu pedindo um médico e a moça da portaria querendo um depósito. E dizia que eu precisava fazer o depósito que o médico já ia ver o meu marido...

Eu procurava em minha bolsa meu talão de cheques e cartões e não os encontrava. Foi quando um dos seguranças do Pablo, saído não sei de onde, aproximou-se, assim como um anjo caído do céu, entregou-me uma carteira, dizendo:

- Doutora, veja aqui, na carteira do prefeito, se acha algum cartão de crédito dele e manda essa mulher passar logo, senão eu vou ser obrigado a arrumar uma confusão aqui. Não é possível um homem rico desses chegar a um hospital e morrer na entrada porque não se acha como pagar pra entrar.

Abri a carteira e havia um monte de cartões de crédito e dois talões de cheques. Entreguei todos para a recepcionista e disse-lhe:

- Vê aí qual o que passa, minha filha.

Imediatamente Pablo foi levado para uma sala. O segurança dele pediu pra entrar junto com Pablo, dizendo-me:

- Doutora, vou com ele. Fique aí tomando um ar, que está precisando.

Como autômata, aceitei.

Em pouco tempo, depois de ter passado o raio do cartão, enquanto eu dava uma geral na carteira do Pablo, chega um médico, dizendo:

- A senhora precisa fazer um depósito de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) porque precisamos operar o seu marido agora. Se quiser falar com ele, pode porque agora estabilizou e está conversando.

Fui. Pablo parecia menos lívido. Já estava com um soro no braço. Quando fiz menção de falar, ele se adiantou:

- Cacá, assina o cheque, do tanto que pedirem. Qualquer tanto. Eu não dou conta.
- Mas como? Assinar o seu cheque?
- Sim. Não me deixa morrer por causa de um raio de cheque...
- Mas assinar com meu nome? Não posso, Pablo. Poderia dar um meu, mas nem tenho esse monte de dinheiro...

O fato é que, ao abrir o talão de cheques, vi que meu nome estava impresso junto com o dele. Ele transformou suas contas bancárias em contas conjuntas comigo... Desandei a chorar porque tive a sensação de que tudo aquilo fora feito sob um pressentimento que ele tivera. Naquela hora senti que Pablo morreria.

Depois que o levaram para a cirurgia, saí e fiquei andando no estacionamento do hospital. Não conseguia ficar sentada. Fumava desesperadamente. Foi o resto de madrugada mais longo de minha vida. Sozinha num lugar estranho. O amigo do Pablo não chegou. Depois soubemos que sua mulher falecera naquela madrugada. Naquele mesmo hospital.

Amanhecia quando fui avisada, por uma auxiliar de enfermagem, que a cirurgia terminara e que o Pablo estava bem, já na sala de recuperação, mas que ainda demoraria a ser levado para o quarto particular. Talvez lá pela metade da manhã, mas que eu poderia vê-lo. Perguntou ainda se eu queria falar com o cirurgião.

Ao ver o rosto do Pablo dormindo sereno, não contive as lágrimas. Era um milagre vê-lo vivo. Antes das 11 horas, quando ele já estava no quarto, sua família chegou. Ao saberem que o pai estava bem, foi uma alegria geral. Carlos não se conteve e disse: – Cacá, você quase mata o papai, hein? Que estripulia andou aprontando com ele?

Nem respondi porque a algazarra de todo mundo fez com que Pablo acordasse e indagasse por que ele estava ali, o que havia acontecido... A primeira coisa que fez, ao abrir os olhos, foi fitar aquele soro que lhe escorria no braço. Levou a outra mão à barriga e empalideceu. Com certeza percebeu que havia sido operado... Ainda meio grogue, disse, apenas:

— Mas, Cacá, como eu sou muito azarado. Desculpe-me por nossa lua-de-mel no hospital. Só comigo essas coisas acontecem.

Por volta de uma da tarde, Carlos achou conveniente que eu fosse com ele ao velório da esposa do Dr. Antônio Pereira, colega de escola do pai dele. O argumento é que eles eram muito amigos e que ele não fora ao nosso casamento por causa da doença da esposa.

— Nada demais, né, Cacá, pois sua lua-de-mel já foi pro saco mesmo, né? Um velório a mais, um a menos, não fará diferença. Papai é muito ligado ao casal. Vai gostar de saber que você foi. Depois de a gente dar uma passada lá, eu a deixo na casa de praia. Está alugada por quanto tempo?

— Acho que é por uma semana.

— Bem, se não tiver jeito de devolver, você fica por lá mesmo.

— Não, vou ficar no hospital com seu pai.

— O tempo todo? Não precisa, Cacá. Vamos dar um jeito. Faremos uma escala de revesamento. Se papai continuar bem, como está, você precisa descansar um pouco, se refazer do susto que passou. Precisa recolocar as idéias no lugar depois de tanto susto. Eu sei que você sofreu muito aqui sozinha, até achando que papai fosse morrer.

Lidiana também chegou com Thales e as meninas no fim da tarde. Eu os hospedei em nossa casa da praia. Ela só foi embora quando o pai teve alta, ocasião em que entregamos a casa da praia e fui para a casa de Letícia com Pablo, pois ela não abriu mão

de ficar cuidando do pai. Em tese, porque não ficava em casa. Trabalha muito e tem uma vida social intensa.

A estadia do Pablo no hospital levou cinco dias, pois no segundo dia teve uma febre inexplicável, pois tudo estava indo bem. Ainda ficamos mais de uma semana, dias dos mais atribulados, em São Luís, depois da alta dele, que se revelou um doente dos mais irritantes, irascível até. Lidiana justificava a rabugice do pai dizendo que era a primeira vez que ele adoecia. E que todo homem doente é dose. Mas eu realmente, durante aquele período, tive dúvidas se eu o toleraria por muito tempo.

Só de imaginar que fiquei mais de quinze dias em São Luís, no período de suas animadas festas juninas, e sequer pude ouvir ou ver ao vivo uma “batida” de bumba-meu-boi, é de doer, se imaginar que não ouço e nem vejo um há mais de vinte anos.

Não que Pablo tenha dito que eu não deveria ir, mas é que ele me ocupava tanto e jamais teve a bondade de perguntar se eu gostaria de sair um pouco. Ele me ocupava o tempo todo e aquilo me consumia, pois não estava acostumada a conviver com um homem que até água para beber pedia! Tudo bem que ele estava doente, mas não estava inválido. Fui percebendo que era um estilo de vida, nos braços da criadagem e de uma mulher babá.

O pior é que fiz planos de ver um bumba-meu-boi. Sinto saudades, tenho gratas recordações da beleza cintilante que se desprende de um boi, desde as roupas dos brincantes, com os brilhos das sedas, canutilhos, miçangas, paetês, purpurina, plumas e aquele mar de fitas de seda a perder de vista nos chapéus... Sem falar da arte contida no “couro do boi”, belo e ricamente bordado.

Certo dia, vendo TV, apareceram alguns que mexeram profundamente comigo, com aqueles sons inconfundíveis, ora de zabumba, de matracas, de orquestra e batidas de costa de mão. O bumba-meu-boi é um bailado popular dramático, que não existe na região do sertão onde nasci, é mais da região mais próxima da Ilha de São Luís, da Baixada Maranhense, que consiste num auto singularíssimo, com teatro, dança, música e circo, cuja apresentação é em si uma ópera popular, porém semelhante ao de Portugal e ao da África, que conta as relações estabelecidas no período colonial brasileiro.

A única coisa que animava o Pablo era falar sobre o filme das carpideiras que Josias queria fazer. Chegou a telefonar para Josias, ocasião em que acertaram um monte de coisas. A idéia da Grotões dos Bezerras Filmes virou a sua menina dos olhos e até prometeu a Josias uma doação especial da Secretaria Estadual de Cultura, da Municipal também. Além de um investimento pessoal, dele e do filho Carlos, vultoso. Era tanto dinheiro que, mesmo eu que sempre tive dinheiro folgado na vida, sequer imaginava. Eram cifras altíssimas. Quando Pablo recebeu a visita do governador na casa da Letícia, aproveitou e pediu uma atenção especial dele ao assunto do filme. Ele se comprometeu a apoiar.



# Grotões dos Bezerras: um canteiro permanente de obras de arte

Foi assim, em meio a doenças e medo da morte, que começamos a nossa vida de casados. E para mim foi um alívio voltar para a minha casa. Lá, passei dias e dias dando atenção a uma procissão de gente que visitava Pablo. Muitas vezes, Socorrinha, que se mudou para minha casa, de mala e cuia, pra cuidar do Pablo comigo, tinha de pedir pra irem embora porque o “doente ainda precisa de repouso”...

Depois de um mês de nossa chegada em casa, a vida parecia retomar o devido eixo. Foi quando, então, recomecei a pensar no que fazer naquele lugar, além de ser a mulher do Pablo. Com a volta dele ao trabalho, aos poucos ele readquiria confiança no viver e em pouco tempo era o de antes da doença. Ficava pouquíssimo em casa. Dizia que a vida dele sempre foi assim... Um dia ele chegou para almoçar e, sem mais nem menos, disse-me:

- Cacá, vamos a São Lourenço que quero te dar o meu presente de casamento, minha linda. Com a doença, nem tive tempo. Ia dar lá em São Luís, porque lá tu terias mais opções, mas o diacho daquela doença que queria me matar não me deu tempo.

Nem perguntei o que era. Intrigava-me porque ele planejava a viagem e sequer trocara alguma idéia comigo. Aquilo era como se eu fosse uma propriedade dele, uma pessoa sem vontades e estivesse sempre à sua inteira disposição. Era o meu sentimento. E aquilo batia em mim de uma forma péssima! Todavia, relevei, pois ausentar-me um pouco da opressão daquela casa e da doença, já era um grande alívio. Mas na estrada ele perguntou que carro eu gostaria de ter. Disse-lhe que nem pensara, pois fazia muitos anos que eu não tinha carro. Em Sampa, enchi de ter carro. Era só trabalho e eu usava muito pouco, já que trabalhava em casa.

- Mas aqui tu precisas, minha linda, para poderes ter mais liberdade de fazer tuas coisas. E depois, como é que vais colocar em prática tuas idéias se não tiveres um carrinho pra andar? Em São Lourenço há duas revendas. Mas podemos comprar

também outra marca. Tenho um amigo lá que revende qualquer marca, basta a gente escolher que ele pede. Só que demora a chegar, né?

Em São Lourenço, só fomos a uma revenda de carro, pois me engracei de um carrinho logo que entrei na primeira. Só não levamos no mesmo dia porque Pablo insistiu em colocar ar condicionado no carro. A entrega ficou para o dia seguinte. Na volta, sem que eu falasse nada, de repente Pablo entrou no motel onde transamos a primeira vez... Como demonstrei espanto, ele, marotamente, falou:

— Vai dar ou não? Ou dá, ou desce, moça...

Enfim, tivemos uma tarde maravilhosa e quando saímos do motel, já era noite. Posso dizer que ali concretizamos a nossa lua-de-mel, pois desde a doença dele era a primeira vez que transávamos. Parecia que a doença o interditara. E eu ficava sem jeito de me insinuar demais. Tentar, até tentei, mas ele fazia de conta que não era com ele. Era estranho. Mas foi assim. Desde que cheguei a Grotões, fiquei a pensar no que fazer para potencializar o saber das mulheres da tia Lali. Buscava uma forma de aquela tradição ter auto-sustentabilidade. Até o meu casamento, o centro das minhas preocupações eram elas. Também, de algum modo, eu pensava em como empregar bem o meu tempo tentando ser uma primeira-dama não tão arcaica, como manda a cultura das primeiras-damas, a de eterna mãe dos pobres.

Não, eu não desejava aquele papel. Não queria ser uma *biscuit* do povo de Grotões dos Bezerras. Ao mesmo tempo, posso dizer que jamais fui picada pela mosca azul da política tradicional. Embora não tenha sido jamais uma analfabeta política, encontrei outras formas de participar da vida política, também muito honrosas. Nos anos 1960-1970, eu já era uma pintora de prestígio e fazia uma arte “engajada”. Ganhava muito dinheiro porque um bom tempo, por mais de duas décadas, virei uma pintora da moda e os quatrocentões da paulicéia desvairada desejavam exhibir um quadro da pintora-prodígio em suas casas.

Foi com o dinheiro que ganhei naquele tempo que pude ser um pouco mecenas da política. Não sei se propriamente da política, mas de algumas pessoas que faziam política e eram perseguidas, taxadas de subversivas. Algumas pessoas, mais próximas a mim, notadamente no meio da intelectualidade, sabiam que, na hora do aperto maior, eu estava sempre a postos para socorrer com algum dinheiro. Eu era um apoio das lutas. Não mais.

Dava dinheiro a quem eu confiava. Perguntava pra quê. Acompanhava um pouco o destino. De longe. E dava-me por satisfeita. Naquela época ainda não havia por aqui o modismo de cada pessoa endinheirada criar uma “fundação” não sei das quantas para fazer filantropia. E mesmo depois, quando um amigo advogado me aconselhou

a criar uma fundação, já que eu não tinha herdeiros, para não deixar a minha grana para o Estado, eu lhe respondi que nem tinha tanta grana assim, pois não tive o hábito de guardar dinheiro. Ganhava e gastava quase tudo em viagens, em coisas para o prazer da minha arte.

A disgressão foi exatamente para voltar a Grotões em busca do que fazer. Já tenho um levantamento de coisas da cultura local que podem ser apoiadas para que adquiram visibilidade. Pois é exatamente nas áreas levantadas que desejo concentrar as minhas energias. Andei conversando com o Pablo e ele achou interessante, mas disse-me que estava na hora de amassar barro, se eu quisesse fazer mesmo tudo aquilo.

Portanto, tão logo voltamos da lua-de-mel e encerrada a convalescença do meu doente, solicitei uma conversa com a Secretária de Educação e Cultura da cidade. Oficializei o pedido como primeira-dama. Fui atendida prontamente. É que pensei que deveria tentar uma forma de aproximação do que faria com a Prefeitura, embora eu não dependesse do dinheiro dela para fazer o que eu queria.

Ela me ouvia, incrédula.

- Quer dizer que a senhora quer fazer trabalhos culturais? Mas a Prefeitura daqui tem uma Secretaria de Educação e Cultura, portanto a primeira-dama não pode se imiscuir no meu trabalho! Que fique bem claro. Mas pra não dizer que estou com má vontade, talvez eu devesse marcar uma reunião com as diretoras de escolas para que a senhora possa conversar sobre o que gostaria de fazer e, assim, ouvi-las para saber o que elas se dispõem a encaminhar. Já têm muito trabalho e ganham muito pouco...

Comecei a achar aquela mulher quase estranha. Pensei que ela avançaria em mim. Meio perdida, fui salva pela chegada do Pablo, que, tendo ouvido a conversa, disse:

- Professora, pois marque o mais rápido possível a tal da reunião que a senhora sugeriu. Diga às diretoras de escolas que é um convite do prefeito. E vai ser. O convite vai sair do Gabinete do prefeito, pois sim! Eu e Cacá vamos dar um almoço na “Casa da capela” (depois do nosso casamento, as pessoas diziam que o prefeito agora morava na “Casa da capela”!), para que eu a apresente às diretoras das escolas. Profa. Rosilda, a Dra. Cássia de Freitas Ventura Pereira de Almeida é uma das pintoras mais famosas do País! Ou a senhora não sabe? Se não sabe, não merece ocupar a cadeira de Secretária de Educação e Cultura do torrão natal da pintora. Ela nasceu aqui. E agora vai morar aqui o resto da vida. E tem muitas idéias para recuperar e revitalizar a produção artística do lugar. Tá bom assim, Profa. Rosilda? Pois telefone pra meu chefe de Gabinete dizendo a data que é melhor para a reunião. Dê duas datas pra que eu possa

ver qual será a melhor pra mim. Tá bem, assim? Vamos pra casa, Cacá! Passar bem, professora.

Espantada, nem sei como saímos dali. No carro, disselhe que não havia sido bem recebida. Ela fora educada comigo, porém hostil. Pablo apenas disse:

— Bobagem, Cacá, a professora Rosilda está é com medo de perder o sossego do seu bom emprego porque viu que, para alinhar as idéias com as quais tu presenteias a Prefeitura de Grotões, ela vai ter de amassar muito barro. De salto alto, ou melhor, de salto Luís XV, pois a professora Rosilda já nasceu em cima dum salto Luís XV! Se vai – e riu.

Já em casa, enquanto Pablo tomava banho, antes de almoçarmos, Lidiana telefonou e passei para ela as minhas primeiras impressões, que não eram boas. Ela riu. Gargalhou.

— Ora, Cacá, você queria o que, depois de tomar o quase marido da outra?

— Como assim?

— Como assim o que, Cacá? Não sabia que ela e o padrinho tiveram um caso... Digamos assim, extra-conjugal para ambos, um tempão? Ela era casada. Ele também. Dizem as más línguas. Quando o padrinho ficou viúvo, ela deu um jeito de se separar do maridão. Para praticamente todo mundo, eles se casariam. Aí você chegou e melou tudo. Não é de se espantar que ela a tenha olhado algo atravessado. Toma cuidado.

— Putz! Lidiana, mas o Pablo é mulherengo demais, minha filha. Pra todo lado em que me viro, tem uma história dele com mulher! Mas, saiba, ninguém toma uma pessoa de outra. As pessoas aparecem e entram na vida de outras porque encontram espaços vazios.

Quando Pablo saiu do banho, fiz de conta que não sabia de nada. Almoçamos, fizemos a nossa sesta e, diferentemente do que se estava tornando habitual, sempre que ele se levantava para voltar ao trabalho, eu também me levantava, naquele dia resolvi ficar mais um pouco na cama. Queria pensar com calma e languidez em minhas idéias porque elas precisavam ser melhor traçadas, pois eu tinha certeza de que teria inimigos na área, prontos para a sabotagem. E decidi que o melhor a fazer era fazer de conta que não sabia de nada.

Recordei-me com carinho da tia Lali, que dizia muito: “Cacá, prestação. Há horas em que a gente tem de se fazer de desentendida pra melhor passar”. Eureka! Grande estratégia. É por aí que vou seguir. Pensei que, quando Pablo chegasse à noite, poderia-

mos trocar idéias sobre o almoço e a minha apresentação às diretoras de escolas. E poderíamos fazer melhor ainda. Eu levaria o convite, pessoalmente, para cada uma delas. Pelo menos para as que moravam na cidade.

Contente com minhas idéias, repassei um mundo de coisas que vi e apreendi durante o tempo em que já estou aqui. Depois de tantos anos fora, é verdade que eu só tinha uma vaga lembrança de que havia as festas do Ciclo Natalino – os presépios, os reisados e a queima de palhinhas, tudo com muita cantoria bonita e brejeira –, o carnaval e a Semana Santa.

O carnaval: consistia em escassos fofões devidamente mascarados e de homens mascarados vestidos de mulher, zanzando nas ruas nos três dias de carnaval. No Grotões dos Bezerras Clube Social, havia vespéral para crianças e jovens até 15 anos. E todas as noites, desde o sábado até terça, bailes de carnaval. Numa divisão bem nítida, pois o clube só era freqüentado pelos brancos tidos como os ricos do lugar. Na União Operária e Artística de Grotões dos Bezerras, freqüentada por negros e pobres, havia também vespéral a partir do domingo, bem como bailes. Ambos tocados por orquestras.

Na segunda-feira de carnaval, havia o memorável desfile das putas da cidade, que todo mundo esperava na maior ansiedade. Eram as mulheres do Cabaré da Bela – que já morreu. Quem é dono do cabaré hoje em dia é o Derivaldo, o filho da Bela, mas continua sendo o Cabaré da Bela. As putas tomavam conta das ruas, num espetáculo que dava gosto de ver, numa alegria contagiante, sem se importar que só no carnaval elas podiam bailar nas ruas sem serem importunadas. Quando eu via aquelas mulheres, sem máscaras, com cada roupa linda de seda de cores fortes que brilhavam ao sol, o que eu mais desejava era ser uma puta daquelas, eu juro! Era o meu mais acalentado e indizível sonho...

**A Semana Santa:** depois do carnaval, vinha a Semana Santa, com suas festas de Domingo de Ramos, o Lava-pés, a Procissão do Senhor Morto, a Procissão de Encomendação das Almas e a Páscoa. Eram tantas as proibições, desde não poder comer carne alguma aos jejuns, invariavelmente quebrados pela criançada, que, na hora da rezação, eu me mortificava de um tanto, que era o maior sofrimento do mundo.

Mas as proibições não eram restritas às comidas. Varrer casa na Semana Santa? Nem pensar! Usar roupa sem manga e qualquer pintura, jamais! Falar alto também não se podia. O silêncio contrito era um modo de se mostrar sofrimento pelo “Senhor morto”. Bater nos filhos também, não. Mas a cada danação que fazíamos, recebíamos um aviso: “Olhe que vai romper a Aleluia na taca!”

Era um tempo no qual crendices comandavam tudo, como descreve Mário Souto Maior, em Semana Santa:

*Os ramos distribuídos pelo vigário no Domingo de Ramos, depois de secos eram queimados com a finalidade de amainar os temporais, os relâmpagos e os trovões; uma série de coisas não deveriam ser feitas durante toda a Semana Santa por serem consideradas pecaminosas; olhar-se ao espelho, usar rouge, batom e qualquer perfume, por serem sinais de vaidade; tomar banho. Vendo o próprio corpo nu, alguém poderia se lembrar de outras coisas e pecar por pensamentos; namorar, cantar, dançar, assobiar, por serem sinais de alegria e Nosso Senhor passou toda a semana sofrendo; manter relações sexuais durante a Semana Santa era o maior de todos os pecados, principalmente na Sextafeira da Paixão. O homem que assim procedesse, solteiro ou casado, ficaria impotente para o resto da vida e a mulher ficaria incapacitada para gerar filhos. E se nesse dia um filho fosse gerado, ele nascia com o Cãono-couro e seria infeliz até o fim de seus dias; e beber, embriagar-se, faria com que a pessoa nunca mais recuperasse o juízo.*

Mas o melhor de tudo na Semana Santa era esperar a malhação do Judas, boneco feito por Seu Pedrinho há muitos anos, todo vestido no paletó, com gravata e tudo, que aparecia enforcado no Sábado de Aleluia e trazia um testamento, no qual deixava, de modo jocoso, seus bens para um mundo de gente. Às vezes, dava até briga. E das feias, quando alguém se sentia ofendido pelo testamento do Judas.

**Maio, mês de Maria:** durante o mês de maio inteiro, as carpideiras reverenciam Nossa Senhora, a mãe de Jesus. Mas no 13 de maio, elas se juntam aos moradores que fazem o que se chama de “Festa de Pretos”; é explicável até porque quase todas são negras, desde as chamadas de morenas até pretas retintas. As “festas de pretos”, no 13 de maio, celebram o Dia da Abolição da Escravatura, que aqui dizem “o fim do cativo”, que em nossa cidade não é muito animada, não.

Fico a pensar que, hoje em dia, os intelectuais negros não gostam muito do 13 de maio, não! Dizem que quem o festeja celebra a Princesa Isabel. Agora dizem que o 13 de maio é Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo. Não penso que as “festas de pretos” são para a Princesa Isabel, mas de comemoração pelo fim oficial do cativo em si. E não adianta os setores letrados do Movimento Negro destratarem a comemoração, para firmar o 20 de novembro, Dia da Nacional da Consciência Negra, pois trata-se de uma festividade popular negra existente, em todo canto do País, desde a Abolição (13 de maio de 1888). Além do que o 20 de novembro data da morte de Zumbi dos Palmares (1655-1695), foi oficializado pelo Estado brasileiro como Dia Nacional da Consciência Negra, pela Lei 10.639, de janeiro de 2003, que inclui o ensino sobre a “História e Cultura Afro-Brasileira” nas escolas e dá outras providências.

Em municípios vizinhos há muita coisa no 13 de maio, além das conhecidas também como “festas de pretos”: a de São Benedito (5 de outubro) e a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (25 de outubro), cada uma em sua época.

Em Cachoeira Prateada, município hoje em dia minúsculo, pois deu origem a vários outros, pelo menos a uma meia dúzia, inclusive Grotões, há a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, construída pelos negros no tempo do cativo, que pertence à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em tudo similar a inúmeras outras existentes no Brasil. Os devotos de São Benedito e os de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos integram as Festas do 13 de Maio.

Certa vez, perguntei à tia Lali porque não havia tais festas aqui. A resposta dela é que Grotões foi durante muitos anos uma fazenda dos Bezerras, município de Cachoeira Prateada, e então, como era terra de dono, e o primeiro dono era muito mau para os escravos, quando se deu a Abolição, os negros foram embora daqui para sempre. Consideravam-na uma terra amaldiçoada.

Então, essas tradições festivas dos negros, mais conhecidas em outras regiões como as congadas, aqui não vingaram. Há apenas a tradição do reisado, restrita ao Ciclo Natalino até o Dia de Reis, e a das carpideiras, que certa vez tia Lali falou que, assim para o povo saber mais, é coisa de pouco tempo, de uns cinqüenta anos para cá, porque antes era tudo feito no escondido. As carpideiras, publicamente só louvavam os mortos e mais nada. Outras obrigações religiosas que cumprem as carpideiras eram sigilosas.

**Junho:** maio, religiosamente, com relação aos festejos, funde-se ao mês das fogueiras, que é junho. Época do São João, das festas juninas: Santo Antônio, São João e São Pedro. Por conta das origens dos rituais de fertilidade da terra, as festas juninas têm caráter rural, por isso foram tão associadas aos caipiras. Daí as quadrilhas, que integram as danças circulares sagradas. Em Grotões há duas quadrilhas famosas: a do Seu Joca e a da Dona Toinha. Cada uma mais bonita que a outra. Cada uma era acompanhada pelos dois melhores sanfoneiros da região.

Hoje em dia, segundo Socorrinha, há quadrilhas nas escolas também. É prazeroso ouvir o marcador gritar: “Anavantur (em *avant tout*), anarriê (em *derrière*), balancê (*balancer*), travessê de cavalheiros (*travesser*), travessê de damas, travessê geral”...

Os rituais das festas juninas são panculturais e datam das ditas sociedades pagãs européias, bem antes de Cristo; conforme Bárbara Semerene, existem “em todos os tempos e em todas as partes do planeta”, e são em junho porque na Europa este é o mês do solstício de verão (época em que o sol passa pela sua maior declinação boreal – dias 22 ou 23 de junho), comemorado com rituais que invocavam a fertilidade para garantir fartura e evitar catástrofes da natureza. As fogueiras e tochas serviam para afugentar os espíritos maus, pois “o fogo representa criação, nascimento, luz original, alegria e elemento que foi divinizado pelo homem. É princípio de vida, revelação, iluminação, purificação”.

As fogueiras, por exemplo, diferem-se dependendo do dia de cada santo. A de Santo Antônio é quadrada, a de São João é redonda e a de São Pedro é triangular. Será que ainda é assim? As pessoas conhecem tantos saberes em detalhes? E os cultuam ainda?

As festas juninas são muito apreciadas pelas carpideiras, pois, além de cantarem louvores nas sentinelas, em junho elas fazem a Trezena de Santo Antônio, começando no dia 1º de junho até o dia 13. A Trezena consiste em rezar uma das muitas orações de Santo Antônio durante treze dias seguidos; ou por treze terças-feiras ou treze domingos seguidos, invocando-se o Divino Espírito Santo e oferecendo a devoção a Santo Antônio. Um lembrete: o número 13 refere-se à data de nascimento do santo, 13 de junho de 1231.

Em Grotões dos Bezerras, a grande homenageada de junho mesmo é a Santa Mártir Antonina, a padroeira das carpideiras de Grotões dos Bezerras, cujo dia é 12 de junho.

**A Festa da Padroeira de Grotões dos Bezerras:** homenageia-se Nossa Senhora da Imaculada Conceição dos Mulatos no dia 8 de dezembro, há festas de largo, com bandeirinhas, barraquinhas e leilões. É muito animada.

Em muitas regiões do Brasil, o 8 de dezembro é a data oficial de montagem da árvore de Natal, assim como enfeitá-la para Nossa Senhora da Imaculada Conceição, que é padroeira do Reino de Portugal, tendo seu culto sido oficializado por Dom João VI, mas antes dele os reis já eram devotos dela. No Brasil há muitas Igrejas dedicadas à Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Em 25 de março de 1646, el-rei D. João IV assegurou à Nossa Senhora da Imaculada Conceição “em seu nome, e dos seus sucessores, o tributo anual de 50 cruzados de ouro; ordenou o mesmo soberano que os estudantes na Universidade de Coimbra, antes de tomarem algum grau, jurassem defender a Imaculada Conceição da Mãe de Deus”.

Maria é, sem dúvida, uma das personagens mais controversas do Cristianismo. Porém o Vaticano, em 8 de dezembro de 1854, na *Bula Ineffabilis*, assinada pelo pelo Papa Pio IX, definiu o dogma da Imaculada Conceição que, nas palavras papais, é o que se segue:

*Em honra da santa e indivisa Trindade, para decoro e ornamento da Virgem Mãe de Deus, para exaltação da fé católica, e para incremento da religião cristã, com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos bemaventurados Apóstolos Pedro e Paulo, e com a nossa, declaramos, pronunciamos e definimos a doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua concepção, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha de pecado original, essa doutrina foi revelada por Deus e, portanto, deve ser sólida e constantemente crida por todos os fiéis.*

Conforme o dogma, Maria, a mãe de Jesus, ou a BemAventurada Virgem Maria, nasceu protegida da mácula do pecado original dos descendentes de Adão e Eva, privilégio concedido por ser destinada a ser mãe de Deus. A declaração da perpétua virgindade de Maria Santíssima, pelo Dogma da Imaculada Conceição, foi proclamado pelo Papa Pio IX, ladeado por 53 cardeais, 43 arcebispos, 100 bispos e mais de 50.000 romeiros.

**As cantorias e danças:** as cantorias em nossa cidade formam um patrimônio cultural imenso, compostas pelos reisados, as carpideiras, os violeiros e os repentistas do lugar, que também são afamados. Há as cantorias do Natal, as do *Auto da Lapinha* e as dos reisados, também chamado de caretas.

Mas de todas as cantorias, a mais doce para mim é o canto das pastorinhas no *Auto da Lapinha*, que eu adorava. Era feito por Dona Ana do Seu Chico. Era encenado na capela. Vinha gente de longe para assistir. Dona Ana já faleceu, mas as filhas delas mantiveram a tradição da encenação do *Auto da Lapinha*. Como era doce recordar aquele teatro tão lindo, montado e encenado por gente simples.

Chamavam-se pastoras as mulheres que encenavam o *Auto da Lapinha*. Divididas em dois cordões, o azul e encarnado. As pastoras vestiam roupas da cor dos seus respectivos cordões. Cada uma com seu maracá, de flandres, feitos por Zé do Funil, que era, para tia Lali, o melhor mestre flandreiro do mundo, enfeitados de fitas, da cor do cordão.

No Cordão encarnado, ficavam: o anjo, a mestra, a camponesa, Diana e Colibri. No Cordão azul, ficavam a guia, a contramestra, a Libertina, a Borboleta e a Pastorinha. O anjo e a guia puxavam os cordões e se dizia que eles pertenciam, ao mesmo tempo, aos dois cordões. Ainda havia a cigana que ficava bem no fim das alas, entre uma e outra. As roupas da cigana, do anjo e da guia eram de duas cores: azul e encarnado.

No dia que se queimava as palhinhas, no Dia de Reis (ou Dos Santos Reis), eram entoados três cantos, que até hoje sei:

### ***Canto do Dia de Reis***

*Cantam todas:*

*Senhor dos Reis,  
Senhor que há de vir,  
Viemos de longe,  
Queremos nos ir.*

*Senhor dos Reis,  
Encanto do lar,  
Nós somos de longe,  
Queremos voltar.*

***Canto da desmancha da lapinha***

*(Cantado pelas pastoras enquanto a lapinha é desmanchada para ser queimada.)*

*Vamos, companheiras,  
Antes que venha a alvorada,  
Pedir licença ao Messias  
Para a nossa retirada.*

*Vamos, boas companheiras,  
Fazer nossas despedidas,  
Nossa jornada é penosa,  
As léguas são bem compridas.*

*Já se aproxima a tristeza,  
Vai findar nossa alegria.  
Vamos ter o desengano  
Antes de raiar o dia.*

*Vamos ver esta lapinha  
Em cinzas se transformar.  
Nosso presépio ditoso  
Onde brincava o luar.*

*Oh, Jesus, dai-nos conforto  
Nesta augusta ocasião.  
Vossa graça nos ampare  
Da fatal desilusão.*

***Canto da queima das palhinhas***

*(Cantando pelas pastoras enquanto as palhinhas ardem.)*

*As nossas palhinhas  
Já se vão queimar,  
Gentis pastorinhas,  
Tempo é de chorar.*

*Choremos, choremos,  
Fiéis companheiras,  
Não mais gozaremos  
Destas brincadeiras.*

*Maria divina,  
Jesus nosso bem,  
A dor nos domina,  
Tristeza também.*

Quando as palhinhas terminavam de queimar, era servido um chocolate, com bolos variados. Era simplesmente divino.

Ainda no Ciclo Natalino, há a Folia de Reis ou Reisado, com vestimentas belíssimas, de cores vivas e chapéus enfeitados com fitas de muitas cores e pequenos espelhos. Conta com quatro a seis mascarados que atuam como uma espécie de palhaços, cuja função é também proteger o Menino Jesus e enganar os soldados de Herodes (acrobatas e declamadores). Outras personagens são o rei, o mestre-sala, o alferes, a burrinha, o boi, o Jaraquá, a arara, o caipora, a ema, etc.

Os integrantes da Folia de Reis brincam em torno de uma bandeira, estandarte da folia, um quadrado de madeira com a Adoração dos Magos, ornamentada com flores e espelhos, carregada pelo alferes. A animação musical fica por conta de uma orquestra, com violas, banjos, violões, zabumba, triângulo, pandeiros, maracás e sanfonas.

***Músicas de chegada:***

*“Ô de casa, ô de fora  
Ô de casa, ô de fora [..]*

*Boa-noite, boa-noite  
Boa-noite eu lhe desejo  
Sou filho do Padre Eterno  
Devoto da Mãe da Deus.”*

***Música de despedida:***

*Vinte e cinco de dezembro  
Reza-se a ladainha  
Pra tomar café com bolo  
E comer arroz com galinha.*

**Trabalhos manuais em geral:** além das costureiras, temos as bordadeiras, à mão e à máquina, as bonequeiras e crocheteiras... Todas, gente mãos de fada.

**Ceramistas:** por ser uma região de barro massapê, há uma grande produção de cerâmica de utilidade doméstica, tais como potes, alguidares, panelas e jarros de barro, mas nada voltado para o que poderia ser considerado artesanato. Aos poucos a cerâmica de utilitários domésticos foi perdendo o valor, sendo substituída, paulatinamente, por vasilhames de plásticos e as panelas de alumínio.

**Flandraria e vitrais:** depois, já envolvida em buscar algo artístico daqui que pudesse ser estimulado a fazer ou a melhorar, veio à minha mente que, em meu tempo de criança, havia também na região uma produção importante de lataria e outros utensílios feitos por flandeiros: lamparinas, latas para guardar alimentos, brinquedos, sobretudo carrinhos, etc. Havia vários flandeiros aqui. Alguns trabalhavam também com latão, além do flandre. Zé do Funil era o mais afamado. Preciso ver se ainda é vivo ou se deixou sucessores de sua arte. E havia um vidraceiro que fazia vitrais artesanais, todavia foi uma arte que se perdeu, pois não deixou sucessores. Mas em muitas casas daqui há verdadeiras obras de arte feitas por ele, inclusive na Igreja Matriz.

**A comida do sertão:** merece estar na galeria das artes de Grotões dos Bezerras. É um patrimônio cultural de valor incomensurável. É preciso recuperar receitas seculares, as do cotidiano e as de festas – as chamadas refeições fidalgas, de banquetes.

É doce recordar o café da manhã da casa dos meus pais. Uma lauta mesa com cuscuz de milho e de arroz, que comíamos num prato fundo com leite; beiju com manteiga de garrafa; batata doce com leite, coalhada bem “friinha” com açúcar e um pouquinho de farinha seca... Meu pai, no café, adorava carne de sol assada na brasa e também carne de bode seca assada na brasa... Aos domingos havia bolo cacete, banana-da-terra frita e cozida, batata doce cozida e inhame, ovos cozidos e fritos. No tempo de São João, havia chá-de-burro (munguzá, em algumas regiões), creme de milho verde e pamonha.

Das comidas do cotidiano, recordo-me de arroz com abóbora, baião de dois (arroz com feijão) com ovos estrelados, maria-isabel (arroz com carne seca gorda e uns pedacinhos de toucinho), quibebe, paçoca, carne de sol com manteiga de garrafa e pirão de leite. E cozidão. Havia um tipo chamado de cozidão de chambari, que era suculento e a gente comia até não mais poder. No dia em que matavam um bode, havia espinhaço de bode com leite de coco-babaçu; pernil de bode assado no forno de lenha e buchada cozida com a fussura. Se matavam porco ou leitoa, de certeza comíamos sarapatel.

Porém, panelada (bucho, tripas e mocotó de vaca), que também chamam de mocotó, comíamos com frequência, mas era mais uma comida de “de vez em quando”, quase de festa. Mas comida de festa mesmo, num banquete, não faltava galinha à cabidela e nem galinha cheia. Adultos, inventamos que galinha de parida, que tia Lali era especialista, era também comida de festas. Comíamos muito quando voltávamos para casa nas férias.

Caldo de ovos é uma de minhas comidas prediletas. Trata-se de um caldo de ovos, bem temperado com cebolinha e salsinha, engrossado com farinha seca. Outras comidas que eu apreciava eram tripa de porco frita e bofe de boi seco (pulmões de boi salgado e seco ao vento). Até hoje adoro, pois são tiragostos de excepcional gostosura e qualidade.

Os doces. Ah, os doces de frutas de Grotões são divinos e maravilhosos. Aqui as pessoas sempre plantaram árvores frutíferas. Todo quintal é um pomar. Há cajueiros, goiabeiras, cajazinho, graviola, ata, pés de mangas, umbu, serigüela. Até pés de pitombas há por toda parte. Plantam-se também pés de cana, para ter sempre uma garapinha da hora.

A comida é um campo que encerra muito da cultura de um povo. Não tenho dúvida, de modo que é preciso dar um jeito de retomar a glória da comida do sertão.

Quando Pablo chegou para o jantar, eu era a euforia em pessoa. Cheia das idéias... Inclusive de que deveríamos fazer um almoço sertanejo típico mesmo, como uma forma de deixar claro que meu papel seria recuperar as tradições culturais. No que ele concordou, dizendo:

— Então, começa a amassar barro, Cacá.

Não se demorou muito em casa. Há cerca de duas semanas, Pablo tem saído à noite, sem sequer aventar a possibilidade de eu sair com ele. Não demora quando sai. Em geral em umas duas horas está de volta. Diz sempre: “Tu me esperas acordada que preciso sair pra umas conversas de política, de politicagem”. Um dia, ao perguntar por que ele tinha de sair quase todas as noites, ele riu e, na maior calma do mundo, abraçando-me:

— Calma Cacá, faço outras coisas, além de ser um marido morto de apaixonado por ti, minha linda.

Claro que aquilo me amoleceu e não encompridei a conversa...

— Vou encontrar umas pessoas aí pelos bares. Não é propriamente encontrar. Vou passar onde sei que elas estão. Há um costume de um joguinho de sinuca no Zé do Bar. Tenho de ir. Se eu não aparecer, essa gente vai começar a vir por aqui. E isso eu não quero. Passei a vida toda com a minha casa sendo uma casa pública, pra onde todo mundo ia no começo da noite. Mas não quero mais isso. Seria algo difícil de tu te acostumares. Eu também não quero mais viver assim. Merecemos privacidade. A nossa vida nos pertence.

Se, por um lado, eu fiquei enternecida com a consideração dele por mim. Por outro, desconfiei. Tenho pavor de ter uma vida com um homem que eu não sei por onde

anda. Não posso mentir que tenho medo das mulheres do Cabaré da Bela. Tenho! Porque aqui faz parte do cotidiano dos homens freqüentarem o Cabaré. Desde sempre. Até tia Lali achava natural. Dizia que só homem vai à cabaré e que cabaré é lugar de homem. Mas não externei a minha preocupação e os meus medos ao Pablo. Mas que fiquei desconfiada, fiquei.

Durante um mês, fiquei entretida com o almoço para as diretoras de escolas, fato que se tornou a notícia da cidade. Andei pintando um pouco. Fiz uma meia dúzia de quadros que, juntando com outros dois, que pintei logo após a morte da titia, já dava até para fazer uma pequena exposição... Pensei em fazê-la na capela e abri-la no dia do almoço. Coincidentemente, perto da data do almoço, Thales, o meu enteado, telefonou dizendo que viria passar uma semana com Lidiana na fazenda do Pablo. Então, pedi que encaixotasse meus quadros guardados e todos os meus troféus de exposições pelo mundo, que tenho numa estante em meu apartamento, porque queria fazer uma exposiçãozinha aqui.

Quando ele chegou, percebi que não trouxera pouca coisa. É que, quando soube da doença da titia, estava me preparando para uma exposição na Galeria da Zélia, prevista para meados de julho, e então já estava com uma dúzia de quadros prontos. Sem falar em outros que estavam quase finalizados. Costumo trabalhar em várias telas ao mesmo tempo.

Com a chegada do Thales, ao todo, eu dispunha, então, de vinte quadros magníficos, que nem sabia se caberiam todos na capela, numa exposição bem desenhada. O que me interessava mais que tudo era expor e compartilhar com a minha cidade as minhas andanças pelo mundo, ao expor a minha galeria de troféus, organizada de modo detalhista por Zélia, onde havia até o caderno de presença de minha primeira exposição individual, ainda adolescente. Fiquei radiante. Apresentação melhor do que abrir para a visitaçã pública minhas andanças de pintora não haveria.

Ao mesmo tempo em que organizava o almoço e a exposição, Pablo ficava cada vez mais animado e resolveu convidar as Secretarias de Cultura de algumas cidades mais próximas de Grotões. E, às escondidas, ainda de quebra, decidiu trazer o Secretário de Estado da Cultura, coisa que eu só soube na véspera. Era o velho Pablo de sempre, a velha raposa política do sertão.

E tudo acabou sendo um fato político de repercussão até nos jornais e têves da capital. Para o meu desespero, pois tive muito medo de ser uma exposiçãozinha tão doméstica que, caindo na mídia, pudesse ser um fiasco, mas qual! Um sucesso retumbante. Atordoante... De repente eu me vi numa roda que girava alucinadamente e todo mundo a perguntar: “Por que voltou?”

Uma resposta que dei sem me dar conta virou um refrão: “Pelo amor. Sou movida a amor, sempre”. Pablo não cabia em si de contentamento. Ali, na hora, recebi o apo-

io de todas as diretoras das escolas do município. Sem falar nos convites de outras cidades para expor meus quadros. Disse-lhes que precisava sentar um pouco a poeira em Grotões. Mas no ano vindouro, pensaria com carinho em começar a peregrinar com a minha arte pelas redondezas. Naquele dia senti que voltei ao sertão para ficar. O sertão não estava mais em mim. Era eu que estava no sertão.



# Uma *incelência* para Pablo, em vida

Depois de tantas alegrias, iniciei um trabalho direto do Gabinete do Prefeito com as escolas. Tratava-se de uma pesquisa na qual cada escola, se quisesse, faria um levantamento do que havia de produção cultural no lugar onde elas estavam.

No Dia do Professor, 15 de outubro, a Secretária de Educação e Cultura fez uma grande reunião com as diretoras, para a qual fui convidada. A finalidade era homenagear o professorado da cidade pelo transcurso da data e para que cada uma apresentasse o inventário feito em suas escolas.

Foi um momento de grandes surpresas. Fiquei tão emocionada de ver tudo aquilo que, sem muito pensar, fiz uma proposta de que deveríamos estimular as comunidades nas quais estavam as escolas para as festividades do Ciclo Natalino. Foi uma idéia genial que consegui concretizar, pedindo ao Pablo que reformasse um galpão da Prefeitura quase abandonado, que servia de “Garagem Municipal”, para que eu montasse algumas oficinas de “ensinar a meninada a fazer coisas natalinas”. Ficava muito perto de minha casa. Era enorme e num local aprazível, rodeado de mangueiras.

Pensava em algo simples, aos moldes das antigas aulas de Arte do meu tempo de estudante. Portanto disse-lhe que eu só queria que a Prefeitura reformasse o galpão como eu precisava. Nada demais, além de um piso novo, uma mão de tinta e pronto. Nem nos banheiros precisava mexer, pois os dois existentes estavam bem conservados. Disse-lhe que as divisórias eu as fazia com a meninada, com o tempo.

Foi assim que começou a Escola de Artes e Ofícios Mãe Lali de Grotões dos Bezerras, cuja primeira oficina foi de “Enfeites natalinos com materiais da terra”. E “materiais da terra” poderiam ser qualquer coisa, desde plantas desidratadas à ramagem de melão-de-são-caetano, buchas, cabaças, sementes, etc. No começo, digo, nos primeiros dois meses, a idéia das oficinas era uma coisa de meninada. No ano seguinte, mulheres e homens adultos se inscreviam nas oficinas.

Dali em diante, o céu foi o limite. Mexemos em algo adormecido: o amor pela arte, o desejo de produzir arte, o belo. Havia de quase tudo um pouco. Na segunda era a Oficina de Bordado à Mão, dada por Chiquinha de Dorinha, para adultas; Mariana de Dona Socorro, para adolescentes; e Zuleide, para crianças. Havia aulas pela manhã e

à tarde. E era bonito de ver avós, mães e netas com seus bastidores de bordados, na maior festa.

Na terça, a Oficina de Tricô e Crochê, a cargo de Josina. Na quarta, a Oficina de Pintura em Tecidos, com uma professora que pintava divinamente. Na quinta, Curso de Corte e Costura, com turmas pela manhã, à tarde e à noite, a cargo de mãe Damiana, Cosma e Maria do Amparo.

Na sexta, a Oficina de Bonecas de Pano, da Brígida, que sempre começava com uma aula da história das bonecas através da história da humanidade. Cada dia ela contava um pedacinho. Ela sabia tanto, mais tanto, que eu não faltava nenhuma sexta-feira. Aprendi a fazer bonecas maravilhosas, algumas das quais dormiam comigo à noite, disputando lugar na cama com o Pablo.

Duas noites por semana, era Oficina de Remédios Caseiros, a cargo de Socorrinha. Outras duas noites, Zaqueu da Orquestra dava aula de instrumentos musicais para crianças, pois resolveu colaborar montando a Banda de Música Infantil Mãe Lali. E dizia: “Como a voz de mãe Lali era linda! Ainda vai nascer mulher pra cantar mais bonito que ela”.

Sem falar que Seu Antônio do Pífarô decidiu que era hora de passar o seu saber para quem quisesse. Dizia que o som do pífarô não podia acabar. E se ele não ensinasse, ia acabar, pois só restavam ele e o filho na região que sabiam tocar pífarô de verdade. “Assobiar em pífarô e encher de cuspe, há muitos. Mas tocar mesmo, Cacá, só eu e Zequinha.” Como ele andava de muletas, eu o buscava e o deixava em casa, duas noites por semana!

E aos sábados eu dava aula de Pintura em Tela. Uma turma pela manhã, crianças e jovens; e outra à tarde, só para adultos. Pablo, depois de um mês, decidiu se matricular nas Oficinas de Pintura. Como ele só poderia “oficinar” à tarde, inventou de ser meu ajudante na turma da manhã. Era muito engraçado, pois na verdade ele se tornou um cuidador das crianças menores. À tarde, comportava-se como qualquer outro aluno. Quando as pessoas perguntavam se ele gostava de pintura, ele dizia: “Eu não! Gosto é da minha mulher. Venho pra ficar perto dela”.

Também aos sábados, Zé da Olaria, um artesão do barro, juntamente com a mulher, Dona Laurinda, uma artista fabulosa, e a filharada, que eram seis, ficavam lá à disposição de quem quisesse botar a mão no barro. A oficina deles se chamava justamente “Botando a mão no barro e fazendo arte”. Era realmente de um apelo artístico tão grande que, depois de uns dois meses, perdi, definitivamente, meu ajudante das aulas da manhã para a oficina do Zé da Olaria.

Pablo acabou se tornando um admirado escultor em barro, pois descobriu um talento adormecido naquelas oficinas. Virou um escultor daqueles empedernidos, pois muitas vezes em nossa casa, à noite, ele ficava horas e horas fazendo suas “peças”,

com as quais passou a presentear os amigos. Mexer com barro o tornou uma pessoa mais serena.

Mas comecei a ter problemas de dinheiro. Era esperado, mas eu não pensei. A gente não cobrava nada pela participação das pessoas nas oficinas. Apenas que cada uma levasse o material exigido para o aprendizado. Mesmo assim, eu gastava muito com material, pois quando a pessoa interessada não tinha dinheiro para comprá-lo, o boato que corria à boca miúda era: “Vá pedir à Cacá!”

É, eu virei a Cacá. Simplesmente Cacá. E não me lembro mais de qualquer pessoa em Grotões me chamar de Cássia. Mas eu gostava demais que fosse assim.

E jamais alguém foi pedir à Cacá que saísse sem a autorização do material em mãos, desde que comprovasse que não tinha como comprá-lo. Não preciso dizer que isso ficava a um custo muito alto. Em geral, metade das pessoas que freqüentava as oficinas tinham seus materiais bancados pela Cacá!

Além do que, eu pagava mensalmente as pessoas “oficineiras”, ou seja, que ministravam as oficinas. Após o Natal instalamos dez oficinas. Eram doze pessoas que as ministravam, contando com a “Botando a mão no barro e fazendo arte”, que era ministrada por Zé da Olaria e Dona Laurinda.

Eu dizia que era uma ajuda de custo, para não se configurar um vínculo empregatício de um trabalho que eu via como voluntário. O meu contador vivia às turras comigo dizendo que eu precisava legalizar aquela situação antes de tomar um pau no “pé do ouvido”.

Era surreal porque, se eu não fosse mulher do Pablo e ele não bancasse tudo da casa, incluindo agora o salário da Maricota e a gasolina do meu carro, eu não teria como me sustentar. Pagava um salário mínimo mensal a quem ministrava oficinas, além de uma secretária, de quem assinei a Carteira de Trabalho como minha secretária pessoal, mas na verdade ela era a responsável administrativa por tocar a parte burocrática da Escola de Artes e Ofícios Mãe Lali de Grotões dos Bezerras!

Sem leros, tudo o que eu obtinha de renda dos meus imóveis alugados em Grotões e do aluguel do meu apartamento em São Paulo era gasto na Escola de Artes e Ofícios Mãe Lali de Grotões dos Bezerras! Eu estava, literalmente, zerada, sem mais um centavo de economia! Quebrei. Era a realidade.

Nunca fui muito ligada a dinheiro. Talvez porque sempre tive o suficiente para viver bem, conforme queria. Desde muito jovem, tinha o meu próprio dinheiro, que era só meu. Nunca fui uma consumista, na acepção usual da palavra. Mas sempre achei que dinheiro é para me servir em minhas necessidades. Nunca soube poupar, se isso implicava não ter o que eu considerava necessário em algum momento da minha vida.

Mas ficar sem nenhuma reserva de grana, sem absolutamente nada, dependendo exclusivamente do que receberia no fim do mês, era a primeira vez. Comecei a passar

mal só de pensar que, dali a seis meses, eu não teria como honrar meus compromissos com a Casa de Repouso do João, que era caríssima, que eu pagava anualmente, sempre no mês de novembro, do ano seguinte, pois havia um desconto atraente, de 30%, para quem pagasse antes do décimo terceiro salário dos funcionários da Casa.

Pensar em tudo isso me fazia lembrar que eu não conversara com Pablo sobre o assunto... O que me deixava mais maluca ainda. Um aperto, uma sensação de perigo. Chegou a um ponto em que pedi a Zélia que marcasse uma exposição minha a jato, pois precisava de dinheiro. Não tinha mais caixa pessoal para bancar tantas extravagâncias artísticas!

Zélia, mais do que rapidamente, atendeu ao meu pedido, num tempo recorde, contando com a minha sorte, de gente nascida de bunda pra lua, de um pintor que abriu mão de uma exposição, agendada há mais de dois anos, por ter adoecido. Nunca fiquei tão feliz na vida com a doença de alguém... Mas, ardentemente, desejei seu pronto restabelecimento.

E me toquei para São Paulo, onde fiquei uns quinze dias, período no qual, fora da roda viva em que me meti em Grotões, pude repensar o que fazia. Cheguei à conclusão de que eu, pessoalmente, não dava mais conta de bancar, do próprio bolso, aquele renascimento cultural que ajudei a promover no lugar.

Pablo foi me buscar em São Paulo e ficou uns três dias, como dizia ele, “vadiando na Paulicéia desvairada”. Aproveitei para confidenciar-lhe minhas preocupações e as novas idéias. Ele me ouviu, com atenção e em silêncio. Quando finalizei, ele disse:

- Cacá, eu tenho visto que tu tens te entregado de corpo e alma à Escola de Artes. Já gastaste muito do teu dinheiro nisso. Do meu também.
- Como do seu, Pablo? Você nunca me perguntou quanto custa aquilo tudo, que só tem lhe dado prestígio e mais prestígio, pois hoje em dia não há uma só criança nas ruas de Grotões, que, antes da Escola de Artes, havia. Eram poucas, é verdade, mas havia. Sem falar no despertar de artistas e pessoas que se encantam em apreciar o belo.
- Tu já somaste o quanto já gastaste da nossa conta conjunta nessa escola?

Fiquei atônita! Não sabia o que responder.

- Eu já. E olhe que tu nunca depositaste um centavo naquela conta. Só gastas. E gastas muito, Cacá. Não estou reclamando, não! Só quero que preste atenção pra nunca mais dizer que não dou um centavo para o que tu fazes. Se tu disseres que a Prefeitura de Grotões só contribuiu com o galpão reformado e não te deu

ou botou um centavo lá na Escola, tudo bem. A Prefeitura está em falta contigo, pois nunca deu um centavo pro trabalho que tu fazes em prol do nosso povo.

Tu és uma mulher cara, Cacá. Muito. Não tu em si, mas tuas idéias de ensinar o povo a fazer arte e a reconhecer a beleza da arte. Nesse sentido, é um luxo poder ter uma mulher como tu.

Continuei calada. Depois comecei a rir descontroladamente, lembrando-me de que tia Lali sempre dizia que “mulher é pra quem pode e não pra quem quer”. Mas Pablo continuou:

- Sim, senhora! Pois bem. Tu tens duas saídas, agora que o negócio deu certo. Tu és é uma mulher danada de inteligente. E fazes as coisas com o corpo e a alma. Eu sou testemunha. Às vezes, fico até com ciúmes. Sou egoísta, eu te queria só para mim. Mas o povo de Grotões virou dono de ti. Já me conformei em te compartilhar com o mundo. Já me chamam de “marido da Cacá!” Pela primeira vez, em quase cinqüenta anos, eu não sou mais o prefeito, sou o “marido da Cacá”. E tu pensas que eu acho ruim? Acho, não!

Parou um pouco. Depois prosseguiu:

- Ou entregas tudo pra Prefeitura, e isso só dura até eu terminar o meu mandato, que é daqui a um ano; ou inventas aí uma associação beneficente pra vender o que vocês fazem pra Prefeitura, que é um processo lento, talvez precise passar pela aprovação da Câmara de Vereadores, etc. Se precisar tramitar na Câmara, abrirá muita perseguição política. Como tu sabes, eu sou só o prefeito, não sou Deus, como eu gostaria de ser, tenho meus inimigos também, os abertos e os enrustidos. Mas vai dar certo. É o caminho. Crie a Associação, Cacá, e vais vender os serviços, por cabeça, por aluno que freqüentar as oficinas, pra Prefeitura. Eu compro na hora. Ninguém vai dizer “A”. A coisa existe e o povo se agradou, prestigiou e por aí vai. Foi criada uma necessidade em Grotões. E há quem responda à necessidade, que é a Escola de Artes e Ofícios Mãe Lali de Grotões dos Bezerras. Não precisa de maiores argumentos. Se na Câmara de Vereadores ficar difícil de aprovar uma verba pra isso, tu não te faças de besta. Diga que vais fechar a escola. Juntas o povo e vais pra Câmara Municipal no dia da votação. Quero é ver se os vereadores não votam. Vão votar sim, porque eles têm medo de povo. Estás vendo, Cacá, como está fácil de resolver? Vai pensando pra poderes decidir. Até lá, quero te dizer que vou bancar do meu bolso tudo, absolutamente tudo, o que a Escola precisar. Tá bom assim pra ti? É que acho que tu te empenhas muito no que fazes pra ficar pensando em merreca de dinheiro, meu amor!

Eu estava surpresa. Ele continuou:

- Isso eu posso fazer por ti. Pra que tu possas honrar teus compromissos com a internação do João, que é caríssima... Mas te acalma, Cacá, foi lá que tu escolheste manter o João e é lá que ele vai ficar, pode durar mais cem anos. Pode custar os olhos de minha cara! No dia em que teu dinheiro não der mais, eu sou homem bastante para honrar as contas de minha mulher. Nós temos um compromisso de nos apoiarmos nos tempos das vacas magras e da bonança, ou não? Não fujo da raia. Sei que, se tu estivesse em meu lugar, farias o mesmo. Tenho certeza. É a lei da reciprocidade, espinha dorsal da moral sertaneja. Ou tu esqueceste da moral sertaneja? Eu, não!
- Co... co... mo você sabe?
- Como eu sei? Sabendo, Cacá! Ou tu achas que eu, pra usar um palavreado que é a tua cara, uma raposa velha da política sertaneja, sou um cabra abestado, é? Pois fiques sabendo que cheguei aonde cheguei foi sendo esperto, Cacá! Tu achas que eu me casei contigo sem antes mandar “escarafunchar” a tua vida, por profissionais competentes? Eu sei tudo de tua vida, Cacá! Eu não podia dar mole pros inimigos! Tu achas que é pouco, eu sendo quem sou, morando onde moro, me casar com uma mulher que já teve dez maridos? Pois dez é o número dos homens com quem tu já foste casada. E aí não se fala naqueles outros dois dos tempos da “amizade colorida”, com quem tiveste uma relação mais estável. Porque, se contar, e me incluindo, eu sou o teu décimo terceiro marido! E olhe que agora que tu chegaste aos 60 anos. É mole essa da Dona Cacá e seus treze maridos? É preciso ser muito macho e ter um amor ilimitado pra enfrentar a falação de gente de cidade pequena e casar com uma mulher assim. Ou tu pensas que o povo não fala? Fala porque naquela cultura isso não é normal.

Fiquei sem palavras, mas tremia como vara verde.

- Mas eu esperava não ter de te dizer isso nunca, mas tu não confiaste em mim. Pensaste que eu não compreenderia a tua solidariedade para com o João, não foi, Cacá? Pois fiques sabendo que, no dia em que descobri a história do João, tu crescestes desproporcionalmente ao humano em meu conceito, porque ele foi o pior marido que tu tiveste. E mesmo assim, tu assumiste o compromisso de dar uma vida digna para ele quando tomaste conhecimento que ele estava irremediavelmente doente. Não o deixaste à míngua. É muita moral de tua parte. Mas, ao mesmo tempo, eu senti um profundo ciúme dele. Mas caí em mim e vi que era uma bobagem. Tu tens uma moral desproporcional ao humano para mim.

E Pablo ainda falou, falou e falou, mas eu não ouvi mais porque caí num pranto convulsivo... Quanto mais ele falava, mais eu chorava. Mas ele não teve dó de mim. Ficou duro, como uma rocha.

- Olhe, Cacá, o teu choro de vergonha não me comove. Há um sem-número de coisas em ti que me comove. Tua solidariedade para com o João, por exemplo, pois ela me dá a exata dimensão de que a ti eu posso confiar a minha vida, sempre. Sendo teu marido, ou não. Tu já provaste que, se algum dia eu precisar de ti, receberei ajuda. E isto só me basta. É um conforto muito grande. Mas também me provou que eu não sou totalmente confiável pra ti. O que é um problema, pois a nossa relação de confiança foi abalada. E foi por minha causa. Eu sou mesmo um homem muito antigo pra ti. Sei que sou. Mas agora, vai pro banho. Te arrumes, pois vamos sair. Ou esqueceste que hoje o Josias e a Zélia vão nos recepcionar para apresentar a proposta do filme das carpideiras pra um monte de potenciais investidores? E quem vai atrair os investimentos não sou eu, um rude prefeito do sertão, mas a pintora Cássia Almeida de Freitas, conhecida de Deus e do mundo. És tu com o teu prestígio que darás confiança aos investidores, ou não é? Como todo mundo, eu também sei disso. Nessa festa o *biscuit* sou eu.
- Não se preocupe, Pablo, farei o meu papel. A minha parte. Sou uma artista de muitos dons. Você quer este filme e vai tê-lo. Bem mais rápido do que pensa.

Eu não sabia que estava previsto que eu faria a apresentação da proposta do filme. Fui avisada na hora em que chegamos à casa de Zélia e Josias. Senti um frio na barriga... Estava tudo lindo e conforme o esperado na casa de uma *marchand* e de um cineasta, que possuíam uma casa *hollywoodiana*. O jantar estava previsto para as 21 horas. Exatamente na hora, Josias começou a apresentação.

- Amigos, nós os convidamos para celebrar conosco a nossa felicidade pelo casamento da Cacá, com um amor de adolescência... A nossa amada pintora Cássia Almeida de Freitas, que tanta beleza e alegria nos tem dado com a sua arte impecável. O casamento foi na cidade em que ambos nasceram e onde estão residindo, uma cidade do sertão maranhense, como diz a Cacá, “lá nos cafundós, mesmo”, chamada Grotões dos Bezerras. Pelas imagens que vamos apresentar, vocês verão, mais parece um paraíso, o lugar ideal para se viver um amor como o deles. Mas manda o bom senso que a Cacá apresente as cenas. Vamos lá, Cacá!

Correu um burburinho na sala repleta... Eram umas cinqüenta pessoas.

- Agradecendo a presença de vocês, apresento-lhes o meu décimo terceiro marido...

- Novo zuzzuzum... que levou tempo para acabar... E eu ria, ria, ria... E o ambiente se descontraíu, como que por encanto.
- Ei-lo. Chama-se Pablo Ventura Pereira de Almeida. Agora sou, por minha livre e espontânea vontade, já que a lei não me obriga, Cássia de Freitas Ventura Pereira de Almeida. Esperei quase cinqüenta anos para ser mulher dele, pois ele um dia prometeu que se casaria comigo. Mas na travessia da vida, nós nos perdemos um do outro. Eu creio piamente que a vida é travessia, logo o que importa é a travessia, muito mais do que para onde vamos, pois, na vida, mais prazeroso que o chegar é o estar a caminho. Ele acabou se casando com outra e eu com muitos outros, já lhes disse que ele é o meu décimo terceiro marido. Enquanto eu fazia a minha própria travessia, no fundo, no fundo, esperava reencontrá-lo um dia para fazermos juntos um pedacinho que fosse da travessia. Isso acabou de se concretizar recentemente, em 12 de junho do ano passado, data na qual eu completei 60 anos, coincidentemente Dia dos Namorados e também Dia de Santa Mártir Antonina, padroeira das carpideiras de Grotões dos Bezerras, capela na qual nos casamos, como verão nas imagens que passaremos a seguir. Compartilho a felicidade de lhes apresentar o Pablo, uma velha raposa política do sertão. E, parafraseando Nietzsche – e só aprendi, pouco antes de reencontrar o Pablo –, que aconselhava que, quando a gente vai casar, a única pergunta que importa de ser feita é: “Terei prazer em conversar com essa pessoa quando a velhice chegar?” Eu a fiz. E como já sou velha, não precisei esperar para comprovar que sim. Eu amo conversar com o Pablo. Jogar conversa fora com ele é a coisa mais prazerosa da minha vida.

Todos escutavam atentos. Continuei:

- Peço-lhes que prestem bastante atenção porque depois virá uma passada de chapéu. Sendo absolutamente sincera, como é do meu feitio, e todo mundo sabe, nós os convidamos não apenas para celebrar o meu reencontro com o Pablo na travessia da vida, mas para convidá-los a assumir um compromisso de eternizar, num filme épico, uma tradição cultural de minha cidade, a tradição das carpideiras, contando as histórias de vida de mulheres simples que cultuam um dom. O dom de carpir, que é cantar louvores, por meio das *incelências*, em honra aos mortos, pois a tradição das carpideiras, tão antiga quanto a humanidade, entende que morrer também é parte da travessia. Estamos buscando investidores para a realização do filme, que será dirigido por Josias. Solicitamos que potenciais investidores, aqui presentes, se habilitem.

Enquanto eu falava, Josias e Zélia distribuíam uma lembrancinha impressa do nosso jantar. Era o cardápio com uma foto minha, com o Pablo, o Josias e a Zélia. Vi que Pablo ficou com o semblante iluminado, sorrindo ao abrir o cardápio...

- Josias criou a *Grotões dos Bezerras Filmes* para realizar o filme e eu amadrinhei a Associação das Carpideiras Santa Mártir Antonina, instituição mantenedora da Escola de Artes e Ofícios Mãe Lali, que tem também a finalidade de captar recursos para a realização de documentários sobre a vida das carpideiras. Nossa primeira investida na área é a realização do filme dirigido por Josias. Mas vamos comer. O nosso banquete consta da mais legítima comida sertaneja de Grotões dos Bezerras. Abram o cardápio e leiam comigo as receitas, para que saibam saborear o que vão comer, pois estamos aqui hoje para compartilhar um dos maiores prazeres da vida. Comer bem.

### **Salada de flores com castanha de caju, receita de tia Lali**

*(Para seis porções.)*

*Ingredientes:*

- *1 xícara de chá de flores comestíveis variadas (com pétalas de rosas de vários tons);*
- *1/3 xícara de chá de castanha de caju em farelos;*
- *1 colher das de sopa de vinagre de vinho branco;*
- *2 colheres das de sopa de polpa de maracujá;*
- *4 colheres das de sopa de azeite de oliva;*
- *1 maço de alface frisée (crespa ou mimosa);*
- *sal e pimenta-do-reino, a gosto;*
- *1 maço de alface lisa;*
- *1/2 maço de agrião.*

*Modo de fazer:*

1. *Lavar e secar as folhas. Reserve. Misturar a polpa do maracujá com o vinagre e bater, com um garfo, até soltar as sementes do maracujá. Reserve as sementes.*
2. *Temperar o maracujá batido com sal e pimenta. Despejar o azeite em fio, batendo sempre até obter uma mistura homogênea.*
3. *Numa saladeira, colocar as folhas. Depois enfeitar as folhas com as flores e as castanhas de caju em farelo. Regar a salada com o molho. Deixar um pouco do molho numa molheira, para quem quiser se servir mais.*

### **Galinha à cabidela ou Galinha ao molho pardo**

*(É um prato de origem africana)*

*Ingredientes:*

- 1 galinha já limpa, cortada em pedaços;
- suco de 2 limões;
- 1 cebola picada;
- 2 colheres de sopa de óleo;
- 1 dente de alho socado;
- 1 folha de louro;
- sal a gosto;
- 1 colher de sopa de farinha de trigo;
- sangue fresco de uma galinha.

*Modo de fazer:*

1. *Limpe a galinha por dentro e por fora. Esfregue o suco dos limões, por dentro e por fora. Corte em pedaços pelas juntas e o peito em três partes.*
2. *Fazer um refogado de óleo com a cebola, o óleo e a folha de louro. Junte a galinha cortada. Coloque um copo d'água e cozinhe em fogo brando.*
3. *Quando a galinha estiver cozida, acrescente cebolinha verde e salsinha, com uma pitada de pimenta-do-reino. Tampe a panela, por dois a três minutos.*
4. *Retire duas conchas do caldo da galinha e misture com o sangue, com uma colher de chá de farinha de trigo. Bater com um garfo, até obter uma mistura homogênea. Colocar a mistura obtida na panela da galinha cozida, ficar mexendo até a fervura.*

*OBS.: Para o sangue fresco de uma galinha, coloca-se 2 colheres de sopa de vinagre, para não talhar. Bater. Reservar em geladeira.*

### **Galinha de parida com pirão, à moda do sertão: a receita de Jorge Amado**

*Os sabores baianos, coadjuvantes nos romances de Jorge Amado (1912-2001), transformam-se em personagens principais no livro de sua filha Paloma Jorge Amado. Com ilustrações de Carybé (1911-1997), A Cozinha Baiana de Jorge Amado (320 p., ed. Record) mescla textos do escritor com o preparo dos pratos descritos em seus livros. A receita abaixo, por exemplo, é degustada em Tereza Batista Cansada de Guerra.*

*Ingredientes (para seis pessoas):*

*Para a galinha:*

- 1 galinha inteira com cerca de 2 kg;

- 1 tomate grande;
- 1 cebola grande;
- 1 pimentão;
- 3 dentes grandes de alho;
- 2 colheres (sopa) de vinagre;
- 1/2 molho de coentro;
- 1/2 molho de cebolinha;
- 1/2 colher (sopa) de cominho em pó;
- 1 colher (sopa) de cominho em grão e sal e pimentado-reino a gosto.

*Para o pirão:*

- 1 cebola média;
- 1/2 molho de coentro;
- 1/2 molho de cebolinha e 2 xícaras (chá) de farinha de mandioca.

*Modo de fazer:*

**A galinha:** corte a galinha pelas juntas, sem retirar a pele. Pique bem miudinho o tomate, a cebola, o pimentão, o alho, o coentro e a cebolinha. Tempere os pedaços de galinha com os temperos picados, o vinagre, o sal, o cominho moído e a pimenta-do-reino. Deixe tomar gosto por, pelo menos, uma hora. Coloque a galinha numa panela com os temperos, ponha água suficiente para cobri-la e leve ao fogo. Quando a galinha começar a ficar macia, coloque o cominho em grão. Reserve.

**O pirão:** corte a cebola em rodela. Pique o coentro e a cebolinha (não muito miúdo). Na tigela de servir, coloque as rodela de cebola, o coentro e a cebolinha picados e a farinha de mandioca. Misture. Jogue por cima o caldo fervente do cozimento da galinha – não coloque pouco, devem ser pelo menos três conchas de uma vez só – e vá mexendo com uma colher de pau. Acrescente caldo até a farinha ficar toda molhada. Sirva em seguida com a galinha.

*Receita de Nazareth Costa, do livro A Comida Baiana de Jorge Amado.<sup>9</sup>*

### **Galinha cheia, a receita de Rachel de Queiroz**

*(Texto original da escritora)*

“Mata-se uma galinha gorda (se for magra não serve), depena-se, catam-se bem todos os canhões. Há cozinheiras que gostam de lavar a galinha com água e sabão, depois de depenada e estripada. Dizem que é para tirar a inhaca, já que ela não vai ser cozida, mas simplesmente assada.

---

9 Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticia/ult263u2501.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticia/ult263u2501.shtml)

*Com os miúdos da galinha, pedaços de toucinho e muitos temperos (alho, cebola, coentro e cebolinha cortados bem miúdos), faz-se uma fritura, carregando um pouco nos pedaços de toucinho, bem tostados. Essa mistura servirá de base para a farofa do recheio.*

*A galinha, que deve ter sido tão bem limpa por dentro quanto por fora, e que deve ter ficado algumas horas na vinha-d'alhos, é costurada no traseiro e no pescoço, deixando-se apenas uma abertura à altura do papo para a introdução do recheio, que é composto, como já foi dito, pela fritura dos miúdos, temperos e farinha de mandioca peneirada.*

*Cheia a galinha com essa farofa, termina-se de costurar a abertura; unta-se a ave com gordura e leva-se ao forno para assar, regando-se freqüentemente com a gordura da assadeira (se essa gordura for insuficiente, pode-se usar, com moderação, o líquido da vinha-d'alhos).*

*Deixa-se assar lentamente até que toda a ave esteja dourada por igual.”<sup>10</sup>*

**Sobremesas:** *compota de caju; compota de banana; compota de flores; pétalas de rosas caramelizadas; e sorvete de rosas...*

Na volta, Pablo estava em silêncio. Nem me importei. Mas eu sentia que ele estava assustado de o banquete ter sido de comida sertaneja.

- Cacá, meus sinceros parabéns! Tú só não és mais perfeita porque não és a Virgem Santíssima, mãe de Jesus. E nem Maria Madalena. Ficas entre uma e a outra. Gostou?

Eu ria. Ria incontrolavelmente. Sobretudo, estava espantada de como Pablo encontrou esse jeito de dizer que eu ficava entre a mãe de Jesus e sua amada, Maria Madalena. E ele continuou:

- O banquete foi o fino do fino. Arrebentou. Tua competência pra esses ambientes de gente cheia de não-me-toques é também inigualável. Eu não sabia. Mas sabia que, para lidar com o povo, tu tens traquejo demais, Cacá. Agora vi que com a grã-finagem, também. Como tu conseguiste fazer todas aquelas comidas? Posso saber? Pegaste os endinheirados da paulicéia pela boca, como se faz com peixe! Aí foi que os bichos ficaram desvairados mesmo, que só a gota serena! Arrumou tanto dinheiro que parece capim, meu Deus do céu!
- Ora, Pablo. As minhas raízes culturais gastronômicas eu as carrego pelo mundo, meu amor. Há um bufê aqui em Sampa que faz comida sertaneja para mim há mais de vinte anos. Comida sertaneja de Grotões dos Bezerras. O que eles não

10 KISS, Janice. *Festa Nordestina*. Disponível em: <http://globo.ural.globo.com/barra.asp?d=/edic/182/receitas1.htm>.

sabiam, peguei a receita com tia Lali.

- Cacá, essa tua tia Lali não te deixa só, né?
- Não há muito a dizer quando se faz uma festa coroada de sucesso absoluto. Arrecadamos mais dinheiro do que o necessário para realizar o filme. Vou dar para a *Grotões dos Bezerras Filmes* o dinheiro que precisa pro filme. E o resto, ó, vai para Cooperativa de Artesanato Santa Mártir Antonina, que vai ser criada pela Associação das Carpideiras. E o futuro das carpideiras de tia Lali está garantido, nem que elas vivam 100 anos cada uma. Sem preocupações com a sobrevivência, elas terão tempo de formar novas carpideiras. Hoje vou colocar minha cabeça no travesseiro e dormir. O sono das justas. Ai, que vontade de viajar... Correr mundo... Adoro viajar!

Pablo olhava para mim espantado. E ficou em silêncio até chegarmos em casa. Depois que fechamos a porta, fui ao armário e tirei uma garrafa da pinga da terra, que não é muita boa, mas pra comemorar, vale. Vou ser honesta, não há pinga boa em Grotões dos Bezerras. Mas tenho sempre uma garrafa de pinga de lá em minha casa.

Ofereci ao Pablo, que não aceitou. Tomei um gole. Mais outro, mais outro, mais outro... Entonteci. Eu me virei para o Pablo e disse-lhe:

- Pois é, garanti que você tenha a mais absoluta certeza de que vai ser pranteado com *incelências*, em vida. Tá querendo mais o quê?
- Eu, Cacá, amor da minha vida? Te acompanhar, tendo intermináveis conversas prazerosas, jogando conversa fora, no que resta de travessia.
- E seu eu não quiser mais?
- Cacá, companhia de travessia a gente não escolhe muito não, mais dia menos dia, acontece!

FONTE  
*Noto Serif*

EDIÇÃO E PROJETO GRÁFICO  
*Arthur Moura Campos*

CAPA E ABERTURAS  
*Arthur Moura Campos*  
*Ilustração digital feita a partir de*  
*representação de “Santa Antonina de Niceia”\**

\*“Antonina sofreu o martírio no século IV, durante o governo do sanguinário imperador Diocleciano, na cidade de Nicea. Ela foi denunciada como cristã, presa e condenada à morte. Mas antes a torturaram de muitas maneiras. Com ferros em brasa, queimaram-lhe as mãos e os pés. Depois, foi amarrada e colocada numa pequena cela com o chão forrado de brasas, onde ficou por dois dias.

Voltando ao tribunal, não renegou sua fé. Foi, então, fechada dentro de um saco e jogada no fundo de um lago pantanoso na periferia de Nicea. Era o dia 4 de maio de 306, data que foi mantida para a veneração de santa Antonina, a mártir de Nicea..”

(FONTE: <https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/santa-antonina-de-niceia>)

APOIO  
*Casa Sueli Carneiro*



